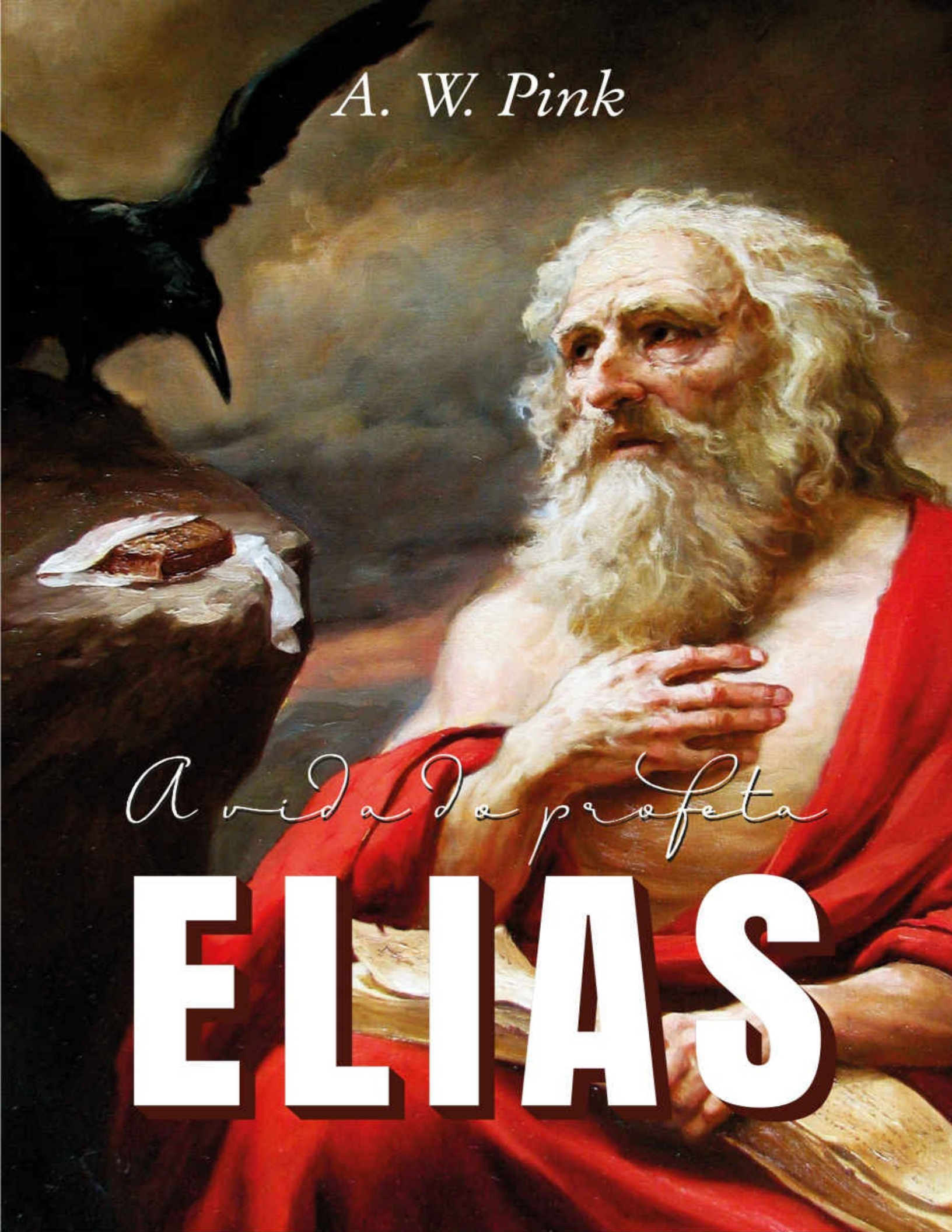
A. W. Pink
A vida do profeta
ELIAS

A Vida do Profeta Elias
Publicado originalmente em inglês sob o título: The Life of Elijah — A. W. Pink

THE BANNER OF TRUTH TRUST, © 1963
Edinburgh EH12 6EL, UK
Direitos reservados.

Copyright © 2019 EDITORA OS PURITANOS
1.a edição em português: 2019

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora OS PURITANOS.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios sem permissão por escrito dos editores, salvo em breves citações, com indicação de fonte.

Produção Editorial
Editor: Manoel Canuto
Tradutor: Helio Kirchheim
Revisores: Gerson Júnior, Waldemir Magalhães
Designer: Heraldo Almeida

www.editoraclire.com.br

SUMÁRIO

Capa
Créditos
Observações do Tradutor
Prefácio
Introdução
O Dramático Aparecimento Do Profeta Elias
Os Céus Cerrados
O Ribeiro De Querite
A Provação Da Fé
A Torrente Secou
Elias Em Sarepta
A Extrema Necessidade De Uma Pobre Viúva
O Senhor Proverá
Uma Providência Sombria
“Mulheres Receberam, Pela Ressurreição, Os Seus Mortos”25
Frente A Frente Com O Perigo
O Confronto Com Acabe
O Perturbador De Israel
No Monte Carmelo
O Desafio Do Profeta Elias
Ouvidos Que Não Ouvem
A Certeza Da Fé
A Oração Eficaz
A Resposta Com Fogo
Chuva Abundante
Perseverança Em Oração

Em Fuga
No Deserto
Desanimado
Renovado
A Caverna No Monte Horebe
Uma Voz Tranquila E Suave
Elias É Restaurado
A Vinha De Nabote
O Pecador É Descoberto
Uma Mensagem Desagradável
A Última Missão De Elias
O Mensageiro Do Juízo
A Despedida Do Profeta Elias
A Carruagem De Fogo
Nossos livros
Mídias

OBSERVAÇÕES DO TRADUTOR

1.ª) O leitor perceberá que, com frequência, alternamos a versão da Bíblia nas citações dos textos. Usamos como padrão a segunda edição da Almeida Revista e Atualizada, da Sociedade Bíblica do Brasil (RA), mas recorremos também a outras três versões:

RC — *Almeida Revista e Corrigida*, da Sociedade Bíblica do Brasil;

BRA — *Tradução Brasileira*, da Sociedade Bíblica do Brasil; e

ACF — *Almeida Corrigida Fiel*, da Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Fizemos isso em virtude de o autor, A. W. Pink, usar a excelente versão *King James* que não tem uma versão equivalente exata em língua portuguesa. Por essa razão, fizemos uso de várias traduções na tentativa de sermos o mais fiel possível ao texto original em inglês.

2.ª) Todas as notas de rodapé são do tradutor.

PREFÁCIO

A vida do profeta Elias cativou o pensamento e inspirou pregadores e escritores de todos os tempos. Seu aparecimento súbito e completamente misterioso, suas intervenções dramáticas na história da nação de Israel, seus milagres, seu traslado da terra para o céu em uma carruagem de fogo explicam esse fato. A primeira palavra que ouvimos da parte dele é ao mesmo tempo uma *promessa* e uma *ameaça*. O *juízo* e a *misericórdia* estavam mesclados durante toda a surpreendente vida desse profeta do Senhor.

É muito oportuno que as lições que podem ser extraídas do ministério desse homem de Deus sejam apresentadas novamente para a nossa geração. A história se repete. A maldade e a idolatria desenfreadas durante o reinado de Acabe estão evidentes nas profanações e corrupções da sociedade do século XXI. Os falsos profetas ocupam lugar de destaque e exercem influência, e as verdades amadas pelos cristãos do passado têm sido jogadas na lama.

A. W. Pink claramente se sentiu chamado para realizar a tarefa de denunciar a impiedade da sua época com a vara da ira de Deus e, ao mesmo tempo, encorajar o remanescente fiel. Com esses objetivos, ele apresenta uma exposição do ministério do profeta Elias e o aplica à situação contemporânea.

INTRODUÇÃO

O ofício que Elias exerceu fornece uma chave importante para entender os tempos em que ele viveu e o caráter da sua missão. Ele foi um profeta; na verdade, um dos mais notáveis nesse ministério divino. Mas existe uma diferença real e notória entre um servo de Deus e um profeta de Deus, pois enquanto todos os seus profetas são servos, nem todos os seus servos são profetas. O ministério profético sempre pressupôs fracasso e pecado. Deus só enviava um dos seus profetas quando, em tempo de grande declínio e afastamento, o povo se afastou do Senhor. Como isso é algo que em geral não é conhecido, propomo-nos a desenvolver esse ponto, fornecendo provas bíblicas do que estamos afirmando. "Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso" (2Pe 1.19): eis um princípio geral.

Quantos de nossos leitores conseguem lembrar qual é a primeira profecia registrada na Sagrada Escritura? Bem, ela está registrada assim: *"Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar"* (Gn 3.15). E qual foi a ocasião em que essa primeira profecia foi proferida? Não foi enquanto nossos primeiros pais andavam em obediência ao Senhor Deus e em comunhão com ele; mas depois que haviam pecado contra ele e transgredido os seus mandamentos. Devemos considerar e ponderar isso com cuidado, pois, como a primeira menção de qualquer coisa nas Escrituras, essa primeira profecia é de extrema importância, uma vez que mostra a natureza e o propósito de toda e qualquer profecia subsequente. Essa primeira predição, então, não foi dada por Deus enquanto prevalecia a felicidade original do Éden, mas depois que ela havia sido brutalmente destruída. Ela foi dada depois que a humanidade tinha se rebelado e apostatado contra Deus.

E, agora, uma pergunta ainda mais difícil: quantos de nossos leitores podem citar o primeiro profeta de Deus mencionado nas Escrituras? Para encontrar a resposta, precisamos nos dirigir à Epístola de Judas, onde nos é dito o seguinte: "Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca

de todas as obras ímpias que impiamente praticaram" etc. (v. 14,15). Aqui vemos outra vez ilustrado o mesmo princípio e exemplificado o mesmo fato. Enoque, o profeta, viveu em uma época de extrema impiedade. Ele foi contemporâneo de Noé, quando "A terra estava [...] cheia de violência" e "todo ser vivente havia corrompido o seu caminho na terra" (Gn 6.11,12). Enoque exerceu o seu ministério, portanto, algum tempo antes do grande dilúvio, e ele foi levantado para conclamar os homens a abandonarem seus pecados e para anunciar a certeza de que o juízo de Deus cairia sobre eles, caso se recusassem a obedecer.

Quem são os próximos homens que a Escritura chama de "profetas" de Deus? Talvez a resposta surpreenda alguns de nossos leitores: são nada mais nada menos do que Abraão, Isaque e Jacó. No Salmo 105, lemos: "A ninguém permitiu que os oprimisse; antes, por amor deles, repreendeu a reis, dizendo: Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas" (v. 14, 15). O contexto mostra claramente a identidade desses "profetas": "Lembra-se perpetuamente da sua aliança, da palavra que empenhou para mil gerações; da aliança que fez com Abraão e do juramento que fez a Isaque; o qual confirmou a Jacó por decreto e a Israel por aliança perpétua, dizendo: Dar-te-ei a terra de Canaã como quinhão da vossa herança" (v. 8-11). E por que razão foram os patriarcas chamados de "profetas"? Aquilo que apresentamos nos parágrafos anteriores nos fornece a resposta, e o título que aqui é dado a Abraão, Isaque e Jacó se explica com base no mesmo princípio. Um novo e terrível mal tinha entrado no mundo e Deus chamou os patriarcas, separando-os do mundo, de forma que, por meio dos lábios e vida deles, eles fossem testemunhas contra esse mal.

Esse mal era a idolatria. Pelo que a Escritura nos revela, antes do dilúvio os ídolos não eram adorados pelos homens. Mas logo depois dessa grande inundação, a idolatria não só encontrou lugar na sociedade, como também se alastrou por todo lado. "Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Antigamente, vossos pais, Tera, pai de Abraão e de Naor, habitaram dalém do Eufrates e serviram a outros deuses" (Js 24.2). É a esse período da história antiga – ou seja, aos dias de Ninrode e ao período imediatamente depois dele – que Romanos 1.22,23 se reporta: "Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis". Uma referência incidental, mas que pode ser considerada como sintomática das condições gerais da época, se encontra em Gênesis 31.19: "Raquel furtou os

ídolos do lar que pertenciam a seu pai". Foi desse terrível pecado de idolatria que os patriarcas foram separados para servirem como "profetas" – testemunhas do Deus verdadeiro. Dessa forma, vemos mais uma vez que o ministério profético se deu por causa da apostasia.

Prosseguindo na história da humanidade, consideremos agora o caso da nação escolhida. Yahweh separou os hebreus para si mesmo como o seu povo favorecido. Tirados do Egito, eles foram primeiro trazidos a um lugar de isolamento: o deserto. Ali, o tabernáculo de adoração e testemunho foi erguido, leis foram dadas a Israel, e o sacerdócio foi instituído. Lemos de príncipes, anciãos e juízes na congregação, mas não se faz nenhuma menção que algum ministério de "profetas" tenha sido instituído. Por quê? Porque não havia necessidade deles. Enquanto Israel andou em obediência a Deus e em comunhão com ele, adorando-o de acordo com as suas instituições, não havia necessidade de nenhum "profeta"! Esse é um fato que não tem recebido a devida atenção. Enquanto Israel manteve sua obediência a Deus, havia lugar para o mestre, o levita, e o magistrado, mas não havia espaço para o ofício profético.

Mas depois que Israel entrou na terra de Canaã e Josué não estava mais na liderança, a situação descrita acima mudou. Mais adiante, na história de Israel, vemos Deus enviando profetas para o meio deles. Por quê? Porque o sacerdócio havia falhado e o povo tinha se apartado de Deus. A história se repetiu: fizeram mau uso das misericórdias de Deus, a Lei de Deus foi desconsiderada, os servos de Deus falharam lamentavelmente no desempenho das suas obrigações. A corrupção se estabeleceu e houve uma profunda e geral separação do Senhor. Foi então que ele instituiu o ministério profético em Israel. E quem é que encabeçou a longa lista dos profetas de Israel? Essa não é uma pergunta irrelevante. Atos 3.24 nos diz: "E todos os profetas, a começar com Samuel, assim como todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias".

Samuel, portanto, foi o primeiro profeta de Israel. Ele foi levantado por Deus em um momento crítico da história do povo, quando a verdadeira piedade tinha afundado a um nível muito profundo e quando a impiedade subia a patamares elevados. As coisas se tornaram tão terríveis e o temor de Deus tinha se apartado de tal modo dos seus olhos, que os filhos do próprio sumo sacerdote roubavam parte dos sacrifícios santos: "Era, pois, mui grande o pecado destes moços perante o SENHOR, porquanto eles desprezavam a oferta do SENHOR" (1Sm 2.17). Eles estavam tão distantes não só de um

respeito ao que era sagrado, mas também de um senso de decência, que “se deitavam com as mulheres que serviam à porta da tenda da congregação” (v. 22). Embora Eli os advertisse, eles “não ouviram a voz de seu pai” (v. 25). Em consequência disso, foram mortos por juízo de Deus, a arca do Senhor foi levada pelos filisteus, e foi escrito “Icabode” sobre a nação de Israel. Samuel, então, foi levantado em um tempo de grande decadência, quando “não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto” (Jz 21.25).

Tudo o que acabamos de apresentar fornece a chave para entender os livros do Antigo Testamento que são conhecidos mais especificamente como “Os Profetas”. As mensagens deles foram dirigidas a um povo degenerado e rebelde. Citamos a seguir alguns textos dos primeiros desses livros. “Visão de Isaías, filho de Amoz, que ele teve a respeito de Judá e Jerusalém, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá. Ouvi, ó céus, e dá ouvidos, ó terra, porque o SENHOR é quem fala: Criei filhos e os engrandeci, mas eles estão revoltados contra mim. O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende. Ai desta nação pecaminosa, povo carregado de iniquidade, raça de malignos, filhos corruptores; abandonaram o SENHOR, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás” (Is 1.1-4). “Assim diz o SENHOR: Que injustiça acharam vossos pais em mim, para de mim se afastarem, indo após a nulidade dos ídolos” (Jr 2.5; veja também os versos 6-9). “Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às nações rebeldes que se insurgiram contra mim” (Ez 2.3; veja também os versos 4-9).

O mesmo princípio se confirma por todo o Novo Testamento. O primeiro pregador que nos é apresentado ali é João Batista. E qual era a notável característica do seu ministério? Não era o de evangelista nem o de mestre, mas o de profeta – “E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado” (Lc 1.17). Por que isso? Porque Deus enviou João a um povo que se tinha apartado dele, a um povo imerso em iniquidades, e que ainda assim se justificava de seus pecados. João foi um protesto divino contra a podridão dos fariseus, saduceus e herodianos. Embora fosse filho de um sacerdote, João nunca ministrou no templo, nem jamais se ouviu a sua voz em Jerusalém. Em vez disso, a sua voz foi ouvida clamando no deserto, fora de toda a religião organizada. Ele foi um verdadeiro profeta, conclamando o povo a que se arrependesse e fugisse da ira vindoura.

Considere o ministério de Cristo. Nele nós vemos a combinação de todos os ofícios: ele foi Profeta, Sacerdote e Rei. Ele era tanto evangelista como mestre, mas durante o seu ministério terreno aquilo que mais se destacou foi o exercício de seu ofício profético. Já na antiguidade, o SENHOR havia declarado a Moisés: "Suscitar-lhes-ei um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, em cuja boca porei as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar" (Dt 18.18). Mas notemos cuidadosamente o momento específico em seu ministério em que Cristo começou a profetizar. A maioria dos nossos leitores lembrará que existe um grande número de predições que ele fez com respeito ao seu segundo advento, mas o que talvez eles não tenham notado é que nenhuma delas foi feita durante os primeiros anos de seu ministério. O Sermão do Monte (Mt 5 a 7) não contém nenhuma dessas profecias. A grande profecia do Evangelho de Mateus encontra-se quase no final (capítulos 24 e 25), depois que os líderes da nação o rejeitaram!

O mesmo princípio geral – decadência e afastamento de Deus como o tenebroso pano de fundo no qual o profeta se destaca – também é ilustrado nos escritos dos Apóstolos. Neles encontramos algumas das mais surpreendentes e importantes predições; mas observe cuidadosamente onde estão localizadas. As principais, aquelas que entram em maiores detalhes, encontram-se normalmente nas segundas Epístolas – 2Tessalonicenses 2; 2Timóteo 3; 2Pedro 2. Por que isso acontece? E por que é necessária uma segunda Epístola? Porque as primeiras epístolas não receberam a devida consideração. Finalmente, perguntamos qual é o único livro do Novo Testamento que é notavelmente profético em seu caráter e conteúdo? Ora, o livro do Apocalipse. E onde é que o encontramos? Bem no final do Novo Testamento, esboçando o curso da apostasia da cristandade e descrevendo os juízos de Deus sobre ela.

Mas há uma coisa muito notável a respeito dos profetas de Deus, não importando a data ou época em que viveram: sempre os vemos andando "a sós" com Deus, separados da apostasia religiosa que os cerca. Foi assim com Enoque: ele "andou com Deus" (Gn 5.24) – mostrando o seu desinteresse pelo mal que o cercava. Foi assim com os patriarcas: "Pela fé, [Abraão] peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa" (Hb 11.9). Igualmente "sozinho" estava o profeta Samuel que, quando Saul o procurou, precisou se informar a respeito do lugar onde morava (1Sm 9.11,12). O

mesmo aconteceu com João Batista: ele estava claramente separado da religião organizada dos seus dias. Dessa forma, agora, aos servos de Deus é ordenado que fujam daqueles que, “tendo forma de piedade”, negam-lhe, “entretanto, o poder” (2Tm 3.5).

Outra coisa que sempre marcou os profetas de Deus é que eles não foram aprovados por parte dos sistemas religiosos dos seus dias: eles nem pertenciam a esses sistemas, nem foram por eles apoiados. A que sistema poderiam Enoque e os patriarcas “pertencer” ou de qual poderiam “ser membros”? Como é que Samuel ou Elias poderia manter qualquer comunhão pessoal com o judaísmo apóstata dos seus dias? Como seria moralmente possível que João Batista exercesse o seu ministério nos arredores do templo degenerado de Jerusalém? Em consequência da sua separação dos sistemas que desonravam a Deus na época em que viviam, eles foram desprezados, odiados e perseguidos pelos líderes religiosos e, aos olhos dos seus seguidores, eram muito malvistos. O mesmo princípio vigora ainda hoje. Só se pode permanecer membro de uma denominação que repudiou a verdade (em doutrina ou prática) quem estiver disposto a pagar o preço da infidelidade para com Deus: “E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as” (Ef 5.11).

Outra característica que sempre distinguiu os profetas de Deus é a natureza do seu ofício e mensagem. Essa natureza era dupla: em uma época de decadência, despertar uma consciência adormecida e confortar o coração do povo de Deus. A primeira se realizava por meio de uma fiel aplicação da Palavra de Deus às condições existentes, de forma a despertar o povo a um senso da sua responsabilidade e culpa. A Lei de Deus era exposta e se destacavam as santas exigências de Deus, de forma que ficasse claro quão grandemente o povo havia se afastado dele. Um firme apelo ao arrependimento era feito: a exigência de abandonarem seus pecados e retornarem para o Senhor. A segunda se realizava dirigindo os olhos dos santos para além da decadência que os cercava, fixando-lhes o coração na glória futura.

Finalmente, ainda é preciso ressaltar que a mensagem dos profetas de Deus nunca recebeu a atenção de mais do que um insignificante e pequeno remanescente. A grande massa dos religiosos professos a rejeitou, pois não era agradável a seu paladar depravado. Não houve jamais alguma reparação coletiva! A natureza humana de então não era diferente do que é agora: pregar sobre a excessiva pecaminosidade do pecado e sobre a certeza do juízo

vindouro nunca foi algo aceitável. São sempre os falsos profetas os que clamam: “Paz, paz, quando não há paz”. Eles são os oradores populares. “[...] dizei-nos coisas aprazíveis, profetizai-nos ilusões” (Is 30.10) é sempre o desejo da multidão, e aqueles que se recusam a atender a esse clamor e, em vez disso, pregam fielmente a verdade, são tachados de “pessimistas” e “desmancha-prazeres”.

Voltamos agora ao pensamento com que começamos: o ofício específico que Elias recebeu nos habilita a formar um juízo preciso dos tempos em que a ele foi dado esse ministério e a natureza específica da sua missão. O profeta de Gileade entrou em cena em um dos momentos mais sombrios da história de Israel.

— A. W. Pink

CAPÍTULO 1

O DRAMÁTICO APARECIMENTO DO PROFETA ELIAS

Analisando muito brevemente o fundamento abordado na introdução, vimos, em primeiro lugar, que a aparição pública de um profeta de Deus indica uma época de declínio e afastamento de Deus, sendo sua mensagem necessária devido ao total fracasso daqueles que viveram antes dele. Segundo, que a principal tarefa do profeta é despertar a consciência adormecida do povo, repreender os malfeitores, denunciar a iniquidade, e clamar para que os homens abandonem a iniquidade e retornem ao Senhor. Terceiro, que a mensagem do profeta desagrada os ímpios e líderes religiosos vazios, pois trata do pecado, da justiça e do juízo vindouro. Quarto, visto que o profeta não é animador de auditório nem promove entretenimento, sua missão é desprezada e a sua mensagem rejeitada pelas massas, e apenas um pequeno remanescente responde ao seu chamado.

Elias entrou publicamente em cena durante um dos momentos mais sombrios da triste história de Israel. Ele nos é apresentado no início de 1Reis 17, e temos apenas de ler os capítulos anteriores para descobrir o estado deplorável em que se encontrava o povo de Deus. Israel tinha se apartado dolorosa e flagrantemente do SENHOR, e aquilo que ele era contrário tinha sido estabelecido publicamente. Nunca antes essa nação favorecida tinha caído em tão profundo declínio. Havia se passado 58 anos, desde que o reino tinha sido dividido em dois após a morte de Salomão. Durante esse breve período, não menos de sete reis havia reinado sobre as dez tribos, e todos eles, sem exceção, foram homens perversos. É de fato doloroso traçar o triste caminho que seguiram, e é ainda mais trágico observar como esse mesmo fato tem se repetido na história da cristandade.

O primeiro desses sete reis foi Jeroboão. A respeito dele, lemos que “fez dois bezerros de ouro” e disse ao povo: “Basta de subirdes a Jerusalém; vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito! Pôs um em Betel e o outro, em Dã. E isso se tornou em pecado, pois que o povo ia até Dã, cada um para adorar o bezerro. Jeroboão fez também santuários nos altos e, dentre o povo, constituiu sacerdotes que não eram dos filhos de Levi. Fez uma festa no oitavo mês, no dia décimo quinto do mês, igual à festa que se

fazia em Judá, e sacrificou no altar; semelhantemente fez em Betel e ofereceu sacrifícios aos bezerros que fizera; também em Betel estabeleceu sacerdotes dos altos que levantara" (1Rs 12.28-32). Observe bem, e com cuidado, que a apostasia começou com *a corrupção do sacerdócio*, encarregando no serviço divino homens que nunca foram chamados nem capacitados por Deus!

Lemos a respeito do próximo rei, Nadabe: "Fez o que era mau perante o SENHOR e andou nos caminhos de seu pai e no pecado com que seu pai fizera pecar a Israel" (1Rs 15.26). Quem o sucedeu foi o próprio homem que o assassinou, Baasa (1Rs 15.27). Depois veio Elá, um beberrão, que também foi um assassino (1Rs 16.8,9). O seu sucessor, Zinri, era culpado de "conspiração" (1Rs 16.20). Depois dele veio um mercenário militar de nome Onri, a respeito de quem somos informados do seguinte: "Fez Onri o que era mau perante o SENHOR; fez pior do que todos quantos foram antes dele. Andou em todos os caminhos de Jeroboão, filho de Nebate, como também nos pecados com que este fizera pecar a Israel, irritando ao SENHOR, Deus de Israel, com os seus ídolos" (1Rs 16.25,26). O ciclo maligno se completou com o filho de Onri, porque este foi ainda mais vil do que aqueles que o precederam.

"Fez Acabe, filho de Onri, o que era mau perante o SENHOR, mais do que todos os que foram antes dele. Como se fora coisa de somenos andar ele nos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios; e foi, e serviu a Baal, e o adorou" (1Rs 16.30,31). Esse casamento de Acabe com uma princesa pagã resultou nas mais terríveis consequências, como era de se esperar (porque não se pode pisotear a Lei de Deus e ficar impune). Em um curto espaço de tempo, desapareceu da terra de Israel qualquer vestígio da correta adoração ao SENHOR e uma profunda idolatria se tornou desenfreada. Adoravam-se os bezerros de ouro em Dã e em Betel, erigiu-se um templo a Baal em Samaria, os "postes-ídolos" de Baal apareceram por todo lado, e os sacerdotes de Baal passaram a dominar a vida religiosa de Israel.

Declarava-se abertamente que Baal vivia e que o SENHOR já não existia. É possível perceber o estado vergonhoso que se havia instalado nesta declaração: "Também Acabe fez um poste-ídolo, de maneira que cometeu mais abominações para irritar ao SENHOR, Deus de Israel, do que todos os reis de Israel que foram antes dele" (1Rs 16.33). O desacato ao Senhor Deus e perversidade descarada chegaram ao seu ponto culminante. Isso fica mais evidente no texto seguinte: "Em seus dias, Hiel, o betelita, edificou a Jericó"

(v. 34). Isso foi uma terrível insolência, porque no passado já tinha sido escrito: “Naquele tempo, Josué fez o povo jurar e dizer: Maldito diante do SENHOR seja o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó; com a perda do seu primogênito lhe porá os fundamentos e, à custa do mais novo, as portas” (Js 6.26). A reconstrução da amaldiçoada Jericó era uma visível provocação a Deus.

Ora, é em meio a essa escuridão e degradação espiritual que entra publicamente em cena, com brusca dramaticidade, uma solitária, mas impressionante testemunha do Deus vivo. Um famoso comentarista iniciou as suas observações a respeito de 1Rs 17 dizendo o seguinte: “O mais ilustre profeta, Elias, foi levantado no reino do mais perverso dos reis de Israel”. Esse é um breve, mas exato resumo da situação de Israel naquele tempo; e não só isso, mas tal resumo fornece a chave para tudo o que se segue. É de fato lamentável contemplar as terríveis condições que prevaleciam em Israel. Toda e qualquer luz tinha sido extinguida; toda e qualquer voz de testemunho da parte de Deus tinha sido silenciada. A morte espiritual tinha se espalhado por todos os lados, e parecia que Satanás tinha de fato conseguido dominar a situação.

“Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra” (1Rs 17.1). Deus, triunfantemente, levantou para si uma poderosa testemunha. Elias nos é aqui apresentado de uma forma abrupta. Não há registro da sua parentela nem de como ele vivia. Não sabemos nem a que tribo ele pertencia, apesar do fato que ele era “dos habitantes de Gileade” indicar provavelmente que pertencia ou a Gade ou a Manassés, porque Gileade se encontrava entre essas duas tribos. “Gileade se situa ao leste do Jordão: era uma região deserta e rude; suas colinas estavam cobertas de florestas irregulares; seus terríveis lugares ermos somente eram interrompidos pelo súbito aparecimento dos riachos das montanhas; seus vales costumavam ser refúgio de ferozes feras selvagens”. (F. B. Meyer, 1847-1929).

Como indicamos acima, Elias nos é apresentado na narrativa divina de uma forma estranha, sem que nos seja dito nada sobre os seus ancestrais ou sobre os primeiros anos de sua vida. Cremos que há uma *razão típica* por que o Espírito Santo não fez nenhuma referência às origens de Elias. Como Melquisedeque, o início e o fim desta história estão envoltos em mistério sagrado. Da mesma forma que a ausência de qualquer menção do nascimento

e da morte de Melquisedeque foi divinamente planejada para prenunciar o eterno Sacerdócio e Majestade de Cristo, assim, o fato de que nada sabemos sobre o pai e a mãe de Elias, e que ele foi sobrenaturalmente trasladado deste mundo sem passar pelos portais da morte, marcam Elias como o precursor tipológico do eterno Profeta. Dessa forma, a omissão desses detalhes prefigura a *eternidade* do ofício *profético* de Cristo.

O fato de que Elias "era dos habitantes de Gileade" foi registrado, sem dúvida, para nos informar sobre a sua habilidade natural – algo que sempre exerce poderosa influência na formação do caráter. O povo daquela região montanhosa refletia a natureza do seu ambiente: eles eram ásperos, toscos, solenes e austeros; moravam em rudes vilas e subsistiam cuidando de rebanhos de ovelhas. Enrijecido pela vida no deserto, vestido de pele de camelo, acostumado a passar a maior parte do tempo sozinho, possuidor de robusta força que o capacitava a suportar grande esforço físico, Elias apresentaria marcante contraste com os moradores da cidade nas terras baixas dos vales; e, mais especificamente, ele se distinguiria dos mimados cortesãos do palácio.

Não temos meios de saber que idade Elias tinha quando o Senhor lhe concedeu a primeira e pessoal revelação de si mesmo, como também não temos informação sobre o seu prévio treinamento religioso. Mas há uma sentença em um capítulo próximo que nos capacita a formar uma ideia definida do seu calibre espiritual – "Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos" (1Rs 19.10). Essas palavras não podem significar menos do que isto: ele tinha profundo amor e preocupação com a glória de Deus, e a glória do *seu* nome significava para Elias mais do que qualquer outra coisa. Em decorrência disso, Elias devia estar sofrendo profundamente e cheio de santa indignação à medida que ficou sabendo mais e mais das terríveis características e da extensão da separação de Israel do SENHOR.

Há pouca dúvida de que Elias era inteiramente familiarizado com as Escrituras, especialmente com os primeiros livros do Antigo Testamento. Conhecendo o quanto o Senhor tinha feito por Israel, os sinais do seu favor para com o povo, Elias certamente desejou que o povo agradassem e glorificassem a Deus. Mas quando ficou sabendo que isso não ocorria, quando chegou as notícias do que estava acontecendo no outro lado do Jordão, quando ficou sabendo como Jezabel havia derribado os altares de Deus, matado os seus servos, e os havia substituído pelos sacerdotes idólatras pagãos, sua alma deve ter se enchido de horror e seu sangue ferveu de

indignação, porque ele era “zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos”. Quem dera que mais dessa indignação justa nos enchesse e nos inflamasse hoje!

Provavelmente, a questão que mais atormentava Elias era a seguinte: “Como é que eu devo agir?”. O que é que ele, um rude e inculto filho do deserto, poderia fazer? Quanto mais pensava nisso, mais difícil deve ter parecido a situação; e, sem dúvida, Satanás deve ter soprado em seu ouvido: “Você não pode fazer nada; a situação não tem solução”. Mas havia uma coisa que ele podia fazer: entregar-se àquele grande recurso reservado a todas as almas profundamente atormentadas – ele podia *orar*. E ele o fez. Conforme nos informa Tiago 5.17, ele orou “com instância”. Ele orou porque estava persuadido de que o Senhor Deus vivia e governava todas as coisas. Ele orou porque reconheceu que Deus é Todo-Poderoso e que, com ele, todas as coisas são possíveis. Ele orou porque sentiu sua própria fraqueza e insuficiência e, por isso, voltou-se àquele que é revestido de poder e é infinitamente autossuficiente.

Mas, para ser eficiente, a oração tem de estar firmada na Palavra de Deus, visto que sem fé é impossível agradar a Deus, e a fé “vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Deus” (Rm 10.17). Ora, havia uma passagem específica nos livros das Escrituras daquela época que parece ter chamado a atenção de Elias: “Guardai-vos não suceda que o vosso coração se engane, e vos desvieis, e sirvais a outros deuses, e vos prostreis perante eles; que a ira do SENHOR se acenda contra vós outros, e feche ele os céus, e não haja chuva, e a terra não dê a sua messe” (Dt 11.16,17). Era exatamente este o crime do qual Israel era agora culpado: eles tinham se desviado para adorar deuses falsos. Suponhamos, então, que Deus não executasse esse juízo ameaçador – não pareceria de fato que o SENHOR não passava de um mito, uma tradição morta? Elias era “em extremo zeloso pelo Senhor dos Exércitos”; e somos informados que ele “orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra” (Tg 5.17). Por meio disso, aprendemos mais uma vez o que é a verdadeira oração: é a fé que se agarra à Palavra de Deus, suplicando diante dele e dizendo: “faze como falaste” (2Sm 7.25).

Ele “orou, com instância, para que não chovesse”. Será que algum dos leitores está pensando: “Que oração terrível”? Então lhe perguntamos: não era mais terrível ainda que os privilegiados descendentes de Abraão, Isaque e Jacó desprezassem e se afastassem do Senhor Deus, e descaradamente o insultassem ao adorar Baal? Pretendiam eles que o Deus triúno fechasse os olhos para essas barbaridades? Seria possível calcar aos pés as suas leis justas

sem sofrer as consequências? Deveria ele se recusar a impor os seus justos castigos? Que concepção os homens teriam do caráter divino, se ele desconsiderasse tal provocação contra si mesmo? Que as Escrituras nos respondam: “Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ec 8.11). Sim, e não somente isso, mas como Deus declara: “Tens feito estas coisas, e eu me calei; pensavas que eu era teu igual; mas eu te arguirei e porei tudo à tua vista” (Sl 50.21).

Ah! Caro leitor! Existe uma coisa muito pior do que a calamidade física e o sofrimento: é a delinquência moral e a apostasia espiritual! É lamentável que isso seja tão pouco percebido em nossos dias! O que são os crimes contra o homem em comparação com os soberbos pecados contra Deus? Da mesma forma, o que são os revezes de uma nação, se comparados com a perda do favor de Deus? O fato é que Elias tinha um verdadeiro senso de valores: ele era muito “zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos”, e por isso orou, com instância, para que não chovesse. Doenças graves requerem medidas drásticas. E, à medida que orava, Elias obteve certeza de que a sua petição estava sendo atendida, e que ele tinha de ir se apresentar a Acabe. Não importava o perigo que o profeta fosse correr, era preciso que tanto o rei como seus súditos ficassem sabendo da direta conexão entre a seca e os pecados que a tinham provocado.

A tarefa que Elias agora tinha diante de si não era simples, e requeria muito mais do que uma coragem comum. Para um montanhês rústico e inculto, aparecer sem convite diante de um rei que desafiava os céus era suficiente para desanimar até o mais valente; ainda mais quando a esposa pagã desse rei não hesitava em assassinar qualquer um que se opusesse à sua vontade. Na verdade, ela já havia matado vários servos de Deus. Quais eram, então, as probabilidades de que esse solitário gileadita escapasse com vida? [...] Mas “o justo é intrépido como o leão” (Pv 28.1): aqueles que estão em comunhão com Deus nem se amedrontam com dificuldades nem se apavoram diante dos perigos. “Não tenho medo de milhares do povo que tomam posição contra mim de todos os lados” (Sl 3.6); “Ainda que um exército se acampe contra mim, não se atemorizará o meu coração” (Sl 27.3). Essa é a espécie de bendita serenidade daqueles cuja consciência está livre de pecado e cuja confiança está posta no Deus vivo.

Havia chegado a hora de executar a sua dura tarefa, e Elias deixa seu lar em Gileade para entregar a mensagem de juízo ao rei Acabe. Imagine ele em

sua longa e solitária jornada. O que será que lhe passava pela mente? Será que ele se lembrava da missão similar em que Moisés se envolveu, quando foi enviado pelo Senhor para entregar seu ultimato ao soberbo monarca do Egito? Bem, a mensagem que ele carregava não seria mais agradável ao degenerado rei de Israel. Contudo, lembranças desse tipo de forma nenhuma haveriam de deter ou intimidar Elias; em vez disso, o desfecho do que aconteceu a Moisés apenas haveria de fortalecer-lhe a fé. O Senhor Deus não tinha falhado para com seu servo Moisés; pelo contrário, tinha estendido a sua poderosa mão em favor dele e, no final, lhe concedeu pleno êxito. As maravilhosas obras de Deus no passado deveriam sempre encorajar os seus servos e santos no presente.

CAPÍTULO 2

OS CÉUS CERRADOS

“[…] vindo o inimigo como uma corrente de águas, o Espírito do SENHOR arvorará contra ele a sua bandeira” (Is 59.19 – RC). O que significa o inimigo vir “como uma corrente de águas”? A figura usada aqui é vívida e expressiva: é a figura de uma inundação incomum, que provoca a submersão da terra, implicando em perigo às propriedades e à própria vida, uma inundação que põe em risco tudo que está à sua frente. Essa é uma ilustração que descreve com muita propriedade a situação moral do mundo em geral, e de lugares específicos em diferentes períodos da história. Repetidas vezes um dilúvio de maldade irrompe – uma inundação de proporções tais que se tem a impressão de que Satanás triunfa sobre tudo o que é santo que lhe faça oposição – quando, por meio de uma inundação de idolatria, impiedade e iniquidade, a causa de Deus sobre a terra parece estar em iminente perigo de ser totalmente devastada.

“[…] vindo o inimigo como uma corrente de águas”. Um breve olhar de relance no contexto já nos revela o que significa essa expressão. “[...] esperamos pela luz, e eis que só há trevas; pelo resplendor, mas andamos em escuridão. Apalpamos as paredes como cegos; sim, como os que não têm olhos, andamos apalpando [...] Porque as nossas transgressões se multiplicaram perante ti, e os nossos pecados testificam contra nós [...] como o prevaricar, [ou transgredir e negar o Senhor] e o mentir contra o SENHOR, e o retirarmo-nos do nosso Deus, e o falar de opressão e rebelião, e o conceber e expectorar do coração palavras de falsidade. Pelo que o juízo se tornou atrás, e a justiça se pôs longe, porque a verdade anda tropeçando pelas ruas, e a equidade não pode entrar. Sim, a verdade desfalece, e quem se desvia do mal arrisca-se a ser despojado” (Is 59.9-15 – RC). No entanto, quando o diabo introduz uma inundação de enganos mentirosos e o desrespeito à lei de Deus passa a predominar, o Espírito de Deus intervém e frustra o perverso propósito de Satanás.

Os versículos sagrados citados acima descrevem com precisão as terríveis condições que prevaleciam em Israel sob o reinado de Acabe e de Jezabel, a sua esposa pagã. Por causa das muitas transgressões deles, Deus havia entregado o povo à cegueira e escuridão, e um espírito de engano e

loucura tomou conta do coração deles. Em consequência disso, a verdade se afastou das ruas e foi brutalmente pisoteada por muitos. A idolatria se tornou a religião deles; a adoração de Baal prevalecia; a perversidade crescia por todo lado. O inimigo havia chegado como um verdadeiro dilúvio, e parecia não haver mais nenhuma barreira que pudesse conter as suas ações devastadoras. Foi então que o Espírito do Senhor ergueu uma bandeira contra ele, fazendo pública demonstração de que o Deus de Israel estava grandemente enojado com os pecados do povo, e iria visitar as iniquidades deles. Essa bandeira celestial foi erguida pela mão de Elias.

Deus nunca ficou sem testemunhas na terra. Nas mais negras épocas da história humana, o Senhor sempre levantou e manteve um testemunho de si mesmo. Nem perseguição nem corrupção puderam eliminar esse testemunho. Nos dias dos antediluvianos, quando a terra estava cheia de violência e toda a carne tinha corrompido seu caminho, o SENHOR tinha um Enoque e um Noé como seus porta-vozes. Quando os hebreus foram reduzidos a uma miserável escravidão no Egito, o Altíssimo enviou Moisés e Arão como seus embaixadores, e, em cada período subsequente na história dos hebreus, um profeta após o outro lhes foi enviado. Assim também tem sido através de toda a história da cristandade: nos dias de Nero, nos tempos de Carlos Magno, e mesmo na "Idade das Trevas" – apesar da incessante oposição do papado – a lâmpada da verdade nunca se extinguiu. Da mesma forma aqui, em 1Reis 17, nós vemos novamente a imutável fidelidade de Deus à sua aliança, trazendo à cena alguém zeloso por sua glória e que não temia denunciar os seus inimigos.

Tendo considerado o sentido da função específica desempenhada por Elias e mostrado a sua misteriosa personalidade, vamos agora considerar o significado do *seu nome*. Tal nome era muito marcante e revelador, uma vez que "Elias" pode ser traduzido como "Deus é o SENHOR" ou "O SENHOR é meu Deus". A nação apóstata havia adotado Baal como a sua divindade, mas o nome do nosso profeta proclamava o verdadeiro Deus de Israel. A julgar pela analogia das Escrituras, podemos concluir com segurança que esse nome havia sido dado a ele por seus pais provavelmente sob impulso profético ou em consequência de orientação divina. Para aqueles que estão familiarizados com a Palavra de Deus, essa não é nenhuma ideia estranha. Lameque chamou seu filho de Noé, dizendo: "Este nos consolará (ou: nos dará descanso) dos nossos trabalhos" (Gn 5.29) – "Noé" significa "descanso" ou "consolo". José deu aos seus filhos nomes que expressavam as providências particulares de

Deus para com ele (Gn 41.51,52). O nome que Ana deu a seu filho (1Sm 1.20) e os que a esposa de Fineias deu aos dela (1Sm 4.19-22) também ilustram o que estamos afirmando.

Podemos observar que o mesmo princípio se confirma com respeito a muitos *lugares* mencionados nas Escrituras: Babel (Gn 11.9), Berseba (Gn 21.31), Cabul (1Rs 9.13), Massá e Meribá (Êx 17.7) são exemplos clássicos; de fato, ninguém que deseja entender os escritos sagrados pode se dar ao luxo de negligenciar uma atenção cuidadosa aos nomes próprios. Essa importância recebe confirmação no exemplo do próprio Senhor, pois quando ordenou ao cego que se lavasse no tanque de Siloé, imediatamente foi acrescentado: "(*que quer dizer* Enviado)" (Jo 9.7). Novamente, quando Mateus registra a ordem dada pelo anjo a José de que o Salvador deveria ser chamado "Jesus", o Espírito o moveu a acrescentar o significado desse maravilhoso nome: "E ela dará à luz um filho, e lhe porás o nome de JESUS, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de EMANUEL. (EMANUEL *traduzido* é: Deus conosco)" (Mt 1.21-23). Compare também as expressões "que quer dizer" e "se interpreta" em Atos 4.36 e em Hebreus 7.1,2.

Dessa forma, vemos que o exemplo dos apóstolos nos autoriza a extrair instrução dos nomes próprios (talvez não todos, mas há muitos que contêm importantes verdades). Contudo, isso precisa ser feito com moderação e de acordo com a analogia das Escrituras, e não com dogmatismo ou com o propósito de estabelecer alguma nova doutrina. Torna-se imediatamente claro como o nome "Elias" corresponde à missão do profeta e à sua mensagem. E como isso deve tê-lo encorajado! Podemos também juntar ao seu extraordinário nome o fato que o Espírito Santo designou Elias como "o tesbita", o que muito significativamente quer dizer: *aquele que é estrangeiro aqui*. Também temos de perceber um detalhe adicional: ele era "dos habitantes de *Gileade*", cujo nome significa *rochoso* – por causa das características montanhosas daquele país. É sempre alguém assim que Deus levanta e usa em uma hora crítica: um homem que seja totalmente dele, separado da perversidade religiosa do seu tempo, e que habita lá no alto; um homem que, no meio de terrível decadência, sustenta no coração o testemunho de Deus.

"Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem

orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra" (1Rs 17.1). Esse evento memorável ocorreu cerca de 860 anos antes do nascimento de Cristo. Há poucos exemplos, na história sagrada, de um evento tão súbito, de tamanha ousadia e de caráter impressionante. Repentinamente, e sem qualquer anúncio, um homem simples, vestido de roupa humilde, surge diante do rei apóstata de Israel como o mensageiro do SENHOR e como arauto de um terrível juízo. Ninguém da corte sabia muita coisa sobre ele – se de fato alguém o conhecia – porque ele simplesmente saiu do anonimato em Gileade para colocar-se à frente de Acabe com as chaves dos céus nas mãos. É assim que Deus utiliza muitas vezes as testemunhas da sua verdade: ao seu comando, elas aparecem e desaparecem; não surgem das fileiras dos influentes nem dos eruditos; não são produto do sistema deste mundo, nem o mundo lhes põe coroa de glória na cabeça.

"Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra". Há muito mais significado na expressão "como vive o SENHOR, Deus de Israel" do que conseguimos perceber à primeira vista. Observe que não é simplesmente "O SENHOR Deus vive", mas "o SENHOR, Deus de Israel", que também deve ser diferenciado do termo mais amplo "o Senhor dos Exércitos". São pelo menos três coisas que estão em destaque nessa expressão. Em primeiro lugar, "o SENHOR, Deus de Israel" põe uma particular ênfase no relacionamento especial dele com a nação favorecida: o SENHOR é o rei deles, o seu soberano, aquele a quem haverão de prestar contas, aquele com quem entraram em solene aliança. Em segundo lugar, Acabe é informado, por meio dessa expressão, que o SENHOR *vive*. Esse tremendo fato sem dúvida nenhuma recebeu especial atenção. Reino após reino, Israel zombou e desafiou abertamente o SENHOR, e nenhuma consequência séria seguiu esses pecados; e, dessa forma, havia se estabelecido a falsa ideia de que o Senhor não existia de fato. Em terceiro lugar, a declaração "o SENHOR, Deus de Israel, vive" apontava um admirável contraste com os ídolos sem vida, cuja impotência agora se tornaria evidente – incapazes de defender, da ira de Deus, os seus iludidos devotos.

Ainda que, por sábias razões que somente ele conhece, Deus "suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição" (Rm 9.22), contudo ele fornece claras e suficientes provas ao longo da história humana de que ele, ainda hoje, governa os perversos e que é o vingador do pecado. Era isso que Deus estava comprovando a Israel naquele momento.

Não obstante a paz e a prosperidade que o reino gozava há longo tempo, o Senhor estava terrivelmente irado com a maneira grosseira com que era publicamente insultado, e havia chegado o tempo em que ele castigaria severamente o povo rebelde. Em consequência disso, ele enviou Elias até Acabe para anunciar a natureza e a duração do seu juízo. É digno de nota que o profeta chegou com sua aterrorizante mensagem inspirada não para o povo, mas para o próprio rei – o cabeça responsável, aquele que tinha em seu poder as condições de corrigir o que estava errado, por meio do banimento dos ídolos nos territórios de Israel.

Elias foi agora chamado para entregar uma mensagem extremamente desagradável ao homem mais poderoso de todo o Israel; mas, consciente de que Deus estava com ele, não recuou diante de tal tarefa. Enfrentando Acabe repentinamente, Elias tornou evidente que não tinha medo do rei, apesar da posição deste. As suas primeiras palavras informaram ao degenerado monarca de Israel que ele prestaria contas ao Deus vivo. "Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel" foi uma verdadeira confissão de fé do profeta, como também chamou a atenção para aquele a quem Acabe havia renegado. "[…] perante cuja face estou" (ou seja, de quem eu sou servo – Cf. Dt 10.8; Lc 1.19), ou seja, em cujo nome eu me aproximo de ti, em cuja veracidade e poder eu obedientemente confio, em cuja inefável presença eu estou consciente de que estou agora, e a quem eu tenho orado e de quem obtive resposta.

"[…] nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra". Que terrível panorama era esse! Por meio da expressão "as primeiras e as últimas (chuvas)" (Dt 11.14; Jr 5.24), inferimos que, normalmente, a Palestina tinha uma estação seca de vários meses de duração; mas, embora não caísse a chuva nesse período, um orvalho descia à noite e refrescava grandemente a vegetação. Contudo, não ter nem orvalho nem chuva, e isso durante anos, era de fato um terrível juízo. A terra tão rica e fértil, a ponto de ser chamada de terra que "mana leite e mel", rapidamente se tornaria árida e estéril, gerando fome, pestilência e morte. E quando Deus retém a chuva, não há ninguém que a possa fazer chover: "Acaso, haverá entre os ídolos dos gentios algum que faça chover?" (Jr 14.22). Como isso revela a completa impotência dos ídolos e a loucura daqueles que os reverenciam!

A difícil prova que Elias enfrentou ao confrontar Acabe e ao entregar-lhe uma mensagem desse porte exigiu uma grande coragem. Isso se torna

mais evidente quando dirigimos nossa atenção a um detalhe que parece ter passado completamente despercebido aos comentaristas; detalhe esse que só se percebe por meio de cuidadosa comparação de Escritura com Escritura. Elias disse ao rei: "[…] nem orvalho nem chuva haverá nestes anos", ao passo que, em 1Rs 18.1, lemos o seguinte: "Muito tempo depois, veio a palavra do SENHOR a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra". Por outro lado, Cristo declarou: "Na verdade vos digo que muitas viúvas havia em Israel no tempo de Elias, quando o céu se fechou por três anos *e seis meses,* reinando grande fome em toda a terra" (Lc 4.25). Como explicaremos, então, esses seis meses extras? Da seguinte forma: quando Elias foi à presença de Acabe, *já havia transcorrido* seis meses de seca. Podemos bem imaginar quão furioso ficou o rei quando informado que a terrível seca ainda perduraria por mais três anos!

Sim, a desagradável tarefa que Elias tinha diante de si exigia uma ousada e incomum solução, e podemos com razão perguntar: qual era o segredo da sua extraordinária coragem? A que podemos atribuir a sua força? Alguns rabinos judeus argumentam que ele era um anjo, mas isso não pode ser o caso, visto que o Novo Testamento nos informa claramente que ele era um "homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos" (Tg 5.17). Sim, Elias não era mais que "um homem"; e, apesar disso, não tremeu na presença de um monarca. Embora fosse homem, tinha, contudo, o poder de fechar as janelas dos céus e secar as fontes da terra. Mas a questão permanece: como se explica a total confiança com a qual ele prenunciou a prolongada seca, a segurança de que tudo aconteceria conforme a sua palavra? Como foi que alguém tão frágil em si mesmo tornou-se poderoso em Deus a ponto de destruir fortalezas?

Sugerimos três razões para o segredo da força de Elias. Primeiro, *as suas orações.* "Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu" (Tg 5.17). Que fique bem claro que o profeta não começou as suas ferventes súplicas *depois* de aparecer diante de Acabe, mas seis meses antes! Aqui, então, reside a explicação da sua certeza e ousadia diante do rei. A oração privada era a fonte do seu poder em público. Ele pôde permanecer imperturbável na presença do perverso monarca porque havia se ajoelhado humildemente diante de Deus. Mas também observe cuidadosamente que o profeta "orou com instância": a sua devoção não era estéril, formal nem apática, mas era de todo o coração, fervente e eficaz.

Em segundo lugar, *o seu conhecimento de Deus.* Isso é claramente sugerido nas palavras que ele dirige a Acabe: “Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel”. O SENHOR era para ele uma viva realidade. Por todos os lados, o reconhecimento da existência de Deus havia desaparecido. Até onde se podiam observar as aparências externas, não havia uma alma em Israel que acreditasse na sua existência. Mas Elias não era influenciado pela opinião e prática gerais. E por que seria, se ele tinha no próprio peito uma experiência que o capacitava a dizer como Jó: “Eu sei que o meu Redentor vive!”.1 Nem a infidelidade nem o ateísmo dos outros conseguem abalar a fé daquele que conhece a Deus. É isso que explica a ousadia de Elias, e foi isso que posteriormente provocou a intransigente fidelidade de Daniel e seus três amigos hebreus. Aquele que conhece a Deus de fato é forte (Dn 11.32) e não teme o homem.

Em terceiro lugar, *a sua consciência da presença de Deus.* “Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou”. Elias não somente estava seguro da realidade da existência do SENHOR, mas também estava consciente de estar na sua presença. Embora estivesse diante da pessoa de Acabe, o profeta sabia que estava na presença de alguém infinitamente maior do que qualquer monarca terreno, aquele diante de quem os anjos se curvam em reverente adoração. O próprio Gabriel não tinha declaração maior do que essa para fazer (Lc 1.19). Ah! Meu leitor! Uma bendita segurança como essa nos transporta acima de todo medo! Se o Altíssimo estava com ele, por que deveria o profeta tremer diante de um verme da terra? O Senhor Deus de Israel vive – “perante cuja face estou” – claramente revela o fundamento em que repousava a alma de Elias, à medida que desempenhava a sua desafiadora tarefa.

---

1 Jó 19.25.

CAPÍTULO 3

O RIBEIRO DE QUERITE

“Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu” (Tg 5.17). Nesse texto, Elias nos é apresentado como exemplo do que pode ser realizado por meio da súplica fervorosa de um “homem justo” (v. 16). Ah! Meu leitor! Atente bem para o adjetivo empregado, pois não é qualquer homem, nem mesmo qualquer cristão, que obtém respostas definidas às suas orações! Longe disso! O “homem justo” é aquele que vive em comunhão com Deus; é alguém cuja conduta é agradável à sua vista; alguém que mantém suas vestes limpas da contaminação do mundo e que está afastado da perversidade religiosa, pois não há maldade no mundo que desonre tanto a Deus e lhe desagrade tanto como a perversidade religiosa (Cf. Lc 10.12-15; Ap 11.8). Uma pessoa assim conta com os ouvidos do Céu, pois não há barreira moral entre a sua alma e o Deus que odeia o pecado. “[...] e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável” (1Jo 3.22).

Ele “orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra”. Que petição terrível para apresentar diante da Majestade no céu! Era incalculável a privação e o sofrimento que a resposta a essa oração havia de acarretar! A bela terra da Palestina se transformaria em um deserto árido e estéril, e os seus habitantes seriam arruinados por uma prolongada fome e com todos os horrores que acompanham esse fenômeno. Seria o caso, então, que esse profeta era um estoico frio e insensível, sem afeição natural? De forma nenhuma! O Espírito Santo tomou o cuidado de nos informar nesse mesmo versículo que ele era “homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos”, e isso é mencionado imediatamente antes de registrar a sua terrível petição. E o que significa essa descrição nesse contexto? Significa que, embora Elias fosse dotado de ternos sentimentos e calorosa consideração pelos seus semelhantes, contudo em suas orações ele se elevou acima de todo sentimentalismo carnal.

Por que razão Elias orou “para que não chovesse”? Não foi porque ele não se deixava influenciar pelo sofrimento humano, nem porque tivesse um

perverso prazer em testemunhar a miséria dos seus vizinhos, mas sim porque ele buscava *a glória de Deus* antes de qualquer outra coisa, até mesmo antes dos seus sentimentos naturais. Recorde o que afirmamos anteriormente a respeito das condições espirituais que prevaleciam naquela época em Israel. A situação não era apenas a ausência do reconhecimento público de Deus; não, de norte a sul, de leste a oeste, em toda extensão da terra, em todo lado, o SENHOR era abertamente insultado e desafiado pelos adoradores de Baal. Diariamente, a maré da iniquidade subia mais e mais, até ao ponto de ter agora varrido praticamente tudo diante dela. E Elias era "muito zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos" (1Rs 19.10 – RC) e desejava ver o grande nome de Deus vindicado e o seu povo apóstata restaurado. Assim, foi a glória de Deus e o verdadeiro amor por Israel que moveram a sua petição.

Eis, então, o que caracteriza "o justo", cujas orações são bem-sucedidas diante de Deus: embora ele seja alguém de ternos afetos, contudo põe a honra do Senhor antes de qualquer outra consideração. E Deus prometeu: "aos que me honram, honrarei" (1Sm 2.30). Entretanto, quão frequentemente são verdadeiras as seguintes palavra a nosso respeito: "pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres" (Tg 4.3). Nós "pedimos mal" quando somos influenciados por sentimentos naturais, quando motivos carnais nos movem, e quando considerações egoístas nos impulsionam. Mas como era diferente o caso de Elias! Ele estava profundamente agitado com as terríveis afrontas contra o seu Senhor e desejava ver outra vez reestabelecida a devida honra a Deus em Israel. "[…] e, por três anos e seis meses, não choveu". O profeta não fracassou em seu objetivo. Deus nunca se recusa a agir quando a fé se dirige a ele baseado na sua própria glória, e claramente foi sob essa base que Elias suplicou.

"Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4.16). Foi ali, junto a esse bendito trono, que Elias obteve a força que tanto precisava naquela hora. Ele não tinha sido chamado somente para manter suas próprias vestes limpas do mal que o cercava, mas também foi chamado a exercer uma santa influência sobre os outros, a ser instrumento de Deus em uma época degenerada, a empreender um sério esforço para trazer de volta o povo ao Deus de seus pais. Quão indispensável, então, era que ele obtivesse a graça do único que podia habilitá-lo para esse empreendimento difícil e perigoso! Era somente dessa forma que ele mesmo se veria liberto do mal, e somente dessa maneira ele poderia esperar tornar-se

instrumento para a libertação dos outros. Equipado, dessa forma, para o conflito, tomou o caminho do serviço, investido com o poder de Deus.

Ciente da aprovação do Senhor, certo da resposta à sua petição, consciente de que o Altíssimo estava com ele, Elias corajosamente confronta o perverso Acabe e anuncia o juízo divino sobre o seu reino. Mas façamos uma pausa por um momento, de forma que esse fato significativo penetre a nossa mente, pois ele nos esclarece a coragem *sobre-humana* mostrada pelos servos de Deus em todas as épocas. O que tornou Moisés tão destemido diante de Faraó? O que fez com que o jovem Davi avançasse ao encontro do poderoso Golias? De onde veio a força que Paulo teve para testificar da forma como o fez diante de Agripa? De onde Lutero obteve a convicção de que, "ainda que cada telha dos telhados fosse um demônio", ele haveria de prosseguir na sua missão? Em cada um desses casos, a resposta é a mesma: eles obtiveram força sobrenatural de uma fonte sobrenatural; é somente dessa forma que podemos receber vigor para lutar contra os principados e poderes do mal.

"Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam" (Is 40.29-31). Mas onde é que Elias aprendeu essa importantíssima lição? Não foi em algum seminário ou escola bíblica, pois se houvesse alguma instituição dessas naquele tempo, com certeza estaria, como algumas delas estão em nossa era degenerada, nas mãos dos inimigos do Senhor. Seminários ortodoxos não podem transmitir esse tipo de segredo; nem os santos homens de Deus podem ensinar a si mesmos essa lição; nem muito menos transmiti-la aos outros. Ah! Meu leitor! Da mesma forma que foi no "deserto" (Êx 3.1) que o Senhor apareceu a Moisés e o comissionou, assim também foi na solidão de Gileade que Elias teve comunhão com Yahweh e foi por ele treinado para essas difíceis tarefas. Foi ali que Elias teve de esperar no Senhor e, foi ali também que ele obteve força para o seu serviço.

Ninguém, a não ser o Deus vivo, pode dizer eficazmente a seu servo: "não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel" (Is 41.10). Dessa forma, assegurado da presença consciente do Senhor, o seu servo avança "intrépido como o leão",2 sem temer o homem, conservado em perfeita calma no meio das mais difíceis circunstâncias. Foi nesse espírito que

o tesbita confrontou Acabe: “Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou”. Mas quão pouco sabia aquele monarca apóstata do preparo secreto que teve a alma do profeta, antes que este se dirigisse à sua consciência!

“[...] nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a *minha* palavra”. Isso tudo é muito impressionante e maravilhoso. O profeta falou com a maior segurança e autoridade, pois estava entregando a mensagem de Deus, o servo identificando-se com o seu Senhor. Este deveria sempre ser o comportamento do ministro de Cristo: “nós dizemos o que sabemos e testificamos o que temos visto”.3

“Veio-lhe a palavra do SENHOR” (1Rs 17.2). Que maravilha! Contudo, temos de considerar isso à luz do versículo anterior. Pelo versículo anterior, aprendemos que Elias desempenhou fielmente a sua comissão; e, aqui, encontramos o Senhor falando outra vez ao seu servo. Assim, consideramos esse falar “outra vez” como uma graciosa recompensa daquilo que ocorreu antes. Este é sempre o caminho do Senhor: ele se deleita em manter comunhão com aqueles que se deleitam em cumprir a sua vontade. Estudar esse princípio por toda a Escritura é um plano de estudo grandemente proveitoso. Deus não dá novas revelações até que se obedeça àquelas *já recebidas*. Podemos ver um exemplo disso no início do chamado de Abraão. “Ora, disse o SENHOR a Abrão: [...] vai para a terra que te mostrarei” (Gn 12.1). Mas, em vez disso, ele foi só até a metade do caminho, e se estabeleceu em Harã (Gn 11.31); somente quando ele saiu dali e obedeceu por completo é que Deus novamente lhe apareceu (Gn 12.4-7).

“Veio-lhe a palavra do SENHOR, dizendo: Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão” (1Rs 17.2,3). Vemos exemplificada aqui uma importante verdade prática. Deus dirige os seus servos passo a passo. Isso tem de ser assim, pois o caminho que eles são chamados a seguir é o caminho da fé, e a fé se opõe tanto à vista como à independência. Não é próprio do Senhor revelar-nos todo o percurso que temos de seguir. Em vez disso, ele restringe a sua luz e ilumina-nos passo a passo, a fim de que sejamos conservados em contínua dependência dele. Essa é uma das mais salutares lições; contudo é uma lição que a carne está longe de apreciar, especialmente naqueles que naturalmente são zelosos, porém impetuosos. Antes que deixasse Gileade para ir a Samaria entregar sua solene mensagem, o profeta, sem dúvida, deveria pensar o que fazer assim que a tivesse entregado ao rei. Mas *isso* não era “problema” dele, naquela

hora. Ele estava para obedecer à ordem de Deus e deixou com ele a responsabilidade de mostrar-lhe o que fazer em seguida.

"Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas" (Pv 3.5,6). Ah! Amigo leitor! Se Elias tivesse se apoiado em seu próprio entendimento, com certeza ocultar-se junto ao ribeiro Querite teria sido a última coisa que ele teria escolhido fazer! Se tivesse seguido seus instintos, sim, se tivesse ele feito aquilo que a seus olhos parecia trazer mais glória a Deus, não teria ele começado uma jornada de pregações pelas cidades e vilas de Samaria? Não teria ele sentido que era sua sagrada obrigação fazer tudo ao seu alcance com o fim de despertar a consciência adormecida do povo, de forma que as pessoas – horrorizadas com a idolatria prevalecente – fariam pressão contra Acabe para que ele pusesse um fim naquilo tudo? Mas não era isso que Deus queria que Elias fizesse. O que, então, é o raciocínio e as inclinações naturais em relação às coisas de Deus? Nada.

"Veio-lhe a palavra do SENHOR". Perceba que não está escrito: "Foi-lhe revelada, então, a *vontade* do SENHOR" ou "tornou-se-lhe conhecida a *mente* de Deus". Queremos dar ênfase especial a esse detalhe, pois é um ponto que gera muita confusão hoje. Há muitos que enganam a si mesmos e aos outros com conversas piedosas a respeito de "conhecer a mente do Senhor" ou "descobrir a vontade de Deus" para eles, as quais, quando analisadas cuidadosamente, nada mais são do que uma vaga incerteza ou alguma impressão muito pessoal. A "mente" ou a "vontade" de Deus, amigo leitor, nós a conhecemos na *sua Palavra*, e ele jamais "quer" alguma coisa para nós que de alguma forma (por mínima que seja) vá de encontro a essa Regra Celestial. Mudemos a ênfase agora. Note que a Palavra do Senhor veio *a ele*. Não foi necessário que ele fosse atrás para procurá-la! (Cf. Dt 30.11-14).

E que "palavra" veio até Elias! "Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão" (1Rs 17.3). De fato, os pensamentos e os caminhos de Deus são inteiramente diferentes dos nossos. Sim, e somente ele pode manifestá-los a nós (Sl 103.7). É quase cômico ver como alguns comentaristas se equivocaram nesse ponto, pois quase todos eles dizem que a ordem de Deus tinha como objetivo prover *proteção* para o seu servo. À medida que prosseguia a seca mortífera, crescia mais e mais a confusão de Acabe; e, à medida que ele se lembrava das palavras do profeta de que não haveria nem orvalho nem chuva "segundo a

sua palavra", seu ódio contra o profeta não conhecia limites. Elias, então, precisava de um refúgio, se é que a sua vida tinha de ser preservada. Contudo, Acabe não tentou matá-lo na próxima vez em que se encontraram (1Rs18.17-20)! Se alguém argumentar: "Isso foi porque a mão restritiva de Deus se manifestou sobre o rei", concordaremos plenamente, e perguntaremos: "E Deus não era capaz de reprimir o rei também durante esse intervalo todo?".

Não, a razão dessa ordem do Senhor ao seu servo tem de ser procurada em outro lugar, e com certeza isso não é difícil de ser verificado. Se estamos todos de acordo que, à parte da dádiva da Palavra e do Espírito Santo para aplicá-la, a mais valiosa dádiva que Deus concede a um povo é o envio de seus servos ungidos, e a maior calamidade que pode cair sobre alguma nação é Deus retirar dali aqueles que ele designou para ministrar às almas. Dessa forma desaparece toda incerteza. A seca que veio sobre o reino de Acabe foi um castigo de Deus, e em harmonia com isso Deus ordenou ao profeta: "Retira-te daqui". A remoção do ministério da sua verdade é um claro sinal do desagrado de Deus, uma indicação de que ele está julgando um povo que o provocou à ira.

É importante destacar que a palavra hebraica traduzida como "esconde-te" (1Rs 17.3) é totalmente diferente da que se encontra em Josué 6.17,25 (quando Raabe *esconde* os espias) e em 1Rs 18.4,13. A palavra usada com relação a Elias poderia ser melhor traduzida assim: "volta-te para o oriente e *aparta-te"*, como aparece em Gênesis 31.49. Em um dado momento, o salmista perguntou: "Por que nos rejeitas, ó Deus, para sempre? Por que se acende a tua ira contra as ovelhas do teu pasto?" (Sl 74.1). E o que é que o levou a fazer essa triste pergunta? O que havia acontecido para que ele percebesse que a ira de Deus ardia contra Israel? Isto: "Deitam fogo ao teu santuário [...] Queimaram todos os lugares santos de Deus na terra. Já não vemos os nossos símbolos; *já não há profeta*" (Sl 74. 7-9). A remoção dos meios públicos de graça era o claro sinal do descontentamento de Deus.

Ah! Amigo leitor! Ainda que isso hoje em dia seja ignorado, não há prova maior e mais solene de que Deus está ocultando a sua face de um povo ou de uma nação do que quando ele os priva das inestimáveis bênçãos daqueles que fielmente ministram a eles a sua santa Palavra, pois assim como as misericórdias celestes excedem as terrenas, assim também as calamidades espirituais são muito mais terríveis do que as materiais! O Senhor declarou através de Moisés: "Goteje a minha doutrina como a chuva, destile a minha

palavra como o orvalho, como chuvisco sobre a relva e como gotas de água sobre a erva" (Dt 32.2). E agora todo orvalho e toda chuva seriam negados à terra de Acabe, não só literalmente, mas também espiritualmente. Aqueles que ministravam a sua Palavra foram removidos da cena de ação pública (Cf. 1Rs 18.4).

Se for necessária outra prova de que é bíblica a nossa interpretação de 1Rs 17.3, remetemos o leitor ao seguinte texto: "Embora o Senhor vos dê pão de angústia e água de aflição, contudo, *não se esconderão mais os teus mestres;* os teus olhos verão os teus mestres" (Is 30.20). O que poderia ser mais claro do que isso? Visto que o Senhor esconder os seus mestres era a pior perda que o seu povo podia sofrer, aqui ele lhes diz que a sua ira seria temperada com misericórdia, de forma que, embora ele lhes dê pão de adversidade e água de aflição, contudo não mais os privaria daqueles que ministravam às suas almas. Finalmente, queremos lembrar ao leitor as palavras de Cristo de que havia uma "grande fome" na terra nos dias de Elias (Lc 4.25), e relacionar a essas palavras a seguinte passagem: "Eis que vêm dias, diz o SENHOR Deus, em que enviarei fome sobre a terra, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do SENHOR. Andarão de mar a mar e do Norte até ao Oriente; correrão por toda parte, procurando a palavra do SENHOR, e não a acharão" (Am 8.11,12).

---

2 Provérbios 28.1.
3 João 3.11.

CAPÍTULO 4

A PROVAÇÃO DA FÉ

“Veio-lhe a palavra do SENHOR, dizendo: Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão” (1Rs 17.2,3). Como ressaltamos no capítulo anterior, não foi apenas para prover um abrigo seguro para Elias, para proteger o seu servo da ira de Acabe e Jezabel, que o SENHOR deu essa ordem ao profeta, mas para comunicar o seu imenso descontentamento contra o seu povo apóstata: retirar o profeta da cena de ação pública foi um juízo adicional sobre a nação. Não podemos deixar de apontar essa trágica analogia que hoje mais ou menos prevalece na cristandade. Durante as duas ou três últimas décadas,4 Deus retirou alguns eminentes e fiéis servos seus por meio da morte, e ele não somente não os substituiu, levantando outros em lugar desses, mas um número cada vez maior dos que ainda permanecem estão sendo por ele enviados ao isolamento.

Foi tanto para a glória de Deus como para o próprio bem do profeta que o Senhor lhe ordenou: “Retira-te daqui, [...] e esconde-te”. Foi um chamado à separação. Acabe era um apóstata, e a sua esposa era pagã. A idolatria abundava em toda parte. O SENHOR era publicamente desonrado. Era impossível que o homem de Deus tivesse simpatia ou comunhão com uma situação horrível dessas. O isolamento do mal é absolutamente essencial, se quisermos nos manter “incontaminados do mundo” (Tg 1.27). Não apenas separação da maldade secular, *mas da corrupção religiosa também.* O mandamento: “E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas” (Ef 5.11) é a exigência de Deus em cada dispensação. Elias se manteve como fiel testemunha do Senhor em uma época em que toda a nação apostatou; e, depois de ter entregado o seu testemunho ao cabeça responsável, o profeta tinha agora de retirar-se. Voltar as costas a tudo o que desonra a Deus é uma obrigação essencial.

Mas para onde Elias deveria ir? Anteriormente, ele tinha habitado na presença do Senhor, Deus de Israel. Ele pôde dizer: “perante cuja face estou”, quando pronunciou a sentença de juízo diante de Acabe, e ele continuaria habitando no lugar secreto do Altíssimo. O profeta não foi deixado aos seus próprios planos ou escolhas, mas foi dirigido a um lugar designado pelo

próprio Deus – fora do acampamento, longe de todo o sistema religioso. O Israel degenerado chegaria a conhecê-lo apenas como uma testemunha *contra* eles. Ele não teria lugar entre o povo, e não tomaria parte nem na vida social nem na vida religiosa da nação. Ele seguiria "para o oriente": o lado de onde vêm as luzes da manhã, pois aquele que é regulado pelos preceitos de Deus "não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida" (Jo 8.12). "[...] junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão". O Jordão assinalava os limites da terra. Isso era uma figura da morte; e, naquele momento, a morte espiritual pairava sobre Israel.

Mas que mensagem de esperança e conforto o "Jordão" não apresentava para aquele que andava com o Senhor! Quão apropriadamente ele falava ao coração daquele cuja fé era saudável! Não tinha sido exatamente ali que o SENHOR havia se mostrado forte em favor do seu povo nos dias de Josué? Não fora o Jordão o exato lugar que testemunhara o poder miraculoso de Deus quando Israel deixou o deserto para trás de si? Foi ali que o Senhor disse a Josué: "Hoje, começarei a engrandecer-te perante os olhos de todo o Israel, para que saibam que, como fui com Moisés, assim serei contigo" (Js 3.7). Foi ali que "o Deus vivo" fez as águas se amontoarem (v. 13), de forma que "todo o Israel passou a pé enxuto, atravessando o Jordão" (v. 17). Eram essas coisas que, sem sombra de dúvida, enchiam a mente do tesbita quando o seu Senhor lhe ordenou que fosse para *esse* exato lugar. Se a sua fé estava sendo exercitada, o seu coração estava em perfeita paz, sabendo que um Deus que opera milagres não haveria de falhar.

Foi também para o próprio bem pessoal do profeta que o Senhor agora lhe ordenava "esconde-te". Havia outro perigo que o ameaçava, diferente da fúria de Acabe. O sucesso das suas súplicas poderia tornar-se uma armadilha, enchendo-lhe o coração de orgulho, e até mesmo endurecendo-o quanto à calamidade que desolava a terra. Anteriormente, ele estava envolvido em oração secreta, e assim, por um breve momento, ele professou uma boa confissão diante do rei. Contudo, o futuro lhe reservava uma missão ainda mais honrada, porque chegaria o dia quando ele haveria de testemunhar por Deus não apenas na presença de Acabe, mas frustraria os planos e derrotaria por completo as hostes de Baal e, pelo menos até certo ponto, faria com que a nação errante voltasse outra vez ao Deus dos seus pais. Mas essa hora ainda não havia chegado nem Elias já estava pronto para ela.

O profeta precisava de mais instrução em secreto para pessoalmente falar outra vez por Deus em público. Ah! Querido leitor! O homem que o

Senhor usa deve manter-se humilde! Ele tem de experimentar disciplina severa, a fim de que a carne seja totalmente mortificada. São necessários mais três anos de solidão para o profeta. Como isso é humilhante! É lamentável que o homem seja tão pouco confiável: quão incapaz ele é de lidar com alguma posição de honra em que seja colocado! Quão rapidamente o "eu" levanta a cabeça, e o instrumento está pronto para crer que é algo mais do que mero instrumento! Quão lamentavelmente fácil é fazer do próprio serviço que Deus nos confia um pedestal para nos projetarmos a nós mesmos! Mas Deus não reparte a sua glória com ninguém, e por isso ele "esconde" aqueles que podem ser tentados a tomar para si alguma glória indevida. É somente quando somos retirados da vista do público e assumimos nosso lugar sozinhos com Deus que podemos aprender a nossa própria insignificância.

Claramente, vemos essa importante lição no trato de Cristo com os seus amados apóstolos. Em certa ocasião, eles retornaram até ele, regozijando-se com o sucesso e cheios de si mesmos. Eles "lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado" (Mc 6.30). É extremamente instrutiva a serena resposta de Cristo: "Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto" (v. 31). Esse continua sendo o seu gracioso remédio para quaisquer dos seus servos que possam se inchar com a própria importância e imaginar que a sua causa sobre a terra sofreria severo dano, se *eles* fossem retirados dela. Deus, muitas vezes, diz aos seus servos: "Retira-te daqui, [...] e esconde-te". Às vezes o propósito de Deus se realiza na frustração das esperanças ministeriais deles; às vezes, por meio da aflição de uma enfermidade que os prostra de cama, ou por meio de alguma severa privação. Feliz é aquele que, nessa ocasião, pode dizer de coração: "Seja feita a vontade do Senhor".

Todo servo que Deus se digna a usar precisa passar pela experiência de Querite, antes que esteja pronto para o triunfo do Carmelo. Esse é um dos princípios imutáveis dos caminhos de Deus. José sofreu as injúrias, tanto da cisterna como da prisão, antes de tornar-se governador de todo o Egito, abaixo apenas do próprio Faraó. Moisés gastou um terço da sua longa vida "atrás do deserto",5 antes que o SENHOR lhe desse a honra de liderar seu povo para fora da casa da servidão. Davi teve de aprender a suficiência do poder de Deus no campo, antes que se adiantasse para matar Golias à vista dos exércitos reunidos de Israel e dos filisteus. Assim também aconteceu com o perfeito Servo: viveu recluso e em silêncio durante 30 anos, antes que começasse seu breve ministério público. Assim também o chefe dos seus embaixadores: um tempo na solidão da Arábia foi seu aprendizado antes de

tornar-se o apóstolo dos gentios.

Mas não existe algum outro ângulo do qual possamos contemplar essa aparentemente estranha ordem: “Retira-te daqui, [...] e esconde-te”? Não foi isso um real e severo teste da submissão do profeta à vontade de Deus? Dizemos “severa” porque para um homem rude essa solicitação era muito mais exigente do que ir à presença de Acabe. Alguém com uma disposição fervorosa acharia muito mais difícil passar três anos em um anonimato inativo do que estar engajado em alguma missão pública. Este escritor pode testificar de sua longa e penosa experiência de que ser removido para um canto.6 (Is 30.20) é prova muito mais severa do que dirigir-se a grandes congregações cada noite, mês após mês. No caso de Elias, essa lição é óbvia: ele precisa aprender pessoalmente a prestar obediência implícita ao Senhor, antes de estar qualificado a comandar os outros em seu nome.

Vamos agora olhar mais de perto o lugar específico que Deus selecionou como aquele onde o seu servo haveria de residir temporariamente: “junto à torrente de Querite”. Ah! Era uma torrente e não um rio! Uma torrente que poderia secar a qualquer momento. É raro que Deus coloque os seus servos, ou mesmo o seu povo, no meio da luxúria e da abundância – estar saciado com as coisas deste mundo significa, muitas vezes, se afastar das afeições do próprio doador. “Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!”.7 É o nosso *coração* que Deus requer, e muitas vezes isso é posto à prova. No geral, a maneira como lidamos com as perdas temporais manifesta a diferença entre o verdadeiro cristão e o mundano. Este último se vê totalmente arrasado com os reveses financeiros, e frequentemente comete suicídio. Por quê? Porque se foi tudo o que era seu e nada restou pelo que viver. Em contraste, o crente genuíno pode ser severamente abalado e por algum tempo profundamente deprimido, mas ele recobrará o equilíbrio e dirá: “Deus ainda é a minha porção e eu de nada sentirei falta”.

Em lugar de um rio, muitas vezes Deus nos dá uma torrente, a qual pode jorrar hoje e secar amanhã. Por quê? Para nos ensinar a não descansar nas bênçãos em si, mas no próprio abençoador. Contudo, não é exatamente nesse ponto que tantas vezes falhamos? Nosso coração fica muito mais ocupado com as dádivas do que com o doador. Não é exatamente essa a razão por que o Senhor não nos confia um rio, a saber, porque isso inconscientemente tomaria o lugar dele em nosso coração? “Mas, engordando-se o meu amado, deu coices; engordou-se, engrossou-se, ficou nédio e abandonou a Deus, que o fez, desprezou a Rocha da sua salvação” (Dt 32.15). E essa mesma

tendência perversa existe dentro de nós. Às vezes pensamos que estamos sendo tratados com dureza porque Deus nos dá uma torrente em vez de um rio, mas isso acontece porque conhecemos tão pouco nosso próprio coração. Deus ama muito os seus para deixar facas perigosas nas mãos das crianças.

E como o profeta haveria de subsistir em um lugar desses? De onde viria a sua comida? Ah! Deus resolverá isso! Ele proverá o sustento dele: "Beberás da torrente" (v. 4). O que quer que aconteça com Acabe e seus idólatras, Elias não perecerá. Nos tempos mais difíceis, Deus vai se mostrar forte para com os seus. Qualquer outro pode passar fome, mas os seus serão alimentados: "o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas" (Is 33.16). Contudo, quão absurdo parece ao bom senso pedir a alguém que permaneça indefinidamente junto de uma torrente! Sim, mas foi *Deus* quem deu essa ordem, e os mandamentos divinos não são para discutir, mas para obedecer. Dessa forma, Elias foi chamado a confiar em Deus contrariamente à vista, à razão, e a todas as aparências exteriores, para descansar no próprio Senhor e esperar pacientemente nele.

Eu "[…] ordenei aos corvos que *ali mesmo* te sustentem" (v. 4). Preste atenção nas palavras em itálico. Talvez o profeta preferisse vários outros refúgios, mas ele teria de ir a Querite, se quisesse o suprimento divino. Por todo o tempo que permanecesse ali, Deus se comprometia a prover para ele. Quão importante, então, é a seguinte questão: "Estou no lugar que Deus (por meio da sua Palavra ou providência) designou para mim?". Se a resposta é sim, com toda certeza ele haverá de suprir cada uma das minhas necessidades. Mas se, à semelhança do filho mais moço, eu viro as costas para ele e marcho para um país distante, então, com certeza, à semelhança daquele pródigo, eu padecerei necessidade. Quantos servos de Deus que, trabalhando em circunstâncias difíceis ou modestas, com o orvalho do Espírito na alma e a bênção do céu sobre seu ministério, receberam um convite para trabalhar em outro lugar que oferece um campo mais amplo de trabalho (e até melhores condições de sustento!) e, uma vez que cedem à tentação, entristeceram o Espírito e viram o seu engajamento no reino de Deus chegar ao fim!

O mesmo princípio se aplica a qualquer membro do povo de Deus: eles têm de estar "no caminho" (Gn 24.27), às ordens de Deus, se quiserem receber os suprimentos divinos. "Seja feita a Tua vontade" vem antes de "O pão nosso de cada dia nos dá hoje". Mas quantos cristãos nominais (algum dos quais conhecemos pessoalmente) que moravam em certa cidade para

onde Deus enviou um dos seus servos qualificados, que os alimentava com “o mais fino trigo” e, por isso, as suas almas passaram a prosperar, receberam e aceitaram uma tentadora oferta de negócios de algum lugar distante, que melhoraria a posição deles neste mundo, e mudaram a sua tenda de lugar unicamente para entrar em um deserto espiritual, onde não havia disponível nenhum ministro que os edificasse! Em consequência disso, a alma desses cristãos começou a passar fome, seus testemunhos de Cristo foram arruinados, e sobreveio um período de infrutífera apostasia. Assim como Israel antigamente tinha de seguir a nuvem para que obtivesse os suprimentos do maná, assim nós temos de estar no lugar ordenado por Deus, se quisermos que nossa alma seja regada e nossa vida espiritual prospere.

Passemos agora a examinar os *instrumentos* escolhidos por Deus para ministrar as necessidades físicas do seu servo. Eu “[…] ordenei aos *corvos* que ali mesmo te sustentem”. Esse texto sugere várias ideias. Primeiro, veja aqui tanto a soberania como a absoluta supremacia de Deus: a sua soberania na escolha feita, e a sua supremacia no seu poder de executá-la. Ele é a sua própria lei. “Tudo quanto aprouve ao SENHOR, ele o fez, nos céus e na terra, no mar e em todos os abismos” (Sl 135.6). Ele proibiu o seu povo de comer corvos, classificando-os como impuros, sim, “uma abominação” para eles (Lv 11.15; Dt 14.14). Contudo, ele mesmo faz uso deles para levar comida ao seu servo. Como os caminhos de Deus são diferentes dos nossos! Ele empregou a própria filha de Faraó para socorrer o menino Moisés, e um Balaão para pronunciar uma das suas mais extraordinárias profecias. Ele usou a queixada de um jumento na mão de Sansão para destruir os filisteus, e uma funda e uma pedra para vencer o herói deles.

Eu “[…] ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem”. Oh! Que Deus é o nosso Deus! Os pássaros do céu, os peixes do mar, as feras selvagens do campo, sim, os próprios ventos e ondas lhe obedecem.8 Sim, “Assim diz o SENHOR, o que outrora preparou um caminho no mar e nas águas impetuosas, uma vereda; o que fez sair o carro e o cavalo, o exército e a força – jazem juntamente lá e jamais se levantarão; estão extintos, apagados como uma torcida. Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as antigas. Eis que faço coisa nova, que está saindo à luz; porventura, não o percebeis? Eis que porei um caminho no deserto e rios, no ermo. Os animais do campo me glorificarão, os chacais e os filhotes de avestruzes; porque porei águas no deserto e rios, no ermo, para dar de beber ao meu povo” (Is 43.16-20). Dessa forma, o Senhor fez com que aves de rapina, que vivem de

carniça, alimentassem o profeta.

Mas admiremos, além do poder de Deus, a sua *sabedoria.* A comida de Elias foi providenciada parcialmente de forma natural e parcialmente de forma sobrenatural. Havia água na torrente; assim, ele tinha acesso fácil a ela. Deus não vai operar nenhum milagre para evitar que alguém tenha dificuldades, ou para que se torne indiferente e preguiçoso, se a pessoa não se esforçar para conseguir o próprio sustento. Mas no deserto não havia comida; como é que o profeta haveria de consegui-la? Deus vai fornecê-la de forma miraculosa: "ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem". Se fossem usadas pessoas para levar-lhe alimento, possivelmente elas teriam divulgado o seu esconderijo. Se algum cão ou algum animal doméstico fosse até lá toda manhã e toda tarde, alguém poderia ter visto essas frequentes idas e vindas carregando comida, e ter a curiosidade despertada, passando a investigar o caso. Mas *aves* voando com carne para o deserto não iriam despertar suspeitas; quem as visse concluiria que estavam levando comida para os filhotes. Veja, então, quanto cuidado Deus tem com o seu povo! Quão cuidadoso ele é nos seus planos que faz a respeito deles! Ele sabe o que põe em risco a segurança do povo e sempre provê de acordo com isso.

"[…] esconde-te junto à torrente de Querite, [...] ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem". Vai imediatamente; sem acolher nenhuma dúvida, sem nenhuma hesitação. Embora fosse algo contrário ao seu instinto natural, essas aves de rapina têm de obedecer à ordem de Deus. Isso não nos deve surpreender nem parecer irreal. Foi o próprio Deus quem as criou, deu-lhes o seu instinto peculiar, e ele sabe como dirigir e controlar esse mesmo instinto. Ele tem poder para suspender ou alterá-lo conforme a sua boa vontade. A natureza é exatamente aquilo que Deus quis que fosse, e depende totalmente dele para continuar existindo. Ele sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder. Nele e por ele as aves e as feras, como também o homem, amam, movem-se e têm sua existência; e por isso ele pode, quando assim lhe parecer bem, tanto suspender como alterar a lei que ele impôs a qualquer uma das suas criaturas. "Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?" (At 26.8).

Ali no seu humilde esconderijo, o profeta teve de residir por muitos dias, embora não estivesse sem a garantia da preciosa promessa do sustento: o suprimento da provisão necessária tinha sido garantido por Deus. O Senhor tomaria conta do seu servo, enquanto estivesse escondido no anonimato, e iria alimentá-lo diariamente pelo seu poder miraculoso. Contudo, era uma

verdadeira prova da *fé* do profeta Elias. Quem jamais ouviu de tais instrumentos sendo utilizados – aves de rapina trazendo comida em tempos de fome! Seriam confiáveis os corvos? Não seria mais provável que eles devorassem a comida eles mesmos, em vez de trazê-la ao profeta? Ah! A confiança dele não devia estar nas aves, mas na clara palavra daquele que não pode mentir: “eu ordenei aos corvos”. Era no Criador e não na criatura, no próprio Senhor e não nos instrumentos, que o coração de Elias devia estar apoiado. Bendita coisa é ser elevado acima das “circunstâncias” e ter na promessa infalível de Deus uma segura certeza do seu cuidado.

---

4 O autor escreveu este livro na primeira metade do século XX.
5 Êxodo 3.1 – RC.
6 A versão *King James*, utilizada pelo autor, usa a expressão “*into a corner*” em Isaías 30.20, que significa “ser deixado em algum canto”, “ser deixado de lado”.
7 Marcos 10.23.
8 Mateus 8.27.

CAPÍTULO 5

A TORRENTE SECOU

"Retira-te daqui, vai para o lado oriental e esconde-te junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão. Beberás da torrente; e ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem" (1Rs 17.3,4). Preste bem atenção na sequência aqui: primeiro, o mandamento de Deus; depois, a preciosa promessa: Elias tem de cumprir a ordem de Deus a fim de ser alimentado de forma sobrenatural. A maioria das promessas de Deus é *condicional*. E isso não explica a razão por que muitos de nós não obtêm nada de bom das promessas, uma vez que falhamos no cumprimento das suas condições? Deus jamais recompensará a incredulidade ou a desobediência. Lamentavelmente, nós é que somos nossos piores inimigos, e perdemos muito devido à nossa perversidade. Tentamos mostrar no capítulo anterior os planos de ação elaborados por Deus, revelando a sua soberania, seu poder todo-suficiente, sua bendita sabedoria, e como esses planos demandavam do profeta tanto submissão como fé. Prosseguiremos, agora, com os acontecimentos seguintes.

"Foi, pois, e fez segundo a palavra do SENHOR; retirou-se e habitou junto à torrente de Querite, fronteira ao Jordão" (1Rs 17.5). A ordem de Deus a Elias não foi somente um grande teste para a submissão e a fé do profeta, mas foi também uma dura exigência sobre a *humildade* dele. Se ele estivesse dominado pelo orgulho, poderia ter dito: "Por que deveria eu seguir essas instruções? Seria covardia "esconder-me". Eu não estou com medo de Acabe; eu não vou me isolar". Ah! Querido leitor! Algumas das ordens de Deus são humilhantes demais para a arrogante carne e sangue! É possível que os seus discípulos não tenham se impressionado nem considerado como uma política valente para ser seguida, quando Cristo lhes disse: "Quando, porém, vos perseguirem em uma cidade, *fugi* para outra" (Mt 10.23). No entanto, foram essas as suas ordens e é necessário obedecer a ele. E por que deveria qualquer servo dele resistir a uma ordem como "esconde-te", quando a respeito do próprio Mestre nós lemos o seguinte: "Jesus se ocultou" (Jo 8.59)? Ah! Ele nos deixou exemplo em todas as coisas!

Além do mais, a obediência ao mandamento de Deus afetava imensamente o aspecto *social* da natureza de Elias. Há poucos que conseguem suportar a solidão. Para a maioria das pessoas, é uma severa

prova ser privado do contato com seus semelhantes. Os não convertidos não conseguem viver sem companhia. A convivência com pessoas que pensam como eles se faz necessária para conseguirem silenciar uma consciência inquieta e banir pensamentos perturbadores. E isso não é parecido com a grande maioria mesmo dos que se dizem cristãos? “Eis que estou convosco todos os dias” tem pouco significado real para a maioria de nós. Quão diferente era o contentamento, a alegria e o proveito encontrados na prisão por Bunyan e por Madame Guyon no seu confinamento solitário! Ah! Elias podia ser apartado dos seus semelhantes, mas não podia ser separado do próprio Senhor!

“Foi, pois, e fez segundo a palavra do SENHOR”. Sem hesitação nem demora, o profeta cumpriu a ordem de Deus. Esta foi uma bendita sujeição à vontade de Deus: entregar a mensagem do SENHOR ao próprio rei, ou depender dos corvos; Elias estava igualmente pronto para uma coisa e outra. Por mais irracional que pudesse parecer a ordem ou por mais desagradável que lhe parecesse o cenário, o tesbita prontamente obedeceu. Quão diferente foi isso do que aconteceu com Jonas, que fugiu da palavra do Senhor; sim, e quão diferentes as consequências: um, ficou preso por três dias e três noites no ventre da baleia; o outro, por fim, levado ao céu sem atravessar os portais da morte! Os servos de Deus não são todos iguais, nem quanto à fé, nem quanto à obediência, nem quanto aos frutos. Oh! Que todos nós possamos estar prontos a obedecer à Palavra do Senhor assim como Elias estava!

“Foi, pois, e fez segundo a palavra do SENHOR”. O profeta não se atrasou em obedecer à orientação de Deus, nem duvidou que Deus haveria de suprir todas as suas necessidades. É motivo de grande alegria poder obedecer a Deus nas circunstâncias difíceis e confiar nele na escuridão. Mas por que razão não haveríamos de confiar plenamente em Deus e descansar na sua promessa? Será alguma coisa difícil demais para o Senhor? Alguma vez alguma das suas promessas já falhou? Então não guardemos nenhum indício de incredulidade a respeito do seu cuidado para conosco no futuro. Passarão os céus e a terra, mas jamais passarão as suas promessas. Os cuidados de Deus com Elias foram registrados para nossa instrução. Oh! Que eles falem bem alto ao nosso coração, repreendendo nossa perversa desconfiança e levando-nos a clamar com sinceridade: “Senhor, aumenta-nos a fé”! O Deus de Elias ainda vive, e não decepciona a ninguém que confia na sua fidelidade.

“Foi, pois, e *fez* segundo a palavra do SENHOR”. Elias não só pregou a Palavra de Deus, mas ele a praticou. Essa é a urgente necessidade de nossos

dias. Há muito falatório, mas pouco agir segundo os mandamentos de Deus. Há muita atividade no campo religioso, mas frequentemente essas atividades ocorrem sem autorização da lei de Deus, e muitas vezes é completamente contrária a ela. “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1.22) – essa é a incessante exigência daquele com quem havemos de tratar! Obedecer é melhor que sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros.9 “Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que *pratica* a justiça é justo” (1Jo 3.7). É lamentável ver a quantidade de pessoas que se engana neste exato ponto: eles tagarelam acerca da justiça, mas não a praticam. “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7.21).

“Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer; e bebia da torrente” (1Rs 17.6). Que prova de que “quem fez a promessa é fiel” (Hb 10.23)! É mais fácil a natureza toda mudar o seu curso do que falhar uma das promessas de Deus. Oh! Que conforto encontramos aqui para o coração confiante: aquilo que Deus prometeu, ele com certeza haverá de executar! Nossa incredulidade fica totalmente sem justificativa; nossas dúvidas se tornam indizivelmente malignas. Muito da nossa falta de confiança é causada porque as promessas de Deus não são suficientemente reais e claras em nossa mente. Será que meditamos nas promessas do Senhor da forma como deveríamos fazer? Se fôssemos mais “apegados” a Deus (Jó 22.21 – BRA), se nós o “puséssemos” de forma mais definida diante do nosso coração (Sl 16.8 – BRA), não teriam as suas promessas muito maior peso e poder sobre nós?

“E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4.19). Não tem sentido perguntar: Como? O Senhor possui dez mil formas de cumprir a sua palavra. Talvez algum leitor esteja vivendo neste exato momento em profunda carência, sem reservas financeiras nem provisão de alimento. Sim, sem saber de onde virá a próxima refeição. Mas, se você é filho de Deus, ele não vai falhar com você; e, se a sua confiança está posta nele, de forma alguma ela será desapontada. De uma forma ou de outra, “O Senhor proverá”. “Temei o SENHOR, vós os seus santos, pois nada falta aos que o temem. Os leõezinhos sofrem necessidade e passam fome, porém aos que buscam o SENHOR bem nenhum lhes faltará” (Sl 34.9,10); “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas (comida e vestuário) vos serão

acrescentadas” (Mt 6.33). Essas promessas foram feitas a nós, para nos incentivar a nos apegarmos a Deus e a fazermos a sua vontade.

“Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer” (1Rs 17.6). Se aprouvesse ao Senhor, ele poderia ter alimentado Elias por meio de anjos, em vez de usar corvos. Havia, naquele tempo, certo homem chamado Obadias, homem hospitaleiro, que reservou em segredo uma mesa em uma caverna para 100 profetas de Deus (1Rs 18.4). Além do mais, havia 7.000 israelitas fiéis que não tinham dobrado os joelhos a Baal. Sem dúvida, qualquer deles teria considerado uma grande honra poder sustentar alguém tão eminente como Elias. Mas Deus preferiu usar os pássaros. Por quê? Não teria sido para dar tanto ao tesbita como a nós uma notável prova do seu absoluto controle sobre todas as criaturas, e por meio disso nos dar uma prova de que ele é digno de confiança nas mais graves necessidades? E o mais impressionante é isto: que Elias foi mais bem alimentado do que os profetas que Obadias sustentou, pois eles comiam apenas “pão e água” (1Rs 18.4), enquanto Elias, além de pão e água, comia também carne.

Embora Deus talvez não faça uso de corvos literais ao ministrar hoje aos seus servos e ao seu povo que estejam em necessidade, contudo ele muitas vezes opera tão certa e maravilhosamente ao determinar que os egoístas, os invejosos, os de coração endurecidos, e os que são ridiculamente imorais prestem assistência àqueles que são seus. Ele tem poder para fazê-lo, e muitas vezes os induz, contrariamente a suas disposições naturais e aos seus hábitos mesquinhos, a lidar com gentileza e liberalidade para com nossas necessidades. Ele tem o coração de todos nas mãos, e os inclina para onde queira a sua vontade (Pv 21.1). Como devemos ser gratos ao Senhor por nos enviar as suas provisões por meio de tais instrumentos! Não temos dúvida de que um bom número de nossos leitores poderia dar testemunho semelhante, fazendo suas as palavras deste escritor: quantas vezes, no passado, Deus, das mais inesperadas maneiras, proveu as nossas necessidades; se os corvos nos tivessem trazido alimento, não nos teriam surpreendido tanto quanto as pessoas usadas por Deus para fazê-lo.

“Os corvos lhe traziam pela manhã pão e carne, como também pão e carne ao anoitecer”. Note bem: não se mencionam nem vegetais, nem frutas, nem doces. Não havia nada luxuoso, mas só o estritamente essencial. “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1Tm 6.8). Mas será que é assim conosco? Lamentavelmente, vê-se muito pouco desse contentamento

piedoso em nossos dias, mesmo entre o povo do Senhor. Quantos não há que põe o coração nas coisas que são os ídolos dos ímpios! Por que razão os nossos jovens estão insatisfeitos com o padrão de conforto que bastava aos nossos pais? É necessário negar a si mesmo, se quisermos seguir aquele que não tinha nem onde reclinar a cabeça!

"[…] e bebia da torrente" (1Rs 17.6). Não vamos negligenciar essa informação, porque, nas Escrituras, nenhum detalhe é insignificante. A água da torrente era provisão de Deus tão verdadeira e definidamente como o pão e a carne que os corvos traziam. Não teria o Espírito Santo registrado esse detalhe a fim de nos ensinar que as misericórdias comuns da providência (como nós as chamamos) são também dádivas de Deus? Se temos recebido suprimento do necessário para sustentar nosso corpo, então temos de reconhecê-lo e sermos gratos para com Deus. Mas quantos há, mesmo entre cristãos professos, que se sentam à mesa para as refeições *sem* suplicar a bênção de Deus, e levantam-se sem lhe agradecer aquilo que acabaram de receber! Sobre isso, Cristo também nos deixou exemplo, visto que na ocasião em que alimentou a multidão, somos informados que "[...] Jesus tomou os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os entre eles" (Jo 6.11). Não deixemos de fazer o mesmo.

"E sucedeu que, passados dias, o ribeiro se secou, porque não tinha havido chuva na terra" (1Rs 17.7 – RC). Considere cuidadosamente estas três palavras: "E sucedeu que". Elas dizem muito mais do que simplesmente informar que algo aconteceu. Elas significam que o decreto de Deus a respeito da seca agora estava cumprido. "E sucedeu que" de acordo com a boa providência de Deus, que ordena todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, e sem cuja permissão nada acontece, nem mesmo um pardal cai sobre a terra (Mt 10.29). Isso deve confortar de modo especial os filhos de Deus, e deixá-los certos quanto a sua segurança. Com referência a Deus, não existe acaso; onde quer que esse termo ocorra na Bíblia, é sempre com referência ao homem, referindo-se a alguma coisa que acontece sem a interferência humana. Tudo o que acontece neste mundo ocorre exatamente como Deus ordenou desde o princípio (At 2.23). Empenhe-se para lembrar esse fato, prezado leitor, na próxima vez que você estiver em dificuldade e perigo. Se você é do povo de Deus, ele já proveu para toda e qualquer contingência na sua "Aliança eterna", e as suas misericórdias são "fiéis" (2Sm 23.5; Is 55.3).

"Mas, passados dias" (1Rs 17.7). Lightfoot entende que essa expressão

significa “depois de um ano”, o que com frequência é o sentido daquela expressão nas Escrituras. De qualquer forma, depois de certo intervalo de tempo, “a torrente secou”. Krummacher afirma que o próprio nome *Querite* significa “secura, aridez”, como se essa torrente costumasse secar mais rápido que as outras. É mais provável que fosse uma fonte vinda das montanhas, que descia por um estreito desfiladeiro. A sua água era suprida de modo natural, pela providência ordinária, mas naquele momento o curso da natureza foi alterado. O propósito de Deus estava cumprido, e a hora de o profeta sair para outro esconderijo havia chegado. O fato de o ribeiro secar foi um poderoso lembrete a Elias da transitoriedade de tudo o que é deste mundo. “[...] a aparência deste mundo passa” (1Co 7.31), e por isso “não temos aqui cidade permanente” (Hb 13.14). Em todas as coisas aqui em baixo estão estampadas a mudança e a decadência: não há nada estável debaixo do sol. Por essa razão, deveríamos estar preparados para mudanças súbitas em nossas circunstâncias.

Os corvos continuaram a trazer ao profeta pão e carne a cada manhã e a cada final de tarde, mas ele não poderia subsistir sem água. Mas por que razão Deus não haveria de suprir água de forma miraculosa, assim como o fez com a comida? Com toda certeza, ele poderia tê-lo feito. Ele poderia ter feito sair água da rocha, como fez com Israel e com Sansão na caverna (Jz 15.18,19 – RC). Sim, mas o Senhor não está preso a nenhum método; ele tem uma variedade de caminhos para atingir um mesmo objetivo. Às vezes, Deus age de certa forma; outras vezes, de outra; hoje usa determinado meio, e amanhã, outro, a fim de executar os seus planos. Deus é soberano e não está preso nem a leis nem a rotinas. Ele sempre age segundo a sua boa vontade, e o faz para mostrar a sua completa suficiência, para demonstrar a sua múltipla sabedoria, e para demonstrar a grandeza do seu poder. Deus não está limitado a nada, e se ele fecha uma porta, com facilidade abre outra.

“[…] a torrente secou”. Querite não haveria de jorrar para sempre; não, nem mesmo para o profeta. O próprio Elias precisava sentir como era terrível a calamidade que ele tinha anunciado. Ah! Querido leitor! Não é nada incomum que Deus permita que os seus próprios amados sejam envolvidos nas calamidades públicas dos transgressores! É verdade que ele faz uma real distinção tanto na utilidade como na finalidade dos seus açoites, mas não no sofrimento deles. Nós vivemos em um mundo que está debaixo da maldição de um Deus Santo, e por isso “o homem nasce para a aflição, tão certamente como as faíscas voam para cima”.10 Nem mesmo é possível escapar da

tribulação enquanto formos deixados neste cenário. O próprio povo de Deus, ainda que seja objeto do seu amor eterno, não está isento, pois "Muitas são as aflições do justo".11 Por quê? Por várias razões e com vários objetivos: um deles é afastar o nosso coração das coisas daqui de baixo, e levar-nos a pôr as nossas afeições nas coisas lá de cima.

"[…] a torrente secou". Aparentemente, isso foi uma grande infelicidade; para a mente carnal, isso foi uma verdadeira calamidade. Vamos tentar visualizar Elias ali em Querite. A seca estava em todo lugar, a fome grassava em toda a terra, e agora até aquela torrente começava a secar. Dia após dia as águas gradualmente diminuíam até ao ponto de se tornarem em breve um mero filete e, então, pararam por completo. Será que ele foi ficando ansioso e deprimido? Será que ele disse: "O que eu vou fazer? Será que devo ficar aqui e morrer? Será que Deus me esqueceu? Será que dei um passo errado, afinal, ao vir para cá?". Tudo dependia de quão firmemente a sua *fé* permanecia em exercício. Se a fé estava ativa, então ele admirava a bondade de Deus em fazer aquele suprimento de água durar por tanto tempo. Quão melhor é para nós, em vez de lamentarmos as nossas perdas, louvarmos a Deus por nos conceder as suas misericórdias por tanto tempo, especialmente quando nos lembramos de que elas nos são apenas *emprestadas,* e que não merecemos nem mesmo a menor delas.

Embora habitasse no lugar designado por Deus, Elias não estava isento daqueles intensos exercícios de alma que são sempre a disciplina necessária de uma vida de fé. É verdade que, em obediência à ordem de Deus, os corvos tinham visitado Elias todos os dias, suprindo-lhe alimento de manhã e de tarde, e a torrente havia fluído em seu curso tranquilo. Mas a fé tinha de ser testada e desenvolvida. O servo de Deus não podia ficar acomodado, mas tinha de prosseguir passo a passo na escola do Senhor; e, havendo aprendido (por meio da graça) as difíceis lições de uma, ele tinha agora de avançar para encarar outras ainda mais difíceis. Talvez o leitor esteja agora vendo secar-se a torrente da popularidade, da saúde que falha, dos negócios em crise, das amizades se reduzindo. Ah! Uma torrente que seca é uma verdadeira tribulação!

Por que Deus permite a torrente secar? Para nos ensinar a confiar nele e não nas suas dádivas. Como regra geral, ele não provê, por muito tempo, para o seu povo, da mesma forma e pelos mesmos meios, a fim de que eles não descansem *neles* e fiquem na expectativa de ajuda desses meios. Mas cedo ou mais tarde, Deus nos mostra quão dependentes somos *dele,* até mesmo para o

suprimento das misericórdias de todos os dias. Mas o coração do profeta tinha de ser testado, para mostrar se a sua confiança estava em Querite ou no Deus vivo. E assim também acontece no seu trato para conosco. Frequentemente, nós *pensamos* que nossa confiança está no Senhor, quando na realidade estamos descansando em circunstâncias cômodas; e quando elas se tornam desagradáveis, quanta fé nos resta?

---

9 1Samuel 15.22.
10 Jó 5.7.
11 Salmo 34.19.

CAPÍTULO 6

ELIAS EM SAREPTA

“[…] aquele que crer não foge” (Is 28.16 – BRA). Essa é uma regra que, observada, é para nós tanto sabedoria como bem-estar em toda a variedade de situações da nossa vida; mais do que nunca, uma regra necessária para o povo de Deus, neste mundo apressado e confuso. Talvez o seu emprego mais útil seja em relação à nossa leitura e estudo da Palavra de Deus. Não é tanto a quantidade de tempo que gastamos com as Escrituras, mas a proporção em que *meditamos* com reverência naquilo que estamos lendo, que basicamente determina o grau de benefício que a alma recebe dessa prática. Pelo fato de mudar de um versículo para outro – por falhar em visualizar vivamente em nossa mente os detalhes que se apresentam no texto, e por não nos esforçarmos para descobrir as lições práticas que se podem extrair dos eventos históricos, acabamos sendo grandes perdedores. Recebemos maior auxílio quando nos colocamos no lugar daquele a respeito de quem estamos lendo e quando pensamos o que possivelmente nós teríamos feito naquelas circunstâncias.

O estágio a que chegamos na vida de Elias é uma ilustração do que temos em vista no parágrafo anterior. No final do último capítulo, tínhamos chegado ao ponto em que “passados dias, *a torrente secou*”. Não vamos nos apressar muito para considerar o que veio em seguida; em vez disso, devemos tentar visualizar a situação do profeta e refletir sobre a tribulação que lhe sobreveio. Imagine o tesbita ali no seu humilde isolamento. Dia após dia a água da torrente diminuindo de forma constante. Será que as suas esperanças também diminuíam no mesmo ritmo? Será que as suas canções de adoração se tornaram mais débeis e menos frequentes à medida que a torrente diminuía seu ritmo e barulho sobre o leito rochoso? Será que ele pendurou a harpa nos salgueiros12 à medida que se entregava a ansiosos pensamentos e impacientemente andava de um lado para o outro? Não há nada nas Escrituras que nos informe sobre isso. Deus mantém em perfeita paz aquele cuja mente está firme nele.13 Sim, mas, para isso acontecer, o coração tem de estar firmemente confiado nele.

Este é o ponto importante: será que confiamos no Senhor em circunstâncias aflitivas ou somos apenas “cristãos de tempo bom”? É de

temer que, se nós estivéssemos ali diante daquela torrente que secava, a nossa mente teria se perturbado, e em vez de esperar pacientemente pelo Senhor, nos teríamos preocupado e feito planos, perguntando-nos o que seria melhor fazer depois. Então, certo dia, Elias acordou e achou a torrente completamente seca, e o seu suprimento de mantimento completamente interrompido! O que deveria ele fazer agora? Permanecer ali e morrer? Porque ele não tinha como sobreviver muito tempo sem nada para beber. Não teria ele de assumir o controle e fazer, por si mesmo, o melhor que podia? Não seria melhor desdizer tudo o que havia feito e arriscar-se à vingança de Acabe, do que permanecer onde estava e morrer de sede? Acaso duvidamos que Satanás o tenha importunado com essas tentações naquele momento de provação?

O Senhor lhe ordenara: "esconde-te junto à torrente de Querite" e acrescentou: "ordenei aos corvos que *ali mesmo* te sustentem". E é maravilhoso ver que ele *permaneceu* ali mesmo depois que o suprimento de água acabou. O profeta não se moveu dali enquanto não recebeu instrução definida do Senhor para mudar de residência. Assim foi também com Israel, antigamente, no deserto, enquanto se dirigiam à terra prometida: "Segundo o dito do SENHOR, os filhos de Israel partiam e segundo o dito do SENHOR assentavam o arraial; todos os dias em que a nuvem parava sobre o tabernáculo, assentavam o arraial. E, quando a nuvem se detinha muitos dias sobre o tabernáculo, então, os filhos de Israel tinham cuidado da guarda do SENHOR *e não partiam.* E era que, quando a nuvem poucos dias estava sobre o tabernáculo, segundo o dito do SENHOR, se alojavam e, segundo o dito do SENHOR, partiam. Porém era que, quando a nuvem desde a tarde até à manhã ficava ali e a nuvem se alçava pela manhã, então, partiam; quer de dia quer de noite, alçando-se a nuvem, partiam. Ou, quando a nuvem sobre o tabernáculo se detinha dois dias, ou um mês, *ou um ano,* [...] os filhos de Israel se alojavam *e não partiam*" (Nm 9.18-22 – RC). E isso está claramente registrado para nossa instrução e para nos confortar, e fazer o mesmo significará para nós tanto sabedoria como bem-estar.

"Então, lhe veio a palavra do SENHOR, dizendo: Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, onde ordenei a uma mulher viúva que te dê comida" (1Rs 17.8,9). Será que isso não deixa evidente quão sem sentido e desnecessário teria sido qualquer planejamento carnal por parte do profeta, se ele tivesse agido dessa forma? Deus não tinha se "esquecido de ser gracioso" nem haveria de deixar o seu servo sem a direção e orientação

necessárias, quando chegasse a hora de lhe conceder isso. Como isso deve falar alto ao nosso coração – nós que estamos por demais cheios de nossos próprios planos e imaginações! Em vez de dizer: “Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa”,14 nós planejamos alguma forma de sair de nossas dificuldades e depois pedimos que o Senhor abençoe nossos planos. Se um Samuel não chega no momento que esperamos, tentamos forçar as coisas (1Sm 13.12).

Contudo, observe que, antes que a Palavra de Deus chegasse novamente a Elias, tanto a sua fé como a sua paciência tinham sido postas à prova. Ao dirigir-se a Querite, o profeta agiu sob as ordens de Deus e, por essa razão, estava debaixo do especial cuidado de Deus. Poderia ele ter sofrido, então, algum grande prejuízo debaixo dessa tutela? Portanto, ele tinha de permanecer onde estava, até que Deus o orientasse para deixar aquele lugar, sem importar-se com quão desagradáveis viessem a se tornar as suas condições. Assim também é conosco. Quando se torna claro que Deus nos pôs onde estamos, ali devemos “permanecer” (1Co 7.20), mesmo que nossa permanência ali se faça acompanhar de dificuldades e de evidente perigo. Se, por outro lado, Elias tivesse deixado Querite por sua própria vontade, como teria ele podido contar com o Senhor para estar com ele tanto para suprir as suas necessidades como para livrá-lo dos seus inimigos? Isso também se aplica a nós, hoje, com a mesma eficácia.

Vamos considerar agora a nova provisão que Deus graciosamente supriu para o seu servo nessa retirada. “Então, lhe veio a palavra do SENHOR” (1Rs 17.8). Quantas vezes a sua palavra veio até nós: às vezes, diretamente; às vezes, através de algum dos seus servos; e perversamente temos recusado a obedecer-lhe. Se não o fazemos em palavras, contudo os nossos caminhos têm se assemelhado aos dos judeus rebeldes que, em resposta à amorosa censura de Jeremias, replicaram: “Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do SENHOR, não te obedeceremos a ti” (Jr 44.16). Em outras ocasiões, temos agido como aqueles de quem se fala em Ezequiel 33.31,32: “Eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois, com a boca, professam muito amor, mas o coração só ambiciona lucro. Eis que tu és para eles como quem canta canções de amor, que tem voz suave e tange bem; porque ouvem as tuas palavras, *mas não as põem por obra*”. E por quê? Porque a Palavra de Deus contradiz nossa vontade perversa e requer aquilo que é contrário à nossa inclinação natural.

“Então, veio a ele a palavra do SENHOR, dizendo: Levanta-te, e vai a Sarepta, que é de Sidom, e habita ali” (1Rs 17.8,9 – RC). Isso significava que Elias tinha de ser disciplinado por meio de mais provações e humilhações. Em primeiro lugar, o nome do lugar para onde Deus ordena que o seu servo se dirija é profundamente sugestivo, pois o termo *Sarepta* significa “refinamento” e vem de uma raiz que significa “crisol” ou “cadinho”, o lugar onde os metais são derretidos. Ali se apresentava diante de Elias não apenas mais um teste da sua fé, mas também o *refinamento* dela, pois um “crisol” serve para separar a escória do ouro fino. A experiência que agora se apresentava ao nosso profeta era muito difícil e desagradável à carne e ao sangue, pois ir de Querite a Sarepta implicava em uma jornada de 120 quilômetros pelo deserto. Ah! O lugar do refinamento não é facilmente alcançado e envolve tudo aquilo que nós naturalmente nos esquivamos!

Também temos de analisar com atenção que Sarepta estava “em Sidom”, o que significa que estava em território gentio, fora da terra da Palestina. Nosso Senhor deu ênfase a esse detalhe (no primeiro registro de um discurso público seu) como sendo uma das mais antigas sugestões do favor que Deus pretendia estender aos gentios, quando disse que “muitas viúvas havia em Israel” naquele tempo (Lc 4.25,26), que talvez (ou talvez não) teriam com boa vontade acolhido e socorrido o profeta; mas ele não foi enviado a nenhuma delas – que acusação severa contra a nação escolhida; foram todas preteridas! Mas o que é ainda mais notável é o fato de que “Sidom” era o próprio lugar de onde viera Jezabel, a mulher ímpia que havia corrompido Israel (1Rs 16.31)! Os caminhos de Deus são muito “estranhos” e, contudo, são sempre ordenados com infinita sabedoria! Como disse Matthew Henry: “A fim de mostrar a Jezabel a impotência da sua maldade, Deus provê um esconderijo para o seu servo no próprio país dela”.

Também é surpreendente observar o tipo de pessoa que Deus escolheu para hospedar Elias. Não foi um comerciante rico ou alguém da liderança de Sidom, mas uma pobre viúva – desolada e dependente – que Deus tornou tanto disposta como capaz de ministrar ao profeta. Este é, geralmente, o caminho de Deus: usar e honrar as “coisas loucas do mundo”15 para a sua própria glória. Quando comentamos a respeito dos corvos que trouxeram pão e carne ao profeta enquanto ele habitou junto à torrente, chamamos atenção à soberania de Deus e ao tipo estranho de instrumentos que ele se agradou em usar. A mesma verdade é ilustrada de forma viva aqui: uma pobre viúva! Uma gentia! Uma moradora de Sidom, lugar de onde veio Jezabel! Não pense

que é algo estranho, então, querido leitor, se o modo de Deus lhe tratar é exatamente oposto àquilo que você esperava! O Senhor é a sua própria lei, e o que ele requer de nós é confiança absoluta e submissão sem restrições.

"[…] eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente" (1Rs 17.9 – RC). A situação de necessidade extrema do homem é a oportunidade de Deus: quando Querite seca, então se abre Sarepta. Com isso devemos aprender a nos refrear das preocupações sobre o futuro. Lembre-se, querido leitor, de que o amanhã trará consigo o Deus do amanhã. "[...] não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel" (Is 41.10). Porque são a Palavra daquele que não pode mentir, faças dessas promessas certas e fiéis o apoio de tua alma; use essa Palavra para replicar a toda questão de incredulidade e toda calúnia maldosa do diabo. Veja que novamente Deus enviou Elias não a um rio, mas a uma "torrente"; não a uma pessoa rica, de grandes recursos, mas a uma pobre viúva de recursos limitados. Ah! O Senhor queria que o seu servo continuasse a depender unicamente dele, da mesma forma que já estava dependendo do *seu* poder e da *sua* bondade até aquele momento!

Isto foi de fato uma grande provação para Elias: não apenas enfrentar uma longa jornada através do deserto, mas ingressar em uma experiência totalmente contrária aos seus sentimentos naturais, ao seu treinamento religioso e às suas inclinações espirituais; tornar-se dependente de uma gentia em uma cidade pagã. Foi-lhe exigido que deixasse a terra dos seus pais, para morar temporariamente no quartel-general dos adoradores de Baal. É necessário percebermos a verdade que o plano de Deus para Elias requeria dele uma *obediência* incondicional. Aqueles que pretendem andar com Deus precisam não somente confiar totalmente nele, mas têm de estar preparados para serem inteiramente governados pela sua Palavra. Não somente a nossa fé precisa ser treinada por meio de uma grande variedade de providências, mas também a nossa obediência, por meio dos mandamentos de Deus. É inútil supor que se pode desfrutar da aprovação do SENHOR, a não ser que estejamos sujeitos aos seus preceitos. "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros" (1Sm 15.22). Na mesma hora em que desobedecemos, desfaz-se a nossa comunhão com Deus, e o castigo se torna a nossa porção devida.

Elias precisa ir a Sarepta para morar ali. Mas como poderá subsistir ali, se ele não conhece ninguém naquele lugar? Ora, ele pode ir porque o mesmo

que lhe deu a ordem também fez os devidos ajustes para que seja recebido e mantido naquela cidade. “Eis que ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente” (1Rs 17.9 – BRA). Isso não significa necessariamente que o Senhor revelou seu plano a ela (a sequência dos acontecimentos deixa claro o contrário). Em vez disso, entendemos que essas palavras significam que Deus tinha decretado essa situação em seus desígnios e iria efetuar tudo por meio das suas providências – compare com as suas palavras: “(eu) ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem” (1Rs 17.4). Quando Deus chama alguém do seu povo para ir a algum lugar, essa pessoa pode descansar, certa de que ele já proveu tudo para ela em seu propósito predeterminado. Deus, secretamente, inclinou essa viúva a receber e sustentar o seu servo. Todos os corações estão nas mãos do Senhor, e ele os inclina para onde quer.16 Ele pode incliná-los para nos mostrarem favor e proceder gentilmente para conosco, mesmo que sejamos completamente estranhos para eles. Muitas vezes, em locais bem diferentes do mundo, essa tem sido a experiência deste autor.

O chamado de Deus para que Elias fosse a Sarepta não só foi uma provação para a fé e a obediência dele, mas também a sua *humildade* foi posta à prova. Ele foi chamado para receber um favor das mãos de uma viúva desolada. Como é humilhante para o orgulho tornar-se dependente dos mais pobres entre os pobres. Como é vergonhoso para toda a autoconfiança e autossuficiência aceitar esmola de alguém que aparentemente não tinha suficiente nem para suas próprias necessidades mais urgentes! Ah! Precisamos da ajuda da pressão das circunstâncias para nos curvarmos diante daquilo que é repugnante às nossas inclinações naturais! Mais de uma vez, no passado, sentimos muito ter de receber dádivas e socorro daqueles que tinham poucos bens deste mundo, mas fomos confortados pela seguinte palavra: “também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades [...] e muitas outras, as quais *lhe* prestavam assistência com os seus bens” (Lc 8.2,3). A “viúva” nos fala de fraqueza e desolação. Israel estava viúva naquele tempo e, por isso, Elias foi levado a senti-lo em sua própria alma.

“Então, ele se levantou e se foi a Sarepta” (1Rs 17.10). Nisso, Elias deu prova de que de fato era servo de Deus, pois o caminho de um *servo* é o caminho da obediência; no momento em que abandona esse caminho, ele cessa de ser um servo. O servo e a obediência são tão inseparavelmente ligados como o trabalhador e o trabalho. Há muitos, hoje, que falam a

respeito do seu serviço *para* Cristo, como se este precisasse da assistência deles; como se a causa dele não fosse prosperar, se eles não a patrocinassem e promovessem; como se a arca santa inevitavelmente fosse cair no chão a não ser que mãos não santas a segurem. Isso tudo está errado, seriamente errado; isso tudo é produto do orgulho alimentado por Satanás. Para nós, o que é extremamente necessário é servir a Cristo: submissão ao seu jugo, rendição à sua vontade, sujeição aos seus mandamentos. Qualquer outro "serviço cristão" diferente do andar em seus preceitos é invenção humana, é energia carnal, é "fogo estranho".

"Então, ele se levantou e se foi a Sarepta" (1Rs 17.10). Como posso eu ministrar as coisas santas de Deus, a não ser que eu mesmo esteja trilhando o caminho da obediência? Na época de Paulo, o judeu se considerava muito importante, contudo não trazia nenhuma glória a Deus. "[...] estás persuadido de que és guia dos cegos, luz dos que se encontram em trevas, instrutor de ignorantes" (Rm 2.19,20). Então o apóstolo faz um verdadeiro exame da conduta desse homem: "[...] tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?" (v. 21). O princípio ali anunciado é penetrante e de ampla aplicabilidade. Cada um de nós que prega o evangelho deveria diligentemente medir a si mesmo. Tu que pregas que Deus requer a verdade no íntimo, és um homem de palavra? Tu que ensinas que devemos conduzir nossos negócios com honestidade diante dos homens, tens alguma conta por pagar? Tu que exortas os crentes a que sejam perseverantes na oração, quanto tempo gastas no lugar secreto? Se isso não ocorre, não te surpreendas se os teus sermões produzem pouco efeito.

Da tranquilidade do campo à difícil tarefa de confrontar o rei; da presença de Acabe à solidão de Querite; da torrente que secou à Sarepta. Os transtornos e os deslocamentos da Providência são necessários, se quisermos que nossa vida espiritual prospere. "Despreocupado esteve Moabe desde a sua mocidade e tem repousado nas fezes do seu vinho; não foi mudado de vasilha para vasilha" (Jr 48.11). É sugestiva a figura usada aqui. Pelo fato de Moabe ter ficado em paz por muito tempo, tornou-se apático e fraco. Ou, à semelhança de suco de uva não refinado, estragou-se. Deus estava mudando Elias "de vasilha para vasilha", de forma que a escória pudesse vir à tona e ser removida. Esse despertar do nosso sono e essa constante mudança das nossas circunstâncias não são experiência agradável, mas é algo essencial, se quisermos ser preservados de "repousar em nossas fezes"; mas, lamentavelmente, longe de apreciarmos os graciosos desígnios do Refinador,

quantas vezes somos petulantes e murmuramos quando ele nos transfere de uma vasilha para outra!

"Então, ele se levantou e se foi a Sarepta" (1Rs 17.10). Elias não fez nenhuma objeção, mas agiu como lhe foi ordenado. Ele não se demorou, mas se pôs imediatamente a caminho da sua desafiadora jornada. Estava tão disposto a ir a pé, como se Deus lhe tivesse providenciado uma carruagem. Ele estava tão pronto a atravessar um deserto, como se Deus lhe tivesse dito para deleitar-se em um jardim ensombrado. Elias estava tão disposto a pedir ajuda a uma viúva gentia, como se Deus lhe tivesse dito que voltasse aos seus amigos em Gileade. Pode parecer à mente carnal que ele estava colocando a cabeça na boca do leão, provocando um desastre certo ao dirigir-se à terra de Sidom, onde os agentes de Jezabel deveriam ser muitos. Mas uma vez que Deus lhe havia ordenado que fosse, para ele era certo obedecer (e errado era não obedecer), e por isso podia contar com a proteção de Deus.

Note bem que o Senhor não deu a Elias nenhuma informação a respeito da sua futura residência e forma de sustento, além de lhe dizer que seria em Sarepta e por meio de uma viúva. Em um tempo de fome, deveríamos ser profundamente gratos pelo suprimento do Senhor e ficar plenamente satisfeitos em deixar com ele a forma pela qual isso vai acontecer. Se o Senhor se responsabiliza por nos guiar na jornada da nossa vida, temos de ficar contentes com a sua forma de fazê-lo. É raro que ele nos revele muita coisa com antecipação. Na maioria das vezes, sabemos pouco ou nada antecipadamente. Como poderia ser diferente, se vamos andar *pela fé?* Temos de confiar inteiramente nele para o pleno desenvolvimento do seu plano a nosso respeito. Mas, se de fato estamos andando com Deus, tomando cuidado para que nossos caminhos estejam de acordo com a sua Palavra, gradualmente ele tornará claras as coisas. As suas providências haverão de resolver nossas dificuldades, e aquilo que não sabemos agora, haveremos de saber mais tarde. Foi assim que aconteceu com Elias.

---

12 Salmo 137.2.
13 Isaías 26.3 – RC.
14 Salmo 62.5.
15 1Coríntios 1.27.
16 Provérbios 21.1.

CAPÍTULO 7

A EXTREMA NECESSIDADE DE UMA POBRE VIÚVA

"Então, lhe veio a palavra do SENHOR, dizendo: Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, onde ordenei a uma mulher viúva que te dê comida" (1Rs 17.8,9). Note a conexão que há entre esses dois versículos. O sentido espiritual deles talvez fique mais claro para o leitor, se pusermos o assunto da seguinte forma: se quisermos que nossa alma seja nutrida e fortificada, nossas ações têm de ser reguladas pela Palavra de Deus. Esta foi uma das notórias lições ensinadas a Israel no deserto: o alimento deles e o repouso somente podiam ser obtidos enquanto viajavam no caminho da obediência (Nm 9.18-23 – preste atenção nas sete vezes em que aparece nessa passagem a expressão "Segundo o mandado do SENHOR"). O povo de Deus no passado não podia ter nenhum plano próprio. O Senhor providenciou tudo para eles – quando deveriam andar e quando deveriam ficar acampados. Caso se recusassem a seguir a nuvem, não haveria maná para eles.

Assim também foi com Elias, porque Deus estabeleceu a mesma regra tanto para os ministros como para aqueles a quem eles ministram: eles têm de praticar o que pregam, ou então "ai deles!". Ao profeta não foi permitido ter vontade própria para decidir por quanto tempo deveria permanecer em Querite ou quando deveria partir dali. A Palavra do SENHOR determinou tudo para ele, e por *obedecer* a essa Palavra ele recebeu o *sustento*. Que verdade profunda e importante nós temos aqui para cada cristão: o caminho da obediência é o único caminho da bênção e da riqueza espiritual. Ah! Será que não descobrimos aqui mesmo a causa da nossa pobreza, e a explicação para nossa falta de fruto? Não é porque temos sido tão cheios de vontade própria ao ponto de nossa alma padecer fome e nossa fé se enfraquecer? Não será por ter havido tão pouca negação de nós mesmos, tão pouco do tomar a cruz e seguir a Cristo, que estamos tão doentes e sem alegria?

Não há nada que beneficie tanto a saúde e a alegria de nossa alma como estar em sujeição à vontade daquele a quem haveremos de prestar contas. E o pregador também tem de prestar atenção a esse princípio, tanto quanto o cristão comum. O pregador também precisa trilhar o caminho da obediência, se quiser ser usado por aquele que é santo. Do contrário, como poderia Elias

ter dito depois com tanta segurança no monte Carmelo: “Se o Senhor é Deus, segui-o”, se ele previamente tivesse seguido um caminho de autocongratulação e insubordinação? Como já destacamos no capítulo anterior, aquilo que está naturalmente relacionado ao “serviço” é a obediência. As duas coisas estão indissoluvelmente unidas. Tão logo eu deixe de obedecer ao meu Senhor, deixo de ser o seu “servo”. Fazendo essa associação, lembremo-nos que um dos mais nobres títulos de nosso Rei era “*O Servo do* SENHOR”. Nenhum de nós pode sequer almejar um alvo maior do que aquele que era a inspiração do seu coração: “Eis-me aqui, ó Deus, para fazer a tua vontade”.17

Mas temos de admitir francamente que o caminho da obediência a Deus está longe de ser fácil para a nossa natureza. Todos os dias, esse caminho nos chama à negarmos a nós mesmos, e por isso só pode ser percorrido à medida que se fixam os olhos firmemente no Senhor e a consciência se encontra em sujeição à sua Palavra. É verdade que em guardar os seus mandamentos “há grande recompensa” (Sl 19.11), pois o Senhor jamais será devedor ao homem; entretanto, isso exige que se ponha de lado a razão carnal e que vá para Querite para ali ser alimentado pelos corvos; como pode um intelecto orgulhoso entender isso? E agora se exige de Elias que vá a uma cidade distante e pagã, para ali ser sustentado por uma viúva desamparada, que estava a ponto de morrer de fome. Ah! Meu leitor! O caminho da fé é totalmente oposto ao que chamamos “bom senso” e, se você sofre da mesma doença deste autor, então sabe que muitas vezes é mais difícil crucificar a razão do que repudiar os trapos da justiça própria! “Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha” (v. 10). Ela era tão pobre que não tinha meios de cozinhar, nem mesmo tinha algum servo que saísse para lhe apanhar lenha. Que alento poderia Elias obter do que estava vendo? Nenhum; em vez disso, tudo contribuiria para enchê-lo de dúvidas e medo, se ele olhasse para as circunstâncias exteriores. “Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha; ele a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber. Indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me também um bocado de pão na tua mão. Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e

morreremos” (v. 10-12). Foi isso que o profeta encontrou, quando chegou ao destino divinamente indicado! Coloque-se no lugar dele, querido leitor, não teria você considerado uma cena dessas como deprimente e inquietante?

Mas Elias “não consultou carne e sangue”; por isso não se desanimou ao contemplar essa situação tão pouco promissora. Em vez disso, o seu coração foi sustentado pela imutável Palavra daquele que não pode mentir. A confiança de Elias repousava não em circunstâncias favoráveis ou em boa aparência, mas na fidelidade do Deus vivo; e, assim, a sua fé não precisava do apoio das coisas que o cercavam. As aparências podem ser escuras e funestas, mas os olhos da fé penetram as nuvens negras e veem acima delas o sorridente rosto do seu Provedor. O Deus de Elias era o Altíssimo, para quem todas as coisas são possíveis. Eu “ordenei a uma mulher viúva que te dê comida”: era *nisso* que o coração dele repousava. Em que é que o *seu* coração repousa? Você está em paz neste ambiente instável? Você tomou posse para si mesmo de alguma das suas firmes promessas? “Confia no SENHOR e faze o bem; habitarás na terra e, verdadeiramente, *serás* alimentado” (Sl 37.3 – RC). “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia. Pelo que não temeremos, ainda que a terra se mude” (Sl 46.1,2 – RC).

Mas vamos retornar às circunstâncias exteriores com as quais Elias se deparou ao chegar a Sarepta. “Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha”. Deus havia dito ao seu servo que fosse até lá e havia prometido que uma viúva o sustentaria, mas não lhe disse o nome dela, nem onde morava, nem como a identificaria entre as outras pessoas. Ele confiou que Deus lhe daria maior orientação quando chegasse ali; e não se desapontou. Ele foi recebido pela própria pessoa que o haveria de acolher. Aparentemente, esse encontro foi inteiramente casual, uma vez que nada havia sido combinado entre eles. “[...] *estava ali* uma mulher viúva”; veja como o Senhor, na sua providência, controla todos os acontecimentos, de forma que essa mulher específica estivesse à porta da cidade no exato momento em que o profeta chegou!

Note como ela se apresenta: como se de fato viesse para encontrá-lo; contudo ele não a conhecia, nem ela o conhecia. Tudo parece acidental e, entretanto, foi inteiramente decretado e ordenado por Deus, de forma que se cumprisse a sua palavra dita ao profeta. Ah! Caro leitor! Não existe acontecimento neste mundo, nem grande nem pequeno, que ocorra por acaso! “Eu sei, ó SENHOR, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos” (Jr 10.23). Que bênção é ter a

certeza de que “O SENHOR firma os passos do homem bom” (Sl 37.23). É pura incredulidade desvincular de Deus as coisas comuns da vida. Todas as nossas circunstâncias e experiências são dirigidas pelo Senhor. “Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11.36). Cultive o hábito santo de ver a mão de Deus em tudo o que lhe acontece.

“[…] chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva”. Como isso ilustra mais uma vez um princípio a que, com frequência, chamamos a atenção do leitor: que, quando Deus trabalha, ele sempre opera em *mão dupla*. Se Jacó envia os filhos ao Egito em busca de alimento em tempo de fome, José é movido a providenciá-lo para eles. Se os espias israelitas entram em Jericó, aí está Raabe que se levanta para escondê-los. Se Mordecai está orando ao Senhor por proteção ao seu povo ameaçado, o rei Assuero perde o sono e acaba encontrando os registros reais que favorecem Mordecai e seus companheiros. Se o eunuco etíope está desejoso por entender a Palavra de Deus, Filipe é enviado para explicá-la a ele. Se Cornélio está orando para entender o Evangelho, Pedro é encarregado de pregá-lo a ele. Elias não tinha recebido nenhuma informação sobre onde morava essa viúva, mas a providência de Deus cronometrou os passos dela de tal forma que ela o encontrou à entrada da cidade. Como esses fatos encorajam a fé!

Aqui estava, então, a viúva; mas como Elias saberia que era ela a pessoa que Deus havia ordenado que o ajudasse? Bem, ele tinha de fazer um teste, como teve de fazer o servo de Abraão com Rebeca, quando foi enviado para buscar uma esposa para Isaque: Eliézer orou para que a moça a quem ele dissesse “dá-me um pouco de água do teu cântaro” e que ela respondesse “Bebe, e também tirarei água para os teus camelos, seja essa a mulher que o SENHOR designou para o filho de meu senhor” (Gn 24). Rebeca surgiu e preencheu essas condições. Do mesmo modo Elias testou a mulher para ver se ela era benevolente: “Traze-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber”. Exatamente como Eliézer considerou que somente alguém possuído de bondade seria uma companheira adequada para o filho do seu senhor, assim Elias estava convicto que somente uma pessoa de mente generosa poderia sustentá-lo em um tempo de fome e seca.

Ele “a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber”. Observe o comportamento gracioso e cheio de respeito de Elias. O fato de que ele era um profeta do SENHOR não o autorizava a tratar essa pobre viúva de maneira arrogante e autoritária. Em vez de mandar, ele disse: “peço-

te". Que repreensão temos aqui àqueles que são orgulhosos e impertinentes. Devemos tratar a todos com cortesia: "sede todos [...] afáveis" (1Pe 3.8 – RC) é um dos preceitos divinos a todos os crentes. E como foi severo o teste a que Elias submeteu essa pobre mulher: trazer-lhe uma vasilha de água para ele beber! Contudo, ela não fez nenhuma objeção nem exigiu um alto preço por aquilo que, naquela ocasião, se havia tornado um luxo custoso; não, ela não o fez, mesmo que Elias fosse um completo estrangeiro, alguém de outra raça. Maravilhemo-nos aqui com o poder de Deus, que consegue mover o coração humano para agir bondosamente para com os seus servos.

"Indo ela a buscá-la". Sim, ela deixou de apanhar lenha para si mesma e, em atenção imediata ao pedido desse estrangeiro, partiu para buscar-lhe água. Aprendamos a imitá-la no respeito e estejamos sempre prontos para agir com bondade para com os nossos semelhantes. Se não temos os recursos necessários para dar aos necessitados, devemos estar prontos a trabalhar para consegui-los (Ef 4.28). Embora não nos custe nada mais do que o trabalho de ir buscá-lo, um copo de água fria de forma nenhuma deixará de receber o seu galardão. "Indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me também um bocado de pão na tua mão" (1Rs 17.11). O profeta fez outro pedido para testá-la ainda mais (e que teste!) – repartir com ele a sua última refeição – e também para facilitar a conversa que teria com ela mais adiante.

"Traze-me também um bocado de pão na tua mão" (1Rs 17.11). Que pedido egoísta isso não pareceu! Muito provavelmente, a natureza humana se ressentiria de um pedido desses a alguém de tão escassos recursos. Mas na realidade era Deus visitando-a na hora da sua mais profunda necessidade. "Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vós, e se detém, para se compadecer de vós, porque o SENHOR é Deus de justiça; bem-aventurados todos os que *nele esperam"* (Is 30.18). Mas, primeiro, essa viúva tinha de ser provada, da mesma forma que outra mulher gentia, mais tarde, foi provada pelo Senhor encarnado (Mt 15.21-28). Deus, de fato, iria suprir todas as necessidades dela; mas será que ela confiaria nele? Dessa mesma forma, muitas vezes, ele permite que as coisas piorem antes que haja alguma melhoria. Ele "espera para ter misericórdia". Por quê? Para nos conduzir ao fim de nós mesmos e dos nossos recursos, até que tudo pareça perdido e estejamos em desespero para podermos, com maior clareza, discernir a sua mão libertadora.

"Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de

azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos" (1Rs 17.12). Os efeitos da terrível fome e seca na Palestina foram também sentidos nos países próximos. Com referência ao "azeite" que essa viúva possuía em Sarepta de Sidom, J. J. Blunt, em sua admirável obra *"Undesigned Coincidences in the Old and New Testament*",18 traz um capítulo muito esclarecedor. Ele ressalta que, na divisão da terra de Canaã, a região de *Sidom* foi designada para *Aser* (Js 19.28). Depois o autor conduz o leitor de volta a Deuteronômio 33, lembrando que, quando Moisés abençoou as doze tribos, ele disse: "Bendito seja Aser entre os filhos de Jacó, agrade a seus irmãos e banhe em *azeite* o pé" (Dt 33.24), indicando a fertilidade daquela região e qual seria o seu principal produto. Dessa forma, após um longo período de fome, era muito provável que se encontrasse azeite *ali.* Por isso, quando comparamos Escritura com Escritura, vemos a sua perfeita harmonia.

"[…] vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e *morreremos"* (1Rs 17.12). Pobre alma! Reduzida à necessidade extrema e final, sem nada mais além de uma dolorosa morte encarando-a face a face! A linguagem dela era da razão carnal, e não a linguagem da fé; da incredulidade, e não da confiança no Deus vivo; sim, e muito natural, naquelas circunstâncias. Até aquele momento, ela nada sabia da palavra dita a Elias: "eis que eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente" (1Rs 17.9 – RC). Não, ela pensava que havia chegado o fim de tudo. Ah! Prezado leitor! Como Deus é melhor do que os nossos medos! Os hebreus incrédulos pensavam que passariam fome no deserto, mas não passaram. Certa vez, Davi disse em seu coração: "Ora, ainda algum dia perecerei pela mão de Saul" (1Sm 27.1 – RC), mas isso não aconteceu. Os apóstolos pensaram que se afogariam no mar tempestuoso, mas isso não ocorreu.

"Porém ela respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos" (1Rs 17.12). Para a vista natural, para a razão humana, parece impossível que ela pudesse sustentar qualquer pessoa. Em pobreza extrema, ela chegara ao final das suas provisões. E os seus olhos não estavam postos em Deus (como também não estão os nossos, até que o Espírito opere em nosso interior!), mas na panela, e *esta* agora estava falhando; em consequência disso, nada

mais havia na sua mente a não ser a *morte.* A incredulidade e a morte estão unidas de forma inseparável. A confiança dessa viúva estava posta na panela e na botija e, além delas, a mulher não divisava nenhuma esperança. Até aquele momento, ela nada conhecia da felicidade de ter comunhão com aquele a quem somente pertencem "as saídas para escapar da morte" (Sl 68.20 – RC). Ela ainda não era capaz de "em esperança, crer contra a esperança" (Rm 4.18 – RC). Misericórdia! Que coisa frágil é essa esperança que se apoia em nada mais do que uma panela de farinha!

Como somos inclinados a nos apoiar em coisas tão sem valor como uma panela de farinha! E enquanto fizermos isso, as nossas expectativas serão sempre insuficientes e passageiras. Contudo, por outro lado, é preciso lembrar que a menor medida de farinha nas mãos de Deus é, para a fé, tão suficiente e eficaz como "os gados sobre milhares de outeiros"19. Mas, lamentavelmente, é raro ver a fé sendo exercitada de modo sadio. Por muitas vezes, somos como os discípulos quando, na presença da multidão faminta, exclamaram: "Está aí um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas *isto* que é para tanta gente?" (Jo 6.9). Essa é a linguagem da incredulidade, do raciocínio carnal. A fé não se ocupa com as dificuldades, mas com aquele com quem as coisas são possíveis. A fé não se ocupa com as circunstâncias, mas com o Deus das circunstâncias. Foi isso o que aconteceu com Elias, como veremos a seguir.

E que grande provação foram essas tristes palavras da pobre viúva para a fé de Elias! Considere a situação que agora se apresentou aos seus olhos. Uma viúva e o seu filho padecendo fome; alguns gravetos, um punhado de farinha, e um pouco de azeite entre eles e a morte. Apesar disso, Deus havia dito a ele: "eu ordenei ali a uma mulher viúva que *te sustente*" (1Rs 17.9). Quantos não exclamariam: "Quão profundamente misterioso é isso tudo, que experiência difícil é essa do profeta!". Pois, em vez de tornar-se um peso para ela, ele é que deveria ajudá-la. Mas do mesmo modo que Abraão antes dele, Elias "não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu".20 Ele sabia que o dono dos céus e da terra havia decretado que ela *haveria* de sustentá-lo e que, mesmo não havendo farinha nem azeite nenhum, isso de forma alguma lhe desanimava o espírito ou o atemorizava. Oh! Caro leitor! Se você conhece, por experiência própria, alguma coisa da bondade, do poder e da fidelidade de Deus, cuide para que a sua confiança nele permaneça inabalável, quaisquer que sejam as aparências!

"[...] vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida

para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos” (1Rs 17.12). Observe com atenção que essa mulher não se omitiu no cumprimento da sua responsabilidade. Até o final de tudo, ela foi diligente, fazendo uso dos meios que tinha à mão. Em vez de dar lugar ao completo desespero sentada em algum canto retorcendo as mãos, ela estava ativamente ocupada, apanhando cavacos para aquela que ela pensava ser a sua última refeição. Esse detalhe não é insignificante, mas é um fato que temos de guardar na mente. Em nenhuma circunstância, a preguiça se justifica, e muito menos em alguma emergência. Sim, quanto mais desesperadora é a situação, tão maior a necessidade de nos estimularmos ao movimento. Dar lugar à depressão nunca traz algum benefício. Cumpra a sua responsabilidade até o final, mesmo que isso seja a preparação para a sua última refeição. A viúva foi ricamente recompensada pelo seu labor diligente. Foi enquanto ela estava *no caminho do dever* (as responsabilidades domésticas!), que Deus, por meio do seu servo, a encontrou e abençoou.

---

17 Hebreus 10.7,9 (Salmo 40.7).
18 Em tradução livre: “Coincidências não intencionais do Antigo e do Novo Testamentos”.
19 Salmo 50.10 – BRA.
20 Romanos 4.20.

CAPÍTULO 8

O SENHOR PROVERÁ

Neste capítulo, veremos como o profeta se portou em um ambiente e em circunstâncias completamente diferentes daquelas em que estava envolvido anteriormente. Até aqui vimos um pouco de como ele se portou em público: sua coragem e dignidade espiritual diante de Acabe; e também como ele agiu privadamente: a sua vida secreta diante de Deus junto à torrente de Querite – obediente à palavra do Senhor, pacientemente aguardando as suas próximas instruções. Mas aqui o Espírito nos concede uma visão de como Elias se conduziu na casa da viúva de Sarepta, revelando a suficiência da graça de Deus para os seus servos e para o seu povo em toda e qualquer situação em que se encontrarem. Oh! Quão frequentemente o servo de Deus que é firme em público e fiel nas suas devoções secretas falha de modo lamentável na esfera doméstica, no círculo familiar! Isso não deveria acontecer, e não aconteceu com Elias.

O assunto a que acabamos de nos referir talvez exija algumas observações, que faremos sem pretender esgotar o assunto, mas apenas exemplificá-lo. Por que razão é que frequentemente o servo de Deus não tem tanto sucesso em casa como o tem quando está no púlpito ou em seu quarto de oração? Em primeiro lugar, quando sai para desempenhar as suas obrigações públicas, ele se arma para a batalha contra o inimigo; mas ele retorna ao lar com a energia emocional gasta, desejando repousar e recuperar-se. É nessa ocasião que ele fica mais propenso a descontrolar-se e irritar-se com coisas insignificantes. Em segundo lugar, quando ministra em público, ele está consciente de que está se opondo aos poderes do mal, mas no círculo familiar ele está cercado por aqueles que o amam, e não fica em diligente prontidão, e sem perceber que Satanás pode usar os seus amigos para tirar vantagens sobre ele. Em terceiro lugar, estar consciente da própria dedicação em público pode ter estimulado o seu orgulho, e um espinho na carne – a dolorosa percepção de falhar no lar – pode ser necessário para humilhá-lo. Contudo, não há justificativa para conduzir-se de forma desonrosa a Deus dentro do seu lar, da mesma forma que isso não se justifica no púlpito.

No capítulo anterior, discorremos sobre como Elias, em resposta à ordem do SENHOR, deixou seu refúgio em Querite, atravessou o deserto e

pontualmente chegou às portas de Sarepta, onde o Senhor havia (secretamente) ordenado a uma mulher viúva que o sustentasse. Ele a encontrou na entrada da cidade, embora em circunstâncias completamente desesperadoras aos olhos carnais. Em vez de acolher alegremente o profeta, essa mulher falou tristemente da sua iminente morte e da de seu filho. Em vez de estar pronta para ministrar a Elias, ela lhe conta que tudo o que lhe resta é "somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija". Que prova de fé! Quão absurdo parecia que o homem de Deus devesse esperar sustento da casa *dela.* Não mais absurdo do que ter sido exigido de Noé construir uma arca antes que houvesse qualquer chuva, e muito menos algum sinal de um dilúvio; não mais absurdo do que exigir que Israel simplesmente rodeasse as muralhas de Jericó repetidas vezes. O caminho da obediência só pode ser trilhado à medida que a fé é posta em exercício.

"Elias lhe disse: Não temas; vai e faze o que disseste" (1Rs 17.13). Que palavra graciosa, essa, para aquietar o coração da pobre viúva! Não temas as consequências, nem para ti nem para teu filho, ao fazeres uso dos meios que tens à mão, por mais escassos que sejam. "[...] mas primeiro faze dele para mim um bolo pequeno e traze-mo aqui fora; depois, farás para ti mesma e para teu filho" (v. 13). Que teste difícil! Será que alguma vez alguma viúva foi tão provada como essa viúva de Sarepta? Fazer "primeiro" um bolo para o profeta foi, sem dúvida nenhuma, nas circunstâncias extremas dela, uma das mais difíceis ordens que ela jamais recebeu. Não parecia essa ordem estar vindo da mais profunda essência do egoísmo? Será que as leis de Deus e as dos homens exigem um sacrifício desse tamanho? Deus não nos pede mais do que amar nosso próximo como a nós mesmos; em lugar nenhum ele nos pede que o amemos *mais* do que a nós mesmos. Mas aqui está a ordem: "*primeiro* faze dele *para mim* um bolo"!

"Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR fizer chover sobre a terra" (1Rs 17.14). Ah! Isso faz toda a diferença, pois removeu o aguilhão daquela exigência, mostrando que a origem dela não era egoísta! O que acontecia é que se pedia dela uma porção do pouquinho que ela ainda tinha, mas Elias lhe diz que ela não precisava hesitar em cedê-lo, visto que, apesar de o caso parecer desesperador, Deus tomaria conta dela e do seu filho. Veja que o profeta fala com confiança absoluta: não havia incerteza, mas positiva e inabalável certeza de que o suprimento deles não

haveria de diminuir. Elias tinha aprendido uma valiosa lição em Querite! E aprendido por experiência: ele tinha provado a fidelidade do SENHOR junto da torrente, e por isso estava agora qualificado a acalmar os receios e confortar o coração dessa pobre viúva (compare isso com 2Co 1.3,4, um texto que revela o segredo de todo ministério eficaz).

Considere o título especial dado aqui à Divindade. A mulher tinha dito: "Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus" (1Rs 17.12), mas isso não era suficiente. Elias declarou: "assim diz o SENHOR, Deus de Israel". Essa mulher gentia tinha de chegar ao ponto de perceber a "humilhante" verdade que "a salvação vem dos judeus" (Jo 4.22). "O SENHOR, Deus de Israel", de cujas maravilhosas obras tu deves ter ouvido tantas vezes; aquele que do soberbo Faraó fez um escabelo para seus pés, que trouxe o seu povo a pé enxuto pelo mar Vermelho, que miraculosamente os sustentou por 40 anos no deserto, e que em favor deles subjugou os canaanitas. Alguém assim com certeza merece confiança, quando se trata do pão diário. O "SENHOR, Deus de Israel" é aquele cuja promessa jamais falha, pois "a Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa" (1Sm 15.29). Com alguém assim pode-se contar com toda a segurança.

"Porque assim diz o SENHOR, Deus de Israel: A farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará, até ao dia em que o SENHOR dê chuva sobre a terra" (1Rs 17.14 – RC). Deus lhe deu a sua promessa, para nela repousar. Será que a viúva descansaria nessa Palavra? Será que ela de fato confiaria nele? Observe como a promessa era específica. Ela não era algo do tipo: "Deus não vai te deixar morrer de fome", ou: "com certeza suprirá todas as tuas necessidades". Em vez disso, era como se ele tivesse dito: a farinha da *tua* panela não se acabará nem o azeite da *tua* botija faltará. E se a *nossa* fé é sustentada por Deus, ela nos levará a confiar na promessa dele, a nos entregar sem reservas ao seu cuidado, e a agir corretamente diante dos nossos semelhantes e para com eles. Mas veja como a fé precisa permanecer em exercício. Não foi prometida nem providenciada nenhuma nova panela de farinha: era somente um "punhado" que não se acabava; aparentemente uma quantidade inadequada para a família, mas inteiramente suficiente com Deus. A expressão "[...] até ao dia em que o SENHOR dê chuva sobre a terra" evidenciou a firme fé do próprio profeta.

"Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias" (1Rs 17.15). Podemos exclamar, como nosso Senhor o fez: Ó mulher, grande é a tua fé! Ela poderia ter dado várias desculpas ao

pedido do profeta, especialmente por não conhecê-lo; mas por maior que fosse o teste, a sua fé no Senhor se igualava a ele (ao tamanho do teste). A sua confiança simples de que Deus haveria de tomar conta deles superou todas as objeções do raciocínio carnal. Porventura ela não nos lembra outra mulher gentia, a siro-fenícia, uma descendente dos canaanitas idólatras, que muito tempo depois se alegrou com a chegada de Cristo aos arredores de Tiro, e que suplicou a sua ajuda em favor da filha endemoninhada? Com surpreendente fé, ela superou cada obstáculo e obteve uma porção do pão destinado aos filhos: a cura da sua filhinha (Mt 15). Que esses exemplos nos levem a suplicar de coração: "Senhor, aumenta-nos a fé", pois ninguém pode fazer a nossa fé aumentar, a não ser aquele que a concede.

"Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou, segundo a palavra do SENHOR, por intermédio de Elias" (1Rs 17.15,16). Ela nada perdeu por causa da sua generosidade. Seu pequeno suprimento de farinha e azeite era suficiente apenas para uma simples refeição e, depois, ela e o filho haveriam de morrer. Mas a disposição dela de ministrar ao servo de Deus lhe trouxe o suficiente, não apenas para muitos dias, mas até que a seca chegasse ao fim. Ela deu a Elias do melhor que tinha; e, por sua bondade para com o profeta, Deus supriu para a família dela durante todo tempo de fome. Quão verdadeiras são estas palavras: "Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta" (Mt 10.41). Mas a nem todos do povo de Deus se concede o privilégio de socorrer um *profeta*; contudo, eles podem socorrer os *pobres* de Deus. Não está escrito: "Quem se compadece do pobre, empresta ao SENHOR, que lhe retribuirá o seu benefício" (Pv 19.17 – BRA)? E novamente: "Bem-aventurado o que acode ao necessitado; o SENHOR o livra no dia do mal" (Sl 41.1). Deus jamais será devedor ao homem.

"Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou" (1Rs 17.15,16). Aqui novamente vemos exemplificado o fato de que o recebimento da bênção de Deus e a obtenção do alimento (figuradamente, o alimento espiritual) é resultado da *obediência*. Essa mulher atendeu ao pedido do servo de Deus, e grande foi a sua recompensa. Você, caro leitor, está apreensivo quanto ao futuro? Receoso de que, quando as suas forças faltarem e vier a idade avançada, você possa se ver sem o necessário para a vida? Então permita-nos relembrá-lo que não há necessidade para

esses medos. “[...] buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas (necessidades temporais) vos serão acrescentadas” (Mt 6.33). “Temei o SENHOR, vós os seus santos, pois nada falta aos que o temem” (Sl 34.9). “[...] o SENHOR Deus [...] nenhum bem sonega aos que andam retamente” (Sl 84.11). Mas veja que cada uma dessas promessas é *condicional:* a sua parte é dar a Deus o primeiro lugar na vida, temê-lo, obedecê-lo e honrá-lo em todas as coisas, e ele, por sua vez, garantirá o seu sustento de pão e água.

Alguém poderá replicar: “Esse tipo de conselho é mais fácil ouvir do que obedecer. É mais simples lembrar das promessas de Deus do que descansar sobre elas”. Talvez algum outro se sinta inclinado a dizer: “Ah! Você não sabe quão desesperadoras são as minhas circunstâncias, quão escuro é o cenário, quão violentamente Satanás está lançando dúvidas na minha mente!”. Tudo bem, mas por mais desesperador que seja o seu caso, nós sinceramente imploramos que pense na viúva de Sarepta; é improvável que a sua situação seja tão extrema quanto a dela e, contudo, ela não morreu de fome. Aquele que põe Deus em primeiro lugar sempre contará com a presença dele, em tudo. Nas suas maravilhosas mãos, coisas que parecem agir contra nós, contribuem juntamente para o nosso bem. Qualquer que seja a sua necessidade, querido amigo, não se esqueça do Deus de Elias. “[...] assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias”. Aqui vemos Elias morando em segurança na humilde moradia dessa pobre viúva. Embora a comida fosse simples, contudo era suficiente para preservar a vida do corpo. Não há nenhum indício de que Deus tenha provido alguma outra dieta durante esses “muitos dias”, como também não encontramos nenhum indício de que o profeta tenha ficado insatisfeito com a exigência de comer um só tipo de comida por tão longo período. É aqui que obtemos o primeiro vislumbre de como ele se comportou no ambiente da família. Ele foi um bendito exemplo do seguinte preceito divino: “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1Tm 6.8). E de onde vinha esse contentamento? Vinha de um coração submisso e calmo, que descansava em Deus: sujeição à sua vontade soberana, satisfação com a porção que ele nos designa, vendo a *sua* mão tanto no conceder como no negar a provisão.

“Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou” (1Rs 17.16). Com certeza, a viúva não tinha motivos para queixar-se do severo teste a que a sua fé havia sido submetida. Deus, que mandara o seu profeta para hospedar-se com ela, pagou bem as refeições do profeta ao prover

alimento à família dela enquanto os seus vizinhos passavam fome, e concedendo-lhe a companhia e a instrução do seu servo. Quem seria capaz de enumerar todas as bênçãos que sobrevieram à alma daquela viúva por meio da edificante convivência com Elias e das respostas às orações dele? A disposição dela foi benévola e generosa, pronta a conceder alívio às necessidades alheias e a ministrar às necessidades do servo de Deus; e essa liberalidade lhe foi restituída cem vezes mais. Deus concede misericórdia aos que são misericordiosos. “Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos” (Hb 6.10).

“Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou” (1Rs 17.16). Antes que percamos de vista um belo *tipo* que encontramos nesse texto, esforcemo-nos agora para enxergar além do que é aparente. A “farinha” com certeza é uma figura de Cristo, divinamente selecionada, o “grão de trigo” que morreu (Jo 12.24), triturado entre a pedra superior e a inferior do moinho do juízo de Deus, para tornar-se para nós o “Pão da vida”. Isso fica claro nos primeiros capítulos de Levítico, onde encontramos as cinco grandes ofertas estabelecidas para Israel, as quais apresentam a pessoa e a obra do Redentor; a oferta de “fina flor” de farinha (Lv 2) revela as perfeições da sua humanidade. Também é claro que o “azeite” é um símbolo do Espírito Santo, em suas operações de unção, iluminação e conforto. Um estudo maravilhoso é investigar através das Escrituras os textos em que aparece o “azeite” (ou “óleo”) e os *tipos* a que se refere.

Da mesma forma que a pequena família de Sarepta não foi sustentada apenas com farinha ou apenas com azeite, mas pelos dois juntos, assim o crente sempre é sustentado espiritualmente por Cristo e pelo Espírito Santo. Nós não conseguiríamos nos alimentar de Cristo, sim, jamais sentiríamos a nossa necessidade de nos alimentar dele, se não fosse a graciosa influência do Espírito de Deus. Ambos nos são indispensáveis: Cristo para nós, o Espírito em nós; um sustentando a nossa causa no alto, o outro ministrando para nós aqui em baixo. O Espírito está aqui para “testificar” de Cristo (Jo 15.26), para “glorificar” a Cristo (Jo 16.14), e por essa razão o Salvador acrescentou: “Ele [...] há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar”. Não será por esse motivo que a “farinha” (por três vezes consecutivas) é primeiro mencionada no *tipo*? Esta não é a única passagem em que vemos os dois tipos juntos. Repetidas vezes, nas belas prefigurações do Antigo Testamento, lemos do “azeite” (ou “óleo”) colocado sobre o sangue (Êx 29.21; Lv 14.14-17).

“Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou” (1Rs 17.16). Havia uma permanente multiplicação de farinha e de azeite, de acordo com o imenso poder de Deus, que operava um contínuo milagre; não temos aqui um perfeito paralelo entre esse fato e a multiplicação sobrenatural operada pelo Salvador, dos cinco pães de cevada e dois peixinhos, enquanto os discípulos distribuíam e a multidão comia (Mt 14.19,20)? Mas vamos outra vez focar nossos olhos do *tipo* para o *Antítipo*. A farinha que não diminui, o suprimento ininterrupto, tudo aponta para Cristo como aquele que nutre a nossa alma. A provisão que Deus fez para o seu povo na pessoa do Senhor Jesus perdura sempre a mesma através dos séculos. Podemos chegar a ele vez após vez e, embora recebamos dele “graça sobre graça”, contudo a sua “plenitude” (Jo 1.16) permanece a mesma “ontem, hoje e para sempre”.21 “[...] e da botija o azeite não faltou”: isso prefigura a grandiosa verdade que o Espírito Santo está conosco até o fim da nossa peregrinação (Ef 4.30).

Mas chamamos outra vez a atenção para o fato de que Deus não deu uma nova panela de farinha e nova botija de azeite a essa família em Sarepta, e também não encheu as vasilhas até a borda. Há outra lição importante para nós nesse fato. Deus lhes deu o suficiente para seu uso diário; não lhes deu de uma só vez suprimento para um ano ou mesmo provisão para uma semana. Da mesma forma, não existe isso de acumular para nós mesmos um “estoque da graça” para uso futuro. Nós temos de ir constantemente a Cristo para novos suprimentos da graça. Aos israelitas, foi expressamente proibido estocar o maná; eles tinham de sair a cada manhã para colhê-lo novamente. Não há como obtermos sustento suficiente para nossa alma no domingo, que dure por toda a semana, mas temos de nos alimentar da Palavra de Deus a cada manhã. Assim também, embora tenhamos sido regenerados pelo Espírito de uma vez por todas, contudo ele nos renova no homem interior “de dia em dia” (2Co 4.16).

“[…] segundo a palavra do SENHOR, por intermédio de Elias” (1Rs 17.16). Isso ilustrava e representava um princípio vital: nenhuma palavra dele cairá por terra, mas todas as coisas “que Deus falou por boca dos seus santos profetas desde a antiguidade” (At 3.21) com toda certeza se cumprirão. Isso é tanto solene quanto maravilhoso. Solene, porque as ameaças das Sagradas Escrituras não são sem fundamento, mas são as fiéis advertências daquele que não pode mentir. Do mesmo a declaração de Elias: “nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra” (1Rs 17.1) se cumpriu

ao pé da letra, assim o Altíssimo executará cada juízo anunciado. Ele tem proclamado advertências contra os perversos. Maravilhoso, porque tão certo como a farinha da viúva e o azeite não faltaram, de acordo com a sua palavra através de Elias, assim também cada promessa que ele fez aos seus santos ainda vai se cumprir perfeitamente. A incontestável veracidade, a imutável fidelidade e o onipotente poder de Deus para cumprir a sua Palavra são o sólido fundamento em que a fé pode, com segurança, repousar.

---

21 Hebreus 13.8.

CAPÍTULO 9

UMA PROVIDÊNCIA SOMBRIA

“Vejo mudanças e decadência por todo lado”. Vivemos em um mundo em que nada é estável e onde a vida está sujeita a estranhas vicissitudes. Enquanto habitamos nesta terra de pecado e mortalidade, não podemos – e não devemos – esperar que as coisas se desenvolvam tranquilamente para nós por muito tempo. Isso não condiz com o presente estado de coisas da nossa sorte como criaturas decaídas, pois “o homem nasce para a aflição, tão certamente como as faíscas voam para cima”.22 Também não seria bom para nós se fôssemos poupados por completo da aflição. Embora sejamos filhos de Deus e objetos do seu favor especial, isso não nos livra das adversidades comuns da vida. Doença e morte podem entrar em nossa casa a qualquer hora; elas podem atacar nossa própria pessoa ou àqueles que nos são chegados e queridos, e somos obrigados a nos curvar às dispensações soberanas daquele que governa sobre todos. Sabemos que essas afirmações são bem conhecidas, mas que contêm uma verdade que temos sempre de lembrar, por mais indigesta que seja.

Embora estejamos bem familiarizados com o fato mencionado acima e o vejamos ilustrado todos os dias por todo lado, contudo somos relutantes e lentos em reconhecer a sua aplicação *a nós mesmos.* A natureza humana é assim: ansiamos por desconsiderar o que é desagradável, e nos persuadimos que, se a nossa presente sorte é feliz, ela vai permanecer assim por algum tempo. Mas não importa quão saudáveis sejamos, quão vigorosa a nossa constituição, quão bem providos estejamos financeiramente: não devemos pensar que nossa montanha seja tão forte que não possa ser movida (Sl 30.6,7). Em vez disso, temos de nos treinar para segurar as misericórdias temporais sem muita força e fazer uso dos nossos relacionamentos e consolações desta vida como se não os tivéssemos (1Co 7.30), lembrando-nos que “a aparência deste mundo passa”. Nosso descanso não está aqui e, se fizermos o nosso ninho em alguma árvore terrena, mais cedo ou mais tarde perceberemos que a floresta toda será cortada.

Como muitos, antes desse acontecimento, a viúva de Sarepta pode ter sido tentada a pensar que todas as suas tribulações tinham passado. Ela podia, com razão, esperar uma bênção vinda do fato de acolher o servo de Deus na

casa dela, e ela sem dúvida recebeu uma bênção real e generosa. Por tê-lo acolhido, ela e o filho receberam suprimento por meio de um milagre de Deus em um tempo de fome por "muitos dias"; e talvez ela tenha concluído, por causa disso, que não tinha mais nada a temer no futuro. Contudo, a próxima coisa registrada em nossa narrativa é o seguinte: "Depois disto, adoeceu o filho da mulher, da dona da casa, e a sua doença se agravou tanto, que ele morreu" (1Rs 17.17). A linguagem usada para exprimir esse comovente incidente sugere que o filho dela foi atingido de repente, e com tal intensidade que ele faleceu rapidamente, antes que Elias tivesse oportunidade de orar por sua restauração.

Quão misteriosos são os caminhos de Deus! A estranheza desse incidente se torna mais evidente quando o ligamos com o versículo imediatamente anterior: "Da panela a farinha se não acabou, e da botija o azeite não faltou, conforme a palavra do SENHOR, que falara pelo ministério de Elias. E, depois *destas coisas*, sucedeu que adoeceu o filho desta mulher" (1Rs 17.16,17 – RC). Tanto ela quanto o filho tinham sido alimentados miraculosamente por um considerável intervalo de tempo, e agora ele é subitamente cortado da terra dos viventes, lembrando-nos das palavras de Cristo a respeito daquilo que se seguiu a um milagre de outrora: "Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram" (Jo 6.49). Mesmo que o sorriso de Deus esteja sobre nós e ele esteja mostrando-se favorável a nós, isso não nos garante imunidade contra as aflições que são a herança da carne e do sangue. Enquanto formos deixados neste vale de lágrimas, precisamos buscar graça para "alegrar-nos com tremor" (Sl 2.11).

Por outro lado, essa viúva com certeza errou se tinha concluído que, por lhe ter sido tirado o filho, ela havia perdido o favor de Deus e que essa estranha dispensação era um sinal seguro da sua ira. Não está escrito que "o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho" (Hb 12.6)? Mesmo quando temos as mais evidentes manifestações da boa vontade de Deus – como essa mulher recebeu pela presença de Elias sob o seu teto e o milagre diário do sustento – temos de estar preparados para o olhar de censura da Providência. Não devemos ficar chocados se, enquanto estivermos trilhando o caminho do dever, nos depararmos com doloridas aflições. Essa situação não aconteceu muitas vezes com José? E também com Daniel? E, acima de tudo, não foi assim com o próprio Redentor? Assim também com os seus apóstolos. "Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos

estivesse acontecendo" (1Pe 4.12).

Observe que essa pobre viúva tinha recebido sinais especiais do favor de Deus, antes que fosse lançada na fornalha da aflição. Muitas vezes, acontece que Deus exercita o seu povo com as mais pesadas provações quando eles acabaram de receber das suas mais ricas bênçãos. Contudo, aqui, o olhar ungido pode discernir as suas ternas misericórdias. Essa observação surpreende você, prezado leitor? Você pergunta: "Como pode ser isso?". Isso ocorre porque o Senhor, na sua infinita graça, muitas vezes *prepara* os seus filhos para o sofrimento usando o recurso de previamente conceder-lhes grande gozo espiritual: dando-lhes sinais claros da sua bondade, enchendo-lhes o coração com o seu amor, e difundindo-lhes uma paz indescritível na mente. Havendo provado na prática a bondade de Deus, eles estão mais bem preparados para deparar-se com a adversidade. Além disso, a paciência, a esperança, a mansidão e as outras graças espirituais só podem ser desenvolvidas no "fogo". A fé dessa viúva precisava, então, ser provada ainda mais severamente.

A perda do filho foi uma dura aflição para essa pobre mulher. Seria difícil para qualquer mãe, mas era especialmente mais severo para ela, porque anteriormente tinha ficado viúva e, agora, não havia mais ninguém que pudesse sustentá-la e confortá-la nos anos da sua velhice. Todas as suas afeições se concentravam no filho e, com a morte deste, todas as suas esperanças foram destruídas; a sua última brasa havia agora de fato sido apagada (2Sm 14.7), pois não restava ninguém para preservar o nome do seu marido na terra. No entanto, como no caso de Lázaro e de suas irmãs, esse terrível golpe era "para a glória de Deus" (Jo 11.4), e se destinava a garantir-lhe um sinal ainda mais evidente do favor do Senhor. Assim também foi com José e com Daniel, a quem nos referimos acima: as suas provas foram severas e dolorosas, mas, depois, Deus lhes conferiu uma honra maior. Oh! Que o Senhor nos conceda fé para nos agarrarmos ao "depois" de Hebreus 12.11!

"Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?" (1Rs 17.18). Misericórdia! Que criaturas pobres, falhas e pecadoras nós somos! Quão miseravelmente retribuímos a Deus as suas abundantes misericórdias! Quando ele põe sobre nós a sua mão disciplinadora, quantas vezes nos rebelamos, em vez de nos submetermos obedientemente! Em vez de nos humilharmos debaixo da potente mão de Deus e lhe suplicarmos que nos mostre o porquê da sua contenda conosco (Jó 10.2), estamos muito mais

dispostos para culpar outros como sendo a causa dos nossos problemas. Foi o que aconteceu com essa mulher. Em vez de pedir a Elias que orasse *com* e *por* ela – para que Deus a capacitasse a entender onde ela havia "errado" (Jó 6.24), para que ele se agradasse em santificar essa aflição para o bem da alma dela, e para capacitá-la a glorificá-lo "no fogo"23 (Is 24.15), ela repreendeu o profeta. Quão tristemente nós fracassamos no uso dos nossos privilégios.

"Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?" (1Rs 17.18). Surpreendentemente, isso contrasta com a calma que ela demonstrou quando Elias a encontrou a primeira vez. A súbita calamidade que caiu sobre ela sobreveio como uma dolorosa surpresa; e, nessas circunstâncias, quando a tribulação nos ataca repentinamente e de modo inesperado, é difícil manter o espírito sob controle. Quando estamos sob repentinas e severas provas, necessitamos de muita graça para nos preservar da impaciência, de explosões mal-humoradas, e para pôr em prática uma confiança inabalável e uma completa submissão a Deus. Nem todos os santos estão aptos para dizer juntamente com Jó: "[...] temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal? [...] o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!" (Jó 2.10, 1.21). Mas longe de nos justificarmos com base no tropeço da viúva, temos de nos julgar a nós mesmos sem piedade, e com pesar devemos confessar esses pecados a Deus.

A pobre viúva estava profundamente aflita com a perda que havia sofrido, e a sua forma de falar com Elias é uma estranha mistura de fé e incredulidade, soberba e humildade. Foi a erupção inconsistente de uma mente perturbada, como se pode perceber pela incoerência e tolice da argumentação. Primeiro, ela pergunta ao profeta: "Que fiz eu, ó homem de Deus"? Que eu fiz para te desagradar? Onde foi que te ofendi? Ela desejava nunca ter posto os olhos nele, se ele tinha sido o responsável pela morte do filho. Contudo, em segundo lugar, ela o reconhece como "homem de Deus", como alguém que tinha sido separado para o serviço de Deus. Com certeza, ela já sabia, a essa altura, que a terrível seca sobreviera a Israel em resposta às orações do profeta, e ela provavelmente concluíra que a sua própria aflição viera dessa mesma forma. Em terceiro lugar, ela se humilhou, perguntando: "Vieste a mim para trazeres à memória *a minha iniquidade*?" – possivelmente uma referência ao fato que ela anteriormente adorava Baal.

Deus, muitas vezes, utiliza as aflições para nos trazer a lembrança de pecados cometidos outrora. Na rotina comum da vida, é fácil avançar de dia

em dia sem nenhum exame detalhado de consciência diante do Senhor, em especial quando nossa "panela" está transbordando. Somente quando estamos de fato andando bem junto dele, ou quando somos atingidos por algum castigo especial da sua mão, que nossa consciência fica sensível diante de Deus. Mas quando a morte entrou na família dessa viúva, veio à tona a questão do pecado dela, porque a morte é o salário do pecado (Rm 6.23). Quando consideramos nossas perdas, a atitude mais segura é compreendê-las como a voz de Deus falando ao nosso coração pecaminoso, diligentemente examinar-nos a nós mesmos, arrepender-nos de nossas iniquidades, e prontamente confessá-las ao Senhor, a fim de obtermos o seu perdão e purificação (1Jo 1.9).

É nesse ponto específico que aparece muitas vezes a diferença entre um incrédulo e um crente. Quando aquele é visitado por algum difícil transtorno ou perda, o orgulho e a justiça própria do seu coração se manifestam rapidamente nas suas palavras: "Não sei o que é que eu fiz para merecer isto. Eu sempre tento fazer o que é certo; eu não sou pior do que os meus vizinhos que foram poupados desse tipo de tristeza; por que eu tenho de sofrer esse tipo de calamidade?". Mas quão diferente é o caso daquele que verdadeiramente foi humilhado. Ele não confia mais em si mesmo e, ciente dos seus próprios fracassos, teme que tenha desagradado ao Senhor. Alguém assim haverá de considerar diligentemente os seus caminhos (Ag 1.5), revendo a maneira como está conduzindo a vida e examinando cuidadosamente o seu comportamento no presente, a fim de descobrir o que fez ou está fazendo de errado para poder consertá-lo. É somente assim que se aliviam os medos da mente e a paz de Deus se confirma na alma.

É esse trazer à memória os nossos múltiplos pecados e condenar a nós mesmos por causa deles que nos tornará doces e submissos, pacientes e conformados. Foi isso que aconteceu com Arão que, quando o juízo de Deus caiu tão duramente sobre a família dele, "guardou silêncio" (Lv 10.3 – BRA). Também foi assim com o velho e pobre Eli, que falhou em reprovar e disciplinar os seus filhos, pois, quando foram sumariamente mortos, ele exclamou: "É o SENHOR; faça o que bem lhe aprouver" (1Sm 3.18). A perda de um filho pode, às vezes, lembrar aos pais os pecados cometidos há muito tempo. Foi assim com Davi, quando perdeu o filho pela mão de Deus, que o removeu por causa da sua perversidade (2Sm 12). Não importa quão pesada a perda, quão profunda a tristeza, quando está em seu perfeito juízo, a linguagem do santo será sempre esta: "Bem sei, ó SENHOR, que os teus juízos

são justos e que com fidelidade me afligiste” (Sl 119.75).

Embora a viúva e seu filho tivessem sido mantidos vivos por muitos dias, sendo miraculosamente sustentados pelo poder de Deus enquanto o restante do povo sofria, ela estava menos comovida com a beneficência de Deus do que com o fato de ele ter-lhe tirado o filho: “Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?” (1Rs 17.18). Ao mesmo tempo em que ela parece reconhecer Deus na morte do filho, ela não consegue livrar-se do pensamento de que a presença do profeta era responsável pelo acontecido. Ela atribui a sua perda a Elias, como se ele fosse encarregado de ir até ela com o propósito de infligir-lhe punição por causa do seu pecado. Da mesma forma que ele tinha sido enviado até Acabe para declarar a seca sobre Israel por causa do pecado deles, assim agora ela temia a presença do profeta, com receio até de vê-lo. Lamentavelmente, como somos propensos a errar os motivos das nossas aflições e atribuí-las a causas incorretas.

“Ele lhe disse: Dá-me o teu filho” (1Rs 17.19). No parágrafo inicial do nosso último capítulo, mostramos como a segunda metade de 1Reis 17 nos apresenta uma descrição da vida de Elias e do seu comportamento no lar da viúva de Sarepta. Primeiro, ele mostrou seu contentamento com a comida simples, não expressando insatisfação com um cardápio invariável dia após dia. E aqui vemos como ele se conduziu sob grande provocação. A petulante explosão dessa mulher perturbada foi algo cruel para com o homem que havia trazido libertação à casa dela. As suas palavras: “Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares o meu filho?” não tinham razão de ser e eram injustas, e bem poderiam ter gerado uma resposta amarga. E com certeza teria sido assim, não estivesse a graça soberana de Deus operando nele, visto que Elias, por natureza, era de temperamento forte.

A interpretação errônea da viúva quanto à presença de Elias em seu lar era suficiente para abalar qualquer pessoa. É maravilhoso saber que não houve nenhuma resposta irada ao seu julgamento impensado, mas, em vez disso, uma “resposta branda” para dissipar a ira dela. Se alguém nos fala irrefletidamente, isso não é motivo para descermos ao seu nível. O profeta não tomou conhecimento da pergunta acalorada que ela fez, evidenciando com isso que ele era um seguidor daquele que é “manso e humilde de coração”, a respeito de quem lemos o seguinte: “pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje” (1Pe 2.23). “Elias viu que ela estava em extrema agonia e que falou em grande angústia de espírito; por isso, sem tomar

conhecimento das suas palavras, ele calmamente lhe disse: ‘Dá-me o teu filho’; levando-a ao mesmo tempo à expectativa da restauração do seu filho por meio da intercessão dele” (J. Simpson).

Talvez alguém pense que as últimas palavras acima são inteiramente especulativas. Pessoalmente, cremos que elas estão inteiramente asseguradas pelas Escrituras. Em Hebreus 11.35, lemos o seguinte: “Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos”. Lembramos que essa afirmação se encontra no grande capítulo da fé, onde o Espírito apresentou algumas das maravilhosas realizações e proezas daqueles que confiaram no Deus vivo. Menciona-se um caso após outro e agrupam-se algumas pessoas, dizendo: “[...] os quais, *por meio da fé*, subjugaram reinos [...] Mulheres receberam, pela ressurreição, os seus mortos”.24 Não há dúvida que se faz referência, aqui, ao caso que estamos tratando em 1Reis 17 e ao caso similar da sunamita (2Rs 4.17-37). Aqui, então, temos outro exemplo onde o Novo Testamento lança luz sobre as Escrituras do Antigo, capacitando-nos a obter uma noção mais completa daquilo que estamos agora considerando.

Embora fosse gentia, a viúva de Sarepta era uma filha de Sara, a quem havia sido entregue a fé dos eleitos de Deus. Esse tipo de fé é sobrenatural; o seu autor e seu objeto são sobrenaturais. Não somos informados a respeito de quando essa fé foi gerada no interior dela – muito provavelmente durante a estadia de Elias no lar dela, porque “a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10.17 – RC). O caráter sobrenatural da fé dela foi evidenciado pelos seus frutos sobrenaturais, pois foi em resposta à sua fé (bem como em resposta à intercessão de Elias) que o seu filho lhe foi restaurado. O mais impressionante é que, tanto quanto nos informa a Palavra, não houve nenhum caso anterior de alguém morto haver sido trazido outra vez à vida. No entanto, aquele que fez com que um punhado de farinha não acabasse e um pouquinho de azeite em uma botija não faltasse enquanto fosse suficiente para sustentar três pessoas por “muitos dias”, com toda certeza também podia ressuscitar os mortos. É assim que a fé raciocina: não há nada impossível para o Altíssimo.

Talvez alguém argumente que não há, nessa narrativa, nenhuma indicação a respeito da fé da viúva quanto à ressurreição do filho dela; pelo contrário, só se vê o desespero da mulher. Está certo. Entretanto, isso de forma nenhuma se opõe ao que destacamos acima. Não se diz nada, em Gênesis, a respeito da fé de Sara para gerar um filho, mas só se menciona o ceticismo dela. O que há no livro de Êxodo que nos sugira que os pais de

Moisés tivessem exercido fé em Deus quando depositaram o filho no cesto de vime calafetado com betume? Contudo, veja Hebreus 11.23. Qualquer pessoa que tente encontrar qualquer coisa no livro de Juízes que sugira que Sansão era um homem de fé se verá em dificuldades, contudo, Hebreus 11.32 deixa bem claro que sim, Sansão era um homem de fé. Mas, se nada se diz no Antigo Testamento a respeito da fé da viúva de Sarepta, também temos de notar que as palavras indelicadas dela para com Elias não foram registradas no Novo Testamento – assim como também não encontramos o pecado de incredulidade de Sara ou a impaciência de Jó – porque eles foram apagados pelo sangue do Cordeiro.

---

22 Jó 5.7.
23 A *King James* traduz Isaías 24.15 da seguinte forma: "Wherefore glorify ye the LORD in the fires, even the name of the LORD God of Israel in the isles of the sea", ou seja: "Por essa razão, glorificai vós o SENHOR no fogo […]".
24 Hebreus 11.33-35.

CAPÍTULO 10

“MULHERES RECEBERAM, PELA RESSURREIÇÃO, OS SEUS MORTOS”25

Vamos agora considerar um dos fatos mais notáveis do Antigo Testamento: a ressurreição do filho da viúva de Sarepta. É um incidente inacreditável para o incrédulo; contudo aquele que conhece ainda que minimamente o Senhor não encontrará nenhuma dificuldade nisso. Quando Paulo fazia sua defesa diante de Agripa, o apóstolo lhe perguntou: “Por que se julga incrível entre vós (não só que um morto seja restaurado à vida, mas) que *Deus* ressuscite os mortos?” (At 26.8). É nisto que o crente põe toda a ênfase: na absoluta suficiência daquele a quem ele haverá de prestar contas! Recorra ao Deus vivo e não importa quão drástica e desesperadora seja a situação: todas as dificuldades logo desaparecem, pois nada é impossível para ele. Aquele que gerou a vida e que mantém viva a nossa alma (Sl 66.9) pode vivificar os mortos.

Os descrentes de hoje (à semelhança dos saduceus de antigamente) talvez zombem da verdade divinamente revelada da ressurreição, mas o cristão não faz isso. Por quê? Porque ele experimentou na própria alma o poder ressuscitador de Deus quando, espiritualmente, foi trazido da morte para a vida. Mesmo que Satanás possa injetar dúvidas vis em sua mente e, por um momento, abale a sua confiança na ressurreição do Senhor Jesus, contudo ele logo volta a confiar. Ele conhece a bênção dessa grande verdade; e quando vê que a graça outra vez o livrou do poder das trevas, logo exclamará alegremente com o apóstolo: “Cristo vive em mim”. Além disso, quando ele nasceu de novo, foi implantado um princípio sobrenatural no seu coração, o princípio da fé, e esse princípio fez com que ele recebesse as Sagradas Escrituras em plena confiança de que elas são, de fato, a Palavra daquele que não pode mentir, e por isso ele crê em *tudo* o que os profetas disseram.26

Aqui está o que confunde e leva os sábios deste mundo a tropeçar, mas que é muito simples para o cristão. A preservação de Noé e de sua família na arca, a passagem de Israel pelo mar Vermelho a pé enxuto, a sobrevivência de Jonas no ventre do grande peixe, de forma nenhuma são dificuldade para ele. Ele sabe que a Palavra de Deus é infalível, pois essa verdade já se

comprovou na sua própria experiência. Havendo provado por si mesmo que o Evangelho de Cristo é “o poder de Deus para salvação”, o cristão não tem razão por que duvidar de nada que se encontra registrado na Sagrada Escritura com respeito aos prodígios do poder de Deus na esfera material. O crente está plenamente certo de que nada é difícil demais para o Criador dos céus e da terra. Não é que ele seja alguém intelectualmente ingênuo, que aceita credulamente aquilo que é de todo contrário à razão. O que acontece é que, no cristão, a razão foi restaurada ao seu funcionamento normal e, com isso, segue-se necessariamente a volta do relacionamento com o Deus Todo-Poderoso e o reconhecimento da ação sobrenatural da sua mão.

Dessa maneira, a questão dos milagres é reduzida ao seu fator mais simples. Muita coisa culta, mas sem sentido, tem sido escrita sobre o assunto: as leis da natureza, a sua supressão, a atuação de Deus contrária a essas leis e a exata natureza de um milagre. Pessoalmente, definiríamos um milagre como algo que ninguém, a não ser o próprio Deus, pode operar. Com isso, não estamos subestimando o poder de Satanás, ou desconsiderando passagens como Apocalipse 16.14 e 19.20. Creio que a seguinte afirmação que as Escrituras Sagradas fazem a respeito do Senhor seja suficiente: “ao único que opera grandes maravilhas” (Sl 136.4). Quanto aos “grandes sinais e maravilhas” operados pelos falsos cristos e pelos falsos profetas, a sua natureza e propósito são “enganar” (Mt 24.24), visto que são “prodígios *da mentira”* (2Ts 2.9), e as suas predições, igualmente falsas. Porém nós descansamos nisto: somente Deus faz grandes maravilhas, e como é *Deus* que as faz, é exatamente isso que a fé espera dele.

No capítulo anterior, ocupamo-nos com a dolorosa aflição que sobreveio à viúva de Sarepta com a súbita morte do seu filho, e o efeito imediato que isso provocou nela. Profundamente comovida, ela se voltou contra Elias e o acusou de ser a causa da sua pesada perda. O profeta não replicou de forma rude à acusação descortês e injusta da viúva, mas em vez disso pediu: “Dá-me o teu filho”. Note que ele não exigiu o corpo do menino como um dominador, mas de forma cortês o solicitou à mãe que lho concedesse. Cremos que, com isso, o propósito de Elias era acalmar as emoções dela e conduzi-la a “esperar contra a esperança e crer” (Rm 4.18), como muito tempo antes Abraão fizera, quando creu no “Deus que vivifica os mortos” (Rm 4.17), visto que era (em parte) em resposta à fé dela que ela receberia, pela ressurreição, o seu morto (Hb 11.35).

“[…] tomou-o dos braços dela, e o levou para cima, ao quarto, onde ele

mesmo se hospedava, e o deitou em sua cama" (1Rs 17.19). Esse era evidentemente um quarto na parte superior da casa, reservado para o uso do profeta, assim como Eliseu também tinha o seu em outra casa (2Rs 4.10). O profeta vai até o quarto em busca de privacidade, como Pedro subiu ao eirado[27] e Cristo se dirigiu ao jardim.[28] O próprio profeta devia estar muito oprimido e abalado diante do triste evento que surpreendera a sua anfitriã. Embora austero na execução dos deveres, Elias na verdade tinha um espírito meigo (como é comum acontecer com homens firmes), cheio de benignidade e sensível às necessidades alheias. Torna-se evidente, pela sequência dos acontecimentos, que Elias sofreu com o fato que aquela que fora tão gentil com ele tivesse de ser tão duramente afligida agora que viera hospedar-se com ela, e a agonia dele se agravava pelo fato de ela o considerar responsável pela perda que sofrera.

Não se deve perder de vista que essa sombria dispensação provocou um verdadeiro teste da fé de Elias. O SENHOR é o Deus da viúva, e recompensa aqueles que ajudam o seu povo, especialmente aqueles que mostram benevolências aos seus servos. Por que, então, haveria de sobrevir uma tragédia sobre aquela que dera refúgio ao profeta? Não havia ele vindo pela instrução do próprio Senhor, como um mensageiro da misericórdia para a casa dela? Sim, ele demonstrou tudo isso; mas ela se esquecera disso por causa da pressão daquele momento, pois agora ele é considerado mensageiro da ira, um vingador do pecado dela, a causa da morte de seu único filho. Pior ainda, não sentia ele que a honra do seu Senhor estava também envolvida nisso tudo? Que o nome do Senhor seria caluniado! Não poderia a viúva dizer: "É assim que Deus paga aos que tratam bem os seus servos?".

É impressionante ver como Elias reagiu a esse teste. Quando a viúva questionou se a morte do seu filho se devia à presença dele, ele não se entregou a especulações carnais nem tentou desvendar o profundo mistério que se apresentava tanto a ele como a ela. Em vez disso, ele retirou-se ao seu quarto para ficar a sós com Deus, para derramar diante dele a sua perplexidade. Isso é sempre o que devemos fazer, pois o Senhor não é apenas "socorro bem presente nas tribulações",[29] mas a sua Palavra requer que o busquemos em primeiro lugar (Mt 6.33). "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa"[30] aplica-se com dobrada intensidade em tempos de perplexidade e agonia. Vão é o socorro do homem; inúteis são as especulações carnais. Na hora da sua mais severa prova, o próprio Salvador retirou-se até mesmo dos seus discípulos e, em secreto, derramou o coração

diante do Pai. Não foi permitido à viúva testemunhar a devoção mais profunda da alma do profeta diante do seu Senhor.

"[…] então, clamou ao SENHOR" (1Rs 17.20). Embora Elias não entendesse o significado desse mistério, ele sabia muito bem o que fazer na sua dificuldade. Ele dirigiu-se ao seu Deus e derramou a sua queixa diante dele. Ele buscou socorro com grande ardor e insistência, argumentando humildemente com Deus a respeito da morte da criança. Mas preste bem atenção na reverente linguagem do profeta. Ele não pergunta: "Por que infligiste sobre nós esta triste situação?". Em vez disso, ele diz: "Ó SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, afligiste, matando-lhe o filho?" (v. 20). O *porquê* da situação não era da sua conta. Não nos cabe questionar os caminhos do Altíssimo, nem inquirir curiosamente as suas decisões secretas. Para nós, é suficiente saber que o Senhor não comete erros, que ele tem uma boa e suficiente razão para fazer tudo o que faz e, por esse motivo, devemos obedientemente nos submeter à sua vontade soberana. As perguntas do homem: "Por que ele faz isto?" e "Por que fizeste aquilo?" são reputadas como "discutir com Deus" (Rm 9.19,20).

Em primeiro lugar, podemos notar – na maneira de Elias dirigir-se a Deus – como ele recorreu ao relacionamento especial que ele mantinha com o profeta: "Ó SENHOR, *meu* Deus", ele clamou. Isso foi uma alegação do seu interesse pessoal em Deus, pois essas palavras expressam sempre relacionamento de aliança. Ser capaz de dizer "Ó SENHOR, *meu* Deus" vale mais do que ouro ou rubis. Em segundo lugar, ele reconheceu a verdadeira fonte da calamidade: "Ó SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, [*tu*] *afligiste*, matando-lhe o filho?" (1Rs 17.20). Ele viu a morte atacando por ordem de Deus: "Sucederá algum mal à cidade, sem que o SENHOR o tenha feito?" (Am 3.6). Que conforto, quando somos capacitados a perceber que nenhum mal sobrevém aos filhos de Deus, a não ser aquele que ele mesmo permite. Em terceiro lugar, Elias contestou a severidade da aflição: este mal sobreveio não apenas a uma mulher, nem mesmo a uma mãe, mas "a esta viúva", a quem tu socorres de forma especial. Além do mais, ela é aquela "com quem me hospedo", a minha bondosa benfeitora.

"E, estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao SENHOR e disse: Ó SENHOR, meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele" (1Rs 17.21). Seria isso uma prova da humildade do profeta? Quão admirável ver um tão grande homem gastar tanto tempo e atenção naquela atitude simples, e se colocar em íntimo contato com aquilo que,

cerimonialmente, o deixava impuro! Teria sido esse ato uma indicação da sua própria afeição pela criança, mostrando quão profundamente inquieto ele estava com a sua morte? Era um sinal do fervor do seu apelo a Deus, como se o profeta quisesse – se fosse possível – pôr vida no corpo da criança, vida e calor do seu próprio corpo? Não é isso que a repetição por três vezes nos leva a pensar? Será que era um sinal daquilo que Deus haveria de fazer, pelo seu poder e por obra da sua graça, ao trazer os pecadores da morte para a vida, o Espírito Santo envolvendo-os e comunicando-lhes a sua própria vida? Se era isso, não temos aqui algo mais do que uma indicação de que aqueles a quem Deus usa como instrumentos na conversão precisam tornar-se eles mesmos como criancinhas, descendo ao nível daqueles a quem ministram, e não se coloca em um pedestal como se fossem seres superiores?

"[...] clamou ao SENHOR e disse: Ó SENHOR, meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele" (1Rs 17.21). Como isso nos prova que Elias estava acostumado a esperar grandes bênçãos da parte de Deus, em resposta às suas súplicas, considerando que nada era difícil demais para Deus, nada grande demais para ele conceder em resposta à oração. Sem dúvida alguma, essa petição foi motivada pelo Espírito Santo; contudo, foi uma maravilhosa decorrência da fé com que o profeta antecipava a ressurreição da criança, pois não há registro nas Escrituras de ninguém que tenha sido ressuscitado dos mortos antes dessa ocasião. E lembre-se, caro leitor, que isto está registrado para nossa instrução e encorajamento: muito pode, por sua eficácia, a súplica de um justo.31 Junto ao trono da graça, aproximamo-nos de um grande Rei; que sejam grandes, portanto, as petições que fizermos. Quanto mais a fé conta com o infinito poder e suficiência do Senhor, tanto mais ele é honrado.

"O SENHOR atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu" (1Rs 17.22). Que grande prova foi essa, de que "os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas" (1Pe 3.12). Que demonstração do poder e da eficácia da oração! Nosso Deus é um Deus que ouve a oração, um Deus que responde às orações; refugiemo-nos, pois, nele, qualquer que seja nossa aflição. Por mais desesperador que seja o nosso caso aos olhos humanos, nada é difícil demais para o Senhor. Ele é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos.32 Mas, peçamos "com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa" (Tg 1.6,7).

“E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1Jo 5.14). Sem dúvida, todos nós precisamos suplicar com mais fervor: “Senhor, ensina-nos a orar”.33 A não ser que esse seja um dos efeitos das considerações que estamos fazendo aqui, teremos sido bem pouco beneficiados com o nosso estudo.

Temos de clamar: “Senhor, ensina-nos a orar”, mas também temos de meditar cuidadosamente nas passagens da Palavra que relatam casos de intercessão eficaz, para podermos aprender os segredos da oração bem-sucedida. Quanto a esse assunto, devemos notar os seguintes pontos. *Primeiro*, Elias se retirou para o seu próprio quarto, a fim de estar sozinho com Deus. *Segundo*, o seu fervor: ele “clamou ao Senhor”; isso não eram meras palavras. *Terceiro*, o seu firme interesse pessoal pelo Senhor. Ele expressa esse firme interesse ao declarar o seu relacionamento de aliança: “Ó SENHOR, *meu* Deus”. *Quarto*, ele se animou com os atributos de Deus. Neste caso específico, a soberania e a supremacia de Deus: “Ó SENHOR, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, [*tu*] *afligiste*, matando-lhe o filho?”. Em *quinto* lugar, o seu fervor e insistência, evidenciados quando se estendeu sobre o menino não menos que três vezes. Em *sexto* lugar, o seu apelo à terna misericórdia de Deus: a *viúva* “com quem me hospedo”. *Finalmente*, foi uma oração específica: “rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele” (1Rs 17.21).

“[…] e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu” (1Rs 17.22). Essas palavras são importantes para estabelecer claramente e de forma definitiva a distinção que existe entre a alma e o corpo, uma distinção tão real como a que existe entre a casa e os que nela habitam. As Escrituras nos dizem que, no dia em que criou o homem, o Senhor Deus primeiro lhe formou o corpo “do pó da terra” e, depois, “soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida”, e somente então o homem passou a ser “alma vivente” (Gn 2.7). A linguagem usada nessa ocasião dá prova clara de que a alma é distinta do corpo, que ela não morre com o corpo, que ela existe em um estado distinto depois da morte do corpo, e que ninguém senão Deus pode restaurá-la ao seu *habitat* original (Cf. Lc 8.55). Em consequência disso, podemos observar que essa petição de Elias e a resposta de Deus tornam absolutamente claro que a criança estava de fato morta.

É importante entender que a era dos milagres cessou, de forma que não podemos esperar que nossos mortos sejam restaurados à vida de forma sobrenatural. Contudo, o cristão deve olhar para o futuro com absoluta

segurança de reencontrar os seus amados e amigos que, em Cristo, partiram antes dele. O espírito deles não está morto nem adormecido, como alguns erroneamente afirmam, mas retornou a Deus, que o deu (Ec 12.7), e se encontram agora em um estado que é "muito melhor" (Fp 1.23), o que não poderia ser verdade se estivessem em algum lugar sem a consciente comunhão com o Amado deles. Estão ausentes do corpo, mas estão "presentes com o Senhor" (2Co 5.8), e na sua presença há "plenitude de alegria" (Sl 16.11). Quanto ao corpo, eles aguardam aquele Grande Dia, quando serão transformados à imagem do corpo glorioso de Cristo.

"Elias tomou o menino, e o trouxe do quarto à casa, e o deu a sua mãe, e lhe disse: Vê, teu filho vive" (1Rs 17.23). Qual não deve ter sido a alegria que encheu o coração do profeta, à medida que testemunhava a miraculosa resposta à sua intercessão! Como devem ter sido fervorosas as expressões de louvor a Deus que lhe brotaram dos lábios por essa manifestação adicional da sua bondade em libertá-lo do seu sofrimento. Mas não havia tempo a perder: a tristeza e a tensão da pobre viúva tinham de ser aliviadas. Por essa razão, Elias levou a criança de imediato para fora do quarto e o entregou a sua mãe. Quem pode imaginar a alegria dela quando viu o filho restaurado outra vez à vida? Como a maneira de agir do profeta nos lembra aquilo que nosso Senhor fez logo depois do milagre de restaurar a vida do filho único da viúva de Naim, pois lemos que, assim que ele se sentou e passou a falar, o Salvador "o restituiu a sua mãe"! (Lc 7.15).

"Então, a mulher disse a Elias: Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade" (1Rs 17.24). Isso é maravilhoso! Em vez de entregar-se às suas emoções naturais, parece que ela ficou inteiramente absorvida pelo poder de Deus, que estava sobre o seu servo, fato que agora assentou firmemente a convicção dela da missão divina do profeta e a certeza da verdade que ele havia proclamado. Ela havia recebido plena demonstração de que Elias era de fato um profeta do Senhor, e que o seu testemunho era verdadeiro. Temos de lembrar que ele se apresentou inicialmente a ela como "homem de Deus" (preste atenção nas palavras dela no verso 18) e, por esse motivo, era essencial que ele provasse que era isso mesmo. E isso tinha sido feito com a restauração da vida do filho dela. Ah! Caro leitor! Nós declaramos ser filhos do Deus vivo, mas como estamos demonstrando aquilo que professamos? Há somente uma forma legítima de fazer isso: andando em "novidade de vida", evidenciando que somos novas criaturas em Cristo.

Agora, perceba como isso que estamos tratando nos mostra outra característica da vida de Elias. Quando consideramos a maneira que ele se conduziu na casa da viúva, notamos em primeiro lugar o *contentamento* dele, não murmurando contra a comida simples que lhe era posta à mesa. Em segundo lugar, a sua *docilidade*, recusando-se a revidar com raiva às palavras cruéis dela. E agora contemplamos o abençoado efeito, sobre a sua anfitriã, do milagre operado em resposta às orações dele. A confissão dela: "Nisto conheço agora que tu és homem de Deus" era um testemunho pessoal da realidade e do poder de uma *vida santa.* Oh! Viver na força do Espírito Santo, de forma que aqueles que entram em contato conosco percebam o poder de Deus operando em e através de nós! Dessa forma, o Senhor mudou a tristeza da viúva em bem espiritual para ela, estabelecendo-lhe a fé na veracidade da sua palavra.

---

25 Hebreus 11.35.
26 Lucas 24.25.
27 Atos 10.9.
28 João 18.1.
29 Salmo 46.1.
30 Salmo 62.1,5.
31 Tiago 5.16.
32 Efésios 3.20.
33 Lucas 11.1.

CAPÍTULO 11

FRENTE A FRENTE COM O PERIGO

Para alguém tão zeloso pelo Senhor e amoroso com o seu povo, a prolongada inatividade a que Elias foi forçado a se submeter deve ter sido uma dura prova. Naturalmente, um profeta vigoroso e corajoso como ele ficaria ansioso por tirar proveito do atual sofrimento dos seus compatriotas, desejando despertá-los para perceberem os seus terríveis pecados e encorajá-los a voltarem-se ao Senhor. Em vez disso – dado que os caminhos de Deus são completamente diferentes dos nossos – foi exigido dele que permanecesse em completo isolamento, mês após mês e ano após ano. Apesar disso, o seu Senhor tinha um sábio e gracioso objetivo em toda essa difícil disciplina do seu servo. Durante a sua longa estadia no ribeiro de Querite, Elias provou a fidelidade e a suficiência do Senhor, e foi grande o proveito que obteve da sua prolongada estadia em Sarepta. Como revela o apóstolo, tanto em 2Co 6.4 como em 12.12, a primeira marca de um servo aprovado de Cristo é a graça espiritual da "paciência", e isso é desenvolvido por meio da provação da fé (Tg 1.3).

Os anos que Elias gastou em Sarepta estão longe de terem sido perdidos, pois foi durante a sua estadia na casa da viúva que ele obteve a confirmação do seu chamado divino, por meio do extraordinário selo que ali foi dado ao seu ministério. Foi esse selo que o aprovou na consciência da sua anfitriã: "Então, a mulher disse a Elias: Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do SENHOR na tua boca é verdade" (1Rs 17.24). Era extremamente importante que o profeta recebesse um testemunho desses a respeito da origem da missão que ele recebera da parte de Deus, antes de lançar-se à parte mais difícil e perigosa daquilo que ainda o aguardava. Felizmente o seu próprio coração foi fortalecido e ele se viu capacitado a novamente começar a sua carreira pública com a certeza de que era um servo do SENHOR, e que a Palavra de Deus realmente estava em sua boca. Um selo dessa qualidade sobre o seu ministério (a ressurreição do menino) e a sua aprovação diante da consciência da mãe foram um enorme encorajamento para ele, quando foi para encarar a grande crise e o conflito no Carmelo.

Que mensagem temos aqui para todo ministro zeloso por Cristo, a quem a Providência, por certo tempo, retirou das atividades públicas! Eles estão de

tal forma desejosos de fazer o bem e de promover a glória do seu Senhor na salvação dos pecadores e na exaltação do seu Senhor na salvação dos pecadores e na edificação dos seus santos, que consideram a sua inatividade "forçada" como uma provação muito dura. Mas eles podem ficar descansados, certos de que o Senhor tem boas razões para colocar sobre eles essa restrição; por isso, deveriam seriamente buscar graça para não se irritarem nessa situação, nem tomar o caso nas próprias mãos, forçando uma saída da situação. Medite no caso de Elias! Ele não proferiu nenhuma queixa, nem se aventurou a sair do isolamento ao qual Deus o havia enviado. Ele aguardou com paciência a direção do Senhor, para dirigi-lo à liberdade e para alargar a sua esfera de utilidade. Nesse ínterim, por meio de fervente intercessão, ele se tornou uma grande bênção para quem morava com ele.

"E sucedeu que, depois de muitos dias" (1Rs 18.1 – RC). Note bem essa expressão do bendito Espírito Santo. Não é "depois de três anos" (como de fato era o caso), mas "depois de muitos *dias*". Temos aqui uma lição importante para o nosso coração, se quisermos dar-lhe ouvidos: devemos viver um dia por vez, e fazer as contas da nossa vida em termos de dias. "O homem, nascido da mulher, é de bem poucos *dias* e cheio de inquietação. Sai como a flor e se seca" (Jó 14.1,2 – RC). Essa era a visão da vida adotada pelo velho Jacó, pois, quando Faraó perguntou ao patriarca: "Quantos são os dias dos anos da tua vida?", ele respondeu: "Os dias dos anos das minhas peregrinações são cento e trinta anos" (Gn 47.8,9). Felizes são aqueles cuja oração constante é: "Ensina-nos a contar os nossos *dias*, para que alcancemos coração sábio" (Sl 90.12). Contudo, como somos propensos a contar os *anos*. Esforcemo-nos por viver cada dia como se soubéssemos que é o último de todos.

"E sucedeu que", ou seja, agora havia se cumprido a decisão predeterminada pelo SENHOR. O cumprimento do propósito divino jamais pode ser retardado nem pressionado por nós. Deus jamais se apressará nem por nossa impaciência nem por nossas orações. Nós é que temos de aguardar a hora estabelecida por ele, e quando chega a hora, ele age; aí, então, as coisas "sucedem" exatamente como ele preordenou. Desde toda a eternidade, a exata extensão de tempo que o seu servo precisa permanecer em certo lugar foi predestinada por ele. "E sucedeu que, depois de muitos dias" — ou seja, depois de mais de mil, desde que a seca havia começado — "a palavra do SENHOR veio a Elias" (1Rs 18.1). Deus não esquecera o seu servo. O Senhor jamais esquece alguém do seu povo; pois ele não disse: "Eis que nas palmas

das minhas mãos te gravei; os teus muros estão continuamente perante mim" (Is 49.16)? Oh! Que nunca o esqueçamos, mas que seja sempre verdade a nosso respeito o seguinte: "O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença" (Sl 16.8)!

"[...] veio a palavra do SENHOR a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra" (1Rs 18.1). Para termos uma melhor compreensão do tremendo teste à coragem do profeta que essa ordem envolvia, tentemos obter uma ideia da situação em que se encontrava a mente daquele rei perverso. Nós começamos o estudo da vida de Elias refletindo sobre as seguintes palavras: "Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra" (1Rs 17.1). Agora, temos de considerar as consequências disso. Já vimos o que aconteceu com Elias durante esse longo intervalo; agora, temos de verificar como as coisas estiveram se desenrolando com Acabe, a sua corte e os seus súditos. De fato, a situação das coisas na terra deve ser terrível, quando os céus são trancados e não há nem orvalho por três anos. "[…] a fome era extrema em Samaria" (1Rs 18.2).

"Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais" (1Rs 18.5). A descrição aqui é a mais simples possível, mas não é difícil acrescentar os detalhes. Israel havia pecado gravemente contra o Senhor, e por isso eles foram levados a sentir o peso da vara da sua justa ira. Que descrição humilhante do povo favorecido de Deus, ao ver o seu rei sair à procura de erva, se é que podia encontrá-la em algum lugar para que fosse salva a vida dos animais que ainda sobreviviam! Que contraste com a abundância e glória dos dias de Salomão! Mas o SENHOR havia sido grandemente desonrado e a sua verdade havia sido rejeitada. A vil Jezabel havia poluído a terra com a pestilenta influência dos seus falsos profetas e sacerdotes. Os altares de Baal haviam suplantado o altar do Senhor e, por isso, como Israel tinha semeado ventos, eles tinham agora de colher tempestades.

E qual foi o efeito que esse severo julgamento do *céu* produziu em Acabe e em seus súditos? "Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais" (1Rs 18.5). Não se encontra aqui nem uma sílaba a respeito de *Deus!* Nem sequer

uma palavra sobre o terrível *pecado* que provocou o seu desgosto com a terra! Fontes, ribeiros e erva era tudo o que ocupava os pensamentos de Acabe; o *alívio* das aflições vindas de Deus era tudo o que lhe interessava. É sempre assim com os réprobos. Foi assim com Faraó: a cada nova praga que descia sobre o Egito, ele mandava buscar Moisés e lhe suplicava que orasse para que fosse removida e, tão logo isso acontecia, ele endurecia o coração e continuava a desafiar o Altíssimo. A não ser que Deus intervenha e confirme em nossa alma as suas correções, elas de nada nos servirão. Não importa quão severos sejam os seus juízos ou por quanto tempo se estendam, o homem jamais se quebrantará por meio deles, a não ser que Deus execute uma obra de graça *dentro* dele. "[...] os homens remordiam a língua por causa da dor que sentiam e blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e *não se arrependeram* de suas obras" (Ap 16.10,11).

Em nenhum outro lugar se mostra de maneira tão grave a terrível depravação da natureza humana do que nesse ponto específico. Primeiro, os homens consideram uma prolongada estação de seca como uma anomalia da natureza, que precisa ser suportada, recusando-se a ver a mão *de Deus* naquilo. Depois, quando se torna evidente que estão debaixo do juízo divino, manifestam um espírito de rebelião e enfrentam as situações de forma atrevida e descarada. Posteriormente, um profeta de Israel queixou-se do povo dos seus dias por manifestarem essa disposição perversa: "Ah! SENHOR, não é para a fidelidade que atentam os teus olhos? Tu os feriste, e não lhes doeu; consumiste-os, e não quiseram receber a disciplina; endureceram o rosto mais do que uma rocha; não quiseram voltar" (Jr 5.3). Disso tudo podemos ver quão completamente absurdos e errôneos são os ensinamentos dos católicos sobre o purgatório, e dos universalistas a respeito do inferno. "Nem o suposto fogo do purgatório nem os reais tormentos do inferno possuem efeitos depuradores, e o pecador, sob a angústia do seu sofrimento, haverá de crescer continuamente em perversidade e acumular ira e indignação por toda a eternidade" (Thomas Scott).

"Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais. Repartiram entre si a terra, para a percorrerem; Acabe foi à parte por um caminho, e Obadias foi sozinho por outro" (Ob 18.5,6). Que quadro essas palavras nos apresentam! Nos pensamentos de Acabe não só o Senhor não tinha nenhum lugar como ele

também não diz nada a respeito do seu povo, o qual, logo depois do Senhor, deveria ser a sua maior preocupação. O seu coração perverso parecia incapaz de elevar-se acima dos cavalos e dos mulos; era isso que o preocupava no dia da mais terrível adversidade de Israel. Que contraste entre o baixo e detestável egoísmo desse miserável e o espírito nobre do homem segundo o coração de Deus: "Vendo Davi ao Anjo que feria o povo, falou ao SENHOR e disse: Eu é que pequei, eu é que procedi perversamente; porém estas ovelhas que fizeram? Seja, pois, a tua mão contra mim e contra a casa de meu pai" (2Sm 24.17). Essa era a linguagem de um rei regenerado, quando o seu país tremia sob a vara da correção de Deus por causa do seu pecado.

À medida que se estendia a seca e os seus dolorosos efeitos se tornavam mais e mais acentuados, podemos bem imaginar o amargo ressentimento e a furiosa indignação que crescia em Acabe e na sua perversa esposa contra aquele que havia pronunciado a terrível sentença de não haver nem orvalho nem chuva. Jezabel estava enfurecida de tal maneira, que ela exterminou os profetas do SENHOR (1Rs 18.4), e tão furioso estava o rei, que ele havia procurado Elias diligentemente em todas as nações circunvizinhas, exigindo dos seus governantes um solene juramento de que não estavam concedendo asilo ao homem a quem ele (Acabe) considerava seu pior inimigo e a causa de toda essa aflição. E agora a Palavra do Senhor veio a Elias, dizendo: "Vai, apresenta-te a Acabe" (1Rs 18.1). Se muita coragem fora necessária quando ele precisou anunciar a terrível seca, quanta não seria necessária agora para encarar aquele que o procurava com fúria impiedosa!

"Passados muitos dias veio a palavra do SENHOR a Elias no terceiro ano, dizendo: Vai mostrar-te a Acabe" (1Rs 18.1 – BRA). Todos os passos de Elias eram determinados por Deus; ele não era "dele mesmo", mas era servo de outrem. Quando o Senhor lhe ordenou: "esconde-te" (1Rs 17.3), Elias teve de esconder-se conforme a ordem divina; e quando o Senhor disse: "Vai mostrar-te", ele teve de sujeitar-se à vontade de Deus. Não faltou coragem a Elias, pois "o justo é intrépido como o leão" (Pv 28.1). Ele não recusou a presente comissão, mas saiu sem demora e sem murmurar. Humanamente falando, voltar a Samaria era altamente perigoso para o profeta porque ele não tinha como esperar nenhuma saudação de boas vindas do povo que se encontrava em tão dolorosas dificuldades, nem misericórdia alguma da parte do rei. Mas com a mesma obediência e sem a hesitação que já o caracterizara antes, ele se sujeitou às ordens do seu Senhor. Como o apóstolo Paulo, ele não considerou como preciosa a própria vida, mas estava pronto a ser

torturado e morto, se essa fosse a vontade do Senhor para ele.

"Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele" (1Rs 18.7). Alguns poucos extremistas ("separatistas") têm caluniado rudemente o caráter de Obadias, acusando-o de infidelidade, alguém que tentava servir a dois senhores. Mas o Espírito Santo não declarou que ele fez mal em continuar a serviço de Acabe, nem declarou que a sua vida espiritual sofreu dano por causa disso. Em vez disso, a Palavra de Deus claramente nos diz que "Obadias temia muito ao SENHOR" (1Rs 18.3), o que é um dos maiores elogios que lhe poderiam ser feitos. Muitas vezes Deus tem concedido favor a seu povo na presença de senhores pagãos (como José e Daniel), e tem magnificado a suficiência da sua graça ao preservar a alma deles no meio do mais desfavorável ambiente. Os seus santos são encontrados nos lugares mais inesperados como na "casa de César" (Fp 4.22).

Não há nada errado em um filho de Deus manter uma posição de influência, se ele puder fazê-lo sem sacrificar seus princípios. E, de fato, isso pode capacitá-lo a prestar valioso serviço à causa de Deus. Humanamente falando, onde estariam Lutero e os Reformadores, se não fosse o príncipe-eleitor da Saxônia? E, qual não teria sido o destino do próprio Wycliffe, se João de Gante não lhe tivesse oferecido guarida? Sem dúvida, como mordomo da casa de Acabe, Obadias estava na mais difícil e perigosa posição; contudo, longe de dobrar o joelho a Baal, ele fora instrumento para salvar a vida de muitos dos servos de Deus. Embora rodeado de tantas tentações, ele preservou a integridade. Também devemos notar que, quando Elias encontrou Obadias, o profeta não emitiu nenhuma palavra de reprovação para com o mordomo do rei. Não sejamos tão apressados para mudar nossas condições (no sentido de circunstâncias), pois o diabo pode nos assaltar tão facilmente em qualquer lugar.

Quando Elias estava a caminho para confrontar Acabe, ele encontrou o piedoso mordomo da casa do rei. "Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele. Obadias, reconhecendo-o, prostrou-se com o rosto em terra e disse: És tu meu senhor Elias?" (1Rs 18.7). Obadias reconheceu Elias, mas quase não pôde acreditar no que via. Era incrível que o profeta houvesse sobrevivido ao impiedoso e furioso ataque de Jezabel contra os servos do SENHOR; e era ainda mais incrível vê-lo ali, sozinho, andando por Samaria. As mais diligentes buscas haviam sido feitas para encontrá-lo, mas foram em vão, e agora ele aparece inesperadamente ali; quem pode sequer imaginar a mistura de sentimentos de reverente temor e alegria quando

Obadias viu o homem de Deus, por meio de cuja palavra a terrível seca e a penosa fome quase haviam desolado por completo a terra? Obadias, de imediato, mostrou o maior respeito por ele e lhe prestou reverência. “Do mesmo modo que ele havia mostrado a ternura de um pai aos filhos dos profetas, assim também ele mostrou a reverência de um filho para com o pai dos profetas e, por meio disso, mostrou que ele de fato temia grandemente o Senhor” (Matthew Henry).

“Respondeu-lhe ele: Sou eu; vai e dize a teu senhor: Eis que aí está Elias” (1Rs 18.8). Não faltou coragem ao profeta. Ele recebera ordens de Deus para “mostrar-se a Acabe” e, por isso, ele não fez nenhuma tentativa de ocultar a própria identidade quando interrogado pelo mordomo. Assim também nós, quando desafiados por nossos opositores, não deixemos de declarar ousadamente o nosso discipulado cristão. Embora o rei fosse um homem perverso, devemos notar que Elias honrou a Acabe ao referir-se a ele como “teu senhor”, enquanto conversava com Obadias. É obrigação do inferior mostrar respeito aos seus superiores: os súditos para com os seus soberanos, os servos para com os seus senhores. Temos de conceder a todos aquilo que lhes confere o seu cargo ou posto. Não é um sinal de espiritualidade sermos vulgares em nossa conduta ou arrogantes no falar. Deus nos ordena: “honrai o rei” (1Pe 2.17) – por causa do seu *cargo* – mesmo que seja um Acabe ou um Nero.

“Respondeu-lhe ele: Sou eu; vai e dize a teu senhor: Eis que aí está Elias. Porém ele disse: Em que pequei, para que entregues teu servo na mão de Acabe, e ele me mate?” (1Rs 18.8,9). Era simplesmente natural que Obadias quisesse ver-se livre de tão perigosa missão. Primeiro, ele pergunta *de que maneira* ele havia ofendido ao Senhor ou ao seu profeta, para que lhe fosse solicitado que se tornasse o mensageiro de tão desagradável notícia para o rei – prova segura de que a sua própria consciência estava limpa! Segundo, ele faz Elias saber os grandes esforços do seu senhor para localizá-lo e descobrir o seu esconderijo: “Tão certo como vive o SENHOR, teu Deus, não houve nação nem reino aonde o meu senhor não mandasse homens à tua procura; e, dizendo eles: Aqui não está; fazia jurar aquele reino e aquela nação que te não haviam achado” (v. 10). Contudo, apesar de toda a sua diligência, não foram capazes de descobri-lo. Tal fora a eficiência com que Deus o protegera das suas más intenções. É totalmente inútil toda e qualquer tentativa do homem de esconder alguma coisa quando o Senhor a procura; igualmente, sem efeito algum é procurar algo quando Deus o esconde do

homem.

"Agora, tu dizes: Vai, dize a teu senhor: Eis que aí está Elias" (1Rs 18.11). É evidente que não estás falando sério ao fazer um pedido desses. Não sabes que para mim serão fatais as consequências, se eu não puder comprovar uma notícia dessas! "Poderá ser que, apartando-me eu de ti, o Espírito do SENHOR te leve não sei para onde, e, vindo eu a dar as novas a Acabe, e não te achando ele, me matará; eu, contudo, teu servo, temo ao SENHOR desde a minha mocidade" (v. 12). Ele temia que Elias fosse desaparecer misteriosamente outra vez, e então o seu senhor ficaria furioso por ele não ter prendido o profeta, e certamente mais furioso ficaria se descobrisse que não havia mais nenhum vestígio dele, depois de ter este chegado tão perto do rei. Finalmente, Obadias pergunta: "Acaso, não disseram a meu senhor o que fiz, quando Jezabel matava os profetas do SENHOR, como escondi cem homens dos profetas do SENHOR, de cinquenta em cinquenta, numas covas, e os sustentei com pão e água?" (v. 13). Ele se refere a esses nobres e ousados feitos seus não em um espírito de orgulho, mas para comprovar a sua sinceridade. Elias o tranquiliza, em nome de Deus, e Obadias obedientemente se sujeita ao que lhe é ordenado: "Disse Elias: Tão certo como vive o SENHOR dos Exércitos, perante cuja face estou, deveras, hoje, me apresentarei a ele. Então, foi Obadias encontrar-se com Acabe e lho anunciou; e foi Acabe ter com Elias".

CAPÍTULO 12

O CONFRONTO COM ACABE

Nos capítulos anteriores, vimos Elias sendo chamado de repente da obscuridade para aparecer diante do perverso rei de Israel e entregar-lhe uma terrível sentença de juízo, a saber, “nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra” (1Rs 17.1). Em seguida, depois de entregar esse solene ultimato, o profeta, em obediência ao seu Senhor, retirou-se da cena da ação pública e entrou em um isolamento, gastando parte do tempo junto ao ribeiro de Querite, e parte na humilde casa da viúva de Sarepta. Em ambos os lugares, as suas necessidades foram miraculosamente supridas por Deus, que não permite que ninguém seja prejudicado por cumprir as suas ordens. Mas agora chegou a hora quando esse intrépido servo do Senhor novamente tem de aparecer em público, e uma vez mais ele precisa encarar o idólatra monarca de Israel. “[...] veio a palavra do SENHOR a Elias, no terceiro ano, dizendo: Vai, apresenta-te a Acabe” (1Rs 18.1).

Em nosso último capítulo, observamos o efeito que teve a prolongada seca sobre Acabe e os seus súditos, um efeito que tornou tristemente clara a depravação do coração humano. Está escrito: “a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento” (Rm 2.4); e, também: “quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça” (Is 26.9). Quantas vezes vemos esses textos sendo citados como se fossem declarações absolutas e incondicionais, e quão raramente são citadas as palavras que as seguem. No primeiro caso: “Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus” (Rm 2.5); e no segundo caso: “Ainda que se mostre favor ao perverso, nem por isso aprende a justiça; até na terra da retidão ele comete a iniquidade e não atenta para a majestade do SENHOR” (Is 26.10). Como haveremos de entender essas passagens, pois para o homem natural parece que elas se anulam mutuamente? A segunda parte da citação de Isaías parece contradizer frontalmente a primeira.

Se compararmos Escritura com Escritura, veremos que para cada uma das declarações acima encontraremos clara e definida demonstração. Por exemplo, não foi a percepção da bondade do Senhor – a sua “benignidade” e “a multidão das suas ternas misericórdias” – que conduziram Davi ao

arrependimento e o levaram a clamar: “Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado” (Sl 51.1,2)? E, ainda, não foi a lembrança da bondade do Pai – o fato de que na casa dele havia “pão com fartura”34 – que levou o filho pródigo ao arrependimento e à confissão dos seus pecados? Assim, também, foi quando os juízos de Deus estavam sobre a terra, a tal ponto de nos ser dito: “Naqueles tempos, não havia paz nem para os que saíam nem para os que entravam, mas muitas perturbações sobre todos os habitantes daquelas terras. Porque nação contra nação e cidade contra cidade se despedaçavam, pois Deus os conturbou com toda sorte de angústia” (2Cr 15.5,6). Então Asa e os seus súditos (em resposta à pregação de Azarias) “lançou as abominações fora de toda a terra [...] e renovou o altar do SENHOR [...] Entraram em aliança de buscarem ao SENHOR, Deus de seus pais, de todo o coração e de toda a alma” (2Cr 15.8-12; Cf. Ap 11.15).

Por outro lado, quantos exemplos são registrados nas Sagradas Escrituras de indivíduos e povos que foram objeto da bondade de Deus de forma marcante, que desfrutaram abundantemente as suas bênçãos, tanto temporais como espirituais, mas longe de essas pessoas privilegiadas serem devidamente afetadas por isso e conduzidas ao arrependimento, o seu coração se endureceu e abusaram das misericórdias de Deus: “E, engordando-se Jesurum, deu coices” (Dt 32.15 – RC; Os 13.6). Assim, também, quantas vezes lemos nas Escrituras dos juízos de Deus castigando tanto indivíduos como nações, unicamente para ilustrar a verdade da seguinte palavra: “SENHOR, a tua mão está levantada, mas nem por isso a veem” (Is 26.11). Um exemplo notável é Faraó, o qual, depois de cada praga, endureceu o coração novamente e continuou desafiando ao SENHOR. Talvez mais notável ainda seja o caso dos judeus, que, século após século, têm sido afligidos com os mais terríveis juízos do Senhor, e, contudo, não aprendem a justiça por esse meio.

Ah! Não temos nós mesmos testemunhado impressionantes demonstrações dessas verdades em nosso próprio tempo por todos os lados? Os favores divinos têm sido recebidos como algo óbvio; sim, são estimados muito mais como fruto de nosso próprio labor do que da generosidade divina. Quanto mais as nações prosperam, mais Deus se esvai do cenário.

Como, então, compreender estas declarações divinas: “a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento” e “quando os teus juízos reinam na terra, os moradores do mundo aprendem justiça”? Obviamente, elas *não* podem ser consideradas de forma absoluta e definitiva. Elas devem ser entendidas com este pré-requisito: o Deus soberano tem de *santificá-las* em

nossa alma. É o propósito “ostensivo” de Deus (não dizemos secreto e invencível), a demonstração da sua bondade que deveria conduzir os homens aos caminhos da justiça; essa é a sua tendência natural, e esse deveria ser o seu efeito sobre nós. Contudo, permanece o fato que nem a prosperidade nem a adversidade por si mesmas haverão de produzir esses resultados benéficos, pois quando as dispensações de Deus não são expressamente *santificadas* em nós, nem as suas misericórdias nem os seus castigos haverão de operar alguma melhora em nós.

Pecadores endurecidos desprezam a riqueza da bondade de Deus, a sua tolerância, e a sua longanimidade.35 A prosperidade serve para deixá-los menos dispostos a receber as instruções da justiça, e ainda que os meios da graça (a fiel pregação da Palavra de Deus) são livremente proporcionados entre eles, continuam profanos e fecham os olhos a todas as revelações da graça e santidade de Deus. Quando a mão de Deus se levanta para gentis repreensões, não fazem caso dela; e quando vingança mais terrível é infligida, endurecem o coração contra ela. Sempre tem sido assim. Somente à medida que Deus se agrada em trabalhar em nosso coração, tanto quanto diante dos nossos olhos, e somente à medida que ele condescende em abençoar e confirmar em nossa alma a sua influência miraculosa, é que se opera em nós uma disposição “ensinável” e somos levados a reconhecer a sua justiça em nos punir, e somos levados a consertar nossos maus caminhos. Sempre que os juízos de Deus não são especificamente *santificados* na alma, os pecadores continuarão a sufocar a convicção de pecado e avançarão na rebeldia, até que sejam finalmente engolidos pela ira de um Deus santo.

Talvez alguém pergunte: “O que tem tudo isso a ver com o nosso assunto?”. A resposta é: tem tudo a ver, e em vários sentidos. Isso mostra que a terrível perversidade de Acabe não era nada incomum, ao mesmo tempo em que serve também para explicar por que ele estava totalmente insensível com a dolorosa visitação do juízo de Deus sobre os seus domínios. Uma completa seca que se estendia por mais de três anos assolava a terra, de forma que “a fome era extrema em Samaria” (1Rs 18.2). Esse era de fato um juízo de Deus; teriam, então, o rei e os seus súditos aprendido a justiça por meio desse juízo? Teria o seu rei lhes dado exemplo ao humilhar-se debaixo da potente mão de Deus, reconhecendo as suas vis transgressões, removendo os altares de Baal e restaurando a adoração do SENHOR? Não! Longe disso, durante todo esse tempo ele tolerou a sua perversa esposa, a qual “exterminava os profetas do SENHOR” (1Rs18.4), adicionando iniquidade a iniquidade, exibindo as

terríveis profundezas do mal onde o pecador se precipitará, a não ser que seja impedido pelo poder refreador de Deus.

"Disse Acabe a Obadias: Vai pela terra a todas as fontes de água e a todos os vales; pode ser que achemos erva, para que salvemos a vida aos cavalos e mulos e não percamos todos os animais" (1Rs 18.5). Assim como a palha no ar revela a direção do vento, assim essas palavras de Acabe indicam o estado do seu coração. O Deus vivo não estava nos seus pensamentos, nem ele estava preocupado com os pecados que haviam desencadeado o descontentamento divino sobre a terra. E não parece que Acabe estivesse minimamente preocupado com os seus súditos, cujo bem-estar – logo depois da glória de Deus – deveria ser sua principal preocupação. Não, os seus anseios não parecem ter se elevado acima das fontes e dos ribeiros, dos cavalos e dos mulos, para que os animais que ainda sobreviviam fossem salvos. Isso não é evolução, mas degeneração; pois quando o coração se afasta do seu Criador, a sua direção é sempre para níveis mais e mais baixos.

Na hora da sua maior necessidade, Acabe não se voltou com humildade para Deus, pois Acabe era um estranho para Deus. A erva era agora o seu maior alvo – desde que pudesse encontrá-la, nada mais lhe interessava. Se houvesse comida e bebida, ele poderia ter permanecido no palácio, em companhia dos profetas idólatras de Jezabel, mas os horrores da fome o forçaram a sair. Contudo, em vez de dar importância às causas da fome para corrigi-las, ele busca somente alívio temporário. Lamentavelmente, ele havia se vendido à perversidade e tinha se tornado escravo de uma mulher que odiava o SENHOR. Caro leitor! Acabe não era um gentio, um pagão, mas um israelita beneficiado! Porém, ele tinha casado com uma mulher pagã e se envolveu com os falsos deuses dela. Ele havia naufragado na fé e estava sendo levado à destruição. Que coisa terrível é apartar-se do Deus vivo e abandonar o refúgio dos nossos pais!

"Repartiram entre si a terra, para a percorrerem; Acabe foi à parte por um caminho, e Obadias foi sozinho por outro" (1Rs 18.6). A razão para fazer isso é óbvia: indo o rei em uma direção e o mordomo em outra, eles cobririam um espaço territorial duas vezes maior do que se permanecessem juntos. Mas talvez possamos também perceber um sentido místico nessas palavras: "Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?" (Am 3.3). E que acordo havia entre esses dois homens? Não mais do que existe entre a luz e as trevas, entre Cristo e Belial, pois enquanto um era apóstata, o outro temia ao SENHOR desde a sua mocidade (1Rs 18.12). Isso era conveniente,

então; eles deveriam separar-se e tomar direções opostas, porque viajavam para destinos eternos completamente diferentes. Que essa associação de ideias não seja considerara como absurda; em vez disso, cultivemos o hábito de procurar o sentido e a aplicação *espiritual* sob o sentido *literal* das Escrituras.

"Estando Obadias já de caminho, eis que Elias se encontrou com ele" (1Rs 18.7). Isso com certeza parece confirmar a aplicação mística feita do versículo anterior, pois de fato há um significado espiritual no presente versículo. Qual era "o caminho" que Obadias estava trilhando? Era o caminho do dever, o caminho da obediência às ordens do seu senhor. É certo que era humilde a tarefa que ele estava desempenhando: procurar erva para os cavalos e os mulos; contudo esse era o trabalho que Acabe lhe havia designado, e enquanto ele se submetia à palavra do rei, foi recompensado com o encontro com Elias! Um caso paralelo se encontra em Gênesis 24.27, onde Eliézer, em obediência às instruções de Abraão, encontra a moça que o Senhor escolhera como esposa para Isaque: "estando no caminho, o SENHOR me guiou à casa dos parentes de meu senhor". Assim também aconteceu com a viúva de Sarepta: no caminho do dever (apanhando lenha), ela se encontrou com o profeta.

No capítulo anterior, consideramos a conversa entre Obadias e Elias, mas gostaríamos apenas de mencionar aqui a mistura de sentimentos que deve ter enchido o coração de Obadias, quando ele viu uma tão inesperada, mas bem-vinda figura. Temor reverente e alegria devem o ter predominado quando viu aquele por cuja palavra a terrível seca e fome haviam desolado quase completamente a terra. Aqui estava o profeta de Gileade, vivo (e bem!), avançando calmamente, sozinho, de volta a Samaria. Parecia algo bom demais para ser verdade, e Obadias quase não podia crer no que via. Saudando-o com um apropriado respeito, ele pergunta: "És tu meu senhor Elias?". Declarando-lhe a sua identidade, Elias lhe diz que vá e informe Acabe da sua presença. Isso foi uma incumbência indesejável, contudo foi obedientemente cumprida: "Então, foi Obadias encontrar-se com Acabe e lho anunciou" (1Rs 18.16).

E quanto a Elias, o que aconteceu enquanto aguardava a chegada do rei apóstata? Estava a sua mente inquieta, vislumbrando o raivoso monarca cercando-se dos seus oficiais, antes de aceitar o desafio do profeta, e avançando com amargo ódio assassino em seu coração? Não, querido leitor, não podemos supor isso nem por um momento. O profeta conhecia muito

bem aquele que havia tomado conta dele tão fielmente, e havia suprido as suas necessidades tão graciosamente durante a longa seca; ele não falharia agora. Não tinha Elias boas razões para recordar como o SENHOR havia aparecido a Labão quando ele perseguia com raiva a Jacó? “De noite, porém, veio Deus a Labão, o arameu, em sonhos, e lhe disse: Guarda-te, não fales a Jacó nem bem nem mal” (Gn 31.24). Era um simples caso de o Senhor infundir no coração de Acabe um temor reverente que o impediria de matar Elias, não importando o quanto desejasse fazê-lo. Que os servos de Deus se animem com a lembrança de que ele mantém os seus inimigos completamente debaixo do seu controle. Ele mantém o seu freio na boca deles, e os volta para onde quer, de forma que não possam tocar um fio de cabelo sequer sem o seu conhecimento e a sua permissão.

Elias, então, com espírito intrépido e coração calmo, aguardou a chegada de Acabe, como alguém consciente da própria integridade e da sua segurança na proteção de Deus. Ele bem podia apropriar-se das seguintes palavras: “Em Deus, cuja palavra eu exalto, neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer um mortal?”.36 Muito diferente devia estar a mente do rei, quando ele foi ter com Elias (1Rs 18.16). Embora irado contra o homem cujo terrível anúncio havia sido tão perfeitamente cumprido, ele devia estar meio temeroso de encontrá-lo. Acabe já havia testemunhado a sua inflexível firmeza e admirável coragem; e, sabendo que Elias agora não devia estar intimidado com o seu desagrado, tinha boas razões para temer que esse encontro não fosse honroso para si mesmo.

O próprio fato de o profeta estar esperando o rei, sim, de haver enviado Obadias para dizer-lhe: “Eis que aí está Elias”, deve ter inquietado o rei. Os homens perversos são geralmente grandes covardes: a consciência deles é que os acusa, e frequentemente gera neles temor quando na presença dos fiéis servos de Deus, mesmo que estes ocupem na vida posição inferior à deles. Foi assim com o rei Herodes em relação ao precursor de Cristo, pois somos informados que “Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo” (Mc 6.20). De forma semelhante, Félix, o governador romano, tremia diante de Paulo (embora este fosse prisioneiro daquele) quando o apóstolo dissertava “acerca da justiça, do domínio próprio e do Juízo vindouro” (At 24.25). Que os ministros de Cristo não hesitem na ousada entrega da sua mensagem, nem se amedrontem com o descontentamento dos mais influentes da sua congregação.

“[...] e foi Acabe ter com Elias” (1Rs 18.16). Talvez nós esperássemos

que Acabe, depois de verificar através de dolorosa experiência que o tesbita não era um enganador, mas um verdadeiro servo do SENHOR cuja palavra se cumprira com exatidão, demonstrasse agora piedade, tivesse convicção do seu pecado e estupidez, e estivesse pronto a voltar-se ao Senhor em humilde arrependimento. Mas nada disso aconteceu. Em vez de aproximar-se do profeta com um desejo de receber instrução espiritual ou para suplicar as suas orações em seu favor, ele ingenuamente esperava agora vingar-se de tudo o que ele e os seus súditos tinham sofrido. A maneira com que se dirigiu a Elias imediatamente revela a situação do seu coração: "Vendo-o (a Elias), disse-lhe (Acabe): És tu, ó perturbador de Israel?" (1Rs 18.17) – que contraste com a saudação feita a Elias pelo piedoso Obadias! Não saiu nenhuma palavra de contrição da boca de Acabe. Endurecido pelo pecado, com a consciência "cauterizada",37 ele deu vazão à sua obstinação e fúria.

"Vendo-o (a Elias), disse-lhe (Acabe): És tu, ó perturbador de Israel?" (1Rs 18.17). Essa explosão não deve ser considerada como algo desmedido, a impertinente expressão de alguém pego de surpresa; em vez disso, devemos considerá-la como indicativa do miserável estado da alma de Acabe, porque "a boca fala do que está cheio o coração".38 Era o antagonismo declarado entre o mal e o bem; era o silvo da Serpente contra um dos membros de Cristo; era o desafogar da maldade de alguém que se sentia condenado pela própria presença de um justo. Anos mais tarde, falando de outro devoto servo de Deus, cujo conselho foi solicitado por Josafá, esse mesmo Acabe disse: "eu o aborreço, porque nunca profetiza de mim o que é bom, mas somente o que é mau" (1Rs 22.8). Assim, longe de ser desfavorável ao caráter e missão de Elias, essa acusação era um tributo à integridade do profeta, pois não há testemunho maior da fidelidade dos servos de Deus do que despertarem o sincero ódio dos "Acabes" que os cercam.

---

34 Lucas 15.17.
35 Romanos 2.4.
36 Salmo 56.4.
37 1Timóteo 4.2.
38 Mateus 12.34.

CAPÍTULO 13

O PERTURBADOR DE ISRAEL

“E sucedeu que, vendo Acabe a Elias, disse-lhe Acabe: És tu o perturbador de Israel?” (1Rs 18.17 – RC). Como as palavras dos nossos lábios denunciam o estado do nosso coração! Essa linguagem do rei, após o grave juízo que Deus havia mandado sobre o seu território, revela a dureza e a impenitência do seu coração. Considere as oportunidades que haviam sido dadas a ele: ele foi alertado pelo profeta das consequências exatas que seguiriam a sua insistência no pecado; ele tinha visto que aquilo que fora anunciado pelo profeta de fato sucedera; ele tinha sido demonstrado diante dos seus olhos que os ídolos que ele e Jezabel adoravam não conseguiam evitar a calamidade nem dar a chuva que era tão desesperadamente necessária. Havia de tudo para convencê-lo que “o Senhor Deus de Elias” era o soberano governador do céu e da terra, cujas decisões ninguém consegue revogar e cujo braço todo-poderoso nenhum poder consegue resistir.

Assim é o pecador que é entregue a si mesmo. É só Deus remover a sua restrição de sobre ele que a loucura que domina o seu coração brotará como água de represa que se rompe. Ele está determinado, a todo custo, a seguir o seu próprio caminho. Não importa quão sérios e solenes sejam os tempos em que vive, ele não se importa com isso. Não importa a gravidade das ameaças que rondam o seu país, nem quantos dos seus companheiros sejam mutilados e mortos, ele tem de continuar a encher-se dos seus prazeres pecaminosos. Embora os juízos de Deus estrondem ensurdecedoramente nos seus ouvidos, ele deliberadamente fecha os ouvidos e tenta esquecer suas mágoas em um turbilhão de alegrias. Embora o país esteja em guerra,39 lutando pela própria vida, a “vida noturna” com suas bebedeiras continua sem parar. Se os ataques aéreos os obrigarem a buscar refúgio nos abrigos subterrâneos, ali serão saudados (pelo menos em um dos abrigos) com avisos espalhados pelas paredes: “Aqui, jogo de cartas e apostas”. O que é isso senão fortalecer-se “contra o Todo-Poderoso” e arremeter contra ele com “os pontos grossos dos seus escudos” (Jó 15.25,26 – RC)?

Contudo, enquanto escrevemos as linhas acima, lembramo-nos das seguintes palavras inquiridoras: “Pois, quem te faz diferente [distinto] dos demais?” (1Co 4.7). Há somente uma resposta: um Deus soberano, na

plenitude da sua maravilhosa graça. Oh! Como saber disso deveria nos humilhar até ao pó, visto que por natureza e na prática não havia diferença entre nós e eles! “[...] nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência; entre os quais também todos nós andamos outrora, segundo as inclinações da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos, por natureza, filhos da ira, como também os demais” (Ef 2.2,3). Foi misericórdia “discriminativa” que nos achou quando estávamos “sem Cristo”. Foi amor “discriminativo” que nos vivificou para novidade de vida quando estávamos “mortos em nossos delitos e pecados”. Dessa forma, não temos razão de nos orgulhar e não há lugar para presunção. Antes, temos de andar com humildade e em contrição diante daquele que nos salvou de nós mesmos.

“Vendo-o, (Acabe) disse-lhe: És tu, ó perturbador de Israel?” (1Rs 18.17). Elias foi aquele que, mais do que qualquer outro, resistiu ao desejo de Acabe de levar Israel à adoração de Baal por meio do acordo pacífico de coexistência dos cultos religiosos da nação. Em sua opinião, Elias foi o responsável por toda miséria e sofrimento que enchiam a terra. Não havia discernimento da ação da mão de Deus naquela seca, nem havia remorso pela sua própria conduta pecaminosa; em vez disso, Acabe tenta transferir o ônus a outrem, e acusa o profeta de ser o autor das calamidades que sobrevieram à nação. Esta é sempre a característica de um coração que não se humilhou e não julgou a si mesmo: quando está debaixo do justo castigo de Deus, ele lança a culpa em outro, exatamente como fazem as nações cegadas pelo pecado, quando estão sendo punidas pelas suas iniquidades – elas atribuem as suas dificuldades aos erros dos seus políticos.

Não é incomum que os justos ministros de Deus sejam considerados como perturbadores das pessoas e das nações. O fiel Amós foi acusado de conspirar contra Jeroboão II, e lhe foi dito que a terra não poderia sofrer todas as suas palavras (Am 7.10). O próprio Salvador foi acusado de “alvoroçar o povo” (Lc 23.5). A respeito de Paulo e Silas, em Filipos, disseram que eles “estão perturbando muito a nossa cidade” (At 16.20 – BRA); e quando em Tessalônica, referiam-se a eles como “Estes que têm transtornado o mundo” (At 17.6). Não há, portanto, testemunho maior da *fidelidade* dos servos de Deus, do que quando eles provocam o rancor e a hostilidade dos réprobos. Uma das mais lastimosas condenações que poderiam ser pronunciadas a respeito dos homens encontra-se nas terríveis palavras de nosso Senhor aos

seus irmãos descrentes: “Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más” (Jo 7.7). Mas quem não preferiria receber todas as acusações que os “Acabes” podem amontoar sobre nós, do que atrair sobre si o veredicto dos lábios de Cristo!

É obrigação dos servos de Deus alertar os homens do perigo que correm, advertir que o caminho da rebelião contra Deus conduz à destruição certa, e instar com eles que deponham as armas da sua revolta e fujam da ira vindoura. É sua obrigação ensinar aos homens que eles precisam voltar-se dos ídolos para servirem ao Deus vivo porque, de outra forma, perecerão eternamente. É sua obrigação censurar a perversidade, onde quer que se encontre, e declarar que o salário do pecado é a morte. Isso não lhes trará popularidade, pois haverá de condenar e irritar os perversos, e esse tipo de linguagem franca os perturbará seriamente. Aqueles que desmascaram hipócritas, resistem a tiranos e opõem-se aos perversos serão sempre vistos por eles como perturbadores. Mas como Cristo declarou: “Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós” (Mt 5.11,12).

“Respondeu Elias: Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do SENHOR e seguistes os baalins” (1Rs 18.18). Se Elias fosse um desses bajuladores servis que comumente se encontram a serviço dos reis, ele teria se jogado aos pés de Acabe, suplicando misericórdia ou rendendo-lhe desprezível submissão. Em vez disso, ele era embaixador de um Rei maior, o próprio Senhor dos Exércitos. Ciente disso, ele conservou a dignidade do seu cargo e caráter, agindo como quem representa um poder superior. Foi porque percebia a presença daquele por meio de quem os reis governam, daquele que pode refrear a ira do homem e fazer os seus resíduos louvá-lo, que o profeta Elias não temeu a face do monarca apóstata de Israel. Ah! Caro leitor! Se percebêssemos mais a presença e a suficiência do nosso Deus, não temeríamos aquilo que alguém possa fazer conosco. A incredulidade é a causa dos nossos medos. Oh! Que sejamos capazes de dizer: “Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei”! (Is 12.2).

Elias não se intimidou com a perversa difamação que acabara de ser lançada sobre ele. Com destemida coragem, ele primeiro nega a infame

acusação: “Eu não tenho perturbado a Israel” (1Rs 18.18). Será uma grande bênção se pudermos, com verdade, alegar a mesma coisa: que os castigos que Sião recebe neste momento das mãos de um Deus santo não foram provocados de forma nenhuma pelos meus pecados. Ah! Quem de nós poderia afirmar isso? Em segundo lugar, Elias devolve ousadamente a acusação, colocando-a sobre o próprio rei, a quem de fato pertencia a culpa: “Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai”. Veja aqui a fidelidade dos servos de Deus. Como Natã disse a Davi, assim Elias fez com Acabe: “Tu és o homem”. Uma acusação de fato solene e pesada: que Acabe e a casa do seu pai eram a causa de todos os insistentes problemas e tristes calamidades que haviam sobrevindo sobre a terra de Israel. A autoridade divina com que estava investido capacitou Elias a condenar o próprio rei.

Em terceiro lugar, o profeta prosseguiu apresentando provas da acusação que fizera contra Acabe: “porque deixastes os mandamentos do SENHOR e seguistes os baalins” (1Rs 18.18). Longe de o profeta ser o inimigo da sua terra, o que ele fazia era unicamente buscar o bem dela. De fato, ele havia orado a Deus suplicando que ele enviasse o seu juízo sobre a perversidade e apostasia do rei e da nação, mas isso era porque desejava que eles se arrependessem dos seus pecados e consertassem os seus caminhos. Foram os pecados de Acabe e da sua casa que provocaram a seca e a fome. A intercessão de Elias não teria jamais prevalecido contra um povo santo: “a maldição sem causa não se cumpre” (Pv 26.2). O rei e a sua família eram os líderes da rebelião contra Deus, e o povo os havia seguido cegamente; aqui estava, então, a causa do sofrimento: eles eram os despreocupados “perturbadores” da nação, os que lhe interromperam a paz, e os que desagradaram a Deus.

Os verdadeiros perturbadores são aqueles que, pelos seus pecados, provocam a ira de Deus, e não aqueles que os alertam dos perigos a que as suas perversidades os expõem. “[...] tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do SENHOR e seguistes os baalins” (1Rs 18.18). É muito claro, mesmo do breve registro encontrado nas Escrituras, que Onri, pai de Acabe, foi um dos piores reis que Israel teve, e Acabe seguiu os perversos passos do pai. O que caracterizava esses reis era a mais grave idolatria. Jezabel, mulher de Acabe, era inigualável no seu ódio a Deus e a seu povo, e o zelo que ela possuía na adoração de falsos ídolos. A perversa influência deles foi tão poderosa e persistente, que prevaleceu até cerca de 200 anos depois (Mq 6.16), e provocou a vingança do Céu sobre a nação apóstata.

“[…] porque deixastes os mandamentos do SENHOR” (1Rs 18.18). É nisso que reside a verdadeira essência e odiosidade do pecado. É um livrar-se do jugo de Deus, uma recusa de sujeitar-se ao nosso Criador e Governador. É uma deliberada indiferença para com o Legislador e rebelião contra a sua autoridade. A Lei do Senhor é definida e enfática. O primeiro mandamento proíbe expressamente que tenhamos qualquer outro deus além do verdadeiro Deus; e o segundo proíbe fazer qualquer imagem de escultura e o curvar-se diante dela em adoração. Esses foram os terríveis crimes que Acabe havia cometido, e eles são em essência aqueles de que a nossa própria geração perversa é culpada, e essa é a razão por que a reprovação do Céu se manifesta tão pesadamente sobre nós. “[...] sabe, pois, e vê que mau e quão amargo é deixares o SENHOR, teu Deus, e não teres temor de mim, diz o Senhor, o SENHOR dos Exércitos” (Jr 2.19). “[...] e seguistes os baalins”: quando se deixa o verdadeiro Deus, os falsos deuses lhe tomam o lugar – “baalins” está no plural, pois Acabe e sua esposa adoravam uma variedade de falsas divindades.

“Agora, pois, manda ajuntar a mim todo o Israel no monte Carmelo, como também os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas do poste-ídolo que comem da mesa de Jezabel” (1Rs 18.19). Isto é impressionante: ver Elias sozinho, odiado por Acabe, não apenas acusando o rei pelos seus crimes, mas dando-lhe instruções, dizendo-lhe o que deve fazer. Não é nem preciso dizer que, nessa ocasião, a conduta dele não é nem precedente nem exemplo para todos os servos de Deus seguirem sob circunstâncias similares. O tesbita fora dotado de extraordinária autoridade da parte do Senhor, como se percebe na seguinte expressão do Novo Testamento: “no espírito e poder de Elias” (Lc 1.17). Exercendo essa autoridade, Elias exigiu uma reunião de todo o Israel no Carmelo, e que ali também se reunissem os profetas de Baal e Astarote,40 que estavam dispersos por todo lado do país. Mais estranha ainda foi a linguagem incisiva usada pelo profeta: ele simplesmente emitiu as suas ordens sem nenhuma explicação, sem apresentar nenhuma razão de quais eram os seus reais propósitos ao convocar todo o povo e os profetas.

Na continuação da história, fica evidente o propósito do profeta: aquilo que ele estava para fazer tinha de ser feito aberta e publicamente diante de testemunhas imparciais. Havia chegado o momento de se decidirem as coisas: Yahweh e Baal, por assim dizer, haviam chegado frente a frente, diante de toda a nação. O local de encontro escolhido para o teste era um monte na

tribo de Aser, o qual era de fácil acesso para o povo que viesse de qualquer lado. É importante ressaltar que o monte situava-se fora da terra de Samaria. No Carmelo, havia sido construído um altar e se haviam oferecido sacrifícios ao Senhor (Cf. 1Rs 18.30), mas a adoração a Baal havia suplantado até mesmo essa cerimônia irregular ao verdadeiro Deus – irregular porque a Lei proibia qualquer altar fora do templo em Jerusalém. Havia somente uma forma de acabar com a terrível seca e a resultante fome, e restaurar a bênção do SENHOR sobre a nação, e essa forma era julgar e tratar o pecado que provocara a calamidade; e, para isso acontecer, Acabe tinha de juntar todo o Israel no Carmelo.

"Uma vez que Elias planejava colocar a adoração de Yahweh em um fundamento firme e restaurar o povo a sua lealdade ao Deus de Israel, ele tinha de testar claramente as duas religiões, e por meio de um milagre tão extraordinário que ninguém pudesse contestar. E como a nação toda estava profundamente interessada no caso, a coisa tinha de se passar em um lugar público, em algum local alto, no cume do elevado Carmelo, e na presença de todo o Israel. Ele desejava tê-los todos reunidos nessa ocasião, para que testemunhassem com os próprios olhos tanto o poder absoluto e a soberania de Yahweh, cuja adoração eles tinham renunciado, como também a completa inutilidade daqueles sistemas idólatras que lhe haviam tomado o lugar" (John Simpson). É isso que sempre assinala a diferença entre a verdade e o erro: aquela deseja a luz, sem temer investigação; enquanto o erro, cujo autor é o príncipe das trevas, odeia a luz e floresce melhor sob a cobertura do sigilo.

Não há nada que indique que o profeta tenha dado a conhecer a Acabe as suas intenções. Antes, parece que ele apenas ordenou sumariamente ao rei que juntasse todo o povo e os profetas: todos os envolvidos no terrível pecado tinham de estar presentes – líderes e liderados. "Então, enviou Acabe mensageiros a todos os filhos de Israel e ajuntou os profetas no monte Carmelo" (1Rs 18.20). E por que razão Acabe cumpriu tão mansa e prontamente à ordem de Elias? A maioria dos comentaristas diz que o rei estava desesperado naquela altura, e como os pedintes não têm o privilégio de escolher, ele na verdade não tinha alternativa senão concordar. Depois de três anos e meio de fome, o sofrimento devia ser tão intenso que, se a chuva que tão desesperadamente era necessária não pudesse ser obtida de outra forma exceto como favor devido às orações de Elias, então que assim fosse. Pessoalmente, preferimos considerar o consentimento de Acabe como uma impressionante demonstração do poder de Deus sobre o coração dos homens,

sim, até mesmo sobre o coração do rei, pois ele “segundo o seu querer, o inclina” (Pv 21.1).

Essa é uma verdade – uma grande verdade fundamental – que precisa ser fortemente destacada nestes dias de ceticismo e descrença, quando a atenção se restringe às causas secundárias e se perde de vista a causa principal. Quer seja no âmbito da Criação ou da Providência, considera-se a criatura em vez do Criador. Se nossos campos e jardins derem boas colheitas, a dedicação dos fazendeiros e a habilidade dos jardineiros serão imediatamente louvadas; se produzirem pouco, o tempo ou qualquer outra coisa serão culpados. Não se considera nem a aprovação nem a reprovação de Deus. Assim também acontece nas atividades políticas. Quão poucos, quão pouquíssimos são os que reconhecem a mão de Deus no presente conflito entre as nações.41 E, se afirmarmos que o Senhor nos está castigando por nossos pecados, até mesmo a maioria dos que se dizem cristãos se ofenderão com uma declaração dessas. Mas leia a Escritura e note quão frequentemente ela diz que o Senhor “moveu” ou “influenciou” o coração de certo rei para fazer isso ou aquilo; ou “impediu” certo rei de fazer isso ou aquilo.

Uma vez que isso é tão rara e fracamente compreendido hoje, citaremos algumas passagens para comprová-lo. “[...] eu te tenho impedido de pecar contra mim” (Gn 20.6 – RC). “[...] eu lhe endurecerei o coração [de Faraó], para que não deixe ir o povo” (Êx 4.21). “O SENHOR te fará cair diante dos teus inimigos” (Dt 28.25). “E o Espírito do SENHOR passou a incitá-lo” (Jz 13.25). “Levantou o SENHOR contra Salomão um adversário” (1Rs 11.14). “[...] o Deus de Israel suscitou o espírito de Pul, rei da Assíria” (1Cr 5.26). “Despertou, pois, o SENHOR contra Jeorão o ânimo dos filisteus e dos arábios” (2Cr 21.16). “[...] despertou o SENHOR o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino” (Ed 1.1). “Eis que eu despertarei contra eles os medos” (Is 13.17). “Eu te fiz multiplicar como o renovo do campo” (Ez 16.7). “Eis que eu trarei contra Tiro a Nabucodonosor, rei da Babilônia, desde o Norte, o rei dos reis, com cavalos, carros e cavaleiros” (Ez 26.7).

“Então, enviou Acabe mensageiros a todos os filhos de Israel e ajuntou os profetas no monte Carmelo” (1Rs 18.20). À luz das citações das Escrituras no parágrafo anterior, qual coração crente haverá de duvidar por um momento sequer que foi o Senhor que tornou Acabe disposto “no dia do seu poder”,42 disposto a obedecer ao homem que ele odiava mais do que a qualquer outro? E quando Deus trabalha, ele trabalha em ambos os lados da

linha: aquele que inclina o rei perverso a seguir as instruções de Elias, moveu não só o povo de Israel como também os profetas de Baal a acatar a convocação de Acabe, pois ele controla os seus inimigos tão verdadeiramente como o faz com seus amigos. É possível que o povo em geral tivesse comparecido à reunião na esperança de ver a chuva cair em resposta ao pedido de Elias, enquanto os falsos profetas provavelmente olhavam com desdém o fato de terem sido convocados por Elias ao Carmelo, por meio de Acabe.

Por ter sido o juízo de Deus causado pela apostasia da nação, e especialmente como testemunho contra a sua idolatria, a nação teria de ser restaurada (externa e publicamente pelo menos) antes que o castigo pudesse ser retirado. A prolongada seca não tinha operado nenhuma mudança, e a consequente fome não tinha trazido o povo de volta a Deus. Tanto quanto podemos entender da narrativa inspirada, o povo estava, com poucas exceções, tão dedicado aos seus ídolos como sempre estivera; e quaisquer que fossem tanto as convicções como as práticas do remanescente que não dobrou os joelhos a Baal, eles estavam tão temerosos de expressar-se publicamente (para não serem mortos), que Elias nem sequer sabia da existência deles. No entanto, até que o povo fosse trazido de volta à fidelidade a Deus, não se podia esperar nenhum favor da parte dele.

"Eles tinham de arrepender-se e abandonar os seus ídolos, senão nada poderia desviar o juízo de Deus. Ainda que Noé e Samuel e Jó fizessem intercessão, isso não induziria o Senhor a retirar-se do conflito contra o povo. Eles tinham de abandonar os seus ídolos e voltar-se a Yahweh". Essas palavras foram escritas há algum tempo atrás, contudo são tão verdadeiras e pertinentes agora como o foi naquela época, pois expõem um princípio permanente. Deus não fechará os olhos para o pecado nem haverá de encobrir maus procedimentos. Quer esteja castigando um indivíduo quer uma nação, aquilo que lhe desagradou precisa ser consertado antes que seja possível ter novamente o seu favor. É inútil suplicar a sua bênção, enquanto nos recusamos a abandonar aquilo que provocou a sua maldição. É inútil falar sobre exercer fé nas promessas de Deus, até que tenhamos exercitado o arrependimento dos nossos pecados. Nossos ídolos têm de ser destruídos, antes que Deus aceite a nossa adoração.

---

39 O autor escreve na época da II Guerra Mundial.
40 Isto é: Aserá, Poste-ídolo.

41 O contexto do autor era o da II Guerra Mundial.
42 Salmo 110.3.

CAPÍTULO 14

NO MONTE CARMELO

“Então, enviou Acabe mensageiros a todos os filhos de Israel e ajuntou os profetas no monte Carmelo” (1Rs 18.20). Vamos tentar descrever a cena. É manhã. De todos os lados de Israel, as multidões ansiosas se dirigem até aquele lugar que, desde tempos antigos, é associado com a adoração. Ninguém vai para o trabalho; um único pensamento ocupa a mente tanto de jovens como de velhos, enquanto atendem à convocação do rei de reunirem-se para essa enorme assembleia. Veja os milhares de Israel ocupando cada centímetro de posição vantajosa de onde podem obter melhor visão daquilo que vai acontecer! Iriam eles testemunhar um milagre? Seria posto um fim aos seus sofrimentos? Estaria prestes a cair a tão esperada chuva? Um silêncio desce sobre a multidão à medida que ouvem o passo organizado de um grupo de homens. Destacados pelos símbolos solares flamejando em seus turbantes, seguros do favor do rei e insolentemente desafiantes, aí vêm os 450 profetas de Baal. Então, por entre as multidões, surge a liteira do rei, nos ombros dos guardas de honra, cercado por seus comandantes de Estado. Deve ter sido algo assim a cena que se apresentou naquela auspiciosa ocasião.

“Então, Elias se chegou a todo o povo” (1Rs 18.21). Contemple o mar de rostos, olhos fixos nessa estranha e austera figura, cujas palavras tornaram o céu como bronze nesses últimos três anos. Com que intenso interesse e reverente temor não devem ter encarado esse homem solitário, de constituição robusta, olhos flamejantes e lábios comprimidos. Que silêncio solene não deve ter caído sobre a vasta assembleia enquanto viam um só homem enfrentando todo um batalhão. Que brilho maligno nos olhos dos invejosos sacerdotes e profetas observava cada um dos seus movimentos. Como diz um comentarista: “Nenhum tigre jamais vigiou alguma vítima de modo mais feroz! Se puderem dar vazão ao que sentem, ele nunca mais pisará as campinas lá em baixo”. Enquanto o próprio Acabe observava esse servo do Altíssimo, medo e ódio devem ter se alternado no seu coração, já que o rei considerava Elias como a causa de todas as suas dificuldades e, no entanto, ele sentia que de alguma forma a volta da chuva dependia do profeta.

O palco estava montado. A imensa audiência estava reunida. As figuras principais estavam a ponto de desempenhar seus papéis, e um dos mais

dramáticos atos em toda a história de Israel estava prestes a ser encenado. Estava para acontecer um confronto público entre as forças do bem e do mal. De um lado, estava Baal com suas centenas de profetas; do outro, Yahweh e seu servo solitário. Como era grande a coragem de Elias! Como era forte a sua fé, ao atrever-se a sustentar sozinho a causa de Deus contra tais forças e multidões! Mas não precisamos temer pelo intrépido tesbita; ele não precisa da nossa simpatia. Ele está conscientemente diante da presença daquele para quem as nações não passam de um pingo que cai de um balde.43 O Céu inteiro está a seu favor. Legiões de anjos enchem aquele monte, embora sejam invisíveis aos olhos naturais. Embora não passe de uma frágil criatura como nós mesmos, Elias se encontra cheio de fé e poder espiritual, e por meio dessa fé ele subjuga reinos, pratica a justiça, escapa ao fio da espada, faz-se poderoso em guerra, e põe em fuga exércitos de estrangeiros.44

"Elias se destacava diante de todos com um confiante e majestoso aspecto, como um embaixador do Céu. O seu espírito viril, encorajado pela consciência da proteção de Deus, transparecia coragem e intimidava toda oposição. Mas que terrível e repulsiva visão deveria ser para o próprio homem de Deus, ver tal junção dos agentes de Satanás que haviam desviado o povo do SENHOR do seu santo e nobre culto, e os tinham seduzido para as abomináveis e degradantes superstições do diabo! Elias não tinha nada em comum com aqueles que conseguem ver friamente o seu Deus insultado, e os seus compatriotas degradando-se, instigados por homens astutos, destruindo a própria alma imortal por meio das repulsivas crenças com que foram iludidos. Ele não podia contemplar com olho plácido os 450 odiosos impostores, que da religião fizeram o seu negócio, em troca de lucro imundo ou pelo favor palaciano, para iludir as multidões ignorantes, levando-as para a eterna destruição. Ele via a idolatria como algo triste e vergonhoso: nada mais do que o próprio mal personificado, o diabo deificado, e o inferno transformado em meio de vida religioso. E era com repulsa que Elias via os cúmplices desse sistema diabólico" (John Simpson).

Parece razoável concluir que Acabe e os seus súditos reunidos esperassem que Elias orasse por chuva nessa ocasião, e que esperassem testemunhar o repentino fim da longa seca e de sua companheira, a fome. Não tinham já passado os três anos a respeito dos quais ele profetizara (1Rs 17.1)? Dariam agora o luto e o sofrimento outra vez lugar à alegria e à fartura? Ah! Mas havia algo mais, além da oração, para que as janelas do Céu se abrissem, algo de muito maior importância com que era necessário ocupar-

se! Nem Acabe nem os seus súditos se encontravam ainda em situação adequada para se tornarem recipientes das divinas bênçãos e misericórdias. Deus estivera lidando com eles em juízo por causa dos seus terríveis pecados, e até o momento a sua vara não tinha sido reconhecida, nem havia sido ainda removida a razão do seu desagrado. Como Matthew Henry indicou: “Deus, antes de tudo, preparará o nosso coração, e então o seu ouvido nos ouvirá: primeiro nos fará voltar para si; e, então, ele se voltará para nós (Cf. Sl 10.17). Os desertores estão proibidos de buscar o favor de Deus antes que voltem a sua lealdade a ele”.

“Então, disse Elias ao povo” (1Rs 18.22). Em completo domínio da situação, o servo de Deus imediatamente tomou a iniciativa. É indizivelmente solene perceber que ele não diz uma só palavra aos falsos profetas, não fazendo nenhuma tentativa de convertê-los. Eles estavam destinados à destruição (v. 40). Não! Em vez disso, ele se dirige ao povo, para quem havia ainda alguma esperança, dizendo: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos?” (v. 21). A palavra “coxear” significa cambalear: eles não estavam andando corretamente. Às vezes cambaleavam para o lado do Deus de Israel, e depois se inclinavam como um bêbado para o lado dos falsos deuses. Eles não estavam plenamente decididos a quem seguiriam. Temiam ao SENHOR e, por isso, não queriam totalmente abandoná-lo; eles queriam obter o favor do rei e da rainha, e para isso consideravam necessário adotar a religião do Estado. A consciência deles os impedia de temer a Deus; o temor do homem os forçava a bajular o rei; mas, em nenhuma das situações, eles se envolviam de coração. Por isso, Elias os repreende, por causa da inconstância e indecisão deles.

Elias exige uma decisão definida. É importante lembrar que Yahweh era o nome pelo qual o Deus dos israelitas havia sempre sido diferençado desde a saída deles do Egito. De fato, o Deus-Yahweh dos seus pais era o Deus de Abraão, de Isaque, e de Jacó (Êx 3.15,16). “Yahweh” significa o autoexistente, onipotente, imutável, o ser eterno, o único Deus, além do qual não existe nenhum outro. “Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o” (1Rs 18.21). Não havia nenhum “se” na mente do profeta. Elias sabia muito bem que Yahweh era o único Deus vivo e verdadeiro, mas o povo precisava que lhe fosse demonstrado o absurdo da indecisão. Religiões diametralmente opostas não podem ambas estar certas: uma tem de estar errada e, tão logo a verdadeira seja descoberta, a falsa precisa ser abandonada. A aplicação para nossos dias dessa exigência de Elias seria o seguinte: se o Cristo das

Escrituras é o verdadeiro Salvador, então renda-se a ele; se for o "cristo" da moderna cristandade, então o siga. Aquele que exige a negação de si mesmo e o outro que permite a gratificação do egoísmo não podem, ambos, estar certos. Aquele que requer a intransigente mortificação do pecado e o outro que permite que você graceje com o pecado não podem ser, ambos, o Cristo de Deus.

Houve tempo quando os israelitas tentaram servir tanto a Deus como a Baal. Eles tinham algum conhecimento de Yahweh, mas Jezabel, com o seu bando de falsos profetas, perturbou-lhes a mente. O exemplo do rei os iludiu e a sua influência os corrompeu. A adoração a Baal era popular, e os seus profetas cortejavam o povo; a adoração de Yahweh era desaprovada e os seus servos foram mortos. Isso levou o povo, em geral, a esconder qualquer respeito que tivessem pelo Senhor. Isso os induziu a participar na adoração idólatra a fim de escapar da hostilidade e perseguição. Consequentemente, eles vacilavam entre os dois partidos. Eles se assemelhavam a pessoas mancas, instáveis, coxeando sem firmeza nenhuma. Eles titubeavam tanto nos sentimentos como na conduta. Tentavam, dessa forma, ajustar-se a ambos os partidos para agradar aos dois e assegurar-se do favor de ambos. Não havia regularidade no seu procedimento, nem constância nos seus princípios, nem consistência na conduta deles. Dessa forma, tanto desonravam a Deus como se degradavam com essa híbrida forma de religião, pois "temiam o SENHOR e, ao mesmo tempo, serviam aos seus próprios deuses" (2Rs 17.33). Mas Deus não aceitará um coração dividido: ele quer tudo, ou nada.

O Senhor é um Deus zeloso, que exige todo o nosso amor, e não aceitará dividir o seu reinado com Baal. Você tem de ser por ele ou contra ele. Deus não admitirá acordos. Você precisa decidir-se. Quando Moisés viu o povo de Israel dançando em torno do bezerro de ouro, depois de destruir esse ídolo e reprovar Arão, ele se pôs em pé na entrada do acampamento e disse: "Quem está do lado de Yahweh, venha a mim" (Êx 32.26 – BRA). Oh! Prezado leitor! Se você ainda não fez isso, decida como o piedoso Josué: "Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR" (Js 24.15). Pondere as solenes palavras de Cristo: "Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha" (Mt 12.30). Não há nada tão repulsivo para ele do que o crente morno: "Quem dera fosses frio ou quente!" (Ap 3.15) – ou uma coisa, ou outra. Ele nos alertou claramente: "Ninguém pode servir a dois senhores".45 Então: "Até quando coxeareis entre dois pensamentos?".46 Tome uma decisão em uma ou outra direção, porque não é possível nenhuma harmonia

entre Cristo e o Maligno.47

Há algumas pessoas que são educadas na proteção e na santificadora influência de um lar piedoso. Porém, mais tarde, saem para o mundo e se deixam ofuscar pelos seus brilhantes, vistosos, mas que são vazios enfeites, e deixam-se conquistar pela sua aparente felicidade. O seu coração insensato anseia pelos encantos e prazeres do mundo. Eles são convidados a participar disso tudo, e são ridicularizados caso mostrem hesitação. E muitas vezes, por não possuírem a graça no coração, nem força de caráter para resistir às tentações, são desviados do caminho, atendendo ao conselho dos ímpios e detendo-se no caminho dos pecadores. É verdade que eles não conseguem esquecer de todo o ensinamento que anteriormente receberam, e às vezes uma consciência inquieta os leva a ler um capítulo ou dois da Bíblia e a fazer suas orações; e assim permanecem entre duas alternativas e, inutilmente, procuram servir a dois senhores. Eles não se apegam unicamente a Deus, abrindo mão de tudo por ele, seguindo-o de todo o coração. São pessoas vacilantes, fronteiriças, amam e seguem o mundo, e, contudo, ainda conservam alguma aparência de piedade.

Há outros que se apegam a um credo ortodoxo, mas que desfrutam dos encantos do mundo e livremente se entregam aos prazeres da carne. “No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras” (Tt 1.16). Participam regularmente dos cultos, fazendo-se passar por adoradores de Deus mediante o único Mediador, e afirmam ser habitação do Espírito, por cujas graciosas operações o povo de Deus é convencido a deixar o pecado e andar nos caminhos da justiça e da verdadeira santidade. Mas se você entrar na casa deles, logo terá razão para duvidar das suas argumentações. Você não encontrará adoração de Deus no seu círculo familiar; talvez nenhuma, ou, quando muito, uma adoração em particular meramente formal; você não ouvirá nada sobre Deus ou sobre as suas exigências na conversa diária deles, e nada verá na sua conduta que os distinga das pessoas mundanas respeitáveis; sim, você verá coisas de que os não crentes mais decentes se envergonhariam. Há uma tão grande falta de integridade e consistência no caráter deles que os torna ofensivos a Deus e desprezíveis aos olhos dos homens sensatos.

Contudo, há ainda outros que também precisam ser classificados com aqueles que mancam e vacilam, que são inconstantes no pensamento e na prática. É uma classe menos numerosa, que foi educada no mundo, no meio das suas loucuras e vaidades. Mas por causa da aflição, da pregação da

Palavra de Deus, ou algum outro meio, tornaram-se conscientes de que precisam voltar-se ao Senhor e servi-lo, se quiserem fugir da ira vindoura e obter a vida eterna. Eles tornaram-se insatisfeitos com a sua vida mundana; todavia, estando rodeados de amigos e parentes mundanos, ficam receosos de mudar sua linha de conduta para não ofender os companheiros ímpios e trazer sobre si mesmos zombarias e oposição. Por conseguinte, fazem acordos pecaminosos, tentando conciliar as suas melhores convicções, mas negligenciando muitas das exigências de Deus a seu respeito. Assim, eles se posicionam entre duas opiniões: aquilo que Deus pensará a respeito deles, e aquilo que o mundo pensará deles. Eles não têm aquela firme confiança no Senhor que os levará a romper com os inimigos dele e voltar-se completamente para ele.

Há ainda outro grupo que precisamos mencionar. Embora sejam radicalmente diferentes daquelas que descrevemos acima, essas pessoas merecem ouvir a pergunta: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos?”. Ao mesmo tempo que são dignas de dó, precisam ser reprovadas. Referimo-nos àqueles que sabem que o Senhor precisa ser amado e servido com todo o coração e em todos os seus mandamentos, mas que por uma razão ou outra deixam de posicionar-se abertamente ao lado dele. Por fora, estão separados do mundo, não participam dos seus vãos prazeres, e ninguém pode apontar coisa alguma na conduta deles que seja contrária às Escrituras. Eles honram o Dia do Senhor, participam regularmente dos meios da graça, e gostam de estar em companhia do povo de Deus. Contudo, eles não assumem publicamente seu lugar entre os seguidores de Cristo, sentando-se à sua mesa. Sentem-se indignos demais para fazer isso, ou temem que possam trazer alguma censura à sua causa. Mas essa fraqueza e inconsistência estão erradas. Se o Senhor é Deus, siga-o da forma que ele exige, e confie nele para obter toda a graça necessária.

“Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o” (1Rs 18.21). O homem de mente dividida “vacila e é inconstante em todos os seus caminhos” (Tg 1.8). Nós temos de ser firmes tanto em nossa prática como em nossa opinião ou crença, de outra forma – não importa quão ortodoxo seja nosso credo – nossa profissão de fé é totalmente sem valor. É evidente que não pode haver dois seres supremos; por isso Elias convocou o povo para organizar a própria mente, a fim de perceberem qual deles era de fato Deus. Como não havia possibilidade de servirem a dois senhores, que se entregassem de coração, sem atenção dividida, àquele ser que concluíssem

ser o verdadeiro Deus vivo. E é isso que o Espírito Santo está dizendo a você, caro leitor que ainda não está salvo: compare um com o outro – o ídolo a quem você tem dado a sua afeição e aquele a quem você tem desprezado; e se você está seguro que o Senhor Jesus Cristo é "o verdadeiro Deus" (1Jo 5.20), então escolha-o como a sua porção, renda-se a ele como o seu Senhor, apegue-se a ele com todo o seu coração. Não se pode servir ao Redentor pela metade ou com reservas.

"Porém o povo nada lhe respondeu" (1Rs 18.21). Talvez porque estivessem indispostos a reconhecer a própria culpa, e assim ofender a Acabe; ou porque não tinham como refutar Elias, e assim estivessem envergonhados da própria conduta. Eles não sabiam o que dizer. Se estavam convictos ou confusos, não sabemos; mas certamente estavam perturbados – incapazes de achar qualquer falha na argumentação do profeta. Eles pareciam surpresos que essas alternativas tivessem sido apresentadas para escolherem, mas eles não eram nem suficientemente honestos para admitir a própria estupidez, nem suficientemente corajosos para dizer que agiram de acordo com a ordem do rei, seguindo a multidão na prática do mal. Eles, então, procuraram refúgio no silêncio, o que é muito melhor do que as fúteis desculpas proferidas por muitas dessas pessoas hoje, quando são repreendidas por causa dos seus maus caminhos. É quase certo que eles estavam intimidados pelas penetrantes perguntas do profeta.

"Porém o povo nada lhe respondeu" (1Rs 18.21). Oh! Que nossa pregação seja tão clara e fiel, que revele dessa mesma forma aos homens a insensatez da sua posição, que exponha a sua hipocrisia, dissipando a confusão dos seus sofismas, que os conduza dessa forma ao juízo do tribunal da sua própria consciência de tal modo que se cale cada uma das suas objeções, e que se condenem a si mesmos. Ah! Por todo lado vemos aqueles que procuram servir tanto a Deus como a Mamom, na tentativa de conseguir o favor do mundo e ainda merecer o "muito bem" de Cristo! Do mesmo modo que Jônatas, eles querem assegurar sua permanência no palácio de Saul e ainda permanecer com Davi. E quantos cristãos professos não há nestes dias, que conseguem ouvir Cristo e seu povo sendo ofendidos, mas nunca abrem a boca em reprimenda, temerosos de posicionar-se corajosamente por Deus, envergonhados de Cristo e da sua causa, embora sua consciência aprove as próprias coisas que escutam ser criticadas. Ó silêncio criminoso! Silêncio que possivelmente haverá de encontrar um Céu silencioso quando chegar a sua própria vez de clamar por misericórdia!

“Então, disse Elias ao povo: Só eu fiquei dos profetas do SENHOR, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta homens. Deem-se-nos, pois, dois novilhos; escolham eles para si um dos novilhos e, dividindo-o em pedaços, o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo; eu prepararei o outro novilho, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então, invocai o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do SENHOR; e há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus. E todo o povo respondeu e disse: É boa esta palavra” (1Rs 18.22-24). Esse era um desafio absolutamente justo, visto que Baal era considerado como “deus do fogo”, ou “senhor do sol”. Elias deu aos falsos profetas a preferência, de forma que o resultado da competição pudesse ser claramente para a glória de Deus. A proposta foi tão razoável que o povo à uma concordou, o que forçou os falsos profetas a irem ao campo de batalha: ou eles concordavam com o desafio, ou reconheciam que Baal era um impostor.

---

43 Isaías 40.15.
44 Hebreus 11.33,34.
45 Mateus 6.24.
46 1Reis 18.21.
47 2Coríntios 6.15.

CAPÍTULO 15

O DESAFIO DO PROFETA ELIAS

“Então, disse Elias ao povo: Só eu fiquei dos profetas do SENHOR, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta homens” (1Rs 18.22). Os justos são intrépidos como o leão:48 não fogem de dificuldades, não receiam as multidões que se ajuntam contra eles. Se Deus é por eles (Rm 8.31), não se importam com quem seja contra eles, pois a batalha é dele, e não deles. É verdade que havia “cem homens dos profetas do SENHOR” escondidos em cavernas (1Rs 18.13), mas que valor tinham eles para a sua causa? Aparentemente, eles receavam mostrar-se em público, pois não há nenhuma indicação de que estivessem presentes aqui no Carmelo. Contra os 450 profetas reunidos no monte naquele dia, somente Elias estava do lado de Yahweh. Ah! Queridos leitores! Não se pode julgar a verdade pela quantidade de pessoas que a confessam e a apoiam! O diabo desde sempre tem tido a maioria do seu lado. E será diferente em nossos dias? Qual será a percentagem dos pregadores de hoje que estão proclamando a verdade com firmeza? E, dentre esses, quantos praticam aquilo que pregam?

“Deem-se-nos, pois, dois novilhos; escolham eles para si um dos novilhos e, dividindo-o em pedaços, o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo; eu prepararei o outro novilho, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então, invocai o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do SENHOR; e há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus” (1Rs 18.23.24). Havia chegado a hora de se decidirem as coisas: Yahweh e Baal, como que postos frente a frente, diante de toda a nação. Era muito importante que o povo de Israel fosse despertado da sua pecaminosa indiferença e que ficasse incontestavelmente decidido quem era o verdadeiro Deus, digno da obediência e adoração deles. Por essa razão, Elias propôs o assunto de forma que não ficassem dúvidas. Acabara de ser demonstrado, por meio dos três anos de seca segundo a palavra do profeta, que Yahweh podia reter a chuva conforme ele quisesse, e que os profetas de Baal não tinham condições de reverter a situação e não eram capazes de produzir nem chuva nem orvalho. Agora se faria outro teste, uma literal “prova de fogo”, que era algo mais próximo deles, já que Baal era adorado como o “senhor do sol”, e os seus seguidores se consagravam a ele por meio de “passar pelo fogo” (2Rs

16.3). Era, portanto, um desafio que os seus profetas não podiam recusar, a menos que se considerassem impostores.

Essa "prova de fogo" não tinha só como objetivo forçar os profetas de Baal a irem ao campo de batalha e, dessa forma, deixar manifesta a nulidade das suas pretensões, mas foi principalmente planejada para apelar à mente do povo de Israel. Em quantas ocasiões gloriosas do passado Yahweh havia "respondido por fogo"! Esse foi o sinal dado a Moisés no Horebe, quando "Apareceu-lhe o Anjo do SENHOR numa chama de fogo, no meio de uma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia" (Êx 3.2). Esse era o símbolo da sua presença com o seu povo nas caminhadas pelo deserto: "O SENHOR ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo, para os alumiar" (Êx 13.21). Foi assim quando se fez a aliança e a Lei foi dada, pois "Todo o monte Sinai fumegava, porque o SENHOR descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha" (Êx 19.18). Esse também foi o sinal que ele deu da sua aceitação do sacrifício que o povo lhe oferecera sobre o altar: "E eis que, saindo fogo de diante do SENHOR, consumiu o holocausto e a gordura sobre o altar; o que vendo o povo, jubilou e prostrou-se sobre o rosto" (Lv 9.24). E assim também foi nos dias de Davi (Cf. 1Cr 21.26). Por essa razão, a descida de fogo sobrenatural do céu no Carmelo tornaria manifesto ao povo que o Senhor Deus de Elias era o Deus dos seus pais.

"[...] o Deus que responder por meio do fogo".49 Que estranho! Por que não "O Deus que responder por meio da água"? Era disso que a terra precisava com tanta urgência. De fato, mas antes que se pudesse conceder a chuva, precisava ocorrer outra coisa. A seca era um juízo divino sobre o país idólatra e a ira de Deus precisava ser aplacada antes que se pudesse desviar o seu juízo. E isso nos conduz ao sentido mais profundo desse tremendo drama. Não é possível haver reconciliação entre um Deus santo e homens pecadores a não ser por meio da expiação, e não pode haver expiação ou remissão de pecados senão por meio do derramamento de sangue. A justiça divina precisa ser satisfeita; a penalidade da transgressão da Lei precisa ser aplicada – ou recai sobre o réu culpado ou sobre um substituto inocente. E essa grande e fundamental verdade estava, sem dúvida nenhuma, sendo exposta aos olhos daquela multidão reunida no monte Carmelo. Um novilho foi morto, cortado em pedaços e colocado sobre a lenha, e aquele que fez descer o fogo e consumiu aquele sacrifício afirmou ser ele mesmo o verdadeiro e único Deus

de Israel. O fogo da ira de Deus necessariamente tem de cair – ou sobre o povo culpado ou sobre uma vítima que o substitua.

Como apontamos acima, a descida de fogo do Céu sobre a vítima vicária (1Cr 21.26) não era apenas a manifestação da ira santa de Deus, consumindo a vítima sobre a qual o pecado havia sido colocado, mas era também a confirmação pública da sua aceitação do sacrifício, à medida que a fumaça subia para ele como um suave e agradável aroma. Isso era uma evidente prova de que o pecado havia sido tratado, expiado, removido; agora a santidade de Deus estava satisfeita e podia, com justiça, ser mantida. Foi por essa razão que, no dia de Pentecostes, o Espírito Santo desceu, manifestando-se em "línguas, como de fogo" (At 2.3). Na explicação que deu deste fenômeno, Pedro disse naquele dia: "A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis"; e também: "Esteja absolutamente certa, pois, toda a casa de Israel de que a este Jesus, que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2.32,33,36). O dom do Espírito como "línguas, como de fogo" evidenciava a aceitação de Deus, do sacrifício expiatório de Cristo, testificava a sua ressurreição dos mortos e afirmava a sua exaltação ao trono do Pai.

"[…] o Deus que responder por meio do fogo" (1Rs 18.24 – BRA). O fogo, então, é a evidência da presença divina (Êx 3.2); é o símbolo da sua ira contra o pecado (Mc 9.43-49); é o sinal da sua aceitação de um sacrifício substitutivo (Lv 9.24); ele é o símbolo do Espírito Santo (At 2.3), que ilumina, inflama e purifica o crente. E também é por meio do fogo que ele haverá de lidar com o descrente porque quando o desprezado e rejeitado Redentor voltar, será "em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder" (1Ts 1.8,9). E também está escrito: "Mandará o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes" (Mt 13.41,42). Indizivelmente solene é isso tudo! É lamentável que o púlpito infiel hoje oculte o fato que "o nosso Deus é fogo consumidor" (Hb 12.29). Oh! Que terrível despertar será, pois no último dia acontecerá que "se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo" (Ap 20.15).

"Deem-se-nos, pois, dois novilhos; escolham eles para si um dos

novilhos e, dividindo-o em pedaços, o ponham sobre a lenha, porém não lhe metam fogo; eu prepararei o outro novilho, e o porei sobre a lenha, e não lhe meterei fogo. Então, invocai o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do SENHOR; e há de ser que o deus que responder por fogo esse é que é Deus" (1Rs 18.23,24). Vemos, portanto, que o teste proposto por Elias era triplo: (1) estava centralizado em um sacrifício imolado; (2) devia mostrar a eficácia da oração; (3) devia tornar evidente o verdadeiro Deus por meio da descida de fogo do Céu, cujo significado final apontava ao dom do Espírito como o fruto do Cristo que foi exaltado até os céus. E é nesses mesmos três pontos, caro leitor, que toda e qualquer religião – a nossa religião – precisa ser testada hoje. A pregação que você ouve regularmente conduz a sua mente a focalizar a morte expiatória do Senhor Jesus Cristo e atrai o seu coração para ele? Essa pregação mostra a necessidade de você pôr a sua fé na morte expiatória do Senhor Jesus? Se não o faz, saiba que esse não é o Evangelho de Deus. Aquele que você adora é um Deus que responde orações? Se não responde, ou você está adorando um deus falso, ou não está em comunhão com o Deus verdadeiro. Você recebeu o Espírito Santo como o seu santificador? Se não recebeu, a sua situação não é nada melhor do que a dos pagãos.

É preciso deixar bem claro que essa ocasião era excepcional, e que o procedimento de Elias não é nenhum exemplo para os ministros seguirem hoje. Se o profeta não estivesse agindo de acordo com a orientação divina, ele estaria agindo em louca presunção, tentando a Deus, por demandar tal milagre das suas mãos, colocando a verdade em um risco dessa espécie. Mas fica bem claro, pelas suas próprias palavras, que ele está agindo segundo instruções do Céu: "por tua ordem tenho feito todas estas coisas" (1Rs 18.36 – BRA). Isto, e nada mais do que isto, deve regular os servos de Deus em todos os seus empreendimentos: eles não devem avançar nem sequer um milímetro além daquilo que exige a comissão que receberam de Deus. Não deve haver experimentações, nenhuma atuação conforme a própria vontade, nem devem seguir as tradições humanas; mas tudo deve ser feito de acordo com a Palavra de Deus. Elias também não temia confiar no Senhor quanto ao resultado de tudo aquilo. Ele havia recebido as suas ordens e as executou com fé singela, totalmente seguro de que o SENHOR não o desapontaria, envergonhando-o diante daquela grande assembleia. Ele sabia que Deus não o colocaria na frente da batalha para, depois, abandoná-lo. É verdade que se fazia necessário um tremendo milagre, mas isso não gerava dificuldades para alguém que habitava nos lugares secretos do Altíssimo.

“[…] o deus que responder por fogo esse é que é Deus” (1Rs 18.24). Que Esse seja honrado e confessado como o verdadeiro Deus. Seguido, servido e adorado como Deus. Uma vez que ele tenha dado tais provas da sua existência, tais demonstrações do seu grandioso poder, tais manifestações do seu caráter, tal revelação da sua vontade, toda incredulidade, indecisão e recusa de dar-lhe o lugar a que ele tem direito em nosso coração e vida é totalmente indesculpável. Então, que ele seja o seu Deus, pela sua rendição a ele. Ele não se impõe, mas condescende em apresentar-se a você; digna-se a oferecer-se para que você o aceite; convida você a optar por ele por um ato da sua própria vontade. As exigências dele a seu respeito são incontestáveis. É para o seu próprio bem que você deveria fazer dele o seu Deus – o seu bem supremo, a sua porção, o seu Rei. É perda irreparável para você mesmo, e eterna destruição, se você não fizer isso. Preste atenção, então, neste afetuoso convite do seu servo: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1).

“E todo o povo respondeu e disse: É boa esta palavra” (1Rs 18.24). Eles estavam de acordo com essa proposta, pois ela lhes pareceu uma excelente forma de resolver a controvérsia e chegar à verdade sobre quem era o verdadeiro Deus e quem não era. Seria uma evidência para os sentidos, pois eles testemunhariam um milagre. A palavra que Elias tinha dirigido à consciência deles os havia silenciado, mas o apelo à razão recebeu deles imediata aprovação. Um sinal sobrenatural desse tipo tornaria evidente que o sacrifício tinha sido aceito por Deus, e eles estavam impacientemente ansiosos para testemunhar essa experiência ímpar. A curiosidade deles fervilhava, e eles estavam interessadíssimos em verificar se Elias venceria ou se os profetas de Baal venceriam. Lamentavelmente, assim é a pobre natureza humana: pronta para testemunhar os milagres de Cristo, mas surda ao seu chamado ao arrependimento; satisfeita com qualquer demonstração externa que apele aos sentidos, mas descontente com qualquer palavra que traga convicção e que a condene. É assim *conosco* também?

É importante notar que Elias não só concedeu que os seus oponentes escolhessem um dos novilhos, mas também lhes deu preferência para começarem o teste, para que fizessem o seu clamor a Baal, resolvendo assim a questão sem precisar nenhuma outra ação posteriormente. Contudo, ele sabia muito bem que eles seriam frustrados e ficariam confundidos. No devido tempo, o profeta faria tudo o que eles tinham feito, de forma que não

houvesse diferenças entre eles. Havia somente uma restrição que ele lhes impôs (assim como também o fez consigo mesmo): “não metam fogo por baixo”50 da lenha – para evitar qualquer trapaça. Mas havia um princípio mais profundo envolvido, um que seria demonstrado de forma inequívoca naquele dia no Carmelo – a extrema necessidade do homem é a oportunidade de Deus. A completa impotência da criatura precisa ser reconhecida, antes que o poder de Deus possa ser manifestado. O homem primeiro tem de ser trazido ao seu limite, antes que a suficiência da graça divina possa ser percebida. Somente aqueles que sabem que são pecadores perdidos e arruinados é que podem dar as boas vindas àquele que é poderoso para salvar.

“Disse Elias aos profetas de Baal: Escolhei para vós outros um dos novilhos, e preparai-o primeiro, porque sois muitos, e invocai o nome de vosso deus; e não lhe metais fogo. Tomaram o novilho que lhes fora dado, prepararam-no e invocaram o nome de Baal, desde a manhã até ao meio-dia, dizendo: Ah! Baal, responde-nos! Porém não havia uma voz que respondesse; e, manquejando, se movimentavam ao redor do altar que tinham feito” (1Rs 18.25,26). Pela primeira vez na história desses falsos sacerdotes, eles se viram incapazes de introduzir a fagulha secreta por entre a lenha colocada sobre o altar. Eles se viram obrigados, dessa forma, a depender de um apelo direto à sua divindade protetora. E isso eles fizeram com todas as forças. Dando voltas naquele altar, meteram-se em uma dança selvagem e mística, em um compasso desordenado, aos saltos em torno do altar, repetindo ao mesmo tempo a sua monótona canção: “Ah! Baal, responde-nos! Ah! Baal, responde-nos!”– manda-nos fogo sobre o sacrifício. Eles se cansaram com todos esses ritos da sua adoração idólatra, que durou três longas horas.

Mas apesar de toda a sua importunação diante de Baal, “não havia uma voz que respondesse”. Que prova, essa, de que os ídolos nada mais são do que “obras das mãos de homens”. “Têm boca e não falam; têm olhos e não veem; […] Suas mãos não apalpam; seus pés não andam […] Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam” (Sl 115.4-8). “Não há dúvida que Satanás poderia ter enviado fogo (Jó 1.9-12), e o teria feito, se lho fosse permitido; mas ele não podia fazer nada, a não ser aquilo que lhe era permitido” (Thomas Scott). Sim, lemos a respeito da segunda besta de Apocalipse 13, que “opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens” (v. 13). Mas, no Carmelo, o Senhor não permitiria que o diabo usasse seu poder, porque estava em andamento uma confrontação pública entre ele e Baal.

“Porém nem havia voz, nem quem respondesse” (1Rs 18.26 – RC). O altar permaneceu frio e sem fumaça nenhuma; o novilho, sem ser consumido. A impotência de Baal e a estupidez dos seus adoradores se tornaram totalmente evidentes. A inutilidade e o absurdo da idolatria ficaram completamente expostos. Nenhuma religião falsa, prezado leitor, é capaz de fazer descer fogo sobre um sacrifício vicário. Nenhuma religião falsa consegue remover o pecado, conceder o Espírito Santo, ou conceder respostas sobrenaturais à oração. Quando são testadas nesses três pontos vitais, todas elas à uma falham, como aconteceu com os adoradores de Baal naquele memorável dia no monte Carmelo.

---

48 Provérbios 28.1.
49 1Reis 18.24 – BRA.
50 1Reis 18.23 – BRA.

CAPÍTULO 16

OUVIDOS QUE NÃO OUVEM

“Ao meio-dia, Elias zombava deles, dizendo: Clamai em altas vozes, porque ele é deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem, ou a dormir e despertará” (1Rs 18.27). Durante algumas horas, os profetas de Baal invocaram o seu deus para que ele fizesse uma pública demonstração da sua existência, fazendo descer “fogo do céu” para consumir o sacrifício que eles tinham depositado sobre o altar dele; mas tudo em vão: “Porém nem havia voz, nem quem respondesse”.51 E agora o silêncio é interrompido pela voz do servo do Senhor, zombando dos profetas. O absurdo e a inutilidade dos seus esforços devidamente mereciam esse sarcasmo mordaz. O sarcasmo é uma arma perigosa, mas o seu uso é plenamente justificado na exposição das ridículas pretensões do erro, e muitas vezes é bastante eficaz para convencer os homens da estupidez e da irracionalidade dos seus caminhos. Era muito apropriado que, diante do povo de Israel, Elias expusesse ao desdém aqueles que o tempo todo procuravam enganar esse mesmo povo.

“Ao meio-dia, Elias zombava deles” (1Rs 18.27). Era o horário em que o sol estava mais intenso, e os falsos sacerdotes tinham a melhor oportunidade de êxito. Nessa hora, Elias aproximou-se deles e, ironicamente, sugeriu que se esforçassem ainda mais. Ele estava tão certo de que nada evitaria o fracasso deles, que pôde dar-se ao luxo de ridicularizá-los sugerindo as causas da indiferença do deus deles: “porventura está dormindo, e necessita que o acordem” (1Rs 18.27 – BRA). O caso é urgente, o crédito de vocês e a honra dele estão de tal forma em jogo, que é melhor acordá-lo. Por isso, gritem mais alto, pois seus gritos estão fracos demais, não estão sendo ouvidos; a voz de vocês não alcança os lugares remotos da morada dele; redobrem seus esforços para obter a atenção dele. Era dessa forma que o fiel e intrépido tesbita despejava zombaria sobre a impotência dos falsos profetas e desdenhava da sua derrota. Ele sabia que seria daquela forma, e que nenhum esforço da parte deles poderia mudar as coisas.

Será que o leitor está surpreso com essas expressões sarcásticas de Elias nessa ocasião? Queremos então lembrar-lhe o que está escrito na Palavra da Verdade: “Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles” (Sl 2.4).

Isto é indizivelmente solene, mas indubitavelmente justo: eles riram de Deus e escarneceram dos seus alertas e ameaças, e agora ele trata esses zombadores de acordo com a estupidez deles. O Altíssimo é, de fato, longânimo; contudo, há um *limite* para a sua paciência. Ele chama os homens, mas eles se recusam; ele estende a mão para eles, mas eles não o levam em consideração; ele os aconselha, mas eles consideram tudo como sem valor; ele repreende, mas eles não aceitam. Deveria ele, então, aguentar a zombaria impunemente? Não; ele diz assim: "[…] eu me rirei na vossa desventura, e, em vindo o vosso terror, eu zombarei, em vindo o vosso terror como a tempestade, em vindo a vossa perdição como o redemoinho, quando vos chegar o aperto e a angústia. Então, me invocarão, mas eu não responderei; procurar-me-ão, porém não me hão de achar" (Pv 1.24-28).

A zombaria de Elias no monte Carmelo nada mais era do que uma vaga demonstração do escárnio do Altíssimo no dia em que ele agir em juízo. Será que nós mesmos nos encontramos em semelhante situação? "Porquanto aborreceram o conhecimento e não preferiram o temor do SENHOR; não quiseram o meu conselho e desprezaram toda a minha repreensão".52 Quem, com um mínimo de discernimento espiritual, pode negar que essas terríveis palavras descrevem com exatidão a conduta de nossa própria geração? Será, então, que a horrível sentença que segue essas palavras já está em andamento? "Portanto, comerão do fruto do seu procedimento e dos seus próprios conselhos se fartarão. Os néscios são mortos por seu desvio, e aos loucos a sua impressão de bem-estar os leva à perdição" (Pv 1.29-32). Se for assim, quem pode duvidar da justiça do que está acontecendo? Felizmente, essa passagem indizivelmente solene termina da seguinte forma: "Mas o que me der ouvidos habitará seguro, tranquilo e sem temor do mal". Essa é uma preciosa promessa na qual a fé pode apoiar-se, pela qual podemos implorar diante de Deus e aguardar a sua resposta, porque nosso Deus não é nem surdo nem incapaz, como o é Baal.

A impressão que se tem é que os sacerdotes de Baal deveriam perceber que Elias estava meramente zombando deles quando os fustigava com ironia profunda, pois que tipo de deus Baal teria de ser para enquadrar-se na descrição do profeta! Mas tão enfeitiçados estavam e tão estúpidos eram esses devotos de Baal, que aparentemente não discerniram o sentido das suas palavras; em vez disso, as estimaram como palavras de incentivo. Consequentemente, eles se estimulavam uns aos outros a tentar com mais ardor, e, usando os meios mais grosseiros, tentavam comover o deus deles à

vista do sangue que derramavam por amor a ele e pelo zelo na sua adoração, coisas que eles supunham que o agradassem. Como são pobres e miseráveis escravos os idólatras, cujo objeto de culto pode se agradar com a automutilação, com o sofrimento autoimposto dos seus adoradores! Era verdade ali, e ainda hoje é verdade: "os lugares tenebrosos da terra estão cheios de moradas de crueldade" (Sl 74.20 – RC). Como devemos ser gratos porque um Deus soberano misericordiosamente nos libertou de tais superstições.

"E eles clamavam em altas vozes e se retalhavam com facas e com lancetas, segundo o seu costume, até derramarem sangue" (1Rs 18.28). Que conceito não tinham eles a respeito da sua divindade, a qual requeria tão cruéis tormentos das suas mãos! Ainda hoje se podem ver coisas assim no mundo pagão. A adoração de Satanás, quer seja na observância da adoração idólatra ou na prática de imoralidade, apesar de prometer satisfação às paixões humanas, é cruel com as pessoas e costuma atormentá-las neste mundo. O SENHOR proibiu expressamente os seus adoradores de "cortarem-se a si mesmos" (Dt 14.1).53 Ele exige, de fato, que mortifiquemos nossas corrupções, mas não tem prazer na crueldade física. Ele deseja somente a nossa felicidade, e jamais requer algo que não nos impulsione a nos tornar mais santos para que sejamos mais felizes, uma vez que não pode haver real felicidade à parte da santidade.

"Passado o meio dia, profetizavam até o tempo de se oferecer a oblação da tarde; porém não havia voz, nem havia quem respondesse, nem atendesse" (1Rs 18.29 – BRA). Assim, eles continuaram orando e profetizando, cantando e dançando, cortando-se e sangrando, até à hora em que era feito o sacrifício da tarde no templo de Jerusalém, às 15 horas. Por seis horas ininterruptas, eles tinham importunado o seu deus. Mas todo o empenho e todas as súplicas dos profetas de Baal foram inúteis: não desceu fogo para consumir o sacrifício deles. É evidente que o tanto que haviam se esforçado era suficiente para comover qualquer deidade! E uma vez que os céus se mantinham em total silêncio, não provava isso ao povo que a religião de Baal e a sua adoração era uma ilusão e um engano?

"[…] não havia voz, nem havia quem respondesse, nem atendesse". Como isso deixa evidente a impotência dos falsos deuses! Eles são criaturas fracas, incapazes de ajudar os seus devotos na hora da necessidade. Eles são inúteis para esta vida; quanto mais para a vida por vir! Em nenhum outro lugar se manifesta com tanta evidência a imbecilidade que o pecado produz,

do que na idolatria. Ela faz das suas vítimas flagrantes imbecis, assim como aconteceu no Carmelo. Os profetas de Baal edificaram o seu altar e nele depositaram o sacrifício, e então invocaram o seu deus pelo espaço de seis horas para que ele evidenciasse a sua aceitação da oferta deles. Mas em vão. A importunação deles não obteve resposta: os céus se tornaram de bronze. Nenhuma língua de fogo se lançou do céu para consumir a carne do novilho imolado. O único som que se ouviu foi o clamor angustiado dos lábios dos frenéticos sacerdotes enquanto se mutilavam até jorrar sangue.

E, caro leitor, se você é um adorador de ídolos e persiste nisso, você descobrirá que o seu deus é tão impotente e insatisfatório como o era Baal. O seu estômago é o seu deus? Você dispôs o coração para desfrutar o que a terra tem de melhor, comendo e bebendo não para viver, mas vivendo para comer e beber? A sua mesa está cheia dos prazeres da terra, enquanto muitos hoje estão desprovidos das suas necessidades? Saiba então que, se você persistir nessa estupidez e perversidade, chegará a hora em que você haverá de descobrir a loucura desse procedimento.

O prazer é o seu deus? Você pôs o seu coração em um incessante redemoinho de divertimentos – correndo de uma forma de entretenimento para outra, empregando todo o seu tempo e dinheiro disponíveis frequentando os atraentes *shows* da "Feira da Vaidade"?54 Os seus momentos de recreação são de contínua agitação e divertimento? Saiba então que, se você persistir nessa perversidade e estupidez, chegará a hora quando você provará as amargas borras que se encontram no fundo desse copo.

É Mamom o seu deus? Você pôs o seu coração nas riquezas materiais, dirigindo todas as suas energias para a obtenção daquilo que você imagina que lhe dará poder sobre os homens, um lugar de proeminência no mundo social, e que o capacitará a obter as coisas que supostamente lhe darão conforto e satisfação? Adquirir propriedades, um grande saldo bancário, possuir ações no mercado – é por essas coisas que você está trocando a sua alma? Saiba então que, se você persistir nesse rumo estúpido e perverso, chegará o momento quando você descobrirá quão sem valor são essas coisas, e elas como são incapazes de aliviar o seu remorso.

Oh! A estupidez, a completa loucura de servir deuses falsos! Do mais alto ponto de vista isso é loucura, pois é uma afronta ao Deus verdadeiro; é dar a algum outro objeto aquilo que é devido a ele somente; é um insulto que ele não vai tolerar nem desconsiderar. Mas mesmo no nível mais baixo é crassa estupidez, pois nenhum deus falso, nenhum ídolo, é capaz de ajudar de

fato no momento em que se precisa mais de ajuda. Nenhuma forma de idolatria, nenhum sistema de religião falso, nenhum deus além daquele que é o verdadeiro Deus, pode responder miraculosamente à oração, pode dar evidências de que o pecado foi removido, pode dar o Espírito Santo, o qual, como fogo, ilumina o entendimento, aquece o coração e purifica a alma. Um deus falso não conseguiu fazer descer fogo no monte Carmelo, e nem hoje pode fazê-lo. Volte-se, então, para o verdadeiro Deus, caro leitor, porque ainda há tempo.

Antes de prosseguirmos, há outro ponto que devemos notar em nosso texto, um ponto que contém uma importante lição para esta época tão superficial. Colocaremos o assunto da seguinte forma: o uso de grande ardor e entusiasmo não é prova de que a causa seja verdadeira e boa. Há uma grande multidão de pessoas, hoje, de mente superficial, que deduz que uma demonstração de zelo e fervor religioso é um sinal verdadeiro de espiritualidade, e que virtudes desse tipo compensam plenamente qualquer falta de conhecimento e de doutrina sadia que possa haver. Essas pessoas raciocinam da seguinte forma: “Desde que haja vida e calor, mesmo que a pregação seja rasa, isso é preferível a uma ministração saudável, mas fria e sem atrativos”. Ah! Prezado leitor! Nem tudo que reluz é ouro! Os profetas de Baal estavam cheios de intenso fervor e zelo, mas era em uma causa falsa, e não conseguiram nada dos Céus! Tome cuidado, então, e guie-se pela Palavra de Deus, e não por aquilo que apela às suas emoções ou ao seu gosto pelo entusiasmo.

“Então, Elias disse a todo o povo: Chegai-vos a mim. E todo o povo se chegou a ele” (1Rs 18.30). Era evidente que não adiantava esperar mais nada. O teste proposto por Elias, o qual recebera o apoio do povo e que fora aceito pelos falsos profetas, sem sombra de dúvida havia demonstrado que não era possível reivindicar que Baal era o Deus verdadeiro. Havia chegado, assim, o momento de o servo do SENHOR agir. Ele havia usado de extraordinário controle durante essas seis horas, as quais permitiram que seus oponentes ficassem em evidência, rompendo o silêncio apenas uma vez para incitá-los a incrementarem seus esforços. Mas agora ele se dirige ao povo, pedindo que se acheguem para que possam observar melhor aquilo que ele está para fazer. Eles atendem imediatamente, sem dúvida curiosos para ver o que ele vai fazer, indagando se o clamor do profeta aos Céus será mais bem sucedido do que o clamor dos profetas de Baal.

“Elias restaurou o altar do SENHOR, que estava em ruínas” (1Rs 18.30).

Preste bastante atenção na primeira coisa que ele fez, a qual tinha o objetivo de falar ao coração dos israelitas que ali estavam. Alguém já disse que, aqui no Carmelo, Elias fez um apelo triplo ao povo. Primeiro, ele apelou à consciência deles, quando perguntou e depois os exortou: "Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o SENHOR é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o" (1Rs 18.21). Segundo, ele apelou à razão deles, quando propôs que se devia fazer aquele teste entre os profetas de Baal e ele, que "o deus que responder por fogo esse é que é Deus" (1Rs 18.24). E agora, quando "restaurou o altar do SENHOR", ele apelou ao coração deles. Dessa maneira, Elias deixou um admirável exemplo para os servos de Deus de todas as épocas futuras. Os ministros de Cristo devem dirigir-se à consciência, à razão e às emoções dos seus ouvintes, pois somente assim a verdade pode ser apresentada adequadamente, as principais faculdades da alma humana podem ser alcançadas, e se pode esperar dos ouvintes uma decisão definida para com o Senhor. É necessário manter um equilíbrio entre a Lei e o Evangelho. É preciso sondar a consciência, convencer a mente, e avivar as emoções, se quisermos que a vontade se mova e entre em ação. Foi o que aconteceu com Elias no Carmelo.

"Então, Elias disse a todo o povo: Chegai-vos a mim. E todo o povo se chegou a ele" (1Rs 18.30). Como era vigorosa e inabalável a confiança do profeta em Deus. Ele sabia muito bem o que a sua fé e oração tinham obtido do Senhor, e ele não tinha a menor dúvida de que não seria agora desapontado e nem posto em confusão. O Deus de Elias jamais falha para com aquele que, de todo o coração, confia nele. Mas o profeta estava determinado a pôr acima de qualquer suspeita essa "resposta por fogo". Por essa razão, ele pediu que o povo chegasse perto para vê-lo reparando o altar do SENHOR que estava em ruínas. Era preciso que estivessem o mais próximo possível para que comprovassem, por si mesmos, que não havia nenhum truque, nenhuma inserção de alguma fagulha secreta no meio da lenha sobre a qual o novilho imolado seria colocado. A verdade não teme a investigação minuciosa. Ela não foge da luz; pelo contrário, procura a luz. É o diabo e seus emissários que amam as trevas e os segredos, e agem sob o disfarce do misticismo.

"Elias restaurou o altar do SENHOR, que estava em ruínas" (1Rs 18.30). Há muito mais coisas do que se pode ver à primeira vista. Recebemos alguma luz se compararmos a linguagem de Elias em 1Rs 19.10: "os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares". De acordo com a lei

mosaica, havia apenas um altar sobre o qual se podiam oferecer sacrifícios, e tinha sido ali que o Senhor havia estabelecido a sua morada particular em Jerusalém, desde os dias de Salomão. Mas antes que o tabernáculo fosse erigido, era possível oferecer sacrifícios em qualquer lugar; e, na dispensação anterior, os altares tinham sido construídos onde quer que os patriarcas fixassem residência temporária, e é provável que seja a esses altares que Elias se refere em 1Reis 19.10. Esse altar em ruínas, então, era uma solene testemunha de que o povo se havia afastado de Deus. A restauração desse altar pelo profeta era uma repreensão ao povo pelo pecado deles, uma confissão do que havia acontecido, e, ao mesmo tempo, uma volta deles ao lugar de partida.

E, querido leitor, isso está registrado para a nossa instrução. Elias começou reparando o altar em ruínas. E, é nesse ponto que nós precisamos começar, se quisermos que a bênção do Céu retorne às igrejas e à nossa terra. Em muitos lares que se professam cristãos há um altar de Deus negligenciado. Houve um tempo quando a família se reunia e reconhecia a Deus na autoridade da sua Lei, na bondade da sua providência diária, no amor da sua redenção e graça constante, mas não mais se ouve o som da adoração conjunta que se ouvia naquele lar. A prosperidade, o mundanismo, os prazeres silenciaram os tons da devoção. Esse altar está em ruínas: a escura sombra do pecado impera naquela casa. E não é possível aproximar-se de Deus enquanto não se confessa o pecado. Aqueles que ocultam o pecado não têm como prosperar (Pv 28.13). O pecado tem de ser confessado, antes que Deus responda com fogo santo. E o pecado precisa ser confessado tanto na prática como por palavras: o altar precisa ser reconstruído. O cristão precisa voltar ao começo (Gn 13.1-4; Ap 2.4,5).

---

51 1Reis 18.26 – RC.
52 Provérbios 1.29,30.
53 A versão *Tradução Brasileira* (BRA) diz: “não vos cortareis a vós mesmos”.
54 Provavelmente uma referência *à Feira da Vaidade* mencionada no livro *O Peregrino*, de John Bunyan.

CAPÍTULO 17

A CERTEZA DA FÉ

“E Elias tomou doze pedras, conforme o número das tribos dos filhos de Jacó, ao qual veio a palavra do SENHOR, dizendo: Israel será o teu nome” (1Rs 18.31 – RC). Isso foi impressionante e maravilhoso, pois era a fé ocupando o lugar daquilo que se podia enxergar. Naquela assembleia estavam presentes apenas os súditos de Acabe e, consequentemente, membros de somente dez das tribos de Israel. Mas Elias tomou 12 pedras para construir o altar, declarando que ele estava para oferecer sacrifício em nome de toda a nação (Cf. Js 4.20; Ed 6.17). Dessa forma, ele deu testemunho da unidade deles, da união existente entre Judá e as dez tribos. O objeto da adoração deles originalmente era um só, e assim tinha de ser agora. Dessa forma Elias enxergou Israel do ponto de vista de Deus. Na mente de Deus, a nação era uma só desde toda a eternidade. Exteriormente eles agora eram duas nações. Mas o profeta desconsiderou essa divisão: ele não andou por vista, mas pela fé (2Co 5.7). É nisso que Deus se compraz. É a fé que o honra e, por isso, ele sempre reconhece e honra a fé onde quer que ela seja encontrada. Ele fez isso aqui no Carmelo, e assim ele o faz também hoje. “Senhor, aumenta a nossa fé”.

E qual é a grande verdade simbolizada nesse incidente? Não é óbvio? Não devemos nós olhar além do Israel *tipológico* e *natural* para o Israel *antitipológico* e *espiritual*, a Igreja que é o Corpo de Cristo? Com toda certeza! E daí? No meio da frequente dispersão que agora prevalece – os “filhos de Deus que andam dispersos” (Jo 11.52) – no meio de variadas denominações, não podemos perder de vista a unidade mística fundamental de todo o povo de Deus. Aqui também temos de andar pela fé e não por vista. Temos de ver as coisas do ponto de vista de Deus; temos de contemplar aquela Igreja que Cristo amou e pela qual ele se deu, assim como ela existe no eterno propósito e nos eternos conselhos da bendita Trindade. Jamais veremos a unidade da noiva, a esposa do Cordeiro, visivelmente manifesta ante nossos olhos externos, até que a vejamos descendo do céu, “a qual tem a glória de Deus”.55 Mas, por enquanto, é tanto nossa obrigação como nosso privilégio fazer parte daquilo que está na mente de Deus, perceber a unidade espiritual dos seus santos, e reconhecer essa unidade acolhendo em nossos

sentimentos todo aquele que manifesta alguma coisa da imagem de Cristo. Essa é a verdade para a qual apontam as “doze pedras” usadas por Elias.

“E Elias tomou doze pedras, conforme o número das tribos dos filhos de Jacó” (1Rs 18.31). Prestemos atenção também em como Elias se ajustava aqui à Lei do Senhor. Deus havia dado instruções expressas quanto ao seu altar: “Se me levantares um altar de pedras, não o farás de pedras lavradas; pois, se sobre ele manejares a tua ferramenta, profaná-lo-ás. Nem subirás por degrau ao meu altar, para que a tua nudez não seja ali exposta” (Êx 20.25,26). Em completa harmonia com essa determinação divina, Elias não mandou buscar pedras que tivessem sido lavradas e polidas pela mão humana, mas usou pedras brutas, em estado natural, que se achavam no topo da montanha. Ele fez uso daquilo que Deus proveu e não daquilo que a mão humana fizera. Ele agiu de acordo com o padrão divino que as Sagradas Escrituras lhe forneciam, pois a obra de Deus tem de ser feita da maneira e com os métodos indicados por ele.

Isso também está escrito para o nosso ensino. Cada um dos vários atos daquela ocasião e cada detalhe do procedimento de Elias precisam ser considerados e avaliados, se quisermos descobrir o que se requer de nós para que o Senhor se mostre forte em nosso favor. Com respeito ao seu serviço, Deus não deixou as coisas a nosso critério nem aos ditames da conveniência ou da sabedoria humana. Ele nos providenciou um “modelo” (Cf. Hb 8.5), e ele é muito zeloso desse modelo e requer que nos regulemos por ele. Tudo tem de ser feito conforme Deus ordenou. No momento em que nos afastamos do modelo de Deus, ou seja, no momento que deixamos de agir em completa harmonia com um “assim diz o Senhor”, estaremos agindo por conta própria, e não mais poderemos contar com a sua bênção. Não há como esperarmos “o fogo de Deus”, enquanto não nos adequarmos completamente às suas exigências.

À vista do que acabamos de apontar, temos ainda alguma dificuldade para descobrir por que a bênção de Deus se apartou das igrejas, por que o seu poder miraculoso não mais se vê agindo no meio delas. É porque tem havido um tão lamentável afastamento do seu “modelo”, porque tantas inovações se infiltraram, porque as igrejas têm empregado armas carnais na sua luta espiritual, porque elas têm maldosamente trazido para dentro de si meios e métodos mundanos. Em consequência disso, o Espírito Santo está ofendido e apagado. O pregador precisa não somente prestar atenção à ordem divina de pregar “a mensagem que eu te digo” (Jn 3.2), mas o culto inteiro, a disciplina

e a vida da igreja precisam ser regulados pelas orientações que Deus tem dado. O caminho da obediência é o caminho da prosperidade espiritual e da bênção, mas o caminho da vontade própria e da autodeterminação é o caminho da impotência e do desastre.

"Com as pedras edificou um altar ao nome de Jeová; e fez um sulco capaz de conter duas medidas de semente ao redor do altar" (1Rs 18.32 – BRA). Ah! Preste atenção no seguinte: "(Ele) edificou um altar ao nome do SENHOR", ou seja, por sua autoridade, para a sua glória. E assim deve sempre ser conosco: "E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus" (Cl 3.17). Essa é uma das regras básicas que deve governar todas as nossas ações. Oh! Que diferença faria se os que se dizem cristãos fossem regulados por ela! Quantas dificuldades seriam removidas e quantos problemas, resolvidos. O crente jovem muitas vezes se pergunta se esta ou aquela prática é certa ou errada. Traga tudo a este critério: eu posso pedir a bênção de Deus sobre isto? Posso fazer isso em nome do Senhor? Se *não* posso, é algo *pecaminoso*. Misericórdia! Quanta coisa na cristandade está sendo feita hoje sob o santo nome de Cristo, mas que ele nunca autorizou, que de forma grave o desonra, que é um verdadeiro fedor às suas narinas. "Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor" (2Tm 2.19).

"Então, armou a lenha, e dividiu o bezerro em pedaços, e o pôs sobre a lenha" (1Rs 18.33 – RC). E aqui perceba novamente o rigor com que Elias segue o "modelo" que as Escrituras lhe apontam. Por meio de Moisés, o Senhor tinha dado ordens a respeito das ofertas queimadas: "Então, ele esfolará o holocausto e o cortará em seus pedaços. E os filhos de Arão, o sacerdote, porão fogo sobre o altar e porão em ordem lenha sobre o fogo. Também os filhos de Arão, os sacerdotes, colocarão em ordem os pedaços, a saber, a cabeça e o redenho, sobre a lenha que está no fogo sobre o altar" (Lv 1.6-8). Esses detalhes da conduta de Elias são imensamente dignos de nota porque, pelo que se relata dos profetas de Baal naquela ocasião, não se diz nada sobre eles colocarem a lenha em ordem, ou de cortar o novilho em pedaços e colocá-los sobre a lenha; mas simplesmente se diz que eles "Tomaram o novilho que lhes fora dado, prepararam-no e invocaram o nome de Baal" (v. 26). Ah! É nessas "pequenas coisas", como os homens lhes chamam, que vemos a diferença entre os verdadeiros e os falsos servos de Deus!

"Então, armou a lenha, e dividiu o bezerro em pedaços, e o pôs sobre a

lenha” (1Rs 18.33 – RC). E não temos aqui também importante instrução para nós? A obra do Senhor não deve ser executada sem cuidado e às pressas, mas com grande precisão e reverência. Se somos ministros de Cristo, temos de pensar a serviço de quem estamos. Não tem ele pleno direito ao nosso melhor? Como precisamos nos esforçar para apresentar-nos a Deus aprovados, se queremos ser obreiros que não têm de que se envergonhar! (2Tm 2.15). Que palavra terrível, esta que encontramos em Jeremias 48.10: “Maldito aquele que fizer a obra do SENHOR relaxadamente!”. Por essa razão, busquemos graça para levar em conta essa maldição quando preparamos nossos sermões (ou artigos) ou o que quer que façamos em nome de nosso Senhor. Quão profunda é esta declaração de Cristo: “Quem é fiel no pouco também é fiel no muito” (Lc 16.10). Quando nos ocupamos na obra do Senhor não é apenas a glória de Deus que é diretamente afetada, mas também está envolvida a felicidade ou a desgraça eterna de almas imortais.

“[...] depois, fez um rego em redor do altar [...] e disse: Enchei de água quatro cântaros e derramai-a sobre o holocausto e sobre a lenha. Disse ainda: Fazei-o segunda vez; e o fizeram. Disse mais: Fazei-o terceira vez; e o fizeram terceira vez. De maneira que a água corria ao redor do altar; ele encheu também de água o rego” (1Rs 18.32-35). Como era calma e digna a sua forma de agir! Não havia pressa, não havia confusão. Tudo foi feito “com decência e ordem”. Ele não agia sob o medo do fracasso, mas estava seguro do que ia acontecer. Algumas pessoas têm se perguntado de onde podia ter vindo tanta água depois de três anos de seca, mas é preciso lembrar que o mar estava logo ali, e sem dúvida nenhuma foi dele que se trouxe a água – 12 cântaros ao todo, novamente correspondendo ao número das tribos de Israel!

Antes de prosseguir, façamos uma pausa e contemplemos aqui o alicerce da fé de Elias no poder e na bondade do seu Deus. O fato de derramar tanta água sobre o altar, a grande quantidade de água sobre a oferta e sobre a lenha debaixo dela, fazia com que parecesse inadequado e improvável que qualquer fogo as consumisse. Elias estava determinado a que a intervenção de Deus fosse o mais convincente e admirável possível. Ele estava tão confiante em Deus, que não temia amontoar dificuldades no caminho dele, certo de que não pode haver dificuldades para aquele que é onisciente e onipotente. Quanto mais improvável fosse a resposta, mais glorificado com ela seria o seu Senhor. Oh! Impressionante fé que pode rir das impossibilidades, que pode até mesmo aumentá-las com o fim de ter a alegria de ver Deus conquistá-las! É a fé intrépida e ousada que ele se agrada em honrar.

Lamentavelmente, como nós vemos pouco disso hoje. Os dias em que vivemos são, na verdade, dias de “pequenas coisas”. Sim, são dias quando a incredulidade abunda. A incredulidade se espanta com as dificuldades e planeja como removê-las, como se Deus precisasse de alguma ajuda de nossa parte!

“No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias” (1Rs 18.36). Ao esperar até a hora quando se apresentava “a oblação da tarde”56 (no templo), Elias confessou a sua comunhão com os adoradores em Jerusalém. E não temos aqui uma lição para muitos do povo do Senhor nestes dias obscuros? Que, embora vivam em lugares isolados, privados dos meios da graça, contudo eles podem lembrar a hora da pregação semanal, e da reunião de oração, e nessa mesma hora aproximar-se do trono da graça e unir as suas petições com aqueles irmãos distantes na igreja que frequentaram na mocidade. É nosso privilégio santo ter e manter comunhão espiritual com os santos quando não mais podemos manter contato pessoal com eles. Assim também os enfermos e os idosos que, embora privados das ordenanças públicas, dessa forma podem unir-se ao coro geral de louvor e ações de graça. Em especial, deveríamos fazer-nos presentes nesses deveres e gozar esse privilégio no Dia do Senhor.

“No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias” (1Rs 18.36). Mas havia alguma coisa mais, algo mais profundo, algo mais precioso na espera de Elias até esse horário específico. Essa “oferta de manjares” que se oferecia todos os dias no templo em Jerusalém, três horas antes do pôr do sol, apontava para a Oferta Queimada antitípica, que haveria de ser imolada quando chegasse a plenitude do tempo. Fiando-se nesse Grande Sacrifício pelos pecados do povo de Deus que o Messias haveria de oferecer quando se manifestasse na terra, o seu servo agora assumiu lugar junto do altar que apontava adiante para a Cruz. Elias, assim como Moisés, tinha profundo interesse nesse Grande Sacrifício, como fica bem claro do fato que eles “falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém”, quando os dois apareceram e conversaram com Cristo no monte da transfiguração (Lc 9.30,31). Foi com a sua fé descansando no sangue de Cristo (não no sangue de um novilho) que Elias agora apresenta suas petições a Deus!

“No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias” (1Rs 18.36), ou seja, sobre o altar que ele havia edificado e sobre o qual colocara o sacrifício. Sim, “aproximou-se”, embora esperasse

uma resposta de fogo! Contudo, não estava nem um pouco amedrontado. Tornamos a dizer: que santa confiança em Deus! Elias estava plenamente seguro de que aquele a quem servia, a quem estava honrando, não haveria de causar-lhe dano. Ah! O longo tempo gasto no ribeiro Querite e os inúmeros dias passados no seu quartinho na casa da viúva em Sarepta não foram desperdício de tempo! Ele aproveitou o tempo, gastando-o em secreto com Deus, refugiando-se à sombra do Onipotente, e ali aprendeu lições preciosas que nenhuma escola humana pode dar. Ministros de Deus! Permitam-me chamar sua atenção para o fato que o poder de Deus para as ministrações públicas só se adquire quando ele é recebido em particular, no secreto. A ousadia santa diante do povo tem de ser obtida por meio da humilhação da alma diante do escabelo da misericórdia no lugar secreto.

"[...] e disse: Ó SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel" (1Rs 18.36). Isso foi muito mais do que uma referência aos ancestrais do seu povo, ou aos fundadores da sua nação. Também foi mais do que uma expressão patriótica ou sentimental. Isso evidenciou a força da sua fé e manifestou o fundamento em que ela descansava. Era o reconhecimento de Yahweh como o Deus que fizera uma aliança com o seu povo e, como tal, que prometera jamais abandoná-los. O Senhor havia entrado em solene pacto com Abraão (Gn 17.7,8) e o renovou com Isaque e Jacó. Foi a esse pacto que o Senhor fez referência quando apareceu a Moisés na sarça ardente (Êx 2.24; 3.6). Quando Israel foi oprimido pelos sírios nos dias de Jeoacaz, lemos o seguinte: "Porém o SENHOR teve misericórdia de Israel, e se compadeceu dele, e se tornou para ele, por amor da aliança com Abraão, Isaque e Jacó" (2Rs 13.23). A fé viva de Elias no pacto, expressa audivelmente, lembrou ao povo o fundamento da esperança e da bênção deles. Oh! Que diferença não faz quando somos capazes de apelar ao "sangue da eterna aliança" (Hb 13.20).

"Ó SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel" (1Rs 18.36). Essa foi a primeira petição de Elias; veja bem a natureza dela, porque torna claramente manifesto o próprio caráter dele. O coração do profeta estava cheio de zelo ardente pela glória de Deus. Ele não podia tolerar o pensamento daqueles altares arruinados e dos profetas martirizados. Ele não podia tolerar que a terra fosse poluída com a idolatria dos pagãos, que insultava a Deus e destruía as almas. Ele não estava preocupado consigo mesmo, mas com o terrível fato que o povo de Israel admitia a ideia de que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó fosse trocado por Baal. O espírito dele se emocionou até as profundezas à medida que

contemplava como o SENHOR era desonrado ostensiva e gravemente. Oh! Que fôssemos mais profundamente movidos pelo triste estado da causa de Cristo sobre a terra hoje, pela usurpação do inimigo e da terrível desolação que ele tem feito em Sião! É de lamentar que muitos de nós estejamos dominados por um espírito de indiferença, por uma espécie de estoicismo fatalista.

A principal ideia da oração de Elias era que Deus pudesse vindicar a si mesmo naquele dia, que ele tornasse conhecido o seu grande poder, que ele fizesse voltar a si o coração do povo. É somente quando conseguimos ter em vista a glória de Deus e a defendemos mais do que aos nossos interesses pessoais, que alcançamos o lugar onde ele não nos negará. É lamentável que estejamos tão ansiosos a respeito do sucesso de nosso trabalho, a prosperidade de nossa igreja ou denominação, que perdemos de vista a questão infinitamente mais maravilhosa da vindicação e honra do nosso Senhor. Não é de admirar que à nossa volta tenhamos tão pouco da bênção de Deus! O nosso bendito Redentor nos deixou um exemplo muito melhor: "Eu não procuro a minha própria glória" (Jo 8.50), declaração essa feita por aquele que era "manso e humilde de coração". "Pai, glorifica o teu nome" (Jo 12.28) – esse era o desejo controlador do seu coração. Quando desejava que seus discípulos produzissem fruto, era para que fosse "glorificado meu Pai" (Jo 15.8). "Eu te glorifiquei na terra" (Jo 17.4), disse o Filho ao completar a sua missão. E agora ele declara o seguinte: "E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho" (Jo 14.13).

"[...] fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo" (1Rs 18.36). É uma bênção observar esse homem, por cuja palavra foram fechadas as janelas do céu, por meio de cuja oração o morto foi restaurado à vida, diante de quem até mesmo o rei tremeu; é uma bênção – repetimos – vê-lo assumir esse lugar diante de Deus. "[...] fique, hoje, sabido que [...] eu sou teu servo". Era o lugar do subordinado, o lugar humilde, o lugar onde ele estava debaixo de ordens. Um *servo* é alguém cuja vontade está completamente rendida a outrem, cujos interesses pessoais estão completamente subordinados aos do seu senhor, cujo desejo e alegria é agradar e honrar aquele que o empregou. E essa era a atitude e o hábito de Elias: ele estava completamente rendido a Deus, empenhado em buscar a sua glória e não a sua própria. O "serviço cristão" não consiste em fazer algo para Cristo; consiste em fazer aquilo que ele apontou e designou para nós.

Amigos ministros cristãos, é isso o que nós somos? Está a nossa vontade rendida a Deus de tal forma, que podemos dizer de verdade: "Eu sou teu

servo?”. Mas veja outra coisa aqui. “[...] fique, hoje, sabido que [...] eu sou teu servo”: reconhece-me como teu servo por meio da manifestação do teu poder. Não é suficiente que o ministro do Evangelho seja servo de Deus, é preciso que seja manifesto que ele é um servo de Deus. Como? Por meio da sua separação do mundo, pela sua devoção ao seu Senhor, pelo seu amor e cuidado pelas almas, pelos seus incansáveis labores, pela sua autorrenúncia e sacrifício pessoal, por gastar-se e deixar-se gastar na ministração aos outros, e pelo selo do Senhor sobre o seu ministério. “Pelos seus frutos os conhecereis”: pela santidade do seu caráter e conduta, pela operação do Espírito de Deus neles e através deles, pelo andar daqueles que se encontram sob o seu ministério. Como precisamos orar: “fique sabido que eu sou teu servo”!

---

55 Apocalipse 21.11.
56 1Reis 18.36 – BRA.

CAPÍTULO 18

A ORAÇÃO EFICAZ

No final do nosso último capítulo, estávamos considerando a oração que Elias fez no monte Carmelo. Devemos examinar com atenção essa súplica do profeta, pois foi uma oração eficaz; ela obteve uma resposta miraculosa. Há duas razões principais por que tantas orações do povo de Deus são infrutíferas. Primeiro, porque elas não satisfazem os requisitos de uma oração aceitável; segundo, porque as suas súplicas estão em desacordo com as Escrituras, não seguem o padrão das orações registradas nas Sagradas Escrituras. Acabaríamos por nos desviar muito do nosso assunto, se entrássemos em detalhes a respeito de quais são os requisitos que temos de cumprir e quais as condições que temos de preencher a fim de obtermos a atenção de Deus, de forma que ele se mostre forte em nosso favor. Contudo, sentimos que este é um momento apropriado para dizer alguma coisa a respeito desse importantíssimo e prático assunto, e vamos pelo menos citar alguns dos principais requisitos para sermos bem-sucedidos diante do trono da graça.

A oração é um dos notáveis privilégios da vida cristã. É o meio designado para chegar a Deus, para a alma aproximar-se do seu Criador, para o cristão manter comunhão espiritual com o seu Redentor. A oração é o canal por meio do qual buscamos o suprimento de todas as necessidades de graça espiritual e das misericórdias terrenas. Ela é a avenida pela qual fazemos conhecidas as nossas necessidades diante de Deus, e o buscamos para que nos supra cada uma delas. A oração é o canal por meio do qual a fé sobe até aos céus e, em resposta a ela, os milagres descem à terra. Mas se esse canal estiver obstruído, os suprimentos são negados; se a fé for inativa, os milagres não acontecerão. Desde a antiguidade, Deus disse ao seu povo: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça” (Is 59.2). E será diferente hoje? Ele declara outra vez: “As vossas iniquidades desviam estas coisas, e os vossos pecados afastam de vós o bem” (Jr 5.25). E não é esse o caso com muitos de nós agora? Não temos nós razão para reconhecer: “Nós prevaricamos e fomos rebeldes, e tu não nos perdoaste. De nuvens te encobriste para que não passe a nossa oração” (Lm 3.42,44). É triste, triste de

fato, quando esse é o caso.

Se aquele que se professa cristão supõe que, não importando qual seja o caráter do seu andar, apenas precisa declarar o nome de Cristo e as suas petições têm resposta assegurada, está tristemente enganado. Deus é indescritivelmente santo, e a sua Palavra declara de forma expressa: “Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido” (Sl 66.18). Não é suficiente crer em Cristo, ou declarar o seu nome, para garantir respostas à oração; é necessário haver sujeição prática a ele e diária comunhão com ele: “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito” (Jo 15.7). Não é suficiente ser um filho de Deus e clamar ao nosso Pai celeste; é necessário ordenar a nossa vida de acordo com a vontade revelada dele: “e aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável” (1Jo 3.22). Não é suficiente aproximar-se ousadamente do trono da graça; nós temos de aproximar-nos “com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura” (Hb 10.22); tudo aquilo que polui deve ter sido removido pelos preceitos purificadores da Palavra (Sl 119.9).

Veja os princípios a que nos referimos brevemente acima e veja como essas exigências foram cumpridas e essas condições preenchidas no caso de Elias. Ele andou distante do mal que abundava em Israel, recusou ceder ou manter qualquer comunhão com as obras infrutíferas das trevas. Em uma época de degeneração espiritual e apostasia, ele manteve comunhão pessoal com o Santo, como atesta claramente a sua expressão “o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou” (1Rs 17.1). Ele andou em sujeição a Deus na prática. A sua recusa em mover-se até que “Veio-lhe a palavra de Jeová” (1Rs 17.8 – BRA) dá pleno testemunho disso. A vida dele estava ordenada pela vontade revelada do seu Senhor, como fica claro pela sua obediência à ordem divina de morar com uma mulher viúva em Sarepta. Ele não recuou diante da execução das mais desagradáveis obrigações, como ficou claro da sua pronta submissão à ordem de Deus: “Vai, apresenta-te a Acabe” (1Rs 18.1). E esse homem recebeu a atenção de Deus, ele tinha poder junto a Deus.

Agora, se aquilo que acabamos de destacar serve para explicar o poder da intercessão de Elias, porventura isso também não fornece, lamentavelmente, a razão por que tantos de nós não conseguem a atenção de

Deus, nem têm poder junto dele em oração? É a “súplica fervorosa do justo” que “muito pode” diante de Deus (Tg 5.16 – BRA). Isso significa algo mais do que um homem a quem foi imputada a justiça de Cristo. Prestemos bastante atenção ao fato que essa expressão não aparece na carta aos Romanos (onde os benefícios legais da expiação estão particularmente em vista), mas na carta de Tiago, onde o lado prático e experimental do Evangelho é revelado. Em Tiago 5.16, o “justo” (como também através de todo o livro de Provérbios) é alguém que é justo, correto para com Deus na prática, na sua vida diária, cujos caminhos “agradam ao Senhor”. Se não andarmos separados do mundo, se não negarmos a nós mesmos, se não lutarmos contra o pecado, se não mortificarmos nossas paixões, mas gratificarmos nossa natureza carnal, por acaso será de admirar que nossa vida de oração seja fria e formal, e nossas petições fiquem sem resposta?

Quando examinamos a oração de Elias no monte Carmelo, vimos, primeiro, que: “No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares”, o profeta se aproximou, isto é, aproximou-se do altar onde estava o novilho cortado em pedaços. “Aproximou-se”, embora sua expectativa fosse uma “resposta de fogo”! Aqui vemos a sua santa confiança em Deus, e nos é mostrado o fundamento em que repousava a sua confiança, ou seja, em um sacrifício expiatório. Em segundo lugar, ouvimos o profeta dirigir-se a Yahweh como o Deus que fizera um pacto com o seu povo: “SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel”. Em terceiro lugar, consideramos a sua primeira petição: “[...] fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel”, ou seja, que Deus vindicasse a sua honra e glorificasse o seu próprio nome. O coração do profeta estava cheio de um ardente zelo pelo Deus vivo e não podia tolerar a visão da terra cheia de idolatria. Em quarto lugar, “[...] e que eu sou teu servo”, cuja vontade está completamente rendida a ti, cujos interesses estão totalmente subordinados aos teus. Reconhece-me como teu servo por meio da manifestação do teu imenso poder.

Esses são os elementos, caro leitor, que fazem parte da oração que é aceitável a Deus e que recebe resposta dele. É preciso mais do que muita demonstração de fervor; é preciso, de fato, que a alma se aproxime do Deus vivo e, para isso, é necessário pôr de lado e abandonar tudo aquilo que é ofensivo a ele. É o pecado que separa dele o coração, que mantém a consciência em uma distância culposa dele; e desse pecado é preciso arrepender-se e tem de ser confessado, se quisermos outra vez ter acesso a Deus. O que estamos apresentando agora não é algo legalista; estamos

insistindo nas exigências da santidade de Deus. Cristo não morreu para comprar para o seu povo a possibilidade de viver em pecado; pelo contrário, ele derramou o seu sangue precioso para redimi-los de toda iniquidade e "purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras" (Tt 2.14). E, na mesma proporção em que negligenciarem essas boas obras, eles deixarão de experimentar na prática os benefícios da sua redenção.

Mas, para que uma criatura falha e pecaminosa possa aproximar-se com alguma medida de humilde confiança do Deus três vezes santo, ela precisa conhecer algo da relação que mantém com Deus, não por natureza, mas por meio da graça. O crente – não importando quão grande fracassado ele se sinta (desde que ele com sinceridade lamente os seus fracassos e seja honesto em seus esforços de agradar seu Senhor) – tem o bendito privilégio de lembrar-se de que se aproxima daquele que se relaciona com ele por meio de uma aliança; sim, o crente pode apelar a essa aliança diante de Deus. Davi, apesar das suas quedas, reconheceu o seguinte: "Pois estabeleceu comigo uma aliança eterna, em tudo bem definida e segura" (2Sm 23.5); e assim o leitor também pode fazer, se lamenta os seus pecados como fez Davi; se, como ele, os confessar com contrição e tiver o mesmo anelo no coração pela santidade. Faz uma tremenda diferença em nossa oração quando podemos "apelar à aliança de Deus", seguros do nosso interesse pessoal por ela. Quando suplicamos o cumprimento de promessas da aliança (Jr 32.40,41; Hb 10.16,17), por exemplo, apresentamos a Deus um argumento que ele não rejeitará, pois ele não pode negar a si mesmo.

Ainda outra coisa se faz essencial para que nossas orações alcancem a aprovação de Deus: o motivo que as move e a petição em si mesma têm de ser, ambos, corretos. É nesse ponto que muitas pessoas falham. Como está escrito: "pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres" (Tg 4.3). Com Elias não foi assim. Não era a sua própria promoção ou o seu próprio enaltecimento que ele buscava, mas o engrandecimento do seu Senhor e a vindicação da sua santidade, que tinha sido tão desonrada pelo seu povo que se desviara para adorar Baal. Devemos nos examinar quanto a isso. Se o motivo por trás da nossa oração procede apenas de nós mesmos, podemos ter certeza de que a resposta nos será negada. Somente quando, de fato, pedirmos aquilo que vai promover a glória de Deus, é que pedimos de forma correta. "E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve" (1Jo 5.14); e nós pedimos "segundo a sua vontade" quando pedimos aquilo que trará honra

e louvor ao doador. Lamentavelmente, como são carnais muitas das nossas orações!

Finalmente, se quisermos que nossas orações sejam aceitáveis a Deus, elas têm de vir daqueles que podem de fato declarar “Eu sou teu servo” – alguém submisso à autoridade de outrem, alguém que assume o lugar de subordinado, alguém que está sob as ordens do seu senhor, alguém que não tem vontade própria, cujo constante objetivo é agradar ao seu Senhor e promover os interesses dele. E certamente o cristão não oferecerá resistência a isso. Não foi esse exatamente o lugar assumido pelo seu nobre Redentor? Não foi o Senhor da glória que assumiu “a forma de servo” (Fp 2.7) e, assim, se comportou durante todos os dias da sua carne? Se mantivermos nosso caráter de servo ao nos aproximarmos do trono da graça, seremos preservados da grosseira irreverência que caracteriza muito do que se chama “oração” em nossos dias. Em lugar de fazer exigências ou falar com Deus como se fôssemos seus iguais, deveríamos apresentar humildemente as nossas “petições”. E quais são as principais coisas que um “servo” deseja? Ele deseja conhecer aquilo que o seu senhor requer e receber os suprimentos necessários para executar as ordens dele.

“No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias e disse: Ó SENHOR, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique, hoje, sabido que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo e que, segundo a tua palavra, fiz todas estas coisas” (1Rs 18.36). O profeta acrescentou isso como uma petição adicional: que Deus enviasse “fogo do céu” em resposta às suas súplicas, para comprovar a sua fidelidade à vontade do seu Senhor. Foi em obediência às ordens de Deus que o profeta fez cessar a chuva sobre a terra, congregou agora Israel e os falsos profetas, e propôs um desafio, para que por meio de um sinal visível do céu ficasse evidente quem era o verdadeiro Deus. Tudo isso ele fez não de si mesmo, mas pela direção recebida do alto. Nossas petições são grandemente reforçadas quando somos capazes de alegar diante de Deus a nossa fidelidade aos seus mandamentos. Davi disse ao Senhor: “Tira de sobre mim o opróbrio e o desprezo, pois tenho guardado os teus testemunhos”; e, novamente: “Aos teus testemunhos me apego; não permitas, SENHOR, seja eu envergonhado” (Sl 119.22,31). O servo agir sem ordens do seu senhor é vontade própria e presunção.

Os mandamentos de Deus “não são penosos”57 (para aqueles cuja vontade está rendida a ele), e “em os guardar, há grande recompensa” (Sl

19.11), tanto nesta vida como na vindoura, como toda alma obediente descobre por si mesma. O Senhor declarou: “aos que me honram, honrarei” (1Sm 2.30), e ele é fiel no cumprimento das suas promessas. A maneira de honrá-lo é andar nos seus mandamentos. Foi isso que Elias fez, e agora ele confia que o SENHOR o honrará concedendo-lhe o seu pedido. Quando o servo de Deus tem o testemunho de uma boa consciência e o testemunho do Espírito de que ele está agindo de acordo com a vontade de Deus, ele pode com razão sentir-se invencível – quer sejam homens, circunstâncias, ou mesmo a oposição satânica não são maior ameaça do que a palha seca dos cereais na eira. A Palavra de Deus não voltará a ele vazia: o seu propósito será cumprido, embora passem os céus e a terra. Também isso encheu Elias de serena certeza naquela hora crucial. Deus não zombaria de alguém que tinha sido fiel a ele.

“Responde-me, SENHOR, responde-me, para que este povo saiba que tu, SENHOR, és Deus” (1Rs 18.37). Como essas palavras exalam a intensidade e a veemência do zelo do profeta pelo Senhor dos Exércitos! Isso não era uma simples cerimônia dos lábios para fora, mas uma verdadeira súplica, uma súplica fervorosa. Essa repetição indica como era verdadeiro e profundo o ardor do coração de Elias. Ele não podia suportar a desonra feita ao seu Senhor por toda parte; ele ansiava que Deus vindicasse a si mesmo. “Responde-me, SENHOR, responde-me”, foi o ardente clamor de uma alma reprimida. Como esse zelo e intensidade fazem vergonha à frieza das nossas orações! É somente o clamor genuíno de um coração em chamas que alcança o ouvido de Deus. É a “súplica fervorosa do justo” que “muito pode” (Tg 5.16 – BRA). Oh! Como precisamos buscar o socorro do Espírito Santo, pois ele é o único que pode inspirar a verdadeira oração em nós!

“[...] para que este povo saiba que tu, SENHOR, és Deus” (1Rs 18.37). Aqui está o supremo anseio da alma de Elias: que fosse demonstrado abertamente, e de forma irrefutável, que o SENHOR era o verdadeiro Deus, e não Baal nem qualquer outro ídolo. Aquilo que dominava o coração do profeta era um desejo que Deus fosse glorificado. E não é isso que acontece com todos os seus autênticos servos? Eles estão dispostos a suportar quaisquer dificuldades, alegram-se em gastar-se e serem gastos, se com isso o Senhor for magnificado. “[...] estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus” (At 21.13). Quantos mais, desde então, à semelhança do apóstolo, de fato morreram a serviço do Senhor e para o louvor do seu santo nome! Esse também é o mais profundo e

mais constante desejo de cada cristão que não se encontra na apostasia. Todas as suas petições brotam disto e se concentram nisto: que Deus seja glorificado. Todos eles absorveram, em certa medida, o mesmo espírito do seu Redentor: “Pai, [...] glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti” (Jo 17.1). Quando esse é o motivo por trás da nossa petição, é certa a resposta.

“[...] e que a ti fizeste *retroceder* o coração deles” (1Rs 18.37). Retroceder da perambulação por objetos proibidos para Deus; retroceder de Baal para a obediência e adoração do Deus verdadeiro e vivo. Junto com a glória do seu Senhor, estava o outro profundo anseio do coração de Elias: a libertação de Israel dos enganos de Satanás. Ele não era egoísta nem era pessoa centrada em si mesma, indiferente para com a sorte dos seus semelhantes; antes, ele estava ansioso para que eles possuíssem aquilo que tão plenamente satisfazia a sua própria alma. E afirmamos novamente: não é isso verdade com respeito a todos os autênticos servos e santos de Deus? Junto com a glória do seu Senhor, aquilo que está mais próximo do coração deles e é assunto constante das suas orações é a salvação dos pecadores, para que estes se voltem dos seus maus e loucos caminhos para Deus. Preste bem atenção nas duas palavras que colocaremos em itálico: “que a ti fizeste retroceder *o coração* deles”. Nada menos que a volta do coração para Deus terá algum valor para a eternidade, e ninguém, a não ser Deus, por seu imenso poder, pode efetuar essa mudança.

Havendo considerado cada pedido da oração eficaz de Elias, queremos chamar sua atenção a outra característica que distingue essa oração: a sua notável brevidade. Ela ocupa não mais do que dois versículos em nossa Bíblia e contém menos de 60 palavras em português, e menos ainda no original hebraico. Que contraste isso não faz com as intermináveis e cansativas orações em muitos púlpitos de hoje! “Não abras a boca precipitadamente, e não se apresse o teu coração a proferir palavra alguma diante de Deus; porque Deus está no céu, e tu sobre a terra. Portanto sejam poucas as tuas palavras” (Ec 5.2). Um versículo como esse parece não ter nenhum peso junto da maioria dos ministros. Uma das características dos escribas e fariseus era que eles faziam “por pretexto (para impressionar o povo com a sua piedade) longas orações” (Mc 12.40). Não queremos desconsiderar o fato de que, quando a unção do Espírito se faz presente, pode acontecer de ele conceder ao servo de Cristo muita liberdade para derramar o coração extensamente, mas isso são exceções e não a regra, como a Palavra

de Deus declara expressamente.

Um dos muitos males produzidos pelas longas orações no púlpito é o desencorajamento das almas ingênuas do povo: elas facilmente concluem que, se as suas devoções particulares não forem longas, isso significa que Deus não lhes está dando o espírito de oração. Se algum de nossos leitores se afligir com isso, pedimos que faça um estudo das orações registradas nas Escrituras Sagradas – tanto no Antigo como no Novo Testamento – e eles descobrirão que praticamente todas elas são muito curtas. As orações que obtiveram respostas extraordinárias dos Céus eram como essa de Elias: breves, diretas ao ponto, fervorosas e definidas. Ninguém é ouvido por causa da multidão das suas palavras, mas somente quando as suas petições vêm do coração, quando são motivadas pelo anseio pela glória de Deus, e são apresentadas com uma fé de criança. O Senhor misericordiosamente nos preserve da hipocrisia e da formalidade, e nos faça sentir nossa profunda necessidade de clamar a ele: “Ensina-nos (não *como*, mas) *a* orar”.58

---

57 1João 5.3
58 Lucas 11.1

CAPÍTULO 19

A RESPOSTA COM FOGO

No capítulo anterior, procuramos fazer aplicações práticas à nossa própria vida, da oração que Elias apresentou a Deus no monte Carmelo. Ela foi registrada para nosso ensino (Rm 15.4) e encorajamento, e nela encontramos muitas e valiosas lições, se apenas tivermos coração aberto para recebê-las. Com raras exceções, o púlpito moderno provê pouca ou nenhuma ajuda nesse importante assunto; em vez disso, é um obstáculo para quem está desejoso de conhecer com mais perfeição o caminho do Senhor. Se os jovens cristãos estão desejosos de descobrir os segredos da oração aceitável e eficaz, não devem guiar-se pelo que ouvem hoje e veem acontecendo no mundo religioso. Em vez disso, precisam voltar-se para a revelação de Deus que ele graciosamente designou como uma lâmpada para os seus pés e uma luz no seu caminho. Se eles com humildade procurarem instrução da Palavra de Deus e confiantemente contarem com o auxílio do seu Espírito Santo, serão preservados daquilo que hoje chamam anomalamente de “oração”.

Por um lado, precisamos ser libertos do tipo frio, mecânico e formal de oração que não passa de cerimônia da boca para fora, em que não existe uma aproximação de fato de Deus, sem nenhum prazer nele, nenhum derramar de coração diante dele. Por outro lado, temos de ser preservados dessa inadequada, selvagem e fanática loucura que em alguns lugares é confundida com fervor espiritual e zelo. Há alguns que nos lembram de tal forma os adoradores de Baal quando oram, dirigindo-se a Deus como se ele fosse surdo. Parecem estimar o excitamento do seu lado animal e as violentas contorções corporais como a essência das suas súplicas, e desprezam aqueles que falam com Deus de forma calma, contida, digna e ordeira. Esse tipo irreverente de frenesi é até pior do que a formalidade. Não se deve confundir barulho com fervor, nem gritaria anormal com devoção. “Sede, portanto, prudentes e sóbrios para oração” (1Pe 4.7 – BRA) é o corretivo de Deus para esse mal.

Agora passaremos a considerar os notáveis resultados da bela, porém simples oração de Elias. E gostaríamos de dizer outra vez ao nosso leitor: tentemos visualizar a cena, e tanto quanto nos for possível, tomemos lugar no monte Carmelo. Dirija seus olhos para a vasta multidão de povo ali

congregada. Contemple o enorme grupo de sacerdotes de Baal, agora exaustos e derrotados. Daí procure ouvir as palavras finais da oração do tesbita: “Responde-me, SENHOR, responde-me, para que este povo saiba que tu, SENHOR, és Deus e que a ti fizeste retroceder o coração deles” (1Rs 18.37). Que momento terrível aquele! Quanta impaciência da parte da multidão reunida para ver o que aconteceria! Todos prendem a respiração, em silêncio! O que será que vai acontecer? Será que o servo do SENHOR ficará confuso como ficaram os profetas de Baal? Se não houver resposta, se não vier “fogo do céu”, então o Senhor não está habilitado para ser considerado Deus, tanto quanto Baal. Aí então, tudo o que Elias fez, todo o seu testemunho a respeito de seu Senhor ser o único Deus verdadeiro e vivo, será considerado uma ilusão. Momento solene, intensamente solene!

Mas a curta oração de Elias mal havia acabado, e “Então, caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e a terra, e ainda lambeu a água que estava no rego” (1Rs 18.38). Por meio desse fogo, o Senhor afirmou ser o único Deus verdadeiro, e por meio dele deu testemunho do fato que Elias era seu profeta e Israel era seu povo. Oh! Que maravilhosa benevolência de Deus em repetidamente demonstrar as mais evidentes verdades a respeito do seu ser, dos seus atributos, da autoridade divina da sua Palavra, e da natureza da sua adoração! Não há nada mais maravilhoso do que isso; é somente a perversidade do homem que rejeita essas repetidas demonstrações. Como Deus é gracioso fornecendo tais provas e fazendo com que toda dúvida seja sem razão e sem desculpas! Aqueles que recebem o ensino das Escrituras Sagradas sem questionar não são tolos crédulos. Longe de seguir fábulas engenhosamente inventadas, eles aceitam o incontestável testemunho daqueles que foram testemunhas oculares dos mais estupendos milagres. A fé do cristão repousa sobre um fundamento que não precisa temer investigação cuidadosa e minuciosa.

“Então, caiu fogo do SENHOR” (1Rs 18.38). Os efeitos desse fogo tornaram evidente que não era fogo comum, mas sobrenatural. Ele desceu do céu. Primeiro, consumiu os pedaços do sacrifício; depois, a lenha onde tinham sido colocados – essa ordem deixou claro que não foi por causa da lenha que a carne do novilho foi queimada. Até mesmo as 12 pedras do altar foram consumidas, para tornar evidente que esse não era um fogo comum. E como se ainda não houvesse evidência suficiente da natureza extraordinária desse fogo, ele consumiu “o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego”,59 com isso tornando evidente que esse era um fogo a cuja ação nada

podia resistir. Em cada caso a ação desse fogo foi de cima para baixo, o que é contrário à natureza de todo fogo terreno. Não havia truques aqui, mas um poder sobrenatural que removia toda e qualquer suspeita dos espectadores, deixando-os frente a frente com o poder e a majestade daquele a quem tão gravemente haviam ofendido.

"Então, caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto" (1Rs 18.38). Tudo isso era extremamente maravilhoso, porém indizivelmente solene. Primeiro, esse notável incidente deveria encorajar os cristãos fracos a colocar sua fé em Deus, avançar na sua força para enfrentar os mais sérios perigos, para encarar os mais ferozes inimigos, e empreender as mais árduas e arriscadas tarefas que ele lhes possa designar. Se a nossa confiança estiver totalmente posta no próprio Senhor, ele não falhará para conosco. Ele permanecerá conosco, embora talvez ninguém mais o faça; ele nos libertará das mãos daqueles que procuram nos ferir, confundirá aqueles que se põem contra nós, e nos honrará à vista daqueles que nos difamaram e acusaram. Oh! Cristão trêmulo! Não ponha seus olhos no rosto dos que são mundanos, mas fixe os olhos da fé naquele que tem todo o poder no céu e na terra! Não desanime pelo fato de encontrar tão poucos que pensam como você, mas console-se com o grandioso fato que, se Deus é por nós, não importa quem seja contra nós.

Como esse incidente deveria animar e fortalecer os servos de Deus que estão sendo provados! Talvez Satanás esteja lhe dizendo que, em dias degenerados como os nossos, a única política segura e sábia é ceder. Talvez ele esteja levando você a perguntar-se: "O que será de mim e da minha família, se eu continuar pregando aquilo que é tão impopular?". Então se lembre do caso do apóstolo, e como ele foi ajudado pelo Senhor nas mais difíceis circunstâncias. Referindo-se à ocasião em que foi obrigado por Nero, aquele monstro, a manter firme a sua conduta como servo de Cristo, ele diz: "Na minha primeira defesa, ninguém foi a meu favor; antes, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja posto em conta! Mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, para que, por meu intermédio, a pregação fosse plenamente cumprida, e todos os gentios a ouvissem; e fui libertado da boca do leão. O Senhor me livrará também de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celestial. A ele, glória pelos séculos dos séculos. Amém!" (2Tm 4.16-18). E o Senhor não mudou em nada! Ponha-se, sem reservas, nas suas mãos, busque unicamente a sua glória, e ele não lhe decepcionará. Confie nele completamente quanto às consequências, e ele não

lhe confundirá, como este escritor tem comprovado plenamente.

Como esse incidente exemplifica apropriadamente o poder da fé e a eficácia da oração. Já discorremos quase o suficiente sobre a oração feita por Elias nessa ocasião significativa, mas ainda chamamos sua atenção a outra característica essencial que marcou esse evento, e que precisa marcar nossas orações, se quisermos que obtenham respostas do Céu. “Seja-vos feito segundo a vossa fé” (Mt 9.29 – RC) é um dos princípios que regulam o trato de Deus conosco. “Se tu podes crer; tudo é possível ao que crê” (Mc 9.23 – RC). Por quê? Porque a fé diz respeito diretamente a Deus: ela o traz à cena, ela o considera conforme a sua fidelidade, agarrando-se às suas promessas, dizendo: “faze como falaste” (2Sm 7.25). Se você quer ver algumas das maravilhas e milagres que a fé pode originar, leia atentamente o capítulo 11 da Epístola aos Hebreus.

A fé opera principalmente por meio da oração, que é seu canal principal. Orar sem fé é insultar a Deus e zombar dele. Está escrito: “E a oração da fé salvará o enfermo” (Tg 5.15). Mas o que é orar com fé? É a mente ser regulada e o coração ser influenciado por aquilo que Deus nos disse; é um agarrar-se à sua Palavra, e então confiar nele para que cumpra as suas promessas. Foi isso que Elias fez, como claramente se percebe por suas palavras: “segundo a tua palavra, fiz todas estas coisas” (1Rs 18.36). Algumas dessas coisas pareciam ser completamente contrárias à razão carnal – como arriscar-se na presença do homem que lhe perseguia a vida, e ordenar-lhe que convocasse uma vasta assembleia no Carmelo; colocar-se contra as centenas de falsos profetas; colocar água sobre o sacrifício e sobre a lenha. Todavia, ele agiu com base na Palavra de Deus e confiou nele quanto às consequências. E Deus não o pôs em confusão: ele honrou a fé do profeta e respondeu à sua oração.

Lembramos outra vez ao leitor: esse incidente foi registrado para nosso ensino e encorajamento. O Senhor Deus é hoje o mesmo que era naquela época – pronto a mostrar-se forte em favor daqueles que andam como Elias e confiam nele assim como fez o profeta. Você está enfrentando alguma situação difícil, alguma premente emergência, alguma dolorosa provação? Então não a coloque entre você e Deus, mas antes coloque Deus entre você e seu problema. Medite de novo nos seus tremendos atributos e na sua infinita suficiência; reflita nas suas preciosas promessas que servem para o seu caso; implore ao Espírito Santo que fortaleça a sua fé e coloque-a em prática. Isso também vale para os servos de Deus: se pretendem realizar grandes coisas em

nome do Senhor, se pretendem confundir os seus inimigos e vencer aqueles que se opõem, se pretendem ser os instrumentos usados para fazer com que os corações dos homens se voltem para Deus, então precisam confiar nele para operar neles e através deles; precisam depender do seu poder onipotente tanto para protegê-los como para conduzi-los durante a execução de difíceis obrigações. Eles precisam ter em vista unicamente a glória de Deus naquilo que se propuserem fazer, e entregar-se a confiante e fervorosa oração.

"Então, caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto" (1Rs 18.38). Como dissemos acima, isso não foi apenas sumamente maravilhoso, mas também terrivelmente solene. Isso se torna ainda mais evidente se nos lembrarmos destas terríveis palavras: "o nosso Deus é um fogo consumidor" (Hb 12.29 – RC). Raramente se ouve alguma menção desse texto, e mais raramente se ouve alguma pregação sobre ele! Do púlpito se ouve com frequência que "Deus é amor", mas há um silêncio criminoso sobre o fato igualmente verdadeiro que ele é "um fogo consumidor". Deus é indescritivelmente santo e, por essa razão, a sua natureza pura queima em oposição ao pecado. Deus é imutavelmente justo e, por essa razão, ele visitará toda transgressão e desobediência com "justo castigo" (Hb 2.2). "Os loucos zombam do pecado" (Pv 14.9), mas eles haverão de descobrir que não podem zombar de Deus impunemente. Eles podem desafiar a sua autoridade e pisotear as suas leis nesta vida, mas na vindoura eles blasfemarão contra si mesmos por causa da sua loucura. Neste mundo, Deus trata os seus inimigos com misericórdia e paciência, mas no mundo vindouro eles haverão de descobrir, para sua eterna ruína, que ele é "um fogo consumidor".

Ali, sobre o monte Carmelo, Deus fez uma demonstração pública do solene fato que ele é "um fogo consumidor". Por anos, no passado, ele tinha sido gravemente desonrado; em vez de ser adorado, adoraram a Baal; mas aqui, diante da multidão reunida, ele demonstra e defende a sua santidade. Esse fogo que desceu do céu em resposta à ardente súplica de Elias, foi um juízo da parte de Deus: foi a execução da sentença da Lei de Deus, que fora violada. Deus declara que "a alma que pecar, essa morrerá",60 e ele não age de modo incoerente ao que diz. O salário do pecado tem de ser pago, ou pelo próprio pecador, ou por um substituto inocente, que assume o lugar do culpado e sofre a penalidade deste. Lado a lado com a lei moral, havia a lei cerimonial dada a Israel, na qual havia sido feita provisão para que a misericórdia pudesse ser estendida ao transgressor e, ao mesmo tempo, fossem satisfeitas as exigências da justiça de Deus. Um animal, sem mancha

ou defeito, era morto em lugar do pecador. Foi o que aconteceu aqui no Carmelo: “caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto”, e assim os israelitas idólatras foram poupados.

Oh! Que cena magnífica e maravilhosa nos é apresentada aqui no monte Carmelo! Um Deus santo tem de lidar com o pecado por meio do fogo do seu juízo. E aqui estava uma nação culpada, impregnada no pecado, que Deus precisava condenar. Seria necessário, então, que o fogo do Senhor caísse imediatamente sobre esse povo desobediente e culpado para consumi-lo? Não havia escapatória? Graças a Deus, havia, sim, escapatória. Uma vítima inocente foi providenciada, um sacrifício para representar essa nação carregada de pecado. Sobre essa vítima caiu o fogo, consumindo-a, e o povo foi poupado. Que prenúncio maravilhoso foi esse daquilo que ocorreu quase mil anos mais tarde sobre outro monte, o Calvário. Ali, o Cordeiro de Deus ofereceu-se como substituto, em lugar do seu povo culpado, carregando os seus pecados em seu próprio corpo no madeiro (1Pe 2.24). Ali, o Senhor Jesus Cristo sofreu, o Justo pelos injustos, para que ele os trouxesse a Deus. Ali, ele se tornou uma maldição (Gl 3.13), para que a bênção eterna pudesse ser a porção deles. Ali, “o fogo do Senhor” caiu sobre a sua santa cabeça, e tão intenso era o calor, que ele exclamou: “Tenho sede”.61

“O que vendo todo o povo, caiu de rosto em terra e disse: O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!” (1Rs 18.39). “Não havia mais como duvidarem da existência e da onipotência do SENHOR. Não havia como enganar-se diante da realidade do milagre: eles viram com os próprios olhos o fogo descendo do céu e consumir o sacrifício. E, quer respeitassem a grandeza do próprio milagre, ou o fato de ter sido predito por Elias e operado com um propósito especial, ou considerassem a ocasião como digna da extraordinária intervenção do ser supremo, ou seja, para reconquistar o seu povo que tinha sido desviado para a apostasia pela influência daqueles que estavam em posição de autoridade e afirmar-se como o Deus dos seus pais, todas essas coisas uniram-se para demonstrar quem era o seu autor e para comprovar a autoridade de Elias” (John Simpson).

“O que vendo todo o povo, caiu de rosto em terra e disse: O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!” (1Rs 18.39). O Senhor é conhecido pelos seus caminhos e por suas obras. Ele é descrito como “glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas”.62 Dessa forma, a controvérsia entre Yahweh e Baal estava estabelecida. Mas os filhos de Israel cedo esqueceram aquilo que tinham visto e, à semelhança dos seus pais que

testemunharam as pragas do Egito e a destruição de Faraó e suas hostes no mar Vermelho, em pouco tempo recaíram na idolatria. As terríveis demonstrações da justiça de Deus podem terrificar e convencer o pecador, podem arrancar dele confissões e resoluções, e até mesmo dispô-lo a vários atos de obediência, enquanto durar o sentimento de terror; mas algo mais se faz necessário para mudar o seu *coração* e converter a sua alma. Os milagres operados por Cristo ainda deixaram a nação judaica em atitude antagônica à verdade. Faz-se necessária uma *obra sobrenatural* no interior do homem para que ele nasça de novo.

"Disse-lhes Elias: Lançai mão dos profetas de Baal, que nem um deles escape. Lançaram mão deles; e Elias os fez descer ao ribeiro de Quisom e ali os matou" (1Rs 18.40). Isto é muito sério! Elias não orou por esses falsos profetas (ele orou por "este povo"), e o novilho sacrificado não os beneficiou. Ah! Prezado leitor! A verdade da eleição divina para a salvação é uma realidade, e não pode haver uma eleição sem uma *rejeição*! Dessa forma acontece também com a expiação: Cristo morreu pelo seu povo, "o Israel de Deus", e não derramou o seu sangue pelos réprobos e apóstatas. Deus ilustrou essa bendita verdade – agora negada quase universalmente – nos *tipos*, bem como a expressou claramente nas porções doutrinárias da sua Palavra. O cordeiro pascal foi designado e ofereceu abrigo aos hebreus, mas nenhuma provisão se fez para os egípcios! E, caro leitor, a não ser que o seu nome esteja escrito no livro da vida do Cordeiro, não há o menor lampejo de esperança para você.

Há aqueles que, movidos de falsas noções de tolerância, condenam Elias por ter matado os profetas de Baal; mas estão grandemente errados, são ignorantes do caráter de Deus e dos ensinos da sua Palavra. Os falsos profetas e os falsos sacerdotes são os maiores inimigos que uma nação pode ter, pois atraem tanto males temporais como espirituais sobre ela, destruindo não somente os corpos, mas também as almas dos homens. Permitir que esses profetas de Baal escapassem, ter-lhes-ia dado liberdade como agentes da apostasia, e exposto Israel à corrupção futura. É preciso lembrar que a nação de Israel estava sob o governo direto de Yahweh, e tolerar em seu meio aqueles que desencaminharam o seu povo para a idolatria seria abrigar homens que eram culpados de alta traição contra a majestade do céu. Somente por meio da sua destruição é que poderia ser vingada a ofensa a Yahweh e demonstrada a sua santidade.

Tempos de decadência requerem testemunhas que têm em vista a glória

de Deus, e que não se deixam influenciar por sentimentalismo, que sejam firmes no trato com o mal. Aqueles que consideram que Elias foi rigoroso demais e supõem que ele agiu com crueldade sem misericórdia ao matar os falsos profetas não conhecem o Deus de Elias. O Senhor é glorioso em santidade, e ele nunca age mais gloriosamente do que quando é “um fogo consumidor” com os que praticam a iniquidade. Mas Elias era apenas um homem! Sim, é verdade; contudo, ele era o servo do Senhor, sob a obrigação de cumprir as suas ordens. E, ao matar esses falsos profetas, fez aquilo que a Palavra de Deus exigia (Cf. Dt 13.1-5; 18.20,22). Na dispensação cristã, não devemos matar aqueles que induzem outros à idolatria, porque “as armas da nossa milícia não são carnais” (2 Co 10.4). A aplicação que nos diz respeito, hoje, é a seguinte: temos de julgar, sem misericórdia, toda e qualquer coisa que seja má em nossa vida, e não abrigar no coração nenhum rival do Senhor nosso Deus – “que nem um deles escape”.63

---

59 1Reis 18.38 – RC.
60 Ezequiel 18.4,20.
61 João 19.28.
62 Êxodo 15.11.
63 1Reis 18.40.

CAPÍTULO 20

CHUVA ABUNDANTE

Não é pouco o que se diz nas Escrituras a respeito da chuva; apesar disso, é assunto completamente desconhecido, hoje, até mesmo da grande maioria dos cristãos. Nesta época ateísta e materialista, não só não se concede a Deus o devido lugar no coração e na vida das pessoas, mas ele é banido dos seus pensamentos e excluído, na prática, do mundo que ele criou. A maneira pela qual ele dispõe as estações, o seu controle sobre os elementos, a forma como ele ajusta o tempo, tudo isso agora ninguém mais crê, a não ser um insignificante remanescente, considerado imbecil e fanático. É necessário, então, que os servos do SENHOR apresentem o relacionamento que o Deus vivo mantém com a sua criação e a sua regência e governo sobre todos os assuntos da terra, a fim de chamar a atenção antes de tudo que o Altíssimo preordenou na eternidade passada tudo o que acontece aqui embaixo, e então declarar que ele está agora executando aquilo que predeterminou e que ele "faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade".64

Essa predeterminação de Deus envolve tanto as coisas materiais como as espirituais, inclui tanto os elementos da terra como a alma dos homens. Isso está claramente revelado na Escritura Sagrada. Deus "determinou leis (a mesma palavra hebraica usada no Salmo 2.7) para a chuva e caminho para o relâmpago dos trovões" (Jó 28.26), predestinando quando, onde e quão pouco ou quão abundantemente deverá chover, exatamente como "quando punha ao mar o seu termo, para que as águas não trespassassem o seu mando" (Pv 8.29 – RC); e pôs "a areia para limite do mar, limite perpétuo, que ele não traspassará? Ainda que se levantem as suas ondas, não prevalecerão; ainda que bramem, não o traspassarão" (Jr 5.22). O número exato, a duração e a quantidade das chuvas foram eterna e inalteravelmente estabelecidos pela vontade de Deus, e os limites exatos de cada oceano e rio expressamente determinados pelo *fiat*65 do soberano dos céus e da terra.

De acordo com a sua predeterminação, lemos que Deus "prepara a chuva para a terra" (Sl 147.8). Eu "farei chover sobre a terra" (Gn 7.4), diz o soberano do firmamento, e nenhuma das suas criaturas pode opor-se a ele. Eu "vos darei as vossas chuvas a seu tempo" (Lv 26.4), é a sua graciosa promessa; contudo, como é pouco reconhecido e apreciado o cumprimento

dessa palavra. Por outro lado, ele declara: “retive de vós a chuva, [...] e fiz chover sobre uma cidade e sobre a outra, não; um campo teve chuva, mas o outro, que ficou sem chuva, se secou” (Am 4.7; Cf. Dt 11.17); e, além disso: “às nuvens darei ordem que não derramem chuva” (Is 5.6), e todos os cientistas do mundo são incapazes de reverter isso. E, por essa razão, ele requer de nós o seguinte: “Pedi ao SENHOR chuva” (Zc 10.1), para reconhecermos a nossa dependência dele.

Aquilo que apontamos acima recebe evidente e convincente demonstração e prova na parte da história de Israel que estamos considerando. Pelo espaço de três anos e meio, não houve chuva nem orvalho na terra de Samaria, e isso não foi resultado nem do acaso nem do destino cego, mas foi um juízo de Deus sobre o povo que renegou o SENHOR pelos deuses falsos. Ao contemplar, do alto do Carmelo, o país assolado pela seca, deve ter sido difícil reconhecer o jardim do Senhor que tinha sido descrito como “boa terra, terra de ribeiros de águas, de fontes, de mananciais profundos, que saem dos vales e das montanhas; terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras; terra de oliveiras, de azeite e mel; terra em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela” (Dt 8.7-9). Mas também haviam sido avisados do seguinte: “Os teus céus sobre a tua cabeça serão de bronze; e a terra debaixo de ti será de ferro. Por chuva da tua terra, o SENHOR te dará pó e cinza” (Dt 28.23,24). Essa terrível maldição havia sido literalmente executada, e por meio disso podemos ver as horríveis consequências do pecado. Deus suporta com muita longanimidade a desobediência de uma nação, assim como o faz com um indivíduo, mas quando tanto os líderes como o povo apostatam e erguem ídolos no lugar que pertence a ele somente, mais cedo ou mais tarde ele tornará claro de forma inequívoca que dele não se zomba impunemente, e “ira e indignação; tribulação e angústia”66 transformam-se na parte que lhes cabe.

É lamentável que as nações que são favorecidas com a luz da Palavra de Deus demorem a aprender essa lição salutar. Parece que o único professor eficaz é a dura escola da experiência. O Senhor cumpriu a sua terrível ameaça dada por Moisés e a sua palavra por meio de Elias (1Rs 17.1). E esse pavoroso juízo não poderia ser removido até que o povo, declaradamente, reconhecesse Yahweh como o verdadeiro Deus. Como já mencionamos no final de um dos capítulos precedentes, não havia como esperar de Deus algum favor enquanto o povo não *retornasse* à sua aliança com ele; e, em outro capítulo, nem Acabe nem os seus súditos se encontravam ainda em

situação de alma adequada para se tornarem os recipientes das suas bênçãos e misericórdias. Deus estava tratando com eles em juízo por causa dos seus horríveis pecados, e até o momento a sua vara não havia sido reconhecida, nem havia sido removido aquilo que provocara o seu desprazer (a idolatria).

Mas o maravilhoso milagre operado no Carmelo mudou inteiramente a situação. Quando o fogo caiu do céu em resposta à oração de Elias, todo o povo "caiu de rosto em terra e disse: O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!" – e quando Elias lhes ordenou que prendessem os falsos profetas de Baal e não deixassem nenhum deles escapar, eles prontamente cumpriram as ordens dele. Nem eles nem o rei ofereceram resistência quando o tesbita os fez descer até o ribeiro de Quisom e ali os matou (1Rs 18.39,40). Dessa forma, o mal foi afastado deles e se abriu o caminho para que Deus os abençoasse publicamente. O Senhor graciosamente aceitou isso como uma restauração, e consequentemente retirou deles o seu castigo. Esta é sempre a ordem: o juízo prepara o caminho para a bênção; ao terrível fogo, segue-se a bem-vinda chuva. Uma vez que o povo se põe de rosto em terra e presta a Deus a reverência que lhe é devida, não haverá de demorar muito até que sejam enviadas do céu as chuvas refrescantes.

Enquanto Elias executava os profetas de Baal, que foram os principais agentes da revolta nacional contra Deus, Acabe devia estar assistindo, como relutante expectador daquela vingança medonha, não se atrevendo a resistir à explosão popular de indignação, ou tentando proteger os homens a quem ele mesmo havia introduzido e sustentado no seu reino. E agora os corpos deles jazem em terrível morte diante dos seus olhos, às margens do ribeiro de Quisom. Quando morreu o último dos profetas de Baal, o intrépido tesbita voltou ao rei e disse: "Sobe, come e bebe, porque já se ouve ruído de abundante chuva" (1Rs 18.41). Que peso essas palavras não tiraram do coração do rei culpado! Ele deve ter ficado grandemente amedrontado enquanto ficava parado, sem amparo, vendo a matança dos seus profetas, aguardando trêmulo alguma terrível sentença que fosse pronunciada sobre ele por aquele a quem tão abertamente desafiou e insultou de forma tão rude. Em vez disso, foi-lhe permitido partir sem dano algum do lugar da execução; aliás, foi-lhe ordenado que fosse revigorar as forças comendo e bebendo.

Como Elias conhecia bem o homem com quem estava tratando! Ele não pediu que Acabe se humilhasse diante da poderosa mão de Deus e confessasse publicamente a sua perversidade, e muito menos ainda convidou o rei para acompanhá-lo em ações de graças pelo tremendo e gracioso

milagre que ele havia testemunhado. Comer e beber eram tudo que importava a esse beberrão cegado por Satanás. Como alguém já disse, era como se o servo do Senhor tivesse dito: “Levanta-te e vai para onde estão os teus verdadeiros interesses, lá longe, no palácio. A mesa está ricamente posta ali, os teus lacaios te esperam; vai, comemora, regala-te. Mas sê rápido, porque agora que a terra está livre desses sacerdotes traidores e Deus está outra vez entronizado em seu lugar de direito, não mais se podem retardar os aguaceiros de chuva. Sê rápido, então! Ou a chuva pode interromper a tua carruagem”. A hora designada para selar o destino do rei ainda não havia chegado; por enquanto ele é tolerado, como um animal, engordando a si mesmo para ser abatido. É inútil censurar os apóstatas (Cf. Jo 13.27).

“[...] porque já se ouve ruído de abundante chuva” (1Rs 18.41). É desnecessário destacar que Elias não estava, aqui, se referindo a um fenômeno natural. No momento em que ele falou, tanto quanto alcançava a vista, o céu se apresentava totalmente sem nuvens, pois quando o servo do profeta olhou para os lados do mar para vislumbrar qualquer presságio de chuva se aproximando, ele disse: “Não há nada” (1Rs 18.43). E depois, quando pela sétima vez foi olhar, tudo o que podia ver era “uma nuvem pequena”. Quando lemos que Moisés “permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível” (Hb 11.27), não foi porque ele contemplou Deus com os olhos naturais; e quando Elias anunciou “já se ouve ruído de abundante chuva”, esse ruído não era audível ao ouvido exterior. Foi pelo “ouvir da fé” (Gl 3.2) que o tesbita sabia que a bem-vinda chuva estava ali perto. “Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3.7), e a divina revelação que lhe foi dada naquele momento, ele a recebeu pela fé.

Enquanto Elias ainda morava com a viúva de Sarepta, o Senhor lhe disse: “Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra” (1Rs 18.1), e o profeta creu que Deus faria assim como tinha dito. No versículo que estamos considerando, ele fala como se o fato já estivesse consumado, tão certo ele estava que o seu Senhor não falharia no cumprimento da sua palavra. É dessa forma que sempre opera uma fé espiritual e sobrenatural: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem” (Hb 11.1). É da natureza dessa graça, dessa dádiva de Deus (a fé), trazer para perto de nós as coisas que estão distantes. A fé contempla as coisas prometidas como se, de fato, já tivessem sido cumpridas. A fé dá existência, agora, a coisas que ainda são futuras, ou seja, ela as torna reais,

concretas para a mente, tornando-as reais, dando-lhes substância. Está escrito a respeito dos patriarcas: “Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe” (Hb 11.13 – ACF). Embora as promessas de Deus não se tenham cumprido durante a vida deles, os olhos de águia da fé as viram, e se diz a respeito deles que “crendo-as e abraçando-as”; ninguém consegue “abraçar” coisas distantes, é verdade, mas a fé está tão certa da existência e veracidade delas, que faz com que estejam perto.

“[...] já se ouve ruído de abundante chuva” (1Rs 18.41). O leitor consegue perceber, agora, o significado espiritual dessa linguagem? Acabe, com certeza, não ouvia esse “ruído”, nem alguma outra pessoa daquela vasta multidão no monte Carmelo. As nuvens ainda não se haviam juntado, mas Elias ouve aquilo que ainda está por acontecer. Ah! Se estivéssemos mais desligados do ruído deste mundo, se estivéssemos em mais íntima comunhão com Deus, nossos ouvidos estariam em sintonia com os seus mais suaves sussurros. Se a Palavra de Deus habitasse mais ricamente em nós e exercêssemos mais fé nessa Palavra, haveríamos de ouvir aquilo que é inaudível para a embotada compreensão da mente carnal. Elias estava tão certo de que a chuva prometida chegaria, como se ele ouvisse naquela hora os primeiros pingos espirrando nas rochas, ou como se ele visse a chuva descendo em torrentes. Oh! Que autor e leitor possam estar plenamente seguros nas promessas de Deus e abraçá-las: *viver* nelas, *andar* nelas pela fé, *regozijar*-se nelas, pois fiel é aquele que fez essas promessas. É mais fácil passarem o céu e a terra, do que falhar uma só palavra dele.

“Subiu Acabe a comer e a beber” (1Rs 18.42). As opiniões expressas pelos comentaristas a respeito dessa afirmação nos parecem carnais, forçadas. Alguns consideram a ação do rei lógica e prudente: uma vez que ele não comera nem bebera desde cedo naquela manhã, e o dia já chegava ao fim, ele com naturalidade e sabedoria dirigiu-se para casa, para interromper o seu longo jejum. Mas há tempo para tudo, e, imediatamente após uma tão tremenda manifestação do poder de Deus, não era hora de ceder aos desejos da carne. Elias também não havia comido nada durante o dia, contudo estava longe de cuidar das suas necessidades físicas naquele momento. Outros comentaristas veem nesse relato a evidência de um espírito submisso em Acabe: que ele estava, agora, mansamente obedecendo à ordem do profeta. Estranha ideia, essa! A última coisa que caracterizava o rei apóstata era submissão a Deus ou ao seu servo. A razão pela qual ele atendeu tão prontamente nessa ocasião era porque a obediência satisfazia os seus apetites

carnais e o habilitava a gratificar os seus desejos.

"Subiu Acabe a comer e a beber" (1Rs 18.42). Não teria, antes, o Espírito Santo registrado esse detalhe para nos mostrar a dureza, a insensibilidade do coração do rei? Pois três anos e meio de seca haviam arruinado os seus domínios, que padeciam terrível fome. Agora que ele sabia que a chuva estava para cair, com certeza ele deveria se voltar para Deus e lhe dar graças por sua misericórdia. Lamentavelmente, ele tinha visto como os seus ídolos eram coisas completamente vãs, havia testemunhado o desmascaramento de Baal, tinha observado o horrível julgamento sobre os seus profetas, mas nada o tinha impressionado. Ele permaneceu obstinado no seu pecado. Nos seus pensamentos, ele não levava Deus em consideração. A única coisa que lhe passava pela cabeça era isto: "A chuva está vindo, dessa forma eu posso folgar sem nenhum impedimento"; essa é a razão por que ele vai divertir-se. Enquanto os seus súditos sofriam a extrema miséria do castigo de Deus, ele só se preocupava em procurar erva suficiente para salvar os cavalos e os mulos (1Rs 18.5), e agora que os seus abnegados sacerdotes foram todos mortos, pensa unicamente no banquete que o aguarda em casa. Rude e sensual até às últimas, embora vestido dos mantos reais de Israel!

Não pense o leitor que Acabe era uma exceção nessa matéria de estupidez. Antes, nessa ocasião, considere a conduta dele como uma ilustração e exemplo da morte espiritual que é comum a toda pessoa não regenerada, destituída de qualquer pensamento sério a respeito de Deus, não influenciada pelas suas mais solenes providências ou pelas suas mais maravilhosas obras, preocupando-se unicamente com as coisas temporais e sensuais. Lemos a respeito de Belsazar e seus nobres, que participavam de um banquete no exato momento em que os implacáveis persas entravam pelos portões da Babilônia. Lemos a respeito de Nero tocando seu instrumento enquanto Roma queimava. Lemos a respeito dos reais aposentos de Whitehall, cheios de uma multidão leviana que se entregava a frivolidades, enquanto Guilherme de Orange aportava em Tor Bay. E vivemos em tempos onde se veem as massas intoxicadas de prazer, dançando e farreando enquanto os aviões inimigos fazem chover morte e destruição sobre elas.67 É assim a natureza humana decaída, em todas as épocas: se apenas puderem comer e beber, as pessoas agem sem levar em consideração os juízos de Deus e são indiferentes quanto ao seu próprio destino eterno. Com você é diferente, meu leitor? Embora não cometa os mesmos excessos exteriormente, há alguma diferença por *dentro*?

“Elias, porém, subiu ao cimo do Carmelo, e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos” (1Rs 18.42). Isso não confirma de forma inequívoca o que foi dito acima? Como é impressionante o contraste apresentado aqui: longe de o profeta desejar o alegre convívio do mundo, ele anela estar sozinho com Deus; longe de pensar nas necessidades do próprio corpo, ele se entrega ao exercício espiritual. O contraste entre Elias e Acabe não era apenas de temperamento pessoal e paladar, mas era a diferença que existe entre vida e morte, luz e trevas. Mas essa antítese radical nem sempre é visível ao olho humano: é possível que o regenerado ande de forma carnal, e o não regenerado pode ser muito respeitável e religioso. São as crises da vida que revelam os segredos do nosso coração e fazem com que se manifeste se somos realmente novas criaturas em Cristo ou meramente pessoas mundanas de respeitável aparência. É a nossa reação à intervenção e aos juízos de Deus que revela aquilo que está dentro de nós. Os filhos deste mundo gastarão seus dias em banquetes e suas noites em farras, embora o mundo esteja se precipitando na destruição; mas os filhos de Deus se dirigem ao lugar secreto do Altíssimo e habitam à sombra do Onipotente.

“Elias, porém, subiu ao cimo do Carmelo, e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos” (1Rs 18.42). Há, aqui, algumas importantes lições para os ministros do Evangelho levarem em consideração. Elias não perambulou por aí para receber as congratulações do povo a respeito do sucesso no confronto com os falsos profetas, mas retirou-se dos homens para estar a sós com Deus. Acabe apressou-se para o seu banquete carnal, mas o tesbita, como o seu Senhor, tinha “uma comida para comer” que os outros não conheciam (Jo 4.32). Além disso, Elias não concluiu que podia relaxar e folgar, depois das ministrações públicas, mas desejou agradecer ao Senhor a sua soberana graça no milagre que ele havia operado. O pregador não deve julgar seu trabalho concluído quando a congregação se dispersa. Ele precisa buscar mais comunhão com Deus, para pedir a sua bênção sobre os seus labores, louvá-lo por aquilo que ele já fez, e suplicar-lhe mais e maiores manifestações do seu amor e misericórdia.

---

64 Efésios 1.11.
65 Isto é, “Faça-se”. Uma referência ao soberano decreto de Deus na criação.
66 Romanos 2.8,9.
67 O contexto é o da II Guerra Mundial.

CAPÍTULO 21

PERSEVERANÇA EM ORAÇÃO

“Subiu Acabe a comer e a beber; Elias, porém, subiu ao cimo do Carmelo, e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos” (1Rs 18.42). Encerramos o capítulo anterior afirmando que este versículo contém algumas importantes lições que os ministros do Evangelho devem levar em consideração. A principal delas é a importância e a necessidade de se retirarem de cena do seu ministério para que possam manter comunhão com o seu Senhor. Quando acaba o trabalho público, eles precisam entregar-se ao trabalho privado com Deus. Os ministros não devem apenas pregar, mas também orar; e orar não somente antes de pregar e enquanto preparam seus sermões, mas também depois de pregar. Eles não devem somente tratar as almas do seu rebanho, mas precisam cuidar também das suas próprias almas, particularmente para que sejam purificados do orgulho ou que sejam guardados de se apoiarem em seus próprios esforços. O pecado se insinua em nosso melhor desempenho e o polui. O servo fiel, não importa quão honrado seja por Deus com sucesso em seu trabalho, está consciente dos seus próprios defeitos e vê motivos para humilhar-se diante do seu Senhor. Além disso, ele sabe que somente Deus pode fazer crescer a semente que ele semeou, e para isso precisa suplicar diante do trono da graça.

Na passagem que vamos considerar agora, encontramos uma importante e maravilhosa instrução não apenas para ministros do Evangelho, mas também para o povo de Deus em geral. Outra vez aprouve ao Espírito Santo conduzir-nos aqui aos segredos da oração eficaz, pois é nessa prática santa que o profeta está agora ocupado. Talvez alguém conteste que não está claramente declarado em 1Rs 18.42-46 que Elias tenha feito qualquer oração nessa ocasião. É verdade, e aqui é que descobrimos de novo a importância vital de comparar Escritura com Escritura. Em Tiago 5, somos informados que “Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu. *E orou, de novo,* e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos” (Tg 5.17-18). O último versículo claramente se refere ao incidente que estamos considerando agora: é tão verdade que os céus foram fechados em resposta à oração de Elias, quanto é verdade que eles

agora se abrem em resposta à sua súplica. Dessa forma, temos outra vez diante de nós as condições que precisam ser preenchidas para que nossa intercessão seja eficaz.

Mais uma vez, ressaltamos o fato que aquilo que é registrado nessas passagens do Antigo Testamento foi escrito tanto para nossa instrução como para nosso consolo (Rm 15.4), fornecendo incalculáveis ilustrações, tipificações e exemplos daquilo que é declarado no Novo Testamento na forma de doutrina ou preceito. Talvez alguém pense que, depois de termos acabado de dedicar quase dois capítulos inteiros neste livro da vida de Elias para apresentar os segredos da intercessão eficaz, pouca necessidade haveria de retomar o mesmo assunto. Mas é *um aspecto diferente* do assunto que está em vista agora. Em 1Rs 18.36,37, aprendemos como Elias orou *em público*; aqui nós vemos como ele prevaleceu na oração *em particular*; e se de fato queremos tirar proveito do que se diz nos versículos 42-46, não devemos passar por eles apressadamente, mas devemos estudá-los com atenção. Você está desejoso de conduzir sua devoção particular de forma que seja aceitável a Deus, e que produza respostas de paz? Então observe diligentemente os detalhes a seguir.

Em primeiro lugar, esse homem de Deus *retirou-se* de entre a multidão e "subiu ao cimo do Carmelo". Se quisermos audiência com a Majestade no céu, se quisermos nos beneficiar desse "novo e vivo caminho" que o Redentor consagrou ao seu povo e "entrar no Santo dos Santos" (Hb 10.19,20), então forçosamente temos de nos retirar deste mundo louco que nos distrai e envolve, e ficar a sós com Deus. Essa foi a grande lição declarada na primeira palavra de nosso Senhor sobre este assunto: "Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente" (Mt 6.6 – ACF). É absolutamente indispensável separar-se dos ímpios, deixar de lado toda e qualquer imagem e todo e qualquer som que possa desviar de Deus a nossa mente. Mas entrar no quarto e fechar a porta significa mais do que isolamento físico. Significa também acalmar o nosso espírito, aquietar a nossa carne agitada, trazer para dentro todo e qualquer pensamento errante, para que possamos estar em uma disposição de espírito apropriada para nos achegar àquele que é santo, e a ele nos dirigirmos dignamente. "*Aquietai-vos*, e sabei que eu sou Deus"68 é um requerimento imutável. Quantas vezes a *falha* em "fechar a porta" torna ineficazes as nossas orações! A atmosfera do mundo é fatal para o espírito de devoção, e temos de ficar sozinhos, se

quisermos provar a comunhão com Deus.

Em segundo lugar, note a *postura* em que contemplamos esse homem de Deus: “e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos” (1Rs 18.42). Muito, muito impressionante é isso! Como alguém já disse: “Dificilmente conseguimos reconhecê-lo, parece que ele perdeu a própria identidade. Poucas horas antes, ele estava ereto como um carvalho de Basã; agora ele está curvado como um junco”. Enquanto confrontava a multidão reunida, Acabe e as centenas de falsos profetas, ele se conduziu com aspecto majestoso e apropriada dignidade; mas agora que ele se aproxima do Rei dos reis, é a mais profunda humildade e reverência que destaca o seu comportamento. Ali, como embaixador de Deus, ele contestava com Israel; aqui, como intercessor de Israel, ele suplica diante do Altíssimo. Ao encarar as tropas de Baal, ele se mostrou destemido como um leão; a sós com o Deus Altíssimo, ele esconde o rosto e por meio de suas ações reconhece que não é nada, não é ninguém. Tem sido sempre assim com os mais favorecidos pelos Céus. Abraão declarou: “Eis que me atrevo a falar ao Senhor, eu que sou pó e cinza” (Gn 18.27). Quando Daniel olhou para uma manifestação do Deus Encarnado, declarou: “não restou força em mim” (Dn 10.8). Os serafins encobrem o rosto na sua presença (Is 6.2).

Isso que estamos considerando agora é extremamente necessário em nossa geração tão irreverente e vulgar. Embora fosse tão grandemente favorecido por Deus e lhe tivesse sido dado tanto poder na oração, isso não fez Elias ter certas liberdades com ele, nem aproximar-se de modo vulgar. Não, ele dobrou os joelhos diante do Altíssimo e pôs a cabeça entre os joelhos, sinalizando a sua mais profunda veneração por aquele ser infinitamente glorioso, de quem era mensageiro. E se *nosso* coração estiver certo, quanto mais beneficiados formos por Deus, mais haveremos de ser humilhados pelo sentimento de nossa indignidade e insignificância, e não consideraremos nenhuma postura humilde demais para expressar nosso respeito pela Divina Majestade. Não devemos esquecer que, embora Deus seja nosso Pai, ele é também soberano, e que, embora sejamos seus filhos, somos também seus súditos. Se é um ato de infinita benevolência da parte dele *inclinar-se* “para ver o que se passa no céu e sobre a terra” (Sl 113.6), então não há como nos humilharmos com excesso diante dele.

“Acheguemo-nos, portanto, *confiadamente,* junto ao trono da graça” (Hb 4.16). Como têm sido pervertidas essas palavras! Supor que elas nos dão licença para nos dirigirmos ao Senhor Deus como se ele fosse nosso igual é

confundir trevas com luz e mal com bem. Se quisermos a atenção de Deus, temos de nos colocar no lugar apropriado diante dele, e esse lugar é o pó. "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte" *vem antes de* "lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós" (1Pe 5.6,7). Temos de nos humilhar sob um sentimento de nossa miséria. Se a Moisés foi ordenado que tirasse as sandálias antes de poder aproximar-se da sarça ardente onde a glória da *Shekinah* apareceu, também nós temos de nos dirigir em oração de modo adequado à majestade e ao poder do grande Deus. É verdade que o cristão é um homem redimido e aceito no Amado, contudo em si mesmo ele permanece um *pecador*. Como alguém já disse: "O mais terno amor, que lança fora o medo que produz tormento, gera um temor que é tão delicado e sensível como o de João, que, embora tivesse reclinado a cabeça no peito de Cristo, hesitou em entrar rapidamente no túmulo onde ele tinha dormido".

Em terceiro lugar, note especialmente que essa oração de Elias *baseava-se em uma promessa de Deus*. Quando ordenou ao seu servo que aparecesse a Acabe, o Senhor tinha declarado expressamente: "porque darei chuva sobre a terra" (1Rs 18.1). Por que, então, deveria ele agora suplicar fervorosamente por chuva? Para a razão natural, uma promessa de Deus a respeito de alguma coisa parece tornar desnecessária qualquer petição: não cumprirá Deus a sua palavra e não mandará a chuva independente de mais oração? Não foi assim que Elias raciocinou, nem deveríamos nós pensar dessa forma. Longe de as promessas de Deus terem por objetivo dispensar-nos de dirigir nossas petições ao trono da graça para garantir as bênçãos, elas têm por objetivo instruir-nos quanto às coisas que devemos pedir, e encorajar-nos a pedi-las com fé, para que se cumpram *em nós*. Os pensamentos e os caminhos de Deus são sempre opostos aos nossos, e, além disso, infinitamente superiores. Em Ezequiel 36.24-36, encontramos uma longa sequência de promessas; contudo, imediatamente depois, em referência a elas, lemos o seguinte: "Assim diz o Senhor Deus: Ainda por isso serei solicitado pela casa de Israel, *que lho faça*" (v. 37 – ACF).

Ao pedir as coisas que Deus prometeu, nós o reconhecemos como o Doador e mostramos que dependemos dele. A fé é chamada para ser posta em prática e ficamos agradecidos por suas misericórdias quando as recebemos. Deus quer fazer aquilo que promete, mas ele requer de nós que supliquemos tudo o que gostaríamos que ele fizesse por nós. Até mesmo para o seu amado Filho Deus diz: "*Pede-me,* e eu te darei os gentios por herança" (Sl 2.8 –

ACF). Ele precisou requerer a sua recompensa. Embora Elias tivesse ouvido (pela fé) “som de abundante chuva”, ele precisou orar por ela (Zc 10.1). Deus estabeleceu que, se quisermos receber, temos de pedir; se quisermos encontrar, temos de procurar; se quisermos que a porta da bênção se abra, temos de bater; e se não o fizermos, provaremos a verdade das seguintes palavras: “Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4.2). As promessas de Deus nos são dadas, então, para nos incitar à oração, para tornarem-se o molde no qual devem ser postas as nossas orações, para anunciar o tamanho da expectativa que podemos ter em relação à resposta.

Em quarto lugar, a oração dele foi *específica*, ou seja, ele foi direto ao ponto. A Escritura diz: “Pedi ao SENHOR chuva” (Zc 10.1), e foi exatamente isso que o profeta pediu. Ele não generalizou, mas especificou. É exatamente nisso que muitos falham. As suas petições são tão vagas, que dificilmente conseguiriam reconhecer uma resposta se essa lhes fosse dada. Os seus pedidos são tão imprecisos, que no dia seguinte a própria pessoa que pediu acha difícil lembrar o que é que pediu. Não é de admirar que uma oração dessas não seja de nenhum benefício para a alma, e tenha pouco efeito. Cartas que não requerem resposta contêm pouco, ou nenhum valor. Sugerimos que o leitor vá aos quatro Evangelhos com esse pensamento em mente, e veja como cada pessoa que se achegou a Cristo para obter cura foi definida em suas petições e detalhada em descrever o seu caso. E lembre-se que isso foi registrado para o nosso ensino. Quando os discípulos pediram ao Senhor que os ensinasse a orar, ele disse: “Qual dentre vós, tendo um amigo, e este for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães” (Lc 11.5) – não apenas “comida”, mas especificamente “*três* pães”!

Em quinto lugar, a oração de Elias foi *fervorosa:* “e pediu com fervor” (Tg 5.17 – BRA). Não é necessário gritar e berrar a fim de provar seu fervor; por outro lado, pedidos frios e formais não precisam esperar nenhuma resposta. Deus concede os nossos pedidos unicamente por causa de Cristo. Contudo, a não ser que lhe supliquemos com fervor, e de fato com intensidade de espírito e com súplica veemente, não haveremos de obter a bênção desejada. Essa importunação é constantemente ressaltada nas Escrituras, onde a oração é comparada com *procurar*, *bater*, *chorar*, *esforçar*-se. Lembre-se de como Jacó lutou com o Senhor, e de como Davi ansiava e derramava a sua alma. Como é diferente a forma de pedir desinteressada e frouxa da maioria dos nossos contemporâneos! Está escrito a respeito do nosso bendito Redentor que ele ofereceu, “com forte clamor e

lágrimas, orações e súplicas" (Hb 5.7). Não é a petição mecânica, vinda de um coração dividido, que assegura uma resposta, mas "Muito pode a súplica fervorosa do justo" (Tg 5.16 – BRA).

Em sexto lugar, preste atenção na *vigilância* de Elias em oração: "e disse ao seu moço: Sobe e olha para o lado do mar" (1Rs 18.43). Enquanto insistimos em oração e aguardamos uma resposta, temos de ficar atentos para enxergar algum sinal de que algo está acontecendo. O salmista disse: "Aguardo o SENHOR; a minha alma o aguarda, e espero na sua palavra. A minha alma anseia pelo Senhor mais do que os guardas pelo romper da manhã; sim, mais do que aqueles que esperam pela manhã" (Sl 130.5,6 – RC). O salmista refere-se àqueles que estavam na torre de vigia, voltados para o leste, a fim de divisar os primeiros sinais do romper do dia, para então avisarem os que estavam no templo, para que o sacrifício matinal fosse oferecido na hora certa. Dessa mesma forma, a alma que suplica deve estar atenta a todo e qualquer sinal da aproximação da bênção pela qual está orando. "Perseverai na oração, vigiando com ações de graças" (Cl 4.2). Lamentavelmente, quantas vezes falhamos nesse ponto. Falta-nos a esperança para manter a cabeça erguida enquanto fazemos nossas súplicas santificadas. Nós oramos, mas não olhamos em volta com expectativa para ver os favores que pedimos. Como era diferente com Elias!

Em sétimo lugar, a *perseverança* de Elias na sua súplica. Essa é a característica mais notável nesse episódio todo, e é um assunto a que temos de prestar especial atenção, pois é precisamente nesse ponto que a maioria de nós falha de forma mais grave. "[...] e disse ao seu moço: Sobe e olha para o lado do mar. Ele subiu, olhou e disse: Não há nada" (1Rs 18.43). "Nada". Nada no céu, nada surgindo no mar que fosse um indício de chuva. Não conhecem tanto o autor como o leitor, por experiência própria, o significado disso? Buscamos ao Senhor e, então, esperançosamente aguardamos a sua intervenção, mas em vez de um sinal de que ele nos ouviu, não há "nada"! E qual tem sido a nossa reação? Dizemos, com arrogância e incredulidade: "Exatamente como eu pensei", e paramos de orar sobre o assunto? Se fizemos isso, a nossa atitude foi errada. Em primeiro lugar, assegure-se de que a sua petição se baseia em alguma promessa de Deus e, então, com fé, aguarde o tempo de Deus para que seja cumprida. Se você não possui uma promessa definida, entregue o seu caso nas mãos de Deus e resigne-se à sua vontade quanto aos resultados.

"E subiu, e olhou, e disse: Não há nada" (1Rs 18.43 – RC). Até mesmo

Elias não recebeu, sempre, respostas *imediatas,* e quem somos nós para exigir uma resposta pronta à nossa primeira petição? O profeta não considerou que, pelo fato de ter orado uma vez e não receber resposta, não precisava continuar orando; antes, ele perseverou insistindo em seu pedido até recebê-lo. Foi desse tipo a persistência do patriarca Jacó: "Não te deixarei ir se me não abençoares" (Gn 32.26). Era esse o modo como orava o salmista: "Esperei com paciência no SENHOR, e ele se inclinou para mim, e ouviu o meu clamor" (Sl 40.1 – RC). "Então, lhe disse Elias: Volta. E assim por sete vezes" (1Rs 18.43) . Essa foi a ordem do profeta ao seu servo. Ele estava convicto de que mais cedo ou mais tarde Deus concederia o seu pedido; estava convicto de que não deveria dar "a ele descanso" (Is 62.7). Seis vezes o servo retornou a ele dizendo que não havia prenúncio de chuva, mas o profeta não abrandou sua súplica. E nós também não sejamos frouxos, quando não tivermos sucesso imediato em nossas orações, mas sejamos importunos, exerçamos fé e paciência até obtermos a bênção.

Pedir uma, duas, três, seis vezes e não obter resposta, não foi um teste fácil para a persistência de Elias, mas foi-lhe concedida graça para suportar a prova. "Por isso, o SENHOR espera, para ter misericórdia de vós" (Is 30.18). Por quê? Para nos ensinar que não somos ouvidos por causa do nosso fervor ou necessidade, ou por causa da justiça do nosso caso. Não temos o direito de reivindicar nada de Deus; tudo é pela *graça,* e nós precisamos aguardar o tempo *dele*. O Senhor espera não porque ele é um tirano, mas "para ter misericórdia". É para o nosso bem que ele espera, para que nossas virtudes se desenvolvam, para que se opere em nós a submissão à santa vontade dele. Então ele, amorosamente, se volta para nós e diz: "grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres" (Mt 15.28). "E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obtemos os pedidos que lhe temos feito" (1Jo 5.14,15). Deus não pode invalidar a sua própria Palavra, mas nós temos de aguardar o tempo dele e, recusando-nos a desanimar, continuar suplicando até que ele surja em nosso favor.

"À sétima vez disse: Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão do homem" (1Rs 18.44). A perseverança do profeta em oração não foi em vão, pois aqui estava um indício da parte de Deus de que ele tinha sido ouvido. Muitas vezes, Deus não dá uma resposta completa à oração, de uma só vez, mas um pouco no princípio e, depois, gradualmente

mais e mais, à medida que ele vê que será algo bom para nós. Aquilo que o crente possui agora não é nada em comparação com o que ele desfrutará, se continuar em oração insistente, confiante e fervorosa. Embora Deus tenha feito o profeta esperar por certo tempo, ele não lhe desapontou a expectativa, nem falhará para conosco, se continuarmos em oração e vigilância, com ações de graça. Estejamos prontos, então, a receber com alegria e gratidão o menor indício de resposta a nossas petições, aceitando-o como bom sinal e encorajamento para perseverar em nossas súplicas até que se realizem plenamente os desejos fundamentados na Palavra. Pequenos começos, muitas vezes, produzem efeitos maravilhosos, como ensina claramente a parábola do grão de mostarda (Mt 13.31,32). Os fracos esforços dos apóstolos obtiveram extraordinário sucesso quando Deus interveio e os abençoou. Cremos que as palavras "como a palma da mão do homem" têm significado simbólico: a mão de um homem havia se levantado em súplicas, e deixou, por assim dizer, a sua sombra nos céus!

"Então, disse ele: Sobe e dize a Acabe: Aparelha o teu carro e desce, para que a chuva não te detenha" (1Rs 18.44). Elias não desprezou aquele importante prenúncio, por pequeno que fosse, mas de pronto lhe infundiu encorajamento. Ele estava tão convencido de que as janelas dos céus estavam para se abrir e que seria dada chuva abundante, que enviou seu servo com uma urgente mensagem até Acabe, para que ele partisse imediatamente antes que a tempestade arrebentasse, e o ribeiro de Quisom se enchesse de tal forma que o rei fosse impedido de voltar para casa. Como isso tudo mostra uma confiança santa em um Deus que ouve a oração! A fé reconheceu o Altíssimo por detrás daquela "nuvem pequena". Um "bocado de farinha" tinha sido suficiente, com o auxílio de Deus, para sustentar uma família por muitos meses, e era possível confiar em uma nuvem "como a palma da mão do homem" para multiplicar-se e dar um copioso aguaceiro. "Dentro em pouco, os céus se enegreceram, com nuvens e vento, e caiu grande chuva" (1Rs 18.45). Isso tudo não nos fala em alta voz? Oh! Crente! Você que está sendo provado em extremo, crie coragem com o que está registrado aqui: a resposta às suas orações pode estar bem mais perto do que você pensa.

"Acabe subiu ao carro e foi para Jezreel" (1Rs 18.45). O rei atendeu de imediato à mensagem do profeta. Os ministros do Senhor são muito mais rapidamente escutados quando dão conselhos referentes às coisas temporais, do que quando oferecem conselhos *espirituais*. Acabe não tinha nenhuma dúvida, agora, de que a chuva estava prestes a cair. Ele estava satisfeito que

aquele que respondeu a Elias com fogo estava a ponto de responder-lhe com água; todavia, o seu coração permanecia como aço contra Deus, como sempre estivera. Oh! Como é solene a imagem que se nos apresenta aqui: Acabe estava convencido, mas não convertido! Quantos, como ele, há nas igrejas hoje, que têm a religião na cabeça, mas não no coração! Estão convencidos de que o Evangelho é verdadeiro, contudo o rejeitam! Certos de que Cristo é poderoso para salvar, contudo não se submetem a ele!

---

68 Salmo 46.10.

CAPÍTULO 22

EM FUGA

Ao passarmos do capítulo 18 para o19 do livro de 1Reis, deparamo-nos com uma repentina e estranha mudança. É como se o sol estivesse maravilhosamente luminoso em um céu sem nuvens e, de repente, sem nenhum aviso prévio, negras nuvens cobrissem os céus e estrondos de trovões sacudissem a terra. Os contrastes apresentados por esses capítulos são fortes e surpreendentes. No final de um deles temos: “A mão do Senhor veio sobre Elias”, enquanto ele corria adiante da carruagem de Acabe; no início do outro, o profeta está preocupado consigo mesmo e, “para salvar sua vida, se foi”. No primeiro, vemos o profeta no auge do seu ministério; no último, nós o vemos em declínio. Lá ele estava firme na fé e ajudava o seu povo; aqui ele se encontra tomado pelo medo e foge da sua nação. Em um capítulo, ele destemidamente confronta os 450 profetas de Baal; no outro, foge apavorado das ameaças de uma mulher. Do topo da montanha, ele se dirige para o deserto; da súplica para que Yahweh defenda e glorifique seu grande nome, ele passa a implorar que ele tire a sua vida. Quem imaginaria uma sequência tão trágica?

Nos impressionantes contrastes apresentados, temos uma notável prova da divina inspiração das Escrituras. Na Bíblia, a natureza humana é retratada tal como ela é: o caráter dos seus heróis é descrito com fidelidade, os pecados das pessoas, mesmo das mais ilustres, são registrados de forma sincera. Errar é humano, é verdade, mas também é verdade que é humano esconder os defeitos daqueles que mais admiramos. Se a Bíblia fosse produção humana, escrita por historiadores não inspirados, eles teriam magnificado as virtudes dos homens mais ilustres da sua nação, desconsiderando os defeitos deles; ou, se os mencionassem, o teriam feito sem entrar em detalhes e tentariam atenuá-los. Se algum admirador humano tivesse narrado a história de Elias, teria omitido esse triste fracasso. O fato de ele estar registrado e que não se faz nenhum esforço para desculpá-lo é evidência de que as personagens da Bíblia são fiel e honestamente retratadas, que não foram esboçadas por mãos humanas, mas que os escritores foram controlados pelo Espírito Santo.

“A mão do SENHOR veio sobre Elias, o qual cingiu os lombos e correu adiante de Acabe, até à entrada de Jezreel” (1Rs 18.46). Isso é maravilhoso!

A expressão “a mão do Senhor” é muitas vezes usada nas Escrituras para designar o seu poder e bênção. Esdras, por exemplo, diz: “a boa mão do nosso Deus estava sobre nós e livrou-nos das mãos dos inimigos” (Ed 8.31); “A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor” (At 11.21). Esta palavra colocada aqui indica uma sequência instrutiva para o que encontramos em 1Rs 18.42. Ali vimos o profeta prostrado na terra em auto-humilhação diante de Deus; aqui vemos Deus honrando e sustentando miraculosamente o seu servo – se quisermos que o poder e a bênção de Deus repousem sobre nós, temos de assumir uma postura de humildade diante dele. Nesse caso, a “mão do Senhor” transmitiu força sobrenatural e rapidez aos pés do profeta, de forma que percorreu os quase 29 quilômetros tão rápido que alcançou e ultrapassou a carruagem. Dessa forma, Deus honrou aquele que o tinha honrado e, ao mesmo tempo, deu a Acabe outra evidência de que Elias era divinamente comissionado. Isto ilustra a forma de agir de Deus: onde há um homem que reconheça que é pó diante do Altíssimo, logo ficará evidente diante dos outros que o poder que lhe dá vigor não é dele mesmo.

“Elias [...] cingiu os lombos e correu adiante de Acabe, até à entrada de Jezreel” (1Rs 18.46). Cada detalhe contém uma lição importante para nós. O poder de Deus sobre Elias não o tornou descuidado e desatento para com suas próprias responsabilidades. Ele amarrou o próprio vestuário de tal forma que não atrapalhasse os seus movimentos. E se *nós* havemos de correr com perseverança a corrida que nos está proposta, temos de “desembaraçar-nos de todo peso” (Hb 12.1). Se quisermos “ficar firmes contra as ciladas do diabo”, temos de “cingir-nos com a verdade” (Ef 6.11,14). Ao correr “adiante de Acabe”, Elias assumiu a humilde posição de um simples empregado, o que deve ter mostrado ao monarca que o seu zelo contra a idolatria não tinha sido motivado por desrespeito a ele, mas fora impulsionado unicamente por zelo para com Deus. Requer-se do povo de Deus que “honre ao rei” em todos os assuntos da vida civil, e aqui também se encontra a obrigação dos ministros de dar exemplo ao seu povo. A conduta de Elias, nessa ocasião, serviu também como outro teste para o caráter de Acabe: se ele tivesse qualquer respeito pelo servo do Senhor, o teria convidado para subir na carruagem, como o alto oficial etíope fez com Filipe (At 8.31), mas o caso era muito diferente com esse filho de Belial.

O rei perverso seguia apressadamente para Jezreel, onde a sua vil esposa o aguardava. O dia devia ter sido longo e difícil para Jezabel, pois havia

muito tempo que o seu marido saíra para encontrar Elias no Carmelo. A ordem resoluta que recebera do servo de Yahweh para que reunisse naquele monte todo o Israel e os profetas de Baal prenunciava que a crise chegava ao fim. Por essa razão, ela devia estar muito ansiosa para saber como as coisas tinham se passado. Sem dúvida, ela alimentava a esperança de que os seus sacerdotes tivessem vencido, e, à medida que as nuvens de chuva escureciam o céu, atribuía essa bem-vinda mudança a uma grande intervenção de Baal em resposta às súplicas deles. Se fosse assim, tudo estaria bem: teriam se realizado os desejos do coração dela, os seus planos teriam sido coroados de sucesso, os israelitas que ainda estivessem indecisos teriam sido seduzidos pelo seu regime idólatra, os últimos vestígios da adoração de Yahweh teriam sido apagados, Elias seria o culpado pela terrível fome, e ela e os seus deuses receberiam o louvor pelo fim da miséria. Provavelmente, esses eram os pensamentos que lhe ocupavam a mente enquanto aguardava.

Mas, agora, o suspense acaba: o rei chega e se apressa a dar-lhe o relatório. “Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito e como matara todos os profetas à espada” (1Rs 19.1). A primeira coisa que nos impressiona nessas palavras é a sua notável omissão: o Senhor mesmo foi deixado completamente de fora. *Nada* se diz das maravilhas que o Senhor fez naquele dia: como ele não só mandou fogo dos céus, o qual consumiu o sacrifício e também as próprias pedras do altar; como o fogo lambeu grande quantidade de água no rego ao redor do altar; e como, em resposta à oração do seu servo, foi enviada abundante chuva. Não, Deus não tem lugar nos pensamentos dos perversos; em vez disso, eles se esforçam para bani-lo da sua mente. E mesmo aqueles que, por algum interesse pessoal, se envolvem com a religião e fazem uma profissão de fé e frequentam os cultos públicos, uma das últimas coisas que podemos vê-los fazer é falar de Deus e das suas obras maravilhosas com as esposas em seus lares. Com a vasta maioria dos que se dizem crentes, a religião é como a roupa de domingo: usa-se naquele dia e deixa-se de lado o resto da semana.

“Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto *Elias* havia feito” (1Rs 19.1). Assim como Deus não está nos pensamentos do perverso, assim a maneira de proceder da incredulidade é fixar-se nas causas secundárias ou atribuir aos instrumentos humanos aquilo que o Senhor faz. Não importa se ele age em juízo ou com bênção, perde-se Deus de vista e se veem apenas os meios que ele emprega ou os instrumentos que ele usa. Se um homem de ambição insaciável é o instrumento divinamente usado para castigar nações carregadas

de iniquidade, esse instrumento se torna objeto de ódio geral, mas as nações não se humilham diante daquele que empunha aquele juízo. Se um Whitefield ou um Spurgeon são levantados para pregar a Palavra com poder excepcional e grande bênção, *eles* são adorados pelas massas religiosas e os homens falam das habilidades deles e dos seus convertidos. Foi isso o que aconteceu com Acabe: primeiro, ele atribuiu a seca e a fome ao profeta – "És tu, ó perturbador de Israel?" (1Rs 18.17), em vez de perceber que era o Senhor quem tinha uma disputa com a nação culpada, e que ele próprio, Acabe, era o principal responsável por aquela condição; e, agora, ele continua ocupado com aquilo que "Elias fez".

"Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto *Elias* havia feito" (1Rs 19.1). Ele deve ter contado como Elias zombou dos sacerdotes dela, fustigou-os com a sua ironia atroz, e levou-os a serem desprezados pelo povo. Ele deve ter descrito como Elias os confundira com o seu desafio e como ele, como em "um passe de mágica", fizera cair fogo do céu. Ele deve ter demorado ao descrever a vitória obtida pelo tesbita, o êxtase do povo ao ver o fogo, como eles tinham caído de rosto em terra, dizendo: "O SENHOR é Deus! O SENHOR é Deus!". Ao contar essas coisas a Jezabel, a intenção de Acabe não era convencê-la de que estava errada, mas era inflamá-la contra o servo de Deus. Isso fica claro pelo clímax que ele arquitetou: "e como matara todos os profetas à espada". Como isso revela mais uma vez o terrível caráter de Acabe! Da mesma forma que a seca prolongada e a resultante fome não o tinham feito voltar-se ao Senhor, assim essa misericórdia de Deus de mandar a chuva para renovar os seus domínios não o conduziu ao arrependimento. Nem os juízos nem as bênçãos de Deus, por si mesmos, transformarão o homem não regenerado. Somente um milagre da *Graça* Soberana pode fazer voltar as almas do poder do pecado e de Satanás para o Deus vivo.

Não é difícil imaginar o efeito que o relato de Acabe produziu na soberba, dominadora e feroz Jezabel. Ele feriu de tal forma o orgulho dela e incendiou o seu temperamento raivoso, que nada, senão a imediata morte do objeto do seu ressentimento, poderia pacificá-la. "Então, Jezabel mandou um mensageiro a Elias a dizer-lhe: Façam-me os deuses como lhes aprouver se amanhã a estas horas não fizer eu à tua vida como fizeste a cada um deles" (1Rs 19.2). Se o coração de Acabe não tinha sido afetado pelo que ocorreu no Carmelo, permanecendo endurecido contra Deus, muito menos ainda tinha se endurecido o coração da sua esposa pagã. Ele era sensual e materialista, pouco se preocupando com assuntos religiosos; desde que não lhe faltasse o

que comer e beber, e os seus cavalos e mulos estivessem bem cuidados, ele estava contente. Mas Jezabel era de um tipo diferente: tão resoluta quanto ele era fraco. Ela era astuta, inescrupulosa, sem piedade. Acabe era um mero brinquedo em suas mãos, satisfazendo-lhe os desejos. Por essa razão, como indica Apocalipse 2.20, ela era o prenúncio da mulher montada em uma besta escarlate (Ap 17.3). A crise era extremamente grave, e tanto a questão política como a indignação a motivaram a agir imediatamente. Se permitisse que essa reforma nacional se desenvolvesse, causaria a queda daquilo que ela trabalhara anos para estabelecer.

"Façam-me os deuses como lhes aprouver se amanhã a estas horas não fizer eu à tua vida como fizeste a cada um deles" (1Rs 19.2). Eis a implacável e horrível inimizade contra Deus, de uma alma que foi abandonada por ele. Completamente incorrigível, o coração dela estava de todo insensível para com a presença e o poder de Deus. Eis como se expressou esse terrível ódio: incapaz de ferir o SENHOR diretamente, a maldade dela se descarregou no servo de Deus. É sempre assim que acontece com aqueles a quem Deus entregou uma mente reprovada. Praga após praga foi enviada sobre o Egito; contudo, em vez de Faraó baixar as armas da rebelião, depois que o Senhor tirou o seu povo com mão forte, esse infeliz declarou: "Perseguirei, alcançarei, repartirei os despojos; a minha alma se fartará deles, arrancarei a minha espada, e a minha mão os destruirá" (Êx 15.9). Quando o Sinédrio judeu olhou para Estêvão e "viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo" iluminado com glória celestial, em vez de receberem a sua mensagem quando ouviram as suas palavras, "enfureciam-se no seu coração e rilhavam os dentes contra ele"; e, como malucos, "clamando em alta voz, taparam os ouvidos e, unânimes, arremeteram contra ele. E, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram" (At 7.54-58).

Guarde-se, caro leitor, de resistir a Deus e rejeitar a sua Palavra, para que ele não lhe abandone, para que ele não acabe permitindo a sua loucura com o fim de apressar a sua destruição! Quanto mais ficava manifesto que Deus estava com Elias, mais Jezabel se exasperava contra ele. Agora que ela fora informada que ele tinha matado os seus profetas, estava como uma leoa roubada das suas crias. A raiva dela não tinha limites; Elias tinha de ser morto imediatamente. Prepotente quanto ao amanhã, jurando pelos seus deuses, ela pronuncia uma terrível maldição sobre si mesma, caso Elias não tiver o mesmo fim. A resolução de Jezabel revela a extrema dureza do seu coração. Isso ilustra solenemente como a perversidade cresce nas pessoas. Os

pecadores não atingem esse nível tão profundo de rebeldia de repente, mas, à medida que a consciência resiste às convicções, à medida que a luz sempre de novo é rejeitada, as próprias coisas que deveriam abrandar e humilhar passam a endurecer e tornar insolente, e quanto mais claramente for apresentada a vontade de Deus diante de nós, mais isso produzirá ressentimento na mente e hostilidade no coração. Depois disso, falta pouco tempo para essa alma ser entregue ao fogo eterno.

Mas veja aqui *a soberana mão de Deus*. Em vez de ordenar aos seus oficiais que matem imediatamente o profeta, Jezabel envia um servo para anunciar a sentença dela sobre ele. Quantas vezes iras loucas destroem os seus próprios objetivos; a fúria cega, a capacidade de julgar de tal forma que não se exercem a prudência e a cautela. Possivelmente, ela se sentia tão segura da sua presa, que não temeu anunciar-lhe o seu intento. Mas os eventos futuros não estão à disposição dos filhos dos homens, não importa qual seja a posição de poder terreno que ocupem. Provavelmente, ela pensou que Elias fosse tão corajoso, que não havia possibilidade de ele tentar escapar; mas nisso ela errou. Quantas vezes Deus "apanha os sábios na sua própria astúcia" (Jó 5.13) e frustra os conselhos de um perverso Aitofel (2Sm 15.31)! Herodes tinha intenções assassinas para com o Salvador ainda criança, mas "Sendo por divina advertência prevenidos em sonho", os seus pais o levaram para o Egito (Mt 2.12). Os judeus "deliberaram entre si" matar a Paulo, mas "o plano deles chegou ao conhecimento" dele, e os discípulos o livraram das mãos deles (At 9.23). Isso aconteceu também aqui: Elias é alertado antes que Jezabel descarregue sobre ele a sua vingança.

Isso nos leva à parte mais triste da narrativa. O tesbita é notificado que a rainha está determinada a matá-lo. Qual foi a sua reação? Elias era servo do Senhor, não teria ele de olhar para o Senhor em busca de instruções? Diversas vezes, no passado, vimos como "a Palavra do Senhor veio" a ele (1Rs 17.2,8; 18.1), dizendo-lhe o que fazer; aguardaria ele agora, do Senhor, a direção necessária? Lamentavelmente, em vez de expor seu caso diante de Deus, ele tomou o assunto nas próprias mãos; em vez de aguardar pacientemente por Deus, Elias age em um rápido impulso, deserta o posto do dever, e foge daquela que procura destruí-lo. "O que vendo ele, se levantou, e, para escapar com vida, se foi, e veio a Berseba, que é de Judá, e deixou ali o seu moço" (1Rs 19.3 – RC). Observe com cuidado a expressão "*O que vendo ele,* se levantou, e, para escapar com vida". Os olhos dele estavam fixos na rainha perversa e furiosa; a mente dele se ocupava com o poder e a

fúria dela e, por isso, o coração dele se encheu de terror. A única libertação do medo carnal é a fé em Deus: “Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei”; “Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em ti; porque ele confia em ti” (Is 12.2; 26.3 – RC). A mente de Elias não estava mais apoiada no SENHOR, por isso o medo se apossou dele.

Até aqui, Elias tinha sido sustentado pela visão do Deus vivo que concede a fé; mas, agora, ele perdeu o Senhor de vista e viu apenas a mulher furiosa. Quantos alertas solenes encontram-se registrados nas Escrituras a respeito das consequências desastrosas de andar pelo que vemos! “Levantou Ló os olhos e viu toda a campina do Jordão, que era toda bem regada” (Gn 13.10) e tomou sua decisão baseado nisso; pouco tempo depois é registrado que ele “armou as suas tendas até Sodoma”! O relatório da maioria dos doze homens enviados por Moisés para espiar a terra de Canaã foi: “Ali *vimos* os nefilins (os filhos de Anaque são dos nefilins); éramos *aos nossos próprios olhos* como gafanhotos, e assim também o éramos aos seus olhos” (Nm 13.33 – BRA). Em consequência disso, “A congregação toda levantou as suas vozes, e gritou; e o povo chorou aquela noite”. Andar pela vista engrandece as dificuldades e paralisa a atividade espiritual. Pedro, “Reparando [...] na força do vento, teve medo; e, começando a submergir” (Mt 14.30). Quão impressionante o contraste entre Elias, aqui, e Moisés, o qual, “Pela fé, [...] abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível” (Hb 11.27), e nada, senão os olhos da fé postos firmemente em Deus, haverá de nos capacitar a “permanecer firmes”.

“O que vendo ele, se levantou, e, para escapar com vida, se foi” – não por Deus, nem pelo bem do seu povo, mas porque ele pensou apenas em si mesmo. O homem que enfrentou os 450 falsos profetas de Baal, agora foge de uma mulher; o homem que até aqui foi tão fiel no trabalho do Senhor, agora deserta o seu posto de dever, e isso em uma ocasião quando a sua presença mais era necessária para o povo, para fortalecer as suas convicções e para conduzir avante o trabalho de reforma para estabelecê-lo com firmeza. Lamentavelmente, o que é o homem! Assim como a coragem de Pedro falhou na presença da empregada, assim a força de Elias esmoreceu diante das ameaças de Jezabel. Deveríamos exclamar: “Como foram derrotados os heróis”? Não; isso na verdade seria uma compreensão carnal e errada. A verdade é que “É somente à medida que Deus concede a sua graça e o Espírito Santo, que alguém consegue andar com integridade. A conduta de

Elias, nessa ocasião, mostra que o espírito e a coragem que ele tinha manifestado anteriormente eram do *Senhor*, e não dele mesmo; e que aqueles que têm o maior zelo e coragem em favor de Deus e da sua verdade, se deixados por si mesmos, tornam-se fracos e medrosos” (John Gill).

CAPÍTULO 23

NO DESERTO

A sorte do povo de Deus é muito variada e se caracteriza por frequente mudança. Não podemos esperar que seja de outra maneira enquanto permanecermos neste mundo, uma vez que não existe nada estável por aqui: a inconstância e as flutuações são o que caracterizam tudo o que existe debaixo do sol. O homem nasce para a aflição tão certamente como as faíscas voam para cima,69 e a experiência habitual dos santos não é nenhuma exceção dessa regra geral. Cristo advertiu claramente os seus discípulos: “No mundo tereis tribulações” (Jo 16.33 — BRA); contudo, ele acrescentou: “mas tende bom ânimo, eu tenho vencido o mundo” e, por isso, vocês participarão da minha vitória. Embora a vitória seja certa, eles sofrem muitas derrotas ao longo do caminho. Nem sempre é verão na alma deles, e nem sempre é inverno na experiência deles. A sua viagem pelo mar da vida é semelhante àquela com que os marinheiros se deparam no oceano: “Sobem aos céus, descem aos abismos, e a sua alma se derrete em angústias. [...] Então, clamam ao SENHOR na sua tribulação, e ele os livra das suas angústias” (Sl 107.26,28).

Com os ministros de Deus que o servem publicamente também não é diferente. É verdade que eles gozam de muitos privilégios de que não participam outros soldados do povo de Deus, embora tenham de prestar contas a estes. Os ministros do Evangelho não precisam gastar muito do seu tempo e força entre os descrentes, trabalhando pelo pão diário. Ao contrário, são protegidos do constante contato com os perversos, e muito do seu tempo pode ser e deveria ser gasto em sereno estudo, meditação e oração. Além do mais, Deus lhes concedeu dons especiais: uma medida maior do seu Espírito, um discernimento mais profundo da sua Palavra, e, por isso, eles deveriam estar mais bem equipados para lidar com as provações da vida. Apesar disso, a tribulação é também a porção deles, enquanto são deixados neste deserto de pecado. As corrupções interiores não lhes dão descanso, nem de dia nem de noite, e o diabo, sempre ativo, faz deles o alvo particular da sua malícia, procurando perturbar-lhes a paz e diminuir a importância deles, descarregando sobre eles toda a intensidade do seu ódio.

É com justiça que se espera mais do ministro do Evangelho do que das

outras pessoas. Requer-se que ele seja “o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato (no comportamento), na caridade (no amor), no espírito, na fé, na pureza” (1Tm 4.12 – RC); “Em tudo, te dá por exemplo de boas obras; na doutrina, mostra incorrupção, gravidade, sinceridade” (Tt 2.7 – RC). Mas, embora seja um “homem de Deus”, ele é um *homem* e não um anjo, cercado de fraqueza e propenso ao mal. Deus pôs o seu tesouro em “vasos de barro” – não de aço nem de ouro – quebram e se machucam facilmente, indignos em si mesmos, “para que”, acrescenta o apóstolo, “a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2Co 4.7). Ou seja, o glorioso Evangelho proclamado pelos ministros não é invenção da cabeça *deles*, e os benditos efeitos que ele produz não se devem de forma nenhuma às habilidades *deles*. Eles são meros instrumentos, fracos e inúteis em si mesmos; a mensagem deles vem de Deus, e os seus frutos são inteiramente do Espírito Santo, de forma que não têm motivo nenhum de autoexaltação, nem aqueles que são beneficiados pelos labores dos ministros têm qualquer razão de considerá-los heróis ou de olhá-los como se fossem seres de uma ordem superior, considerando-os como pequenos deuses.

O Senhor tem muito zelo por sua honra e não repartirá a sua glória com outrem.70 O seu povo diz crer nisso como uma das verdades fundamentais, contudo são muito propensos a esquecê-la. Também eles são humanos, e são propensos à adoração de heróis, à idolatria, a atribuir às criaturas aquilo que só pode ser conferido ao Criador. Por essa razão é que frequentemente se deparam com frustrações e desapontamentos, e descobrem que o seu ídolo querido é, como eles mesmos, feito de barro. Deus escolheu como seu próprio povo “as coisas insensatas do mundo”, as “coisas fracas do mundo”, as “coisas ignóbeis” e as “aquelas que não são” (meros “joões-ninguém”), “a fim de que ninguém se glorie na presença de Deus” (1Co 1.27-29 – BRA). E ele chamou homens pecadores, embora regenerados, e não anjos santos, para serem pregadores do seu Evangelho, para que fique absolutamente evidente que, ao chamar pecadores das trevas para a sua maravilhosa luz, “a excelência do poder” não é deles nem procede deles, mas que é *somente* ele quem dá o crescimento à semente espalhada por eles. “De modo que nem o que planta (o evangelista) é alguma coisa, nem o que rega (o mestre), mas Deus, que dá o crescimento” (1Co 3.7).

É por essa razão que Deus permite que fique evidente que, na sua melhor forma, os melhores dentre os homens nunca passam de homens. Não importa quão cheios de talentos eles sejam, quão eminentes no trabalho de

Deus, quão grandemente honrados e usados por ele, basta que o seu poder sustentador seja removido deles por um só momento, e logo se verá que eles são “vasos de barro”. Nenhum homem fica de pé um minuto sequer, sem ser sustentado pela graça de Deus. Até mesmo o santo mais experimentado, quando é entregue aos seus próprios cuidados, logo mostrará quão frágil e tímido ele é. “Na verdade, todo homem, por mais firme que esteja, é pura vaidade” (Sl 39.5). Então, por que a surpresa, por que achar que é impossível, quando lemos a respeito dos fracassos e das quedas dos mais favorecidos dos santos e dos servos de Deus? A embriaguez de Noé, a carnalidade de Ló, as prevaricações de Abraão, a raiva de Moisés, a inveja de Arão, a precipitação de Josué, o adultério de Davi, a desobediência de Jonas, a negação de Pedro, a contenda de Paulo com Barnabé – são tantas ilustrações da solene verdade que “Não há homem justo sobre a terra que faça o bem e que não peque” (Ec 7.20). A perfeição só se encontra no céu. Na terra, não a encontramos em lugar nenhum, exceto no Perfeito Homem.

Contudo, queremos deixar claro que os fracassos desses homens não estão registrados nas Escrituras para nos escondermos atrás deles, para usá-los como desculpa da nossa própria infidelidade. Pelo contrário. Eles nos são apresentados como sinais de perigo, para prestarmos atenção, como solenes advertências para levarmos em conta. Ler a respeito desses fracassos deve levar-nos à humilhação e conduzindo-nos a sermos mais desconfiados de nós mesmos. Eles devem imprimir em nosso coração o fato que nossa força se encontra unicamente no Senhor, e que sem ele não podemos fazer nada. Esses fracassos devem ser traduzidos em fervente oração para que as operações do orgulho e da autossuficiência sejam subjugadas dentro de nós. Eles devem nos levar a clamar constantemente: “Sustenta-me, e serei salvo” (Sl 119.117). E não somente isso. Eles deveriam nos afastar da indevida confiança nas criaturas e libertar-nos de esperar demais dos outros. Eles deveriam nos tornar diligentes na oração por nossos irmãos em Cristo, especialmente por nossos pastores, para que Deus se agrade em preservá-los de tudo aquilo que traria desonra ao seu nome e faria com que os seus inimigos se regozijassem.

O homem por cujas orações as janelas do céu se fecharam completamente por três anos e meio, e por cujas súplicas elas novamente se abriram, não era nenhuma exceção à regra. Ele também era feito de carne e sangue, e Deus permitiu que isso se tornasse evidente de forma dolorosa. Jezabel mandou uma mensagem para informá-lo que, no dia seguinte, ele

teria o mesmo destino dos profetas dela. “O que vendo ele, se levantou, e, para escapar com vida, se foi” (1Rs 19.3 – RC). No meio do glorioso triunfo sobre os inimigos do Senhor, no exato momento em que o povo precisava dele para liderá-los para abandonar completamente a idolatria e para estabelecer a verdadeira adoração, ele se vê terrificado pela ameaça da rainha e foge. Tinha sido “a mão do Senhor” que o tinha trazido a Jezreel (1Rs 18.46), e ele não recebeu nenhuma indicação de Deus para sair dali. Com toda certeza, era tanto privilégio como dever de Elias buscar a proteção do seu Senhor contra a fúria de Jezabel, assim como ele fizera em relação à ira de Acabe. Se Elias tivesse confiado a própria vida nas mãos de Deus, este não o desampararia; e, provavelmente, um grande benefício se concretizaria, se Elias permanecesse na posição em que o Senhor o havia colocado.

Mas os seus olhos não estavam mais fixos em Deus; ele só via aquela mulher furiosa. Ele se esqueceu daquele que o tinha alimentado milagrosamente no ribeiro de Querite, daquele que tão maravilhosamente o tinha sustentado na casa da viúva em Sarepta, aquele que de forma tão destacada o fortalecera no Carmelo. Pensando apenas em si mesmo, Elias foge do lugar do testemunho. Mas como explicar esse estranho deslize? É evidente que os seus medos foram instigados pela ameaça da rainha chegando a ele de forma tão inesperada. Não havia boas razões para que ele aguardasse com grande alegria e exultação a cooperação de todo o Israel na obra da reforma? Não estaria toda a nação, que clamara “O SENHOR é Deus!”, profundamente agradecida pelo fato de suas orações terem obtido a tão necessitada chuva? E em um momento a sua esperança pareceu tão rudemente abalada por essa mensagem da rainha enfurecida. Teria ele, então, perdido toda a fé na capacidade de Deus protegê-lo? Longe de nós acusá-lo; antes, nos parece que ele ficou momentaneamente perplexo, em pânico. Ele não parou para pensar; em vez disso, completamente tomado pela surpresa, agiu sob o impulso do momento. Como isso confirma a palavra de que “aquele que crer não se apresse”! (Is 28.16 – RC).

O que dissemos acima esclarece o procedimento precipitado de Elias, mas não explica o seu estranho deslize. Foi a falta de *fé* que o levou a ficar com medo. Mas convém explicar que o exercício da fé não se encontra à disposição do crente, de forma que ele possa chamá-la à ação a qualquer hora que desejar. Não é assim; a fé é um *dom* de Deus, e a sua prática é feita somente pelo poder de Deus; e, tanto na sua concessão como na sua operação, Deus atua soberanamente. Embora Deus sempre atue

soberanamente, ele jamais age arbitrariamente. Ele não aflige de bom grado,71 mas porque lhe damos motivo de usar a vara; ele retém a graça por causa do nosso orgulho, retém o conforto por causa dos nossos pecados. Há várias razões por que Deus permite que o seu povo caia no caminho; contudo, em todos esses casos, a queda exterior é antecedida de algum fracasso interior; e, se quisermos colher todos os benefícios dos pecados registrados de alguém como Abraão, Davi, Elias e Pedro, precisamos estudar com diligência aquilo que os conduziu ao pecado e as circunstâncias em que ocorreram. Em geral, se faz isso com relação ao pecado de Pedro, mas raramente se faz o mesmo com os outros casos.

Na maioria das vezes, o contexto anterior dá claros indícios dos primeiros sinais do desvio, assim como um espírito de autoconfiança claramente indicou a aproximação da queda de Pedro. Mas, no caso que estamos considerando agora, os versículos precedentes não dão nenhuma pista do eclipse da fé de Elias. Contudo, os versículos seguintes indicam a causa do seu desvio. Quando o Senhor lhe aparece e pergunta: "Que fazes aqui, Elias?" (1Rs 19.9), o profeta responde: "Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida". Isso não nos fala, em primeiro lugar, que ele tinha um *conceito demasiadamente elevado da sua própria importância*? Em segundo lugar, que ele estava excessivamente envolvido em seu trabalho: "eu, somente eu, fiquei"72 para cuidar da tua causa? E, em terceiro lugar, que ele estava decepcionado com a ausência dos resultados que esperava que acontecessem? As operações do orgulho – a tripla insistência no "Eu" – abafaram a prática da fé. Observe como Elias repetiu essas declarações (v. 14), e como a resposta de Deus tem como objetivo descrever a doença – Elias foi posto no seu lugar!

Deus então retirou a sua força por um momento para que Elias pudesse ser visto em sua fraqueza natural. Ele assim o fez com justiça, pois a graça só é prometida aos humildes (Tg 4.6). Contudo, Deus atua nisso de forma soberana, pois é somente por sua graça que o homem é mantido humilde. Ele concede mais fé a um do que a outro, e a mantém mais equilibradamente em certos indivíduos. Como é grande o contraste entre a fuga de Elias e a fé de Eliseu! Quando o rei da Síria enviou uma grande multidão para prender Eliseu e o seu servo disse: "Ai! Meu senhor! Que faremos?", o profeta respondeu: "Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que

estão com eles” (2Rs 6.15,16). Quando a Imperatriz Eudósia enviou uma mensagem ameaçadora a Crisóstomo, ele disse ao oficial dela: “Vá, diga a ela que eu nada temo além do pecado”. Quando os amigos de Lutero insistentemente lhe suplicaram que não comparecesse à Dieta de Worms, à qual tinha sido convocado pelo Imperador, ele replicou: “Ainda que cada telha das casas daquela cidade fosse um demônio, eu não me acovardaria”, e ele foi, e Deus o libertou das mãos dos seus inimigos. Contudo, as fraquezas de Crisóstomo e de Lutero se manifestaram em outras ocasiões.

Foi a sua preocupação com as circunstâncias que provocou a triste queda de Elias. A filosofia deste mundo diz: “O homem é produto do seu meio (das suas circunstâncias)”. Não há dúvida de que isso se aplica muito bem ao homem natural, mas não deveria ser verdade a respeito do cristão, pelo menos não o é enquanto as suas virtudes permanecerem em condição saudável. A fé se ocupa com aquele que ordena as nossas circunstâncias, a esperança olha além da cena atual, a paciência concede força para suportar as provas, e o amor se deleita naquele que não é afetado pelas circunstâncias. Enquanto Elias tinha o Senhor diante de si, não temeu, embora se acampasse contra ele um exército. Mas quando ele olhou para a criatura e ponderou no perigo que corria. Ele pensou mais na própria segurança do que na causa de Deus. Estar ocupado com as circunstâncias é andar por vista, e isso é fatal tanto para nossa paz como para nossa prosperidade espiritual. Por mais desagradáveis ou desesperadoras que sejam nossas circunstâncias, Deus é capaz de nos preservar nelas, como ele fez com Daniel na cova dos leões e com seus companheiros na fornalha de fogo. Sim, ele é competente para fazer o coração triunfar sobre tudo isso, como testemunham os cânticos dos apóstolos na prisão em Filipos.

Oh! Como precisamos clamar: “*Senhor, aumenta-nos a fé*”, pois somente somos fortes e estamos salvos enquanto exercemos fé em Deus! Se ele é esquecido e não percebemos a sua presença conosco no momento em que somos ameaçados por grandes perigos, então com certeza agiremos de forma indigna da nossa confissão cristã. É pela fé que estamos em pé (2Co 1.24 – RC), como também é pela fé que somos guardados pelo poder de Deus para a salvação (1Pe 1.5). Se de fato mantivermos o Senhor diante de nós e o contemplarmos como quem está à nossa mão direita, nada nos haverá de mover, nem poderá nos amedrontar; poderemos desafiar até o mais poderoso e o mais perverso. Contudo, como alguém já disse: “Mas onde está a fé que nunca se deixa abalar pela incredulidade? Onde está a mão que nunca se

afrouxa, o joelho que nunca treme, o coração que nunca desmaia?". Todavia, o *erro* é nosso, a *culpa* é nossa. Embora não esteja sob nosso poder fortalecer a fé ou colocá-la em prática, podemos enfraquecê-la e atrapalhar a sua operação. Depois de dizer "tu, [...] mediante a fé, estás firme", o apóstolo imediatamente acrescenta: "Não te ensoberbeças, mas teme" (Rm 11.20), não confie em si mesmo, pois é o orgulho e a autossuficiência que sufocam a fé.

Muitas pessoas acham estranho quando leem que os mais destacados e dignos santos da Bíblia fracassam justamente naqueles que são os seus pontos mais fortes. Abraão se destaca por sua fé, sendo chamado "o pai daqueles que creem"; contudo, a fé dele desmoronou no Egito, quando mentiu a Faraó a respeito da sua esposa. Somos informados que Moisés era "mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra" (Nm 12.3); contudo, ele foi impedido de entrar em Canaã porque perdeu a paciência e falou de forma imprudente com os seus lábios. João era o apóstolo do amor; contudo, em uma explosão de intolerância e impaciência, ele e o seu irmão Tiago queriam pedir fogo do céu para destruir os samaritanos, pelo que o Senhor os repreendeu (Lc 9.54,55). Elias era famoso por sua coragem; contudo, foi a coragem que lhe faltou nesse momento. Que evidências são essas, de que ninguém pode exercer as graças que mais distinguem o seu caráter sem a direta e constante assistência de Deus, e que, quando em perigo de se exaltar acima da medida, os homens de Deus são muitas vezes deixados a lutar com a tentação sem o seu costumeiro auxílio. É somente quando estamos conscientes da nossa fraqueza e a reconhecemos, que somos fortalecidos.

Umas poucas palavras devem bastar para fazer aplicação desse triste incidente. A sua notória lição é evidentemente uma solene advertência aos que ocupam uma posição pública na vinha do Senhor. Quando ele se agrada de operar neles e através deles, é certo que se levantará contra eles amarga e poderosa oposição. Disse o apóstolo: "uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e há muitos adversários" (1Co 16.9). Essas duas coisas sempre andam juntas. Contudo, se o Senhor é a nossa segurança e a nossa força, não há nada para temer. Um golpe forte e quase fatal havia sido dado no reino de Satanás naquele dia no Carmelo. E se Elias tivesse permanecido firme, não teriam os 7.000 adoradores secretos de Yahweh sido fortalecidos ao ponto de se posicionarem ao seu lado (na linguagem de Miqueias 4.6,7), não teriam sido aperfeiçoados, e não teria sido evitado o cativeiro e a dispersão do seu povo? Lamentavelmente, por um descuido, uma tão brilhante possibilidade foi lançada por terra, e nunca mais voltou. Busquem

graça, ó servos de Deus, para poderem “resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes” (Ef 6.13 – RC).

Mas não ressalta também esse triste incidente uma lição salutar que *todos* os crentes precisam acolher no coração? Esse solene fracasso do profeta ocorre também imediatamente após as maravilhas que aconteceram em resposta às suas súplicas. Que estranho! Ou melhor, quão profundo! Nos capítulos precedentes, enfatizamos que as gloriosas operações ocorridas sobre o monte Carmelo fornecem ao povo do Senhor uma tremenda e abençoada ilustração e demonstração da eficácia da oração, e certamente essa patética sequência mostra o que eles precisam para estar atentos quando recebem alguma misericórdia notável do trono da graça. Se foi necessário que o apóstolo recebesse um espinho na carne, um mensageiro de Satanás que o esbofeteasse, para que ele não se “ensoberbecesse com a grandeza das revelações” que lhe foram concedidas (2Co 12.7), então, qual não será a nossa necessidade de alegrar-nos “com tremor” (Sl 2.11), quando exultamos por termos obtido resposta a nossas petições!

---

69 Jó 5.7 – BRA.
70 Isaías 42.8.
71 Lamentações de Jeremias 3.33.
72 1Reis 19.10 – BRA.

CAPÍTULO 24

DESANIMADO

Vamos agora observar o que aconteceu com Elias quando ele deu lugar ao medo. A mensagem que tinha vindo da parte de Jezabel, a saber, que no dia seguinte ela vingaria a morte de seus profetas, fez com que o tesbita fosse tomado de pânico. Naquele momento, Deus decidiu deixá-lo entregue a si mesmo, para que nós possamos aprender que os mais fortes "são fracos como água",73 quando ele retira o seu favor. Isso foi o que aconteceu com o poderoso Sansão, que era tão impotente como outro homem qualquer, logo que o Espírito do Senhor se apartou dele. Não faz diferença o tanto que se cresceu na graça, quão experientes possamos ser na vida espiritual, ou quão eminente seja a posição que estejamos ocupando no trabalho do Senhor. Quando ele retém a sua mão sustentadora, a loucura que por natureza está em nosso coração se expressa imediatamente, assume o controle, e nos conduz por um caminho estúpido. Foi o que aconteceu nesse momento com Elias. Em vez de apresentar ao Senhor a furiosa ameaça da rainha e suplicar a Deus que se responsabilizasse pelo caso, ele tomou o assunto nas próprias mãos e fugiu "para salvar sua vida" (1Rs 19.3).

No capítulo anterior, declaramos a razão por que o Senhor permitiu que o seu servo provasse um deslize nessa ocasião. Mas, avançando no que dissemos, cremos que a fuga do profeta foi *uma punição para Israel*, por causa da falta de sinceridade e da inconstância da reforma entre eles. "Seria de esperar, depois de tal manifestação pública e visível da glória de Deus, e um tão claro resultado na disputa entre ele e Baal (para a honra de Elias, a confusão dos profetas de Baal e a completa satisfação do povo); depois de terem eles visto tanto o fogo como a água que desceram do céu em resposta à oração de Elias, e, ambos, como manifestação de misericórdia para com eles: o fogo, como sinal da aceitação da oferta deles, a água, como refrigério para a sua herança; seria de esperar, então, que eles agora, à uma, retornassem à adoração do Deus de Israel, e tomassem Elias por seu guia e pastor, para que ele, de agora em diante, fosse o seu primeiro ministro, e as suas instruções fossem lei tanto para o rei como para o reino. Mas a situação é completamente outra. Aquele a quem Deus honrou é desonrado; nenhum respeito lhe é atribuído, nem ele é considerado útil; pelo contrário, a terra de

Israel para a qual ele foi e continuava sendo uma grande bênção, logo se tornou perigosa demais para ele" (Matthew Henry). A fuga de Elias da terra de Israel foi um juízo sobre Israel.

Nas Escrituras, os filhos de Deus são constantemente exortados a não temer: "não temais o que ele teme, nem tampouco vos assombreis" (Is 8.12 - ACF). Mas como é que almas fracas e trêmulas podem obedecer a esse preceito? O versículo seguinte nos diz como: "Ao SENHOR dos Exércitos, a ele santificai; seja *ele* o vosso temor, seja ele o vosso espanto". É o temor de Deus em nosso coração que nos liberta do temor do homem: o temor respeitoso de filho, de desagradar e desonrar aquele que é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na tribulação. "Não temas diante deles", disse Deus a outro dos seus servos, acrescentando depois: "porque eu sou contigo para te livrar, diz o SENHOR" (Jr 1.8). Ah! É a percepção da sua presença que a fé precisa tornar real, se quisermos aquietar o medo! Cristo reprovou os seus discípulos por causa do medo deles: "Por que temeis, homens de pouca fé?" (Mt 8.26 - BRA). "E não temais com medo deles, nem vos turbeis" (1Pe 3.14 - ACF), essa é a palavra que temos de levar a sério.

Na narrativa da fuga de Elias somos informados, em primeiro lugar, que ele "chegou a Berseba, que pertence a Judá" (1Rs 19.3 – BRA). É possível imaginar que ali seria um lugar seguro para ele se esconder, pois agora estava fora do território governado por Acabe, mas o que havia acontecido de fato era que ele tinha "pulado da frigideira para o fogo", como diz o velho ditado. Naquele tempo, o reino de Judá era governado por Josafá, e o filho deste tinha se casado com "a filha de Acabe" (2Rs 8.18 - RC), e as duas casas – a de Josafá e a de Acabe – estavam tão intimamente ligadas que, quando o primeiro foi convidado pelo segundo para unir-se em uma expedição contra Ramote-Gileade, Josafá declarou: "Serei como tu és, o meu povo, como o teu povo, os meus cavalos, como os teus cavalos" (1Rs 22.4). Dessa forma, Josafá não teria nenhum escrúpulo de entregar aquele que tinha fugido para a terra sob seu governo, tão logo recebesse de Acabe e Jezabel ordem para fazê-lo. Assim, Elias não se atreveu a demorar-se em Berseba, mas fugiu para mais longe.

Berseba fica situada próximo do extremo sul da Judeia, na herança de Simeão, e supõe-se que Elias e seu criado percorreram nada menos que 140 quilômetros de Jezreel até ali. Em seguida, somos informados que ele "ali deixou o seu criado". Aqui vemos a consideração e a compaixão do profeta para com o seu único empregado, desejoso de poupá-lo das dificuldades do

fatigante deserto da Arábia, onde ele agora se propunha percorrer. Nesse ato de consideração, o profeta apresenta um exemplo que os senhores devem seguir, para não submeter os seus subordinados a perigos excessivos, nem forçá-los a trabalhos além das suas forças. E mais. Elias agora desejava ficar sozinho com suas tribulações e não queria dar vazão aos seus sentimentos de desespero na presença de outra pessoa. Isso também é digno de ser imitado: quando o medo e a incredulidade lhe enchem o coração e ele está a ponto de externar o seu desânimo, o cristão deveria retirar-se da presença dos outros, para não infectá-los com a sua tristeza e mau humor – ele deve aliviar o coração *diante do Senhor* e poupar os sentimentos dos seus irmãos.

"Ele mesmo, porém, se foi ao deserto, caminho de um dia" (1Rs 19.4). Aqui nos é permitido ver outro efeito do medo e da incredulidade: eles produzem perturbação e agitação, de forma que um espírito de inquietação domina a alma. E como poderia ser diferente? O descanso de alma não se acha em nenhum outro lugar a não ser no Senhor, pela comunhão com ele e pela confiança nele. "Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar" (Is 57.20). É necessário que seja assim, pois eles são estranhos para o doador da paz – "desconheceram o caminho da paz" (Rm 3.17). Ah! Caro leitor! Quando o cristão está sem comunhão com Deus, quando ele decide resolver as coisas sozinho, quando a fé e a esperança não mais estão sendo exercitadas, o caso dele não é melhor do que a situação do não regenerado, pois ele se separou de quem o podia ajudar e está completamente miserável. Contentar-se e deleitar-se na vontade do Senhor não é mais a sua porção; em vez disso, a sua mente está confusa, ele está inteiramente desencorajado, e, agora, em vão procura alívio em uma incessante roda de diversões e atividades excitantes da carne. Ele precisa estar em movimento, pois está completamente transtornado. Ele se enfada em práticas vãs, até que suas forças naturais se acabem.

Acompanhe o profeta com os olhos da sua mente. Durante horas, ele avança devagar debaixo do sol escaldante, os pés cobertos de bolhas por causa das areias ardentes, sozinho naquele deserto fatigante. Por fim, a fadiga e a angústia dominaram-lhe a robusta força e ele "se assentou debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte" (1Rs 19.4). A primeira coisa que desejamos destacar é que, por mais desanimado e desesperado que estivesse, Elias não atentou com violência contra a própria vida. Embora Deus, agora, por um momento, tivesse retirado dele o conforto da sua presença, e em certa medida lhe tivesse negado a sua graça restritiva, ele, contudo, jamais entrega um dos

seus inteiramente ao poder do diabo.

"[...] e pediu para si a morte". A segunda coisa que desejamos destacar é a *inconsistência* da conduta do profeta. A razão por que Elias saiu de Jezreel tão apressadamente ao ouvir a ameaça de Jezabel foi para "salvar sua vida", e agora ele deseja que sua vida lhe seja tomada. Nisso talvez possamos perceber outro efeito quando a incredulidade e o medo se apoderam do coração. Nós não só agimos, então, estúpida e erradamente, não apenas nos domina um espírito inquieto e descontente, mas nos tornamos inteiramente desequilibrados, a alma perde a estabilidade, e paramos de nos conduzir de forma consistente. A explicação é simples: a verdade é uniforme e harmoniosa, enquanto o erro é multiforme e incongruente; mas para que a verdade nos controle de forma efetiva, é preciso que a fé seja constantemente exercitada – quando a fé para de agir, tornamo-nos imediatamente instáveis e indignos de confiança; como dizem, logo nos tornamos "um mundo de contradições". A consistência de caráter e de conduta depende de um firme andar com Deus.

É provável que haja poucos servos de Deus que em uma ou outra ocasião não desejem livrar-se da sua armadura e parar o trabalho e os conflitos, especialmente quando seus esforços parecem vãos, e tais servos estão inclinados a se sentirem inúteis aqui na terra. Quando Moisés exclamou: "Eu sozinho não posso levar todo este povo, pois me é pesado demais", ele imediatamente acrescentou: "Se assim me tratas, mata-me de uma vez, eu te peço" (Nm 11.14,15). Assim também Jonas orou: "Peço-te, pois, ó SENHOR, tira-me a vida, porque melhor me é morrer do que viver" (Jn 4.3). Esse desejo de ser removido deste mundo de tribulações não é peculiar aos ministros de Cristo. Muitos dos cidadãos comuns do seu povo também, às vezes, se veem movidos a dizer com Davi: "Quem me dera asas como de pomba! Voaria e estaria em descanso" (Sl 55.6 – RC). Curta como é a nossa jornada aqui embaixo, parece longa, muito longa para alguns de nós, e, embora não possamos justificar o mau humor e a petulância de Elias, este escritor pode com certeza compreender o fato de Elias ter ficado debaixo do zimbro, pois ele mesmo tem estado muitas vezes ali.

Contudo, deveria ser destacado que há uma diferença radical entre desejar ser liberto de um mundo de contratempos e tristeza, e um desejo de ser liberto deste corpo mortal, a fim de estarmos na presença do Senhor. Era esse último desejo que o apóstolo tinha quando disse: "tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor" (Fp 1.23). Um

desejo de ser liberto da pobreza desprezível ou de um leito de fraqueza é apenas natural, mas um desejo ardente de ser liberto de um mundo de iniquidade e de um corpo mortal para podermos gozar perfeita comunhão com o Amado, isso é de fato espiritual. Uma das maiores surpresas da nossa própria vida cristã é descobrir como são poucas as pessoas que evidenciam esse segundo desejo. A maioria dos que professam a fé cristã parece tão apegada a este mundo, tão enamorada por esta vida, ou tão amedrontada pelo aspecto físico da morte, que eles se apegam à vida tão tenazmente como os não cristãos. É evidente que o céu não é muito real para eles. É verdade que nós deveríamos aguardar de modo submisso o tempo de Deus; contudo, isso não impede nem anula o desejo de "partir e estar com Cristo".

Mas não se pode perder de vista o fato que Elias, em seu desânimo, *voltou-se a Deus* e disse: "Basta; toma agora, ó SENHOR, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais" (1Rs 19.4). Não importa quão desencorajados estejamos, quão séria seja a nossa tristeza, é sempre o privilégio do crente aliviar o coração diante daquele que é "amigo mais chegado do que um irmão" e, sem restrições, expressar nossas queixas ao seu ouvido compreensivo. É verdade que esse amigo não vai fingir que não vê aquilo que está errado; contudo, ele se compadece com ternura das nossas fraquezas. É verdade que ele nem sempre concederá resposta a nossos pedidos, pois muitas vezes pedimos mal (Tg 4.3); contudo, se ele nega aquilo que lhe pedimos, é porque ele tem algo melhor para nós. Esse era o caso na situação de Elias. O Senhor não tirou a vida dele naquele momento; ele nem mesmo fez isso mais tarde, pois Elias foi levado ao céu sem ver a morte. Elias é um dos dois únicos homens que entraram no céu sem passar pelos portais da sepultura. Apesar disso, para subir na carruagem de Deus, Elias teve de esperar a hora marcada.

"Basta; toma agora, ó SENHOR, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais" (1Rs 19.4). Elias estava cansado da incessante oposição que encontrava, cansado dos conflitos. Ele estava desanimado no seu trabalho que, para ele, era de nenhum valor. "Tenho me esforçado seriamente, mas em vão"; "fatiguei-me a noite toda, mas não alcancei nada". Era a linguagem do desapontamento e da chateação: "Basta" – não tenho mais vontade de lutar, já fiz e sofri o bastante; por isso, deixe-me ir agora. Não estamos certos quanto ao que ele quis dizer com "não sou melhor do que meus pais". É possível que ele estivesse alegando a própria fraqueza e incapacidade: eu não sou mais forte do que eles, e não sou mais capaz do que eles para enfrentar as

dificuldades com que eles se depararam. Elias talvez estivesse fazendo alusão à falta de fruto em seu ministério: meus esforços deram em nada, eu não obtive mais sucesso do que eles. Ou talvez ele estivesse declarando o seu desapontamento porque Deus não havia atendido as suas expectativas. Ele estava completamente desanimado e ansioso por abandonar o campo de batalha.

Veja aqui, mais uma vez, as consequências que surgem quando se dá lugar ao medo e à incredulidade. O pobre Elias estava agora em profunda depressão, uma experiência que a maioria do povo de Deus tem de vez em quando. Ele tinha abandonado o lugar ao qual o Senhor o tinha trazido, e agora experimentava os amargos efeitos de um caminho criado por vontade própria. Todo prazer tinha se escoado da vida dele. A alegria do Senhor não mais era a sua força. Oh! Quanto sofrimento trazemos para nós quando deliberadamente nos afastamos do caminho do dever! Quando deixamos os caminhos da justiça, nos desligamos das fontes do refrigério espiritual e, por essa razão, o "deserto" agora é nosso lugar de habitação. E ali nos sentamos em completo desânimo, sozinhos em nossa desgraça, pois ali não há ninguém que nos conforte enquanto estivermos nessa situação. Agora se deseja a morte, para pôr fim à nossa miséria. Se tentamos orar, são apenas as reclamações do coração que se expressam: seja feita a minha vontade, e não a tua. Essa é a essência dessas murmurações.

E qual foi a resposta do Senhor? Teria ele sido avesso a essa visão, deixando o seu servo errante colher o que tinha plantado e sofrer completo e final abandono por causa da sua incredulidade? Ah! Por acaso o bom Pastor se recusa a tomar conta de uma das suas ovelhas desgarradas, prostrada em desamparo à beira do caminho? Será que o grande Médico se recusa a dar assistência a um dos seus pacientes exatamente quando ele mais precisa dele? Bendito seja o seu nome! O Senhor é "longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça" (2Pe 3.9). "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem" (Sl 103.13). Foi isto o que aconteceu nesse caso: de uma forma extremamente graciosa, o Senhor evidenciou a sua compaixão pelo seu exausto e desconsolado servo, pois a próxima coisa que lemos é que ele "Deitou-se e dormiu debaixo do zimbro" (1Rs 19.5). Mas corremos o perigo de perder, nesses nossos dias em que Deus é tão desonrado, a riqueza do que aconteceu aqui, pois são poucos os que se dão conta que "assim dá *ele* aos seus amados o sono" (Sl 127.2 – RC). Algo melhor do que "a natureza seguindo o seu curso" aconteceu ali:

era o Senhor dando *refrigério* ao profeta exausto.

Como é comum, hoje, perder de vista que o Senhor cuida do *corpo* dos seus santos tanto quanto cuida da alma deles! Isso é reconhecido e confessado pelos crentes quanto ao alimento e vestuário, saúde e força, mas é largamente desconhecido por muitos quanto ao ponto que estamos tratando aqui. O sono é tão necessário para nosso bem-estar físico quanto a comida e a bebida, e é uma dádiva do Pai celestial tanto quanto estes o são. Não nos é possível dormir pela força da vontade, como os que sofrem de insônia o sabem muito bem. Nem o exercício nem o trabalho manual por si mesmos asseguram o sono: você já se deitou exausto e então descobriu que estava "cansado demais para dormir"? O sono é uma dádiva de Deus, mas a sua constante repetição noturna nos cega para esse fato.

Quando Deus quer, ele retém o sono; e, assim, temos de dizer juntamente com o salmista: "Não me deixas pregar os olhos" (Sl 77.4), mas isso é a exceção e não a regra, e deveríamos ser profundamente gratos por ser assim. Dia após dia, o Senhor nos alimenta; e, noite após noite, ele dá aos seus amados o sono. Assim, nesse pequeno detalhe – Elias dormindo debaixo de um zimbro – que deixaríamos de lado como insignificante, deveríamos perceber a graciosa mão de Deus ministrando com ternura às necessidades de alguém que lhe é caro. Sim, "o SENHOR se compadece dos que o temem". E por quê? "Pois ele conhece a nossa estrutura e sabe que somos pó" (Sl 103.14). Ele conhece a nossa fragilidade e abranda os seus ventos de acordo com ela; ele está ciente de quando nossas energias acabam e, graciosamente, renova a nossa força. Não era propósito de Deus que o seu servo morresse de exaustão no deserto, depois da sua longa, longa fuga de Jezreel; assim, ele misericordiosamente lhe refrigera o corpo com o sono. E, dessa mesma forma, compassivamente, ele lida conosco.

Lamentavelmente, quão pouco nos deixamos comover pela bondade e pela graça do Senhor para conosco. A infalível recorrência das suas misericórdias, tanto as temporais como as espirituais, nos inclina a considerá-las como algo óbvio. Somos tão entorpecidos de entendimento, tão frios de coração em relação a Deus, que é de temer que a maioria do tempo deixemos de perceber *de quem* é a mão amorosa que nos ministra. Não é essa a própria razão por que não começamos de fato a valorizar nossa saúde até que ela nos seja tirada, e não percebemos o valor do sono regular com que fomos anteriormente favorecidos, até que gastemos noite após noite jogados em um leito de dor? E somos criaturas tão vis que, quando a doença e a insônia nos

sobrevêm, em vez de melhorá-las pelo arrependimento de nossa ingratidão anterior, humildemente confessando-a a Deus, nós murmuramos e nos queixamos da dureza da nossa presente situação e nos perguntamos o que fizemos para merecer um tratamento desses. Oh! Que aqueles de nós que são abençoados com boa saúde e sono regular não falhem nas ações de graças diárias por esses privilégios, e em fervorosa busca por graça para usar para a glória de Deus a força que vem dessas bênçãos!

---

73 Ezequiel 7.17 – BRA: “Todas as mãos se debilitarão e todos os joelhos se tornarão *fracos como água”*.

CAPÍTULO 25

RENOVADO

“Não vos sobreveio tentação que não fosse humana” (1Co 10.13). Nunca lhe sobreveio nenhuma tentação a que a natureza humana não fosse suscetível, e a que ela frequentemente esteja sujeita. Você não foi chamado para experimentar nenhuma tentação sobre-humana ou sem precedentes. Como é comum se perder isso de vista, quando as negras nuvens da adversidade se interpõem em nosso caminho! Nessas horas, nossa tendência é pensar que ninguém jamais foi tão severamente tentado como estamos sendo. É bom lembrar nesses momentos essa verdade e refletir na história daqueles que viveram antes de nós. É o penoso sofrimento físico que leva você a pensar que a sua angústia é maior do que a de qualquer outra pessoa? Então lembre-se do caso de Jó com “tumores malignos, desde a planta do pé até ao alto da cabeça”![74] É o luto, o súbito e inesperado arrebatamento de alguma pessoa querida? Então lembre-se de que Jó também perdeu todos os seus filhos e as suas filhas em um mesmo dia. É uma sucessão de sofrimentos e perseguições encontradas no trabalho do Senhor? Então leia 2Co 2.24-27 e veja as múltiplas e dolorosas experiências pelas quais o principal dos apóstolos teve de passar.

Mas talvez o que mais esteja oprimindo algum leitor seja a vergonha que sente do seu colapso nas provações. Ele sabe que outras pessoas têm sido provadas tão severamente quanto ele, sim, e até mesmo com mais severidade; contudo, elas estão muito adiante dele em coragem e tranquilidade, enquanto ele se sente esmagado pelas provas. Em vez de receber conforto das promessas de Deus, ele tem dado lugar ao desespero; em vez de sujeitar-se mansa e pacientemente à vara da correção, ele tem se rebelado e murmurado; em vez de labutar no caminho do dever, ele desertou dele. “Será que existe algum fracasso tão grande como eu?” é o seu lamento. Com justiça deveríamos nos humilhar e lamentar esses fracassos em nos conduzir “varonilmente” (1Co 16.13); deveríamos confessar com o coração contrito esses pecados contra Deus. Contudo, não devemos pensar que tudo agora está perdido. Mesmo essa experiência está presente na vida de outras pessoas. Embora Jó não tenha blasfemado contra Deus, ele maldisse o dia em que nasceu. Também Jeremias fez isso (Jr 20.14). Elias desertou do posto que lhe

tinha sido designado, deitou-se debaixo de um zimbro e orou pedindo a morte. Que espelho não são as Escrituras! Nelas podemos nos ver como de fato somos.

"[...] mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1Co 10.13). Sim, Deus é fiel, mesmo quando nós somos infiéis. Ele permanece fiel aos compromissos da aliança; e, embora visite nossas iniquidades com açoites, a sua bondade nunca será removida daqueles que são seus (Sl 89.32,33). É na hora da provação, exatamente quando as nuvens estão mais negras e um espírito de desânimo nos domina, que a fidelidade de Deus se manifesta mais visivelmente. Ele conhece a nossa estrutura e não permitirá que sejamos provados em excesso, mas "juntamente com a tentação, nos proverá o escape". Em outras palavras, ele tanto pode aliviar o fardo como aumentar a força para lidar com ele, de forma que não sejamos totalmente esmagados. "Deus é fiel" não significa que ele se comprometa a nos guardar se deliberadamente nos metemos em tentações. Não. Significa antes que, se procuramos resistir à tentação, se o invocamos no dia da tribulação, se apelamos às suas promessas e contamos com ele para tomar conta de nós, com toda a certeza ele não falhará para conosco. Dessa forma, embora, por um lado, não devamos ser presumidos e descuidados, por outro lado, não devemos desesperar e desistir da luta. "[...] o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã" (Sl 30.5 – RC).

Quão visível e maravilhosamente foi 1Co 10.13 ilustrado e exemplificado no caso de Elias! Foi uma severa tentação ou teste quando, depois de toda a sua fidelidade no trabalho do Senhor, a sua vida foi ameaçada pela perversa Jezabel e quando todos os seus esforços de trazer Israel de volta à adoração do verdadeiro Deus pareceram inteiramente vãos. Foi mais do que pôde aguentar: ele estava cansado dessa luta solitária e perdida, e orou para ser removido do campo de batalha. Mas Deus foi fiel e com a difícil tentação "deu também o escape", para que ele fosse capaz de lidar com ela. Na experiência de Elias, assim como tão frequentemente acontece conosco, Deus não removeu o fardo, mas concedeu novos suprimentos de graça para que o profeta pudesse carregá-lo. Ele nem removeu Jezabel nem operou uma poderosa obra da graça no coração de Israel, mas renovou a força do seu servo exausto. Embora Elias tenha fugido do dever que lhe tinha sido designado, o Senhor não desertou o profeta na hora da sua fraqueza e necessidade. "[...] se somos infiéis, ele permanece fiel,

pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo” (2Tm 2.13). Oh! Que Deus é o nosso! Aquele que derramou o seu sangue para nos redimir não é amigo apenas no tempo bom, mas ele é um irmão “para a hora da angústia” (Pv 17.17 – ACF). Ele jurou solenemente que “De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei”, e por isso podemos declarar confiantemente que “O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?” (Hb 13.5,6).

Como já destacamos em nosso último capítulo, a primeira coisa que o Senhor fez para renovar as forças de Elias foi dar sono ao seu amado, revigorando-lhe, por meio do sono, o corpo fatigado e cansado da viagem. Quão inadequado é o valor que damos a essa bênção de Deus, não apenas pelo descanso que o sono traz à nossa estrutura física, mas pelo alívio que provê a uma mente ansiosa! Que bênção não é, para muitas almas perturbadas, o fato de elas não estarem acordadas 24 horas por dia! Os saudáveis e ambiciosos lamentam as horas gastas com o sono como “inevitável desperdício de tempo”; mas outros, que se encontram imersos em dor ou que estão angustiados, consideram como grande conforto umas poucas horas de inconsciência cada noite. Nenhum de nós é suficientemente grato por esse constante privilégio que se repete, nem oferecemos nossa gratidão com suficiente vigor àquele que nos dá tão grande bênção. Desde a primeira vez que a palavra ocorre nas Escrituras, vemos que esse é um dom concedido a nós pelo Criador: “Então, o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu” (Gn 2.21).

“E deitou-se e dormiu debaixo de um zimbro; e eis que, então, um anjo o tocou” (1Rs 19.5 – RC). Aqui está a segunda prova do terno cuidado do Senhor pelo seu servo, e foi algo indescritível. Cada palavra requer cuidadosa atenção. “Eis”: um tom de surpresa para estimular nosso interesse e incitar-nos a reverente admiração. “Eis” o quê? Um sinal do desagrado do Senhor, como talvez devêssemos supor: uma chuva fortíssima, por exemplo, para aumentar o desconforto do profeta? Não, muito ao contrário. Observe uma grande demonstração da seguinte verdade: “Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos” (Is 55.8,9). Esses versículos são frequentemente citados; contudo, são poucos os do povo do Senhor que conhecem as palavras que imediatamente os precedem, e das

quais os versículos citados são uma amplificação: “volte-se para o nosso Deus, porque *é rico em perdoar*”. Dessa forma, não é a superioridade da sua sabedoria que ali está sendo apresentada, mas a infinitude da sua *misericórdia*.

“Eis que, *então”* (1Rs 19.5 – RC). Essa palavrinha indicativa de tempo dá ênfase adicional ao maravilhoso fenômeno que é posto diante de nossos olhos. Não foi no cume do Carmelo, mas aqui no deserto que Elias recebeu essa comovente prova do cuidado do seu Senhor. Não foi imediatamente depois do seu conflito com os profetas de Baal, mas depois da sua fuga de Jezabel, que ele recebeu esse cuidado diferenciado. Não foi enquanto ele estava ocupado com a oração insistente, suplicando que Deus suprisse as suas necessidades, mas quando ele, de forma petulante, havia pedido que sua vida lhe fosse tirada – nesse momento foi feita provisão para que a sua vida fosse preservada. Quantas vezes Deus é melhor do que nossos medos! Esperamos julgamento, e eis a misericórdia! Não tem ocorrido um “então” desses em nossa vida? Com certeza houve sim (e mais do que uma vez na experiência deste escritor); e não temos dúvida de que o mesmo ocorreu na vida de cada um de nossos leitores cristãos. Bem, então, unamo-nos em reconhecer o seguinte: “Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniquidades” (Sl 103.10 – RC). Antes, ele tem tratado conosco conforme a fidelidade da sua aliança e de acordo com o seu amor, que ultrapassa todo entendimento.

“[...] eis que, então, um anjo o tocou”. Não foi um viajante humano cujos passos Deus agora direcionou para o zimbro e cujo coração ele moveu com compaixão para com o homem exausto deitado ali debaixo. Isso teria sido uma misericórdia extraordinária, mas aqui contemplamos algo muito mais espantoso. Deus enviou uma das criaturas celestiais que rodeiam o seu trono no céu para confortar o profeta desanimado e suprir suas necessidades. De fato, isso não era “segundo o costume dos homens”, mas, bendito seja o seu nome, isso era segundo o costume daquele que é “o Deus de toda a graça” (1Pe 5.10). E a *graça,* caro leitor, não leva em conta o nosso merecimento ou a falta dele; não leva em consideração a nossa falta de justiça ou a nossa perversidade. Não. A graça é livre e soberana e não vê nada fora de si mesma que a motive à ação. O homem, muitas vezes, lida rudemente com seus semelhantes, desconsiderando suas fragilidades e esquecendo-se da sua própria tendência de desviar-se do caminho como eles estão desviados; e, por essa razão, os homens com frequência agem de forma apressada,

inconsistente e indelicada com relação ao próximo. Mas Deus não age assim. Ele sempre trata os seus filhos com paciência, quando estes estão errados, e demonstra a mais profunda misericórdia e ternura.

"[...] eis que, então, um *anjo* o tocou" (1Rs 19.5 – RC), gentilmente, despertando-o do seu sono, para que pudesse ver e tomar a refeição que havia sido providenciada para ele. Como isso nos lembra de Hebreus 1.14: "Não são todos eles (os santos anjos) espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?". Ouvimos pouco a respeito disto nesta era materialista e cética, mas, a respeito desse assunto, as Escrituras revelam muito para nosso conforto. Foi um anjo que veio e livrou Ló de Sodoma, antes que a cidade fosse destruída por fogo e enxofre (Gn 19.15,16). Foi um anjo que "fechou a boca dos leões" quando Daniel foi lançado na cova deles (Dn 6.22). Foram anjos que conduziram a alma do mendigo ao "seio de Abraão" (Lc 16.22). Foi um anjo que visitou Pedro na prisão, removeu as correntes das suas mãos, fez a porta de ferro da cidade abrir "automaticamente" (At 12.7,10), livrando-o assim dos seus inimigos. Foi um anjo que assegurou Paulo de que ninguém do navio haveria de perecer (At 27.23). Também não cremos nem por um momento que o ministério dos anjos seja algo do passado (Hebreus 1.14 torna impossível essa ideia), embora eles não mais se manifestem de forma visível como nos tempos do Antigo Testamento.

"[…] então, um anjo o tocou e lhe disse: Levanta-te e come. E olhou, e eis que à sua cabeceira estava um pão cozido sobre as brasas e uma botija de água" (1Rs 19.5,6 – RC). Esta foi a terceira refeição que o Senhor tão graciosamente proveu para o refrigério do seu servo exausto. Uma vez mais notamos a intrigante palavra "eis". E faremos bem em meditar nisso e sermos levados a nos surpreender com isso – surpresa com a maravilhosa graça do Deus de Elias, e nosso Deus. Já duas vezes o Senhor tinha provido sustento para o profeta de forma miraculosa: (1) os corvos no ribeiro de Querite e (2) a viúva em Sarepta; mas aqui ninguém menos do que um anjo ministrou a ele! Veja a constância do amor de Deus, que todos os cristãos afirmam crer, mas que poucos parecem perceber em momentos de depressão e escuridão. Como alguém já disse: "Não é difícil crer que Deus nos ama quando vamos com a multidão à casa de Deus, com alegria e louvor, e estamos em lugar iluminado pelo sol; mas é difícil crer que ele sente tanto amor por nós quando, exilados pelo nosso pecado nas terras do Jordão e do monte Hermom, nossa alma se abate dentro de nós, e um abismo chama outro abismo, e as suas ondas e

vagas começam a aparecer em redor".

"Não é difícil crer que Deus nos ama quando, como Elias em Querite e no Carmelo, obedecemos aos seus mandamentos, ouvindo-lhe a voz da Palavra; mas isso não é tão fácil quando, da mesma forma que Elias no deserto, perdidos, ou como navios desorientados e sem leme, somos jogados no abismo entre uma onda e outra. Não é difícil crer no amor de Deus quando, como Pedro, estamos no monte da glória e no êxtase da alegria propomos erguer uma tenda para Cristo; mas isso é praticamente impossível quando, com o mesmo apóstolo, negamos nosso Senhor com maldições, e somos envergonhados por um olhar de repreensão cheio de tristeza". É necessário, para nossa paz e conforto, saber e crer que o amor de Deus permanece imutável, como ele mesmo é imutável. Que grande prova disso Elias recebeu aqui! Ele não apenas não tinha sido abandonado pelo Senhor, mas não houve censura nem palavra de repreensão sobre a sua conduta. Ah! Quem pode medir, ou mesmo entender, a maravilhosa graça do nosso Deus? Quanto mais abundante é o pecado, mais se ressalta a sua graça!

Elias não só recebeu inegável prova da constância do amor de Deus nesse momento, mas esse amor foi manifesto com especial ternura. Ele tinha bebido do ribeiro Querite, mas nunca bebera água do rio de Deus, trazida por mãos de um anjo. Ele tinha comido pão trazido por corvos e carne multiplicada por milagre, mas nunca havia comido bolos feitos por mãos celestiais. E qual a razão dessas provas especiais de ternura? Com certeza, não foi porque Deus fechava os olhos ao que tinha acontecido com seu servo, mas porque se fazia necessária uma especial manifestação de amor para assegurar o profeta de que ele ainda era objeto do amor de Deus, para abrandar-lhe o espírito e conduzi-lo ao arrependimento. Como isso nos lembra a cena descrita em João 21, onde vemos um café da manhã preparado pelo Salvador ressurreto e um fogo com brasas para aquecer os pescadores molhados! E ele fez isso para os próprios homens que, na noite em que foi traído, o negaram e fugiram, e que se recusaram a crer no seu triunfo quando as mulheres lhes falaram do túmulo vazio e da sua aparição a elas em forma tangível!

"E olhou, e eis que à sua cabeceira estava um pão cozido sobre as brasas e uma botija de água" (1Rs 19.6 – RC). Esse "eis" não só destaca as riquezas da graça de Deus ao ministrar o seu servo desobediente, mas também chama a atenção para a maravilha do seu poder. Israel, em sua petulância e descrença, havia perguntado outrora: "Pode, acaso, Deus preparar-nos mesa

no deserto?" (Sl 78.19). Sim, afirmaram: "Pois melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto" (Êx 14.12). E aqui estava Elias, não apenas na margem desse deserto desolado e árido, mas já havia entrado nele "jornada de um dia". Não crescia nada ali, senão uns poucos arbustos, e não havia nenhuma corrente de água que molhasse as areias áridas. Mas circunstâncias adversas e condições impróprias não são obstáculo para o Todo-Poderoso. Embora nos faltem os recursos, a ausência destes não é dificuldade para o Criador; ele pode produzir água da dura rocha, e transformar pedras em pão. Por essa razão, aqueles que servem ao Senhor não terão falta nenhuma, pois a sua misericórdia e o seu poder estão igualmente comprometidos em favor deles. Você que duvida, lembre-se, então, que o Deus de Elias *ainda vive* e, quer a sua sorte tenha caído em tempo de guerra ou fome, seu pão e sua água estão assegurados.

"E olhou, e eis que à sua cabeceira estava um pão cozido sobre as brasas e uma botija de água" (1Rs 19.6 – RC). Há outro item para o qual nos chama a atenção a palavra "eis", que parece ter passado despercebido aos comentaristas, ou seja, o tipo de trabalho prestado aqui pelo anjo. É espantoso que uma criatura tão exaltada estivesse envolvida em uma tarefa tão simples: que os dedos de um ser celestial pudessem ser usados para preparar e assar um pão! Pareceria uma tarefa degradante, para um desses seres exaltados que rodeiam o trono do Deus Supremo, ministrar a um ser que pertencia a uma raça inferior e decaída, afastado da obrigação que deveria cumprir e mal-humorado; quão "humilhante" é deixar de lado uma ocupação espiritual para preparar comida para o corpo de Elias! Bem podemos maravilhar-nos diante dessa visão, e admirar a obediência do anjo no cumprimento da ordem do seu Senhor. Mais ainda. Isso nos deve encorajar a obedecer ao mandamento de "condescender com o que é humilde" (Rm 12.16), a não considerar nenhuma atividade indigna demais por meio da qual possamos beneficiar algum de nosso semelhante que se encontre mentalmente aflito e deprimido, e cujo espírito esteja esmagado dentro dele. Se um anjo não se importou de fazer comida para um homem pecador, não despreze você nenhuma obrigação, por mais servil que seja.

"Comeu, bebeu e tornou a dormir" (1Rs 19.6). Uma vez mais fica evidente que essas narrativas da Escritura Sagrada são descritas por uma mão imparcial e pintadas com as cores da verdade e da realidade. O Espírito Santo retratou a conduta dos homens, mesmo dos mais eminentes, não como as coisas deveriam ter sido, mas como na verdade ocorreram. É por isso que

vemos nosso próprio caminho e experiências retratadas ali de forma tão precisa. Se a história tivesse sido inventada por algum religioso idealista, como será que ele teria retratado a resposta de Elias a essa tremenda demonstração da graça do Senhor, da constância do seu amor, e da ternura especial agora demonstrada para com ele? Ora, com certeza ele teria descrito o profeta deslumbrado com tal favor de Deus, inteiramente quebrantado por essa bondade, prostrando-se diante dele em afetuosa adoração. Mas o Espírito descreve esse fato de forma diferente! Não há nenhum indício de que o petulante profeta se tenha comovido no íntimo, nenhuma menção de ele ter-se curvado em adoração, nem mesmo que tenha proferido alguma palavra de gratidão. Só se diz que ele comeu, bebeu e tornou a deitar-se para dormir.

Misericórdia! O que é o homem? Como é que são os melhores homens à parte de Cristo? Como é que age o santo mais maduro no momento em que o Espírito Santo suspende as suas operações e deixa de agir nele e por meio dele? Ele age de forma igual ao não regenerado, pois a carne nele não é melhor do que a carne no não regenerado. Quando ele está separado da comunhão com Deus, quando sua vontade foi contrariada, ele é tão obstinado e petulante quanto uma criança mimada. Ele não é mais capaz de apreciar as misericórdias de Deus, pois julga que está sendo duramente tratado, e, em vez de expressar gratidão pelos favores temporais, ele os aceita como algo óbvio. Se o leitor sente que estamos dando uma interpretação injustificável a esse silêncio da narrativa, que não deveríamos pensar que Elias não foi grato, pedimos que leia a sequência do texto e se certifique se ela mostra ou não que o profeta continuou mal-humorado. A omissão da adoração e das ações de graça de Elias por causa da refeição recebida é, infelizmente, muito comum. Como isso nos deveria repreender por omissões semelhantes! Como essa ausência de louvor nos deveria lembrar a nossa ingratidão pelos favores de Deus quando nossa vontade é contrariada, e como essa recordação deveria humilhar-nos!

---

74 Jó 2.7.

CAPÍTULO 26

A CAVERNA NO MONTE HOREBE

Há duas coisas que se destacam nos versículos iniciais de 1Reis 19, e uma realça a outra: os frutos amargos do pânico do profeta e a superabundante *graça* do Senhor para com o seu servo errante. A mensagem ameaçadora enviada pela furiosa Jezabel encheu Elias de temor e em suas ações subsequentes nos são mostrados os efeitos que se seguem quando o coração se enche de incredulidade e medo. Em vez de apresentar diante do seu Senhor a mensagem da rainha, Elias quis resolver tudo sozinho; em vez de esperar com paciência por ele, Elias agiu por um impulso precipitado. Primeiro, ele fugiu de Jezabel, abandonando o posto de responsabilidade onde "a mão do Senhor" o tinha trazido. Segundo, ocupando-se apenas consigo mesmo, "para salvar sua vida", ele já não era movido pela glória de Deus nem pelo bem do seu povo. Terceiro, a insensatez agora o dominava, pois ao correr para Berseba ele entrou no território de Jeosafá, cujo filho tinha casado com "a filha de Acabe" – nem mesmo o "bom senso" dirige aqueles que se afastam da comunhão com Deus.

Elias não se aventurou a permanecer em Berseba, de forma que "se foi ao deserto, caminho de um dia", ilustrando o fato de que, quando a incredulidade e o medo assumem o comando, a preocupação enche a alma, de forma que ela não mais é capaz de aquietar-se diante de Deus. Finalmente, quando se acabaram as forças, o profeta sentou-se debaixo de um zimbro e orou pedindo a morte. Ele estava agora em profunda depressão, sentindo que não valia mais a pena viver. E é nesse pano de fundo escuro que contemplamos as glórias da graça de Deus, que agora brilharam de forma tão maravilhosa. Na hora do seu desespero e necessidade, o Senhor não abandonou o seu pobre servo. Não. Primeiro, ele lhe concedeu o seu *sono* abençoado, para dar descanso aos seus nervos cansados. Segundo, Deus enviou um anjo para ministrar a Elias. Terceiro, ele providenciou uma refeição para o seu corpo. Isso foi graça de fato; não apenas imerecida, mas inteiramente não solicitada pelo tesbita. São mesmo tremendos os caminhos daquele a quem temos de prestar contas, que é "longânimo para convosco"!

E qual foi a reação de Elias a essas demonstrações da misericórdia de Deus? Ficou espantado com o favor divino? Quebrantou-se com tal bondade?

Não pode o leitor, sim, o leitor cristão extrair a resposta da sua própria e triste experiência? Quando você se desviou do Senhor e abandonou os caminhos da justiça, e ele tratou com a sua desobediência, e em vez de visitar as suas transgressões com a vara continuou a mostrar as suas bênçãos temporais a você, será que um senso da sua bondade conduziu você ao arrependimento, ou será que, em vez disso, desviado dele, você não aceitou os benefícios de Deus como algo óbvio, não se deixando impressionar com essas ternas misericórdias? Assim é a natureza humana decaída em todo o mundo, em todos os tempos: "Como na água o rosto corresponde ao rosto, assim, o coração do homem, ao homem" (Pv 27.19). E Elias não foi nenhuma exceção, pois lemos que ele "Comeu, bebeu *e tornou a dormir"* (1Rs 19.6). Nenhum sinal de arrependimento pelo que havia passado, nenhum sinal de gratidão pelas misericórdias presentes, nenhuma aplicação da alma aos deveres futuros.

Na descrição desse quadro nos é mostrado ainda outro efeito que vem junto quando o coração dá lugar à incredulidade e ao medo, ou seja, *a insensibilidade de alma*. Quando o coração se aparta de Deus, quando o egoísmo se torna o centro dos nossos interesses, uma dureza e um engano nos envolvem de tal forma que nos tornamos impermeáveis à bondade do Senhor. Nossa visão se turva, de forma que não mais sentimos gratidão pelos benefícios que nos são concedidos. Tornamo-nos indiferentes, endurecidos, insensíveis. Descemos ao nível dos animais, consumindo o que nos é dado sem pensar na fidelidade do Criador. Será que esta curta frase não resume a vida da pessoa não regenerada: "Eles comem, bebem e voltam a dormir", sem nenhuma consideração para com Deus, sem nenhum cuidado pela própria alma, nem preocupação com a eternidade? E, prezado leitor, esse também é o caso do crente decaído. Ele desce ao nível dos ímpios, pois Deus não ocupa mais o principal lugar em seu coração e pensamentos.

E qual foi a resposta do Senhor a essa enorme ingratidão por parte do seu servo? Será que Deus agora se afastou de Elias, como se não tivesse mais nenhuma consideração por ele? Bem, o Senhor poderia ter feito isso, pois não fazer caso da graça não é um pecado comum. Mas, embora a graça não considere o pecado como coisa simples – como a sequência da história deixará evidente – se o pecado fosse capaz de frustrar a graça, ela deixaria de ser graça. Assim como a graça não se deixa jamais atrair pelo "bom comportamento", assim ela jamais se sente repelida pelo "mau comportamento". E Deus estava agindo com o profeta em graça, soberana

graça. Por essa razão, lemos: “Voltou *segunda* vez o anjo do SENHOR, tocou-o e lhe disse: Levanta-te e come, porque o caminho te será sobremodo longo” (1Rs 19.7). De fato, precisamos exclamar com o salmista: “Pois não desprezou, nem abominou a dor do aflito, nem ocultou dele o rosto” (Sl 22.24). E por quê? Porque Deus é amor, e o amor “é paciente, é benigno [...] não se exaspera [...] tudo suporta” (1Co 13.4-7).

“Voltou segunda vez o anjo do SENHOR”. Como é admirável a paciência do Senhor! “Uma vez falou Deus”, e isso deveria ser suficiente para nós, mas raramente é o que acontece; por isso, se acrescenta: “*duas* vezes ouvi isto: Que o poder pertence a Deus” (Sl 62.11). A primeira vez que o galo cantou, Pedro não prestou atenção; mas, quando “cantou o galo pela *segunda* vez”, “Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera [...] E, caindo em si, desatou a chorar” (Mc 14.72). Misericórdia! Como somos lerdos em responder às iniciativas de Deus: “Segunda vez, a voz lhe falou: Ao que Deus purificou não consideres comum” (At 10.15). “Alegrai-vos sempre no Senhor”: com certeza o cristão não precisa que uma palavra dessas seja repetida! Mas o apóstolo está mais bem informado, e por isso acrescenta: “outra vez digo: alegrai-vos” (Fp 4.4). Que alunos estúpidos nós somos, “quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que vos ensine” (Hb 5.12), e por essa razão precisa ser “regra sobre regra, preceito e mais preceito”![75]

“Voltou segunda vez o anjo do SENHOR”. Parece mais provável que já fosse noite quando o anjo chegou a Elias a primeira vez e lhe ordenou que levantasse e comesse, pois nos é dito que ele “se foi ao deserto, caminho de um dia”, antes de sentar-se debaixo do zimbro. Depois de ter tomado a refeição providenciada por mãos tão nobres, Elias deitou-se outra vez, e a noite estendeu o seu manto sobre as areias quentes. Quando o anjo veio e o tocou pela segunda vez, o dia tinha amanhecido: durante esse tempo de escuridão, o mensageiro celestial vigiava enquanto o profeta exausto dormia. Ah! O amor de Deus não muda nunca; ele não enfraquece e nada o impede! O amor infalível vigia o crente, mesmo nas horas em que ele não sente a sua presença. “[...] tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”,[76] até o fim de todos os seus desvios e da sua indignidade.

“[…] e lhe disse: Levanta-te e come, porque o caminho te será sobremodo longo” (1Rs 19.7). Não percebemos aqui uma gentil repreensão dirigida ao profeta? “O caminho te será sobremodo longo”. Que caminho? Ele não tinha recebido orientação para tomar caminho nenhum! Era um

caminho que ele tomara por conta própria, uma decisão da sua própria vontade. Era um caminho afastado do lugar em que deveria estar, que ele deveria, naquela hora, estar ocupando. É como se esse mensageiro celeste dissesse ao profeta: veja em que dá a sua vontade própria; ela reduziu você à fraqueza e debilidade. Mas, apesar disso, Deus se apiedou de você e lhe supriu uma refeição. Ele não esmagará a cana quebrada nem apagará o pavio que fumega. O Senhor é cheio de terna misericórdia. Ele antevê o esforço físico que você terá de fazer em breve, então: "Levanta-te e come". Elias tinha fixado a mente no distante monte Horebe; e, dessa forma, Deus leva em consideração as suas necessidades, mesmo sendo as necessidades de um servo que fugia às suas responsabilidades, de um filho rebelde. Oh! Que tremendo é o nosso Deus!

Mas existe uma lição prática aqui para cada um de nós, mesmo para aqueles que a graça tem preservado de desviar. "O caminho te será sobremodo longo" (ou, em outra tradução: "a viagem é demasiado longa para ti"). Não apenas o caminho da vida como um todo, mas cada segmento diário dele apresenta exigências acima e além das nossas próprias forças. A fé que se requer, a coragem que se exige, a paciência necessária, as provações que temos de enfrentar, os inimigos por serem vencidos – são "grandes demais" para a simples carne e sangue. O que fazer, então? Comece o dia assim como Elias começou o seu: "Levanta-te e come". Você não se atreve a sair para um dia de trabalho sem primeiro suprir seu corpo com alimento e bebida; e será que a alma é capaz de sair-se melhor sem alimentar-se? Deus não pede que você providencie o alimento espiritual, mas graciosamente o tem colocado ao seu lado. Tudo que ele pede é: "Levanta-te e come", alimente-se do maná celestial, que a sua força será renovada; comece o dia participando do Pão da Vida, que você será inteiramente suprido para as muitas demandas que se farão a suas graças.

"Levantou-se, pois, comeu e bebeu" (1Rs 19.8). Ah! Embora Elias se encontrasse em uma situação lamentável, ainda sobrava nele um lampejo de bom senso! Ele não desprezou a provisão que lhe foi suprida, nem desdenhou do uso dos meios. Embora não se veja nenhum indício de gratidão, nenhuma ação de graças ao gracioso Doador, quando lhe foi dito que comesse, Elias correspondeu obediente. Embora tivesse tomado a questão nas próprias mãos, ele agora não resiste ao anjo. Assim como ele não atentou contra a própria vida, mas pediu ao Senhor que lhe tirasse a vida, em vez de ele mesmo fazê-lo, assim agora ele não se priva deliberadamente do alimento, mas come

aquilo que é colocado diante dele. O justo pode cair, mas ele "não ficará prostrado".77 O pavio pode não queimar com muito brilho, mas a fumaça mostra que o fogo não se apagou totalmente. A vida no crente pode diminuir a um ponto ínfimo, mas, mais cedo ou mais tarde, ela dará provas de que ainda continua ali.

"[...] e, com a força daquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus" (1Rs 19.8). Em sua graça, o Senhor passa por cima das fraquezas daqueles cujo coração é honesto com ele e que sinceramente o amam, embora ainda exista neles aquilo que sempre tentará opor-se ao seu amor. É muito maravilhoso o detalhe particular que temos agora diante de nós: Deus não apenas reavivou a debilitada força do seu servo, mas fez também com que a comida lhe fizesse recobrar o ânimo por um longo tempo. Talvez o cético pergunte: como é que essa simples refeição poderia nutrir o profeta por quase seis semanas? Seria suficiente responder que nos explicasse *como* nossa comida nos supre de energia por um simples dia! Nem mesmo o maior filósofo consegue explicar esse mistério, mas o crente mais simples sabe que isso acontece pelo poder e pela bênção de Deus sobre o alimento. Não importa quanto alimento comemos ou de que tipo seja, se não houver a bênção de Deus sobre ele, não nos servirá de nutrição nenhuma. O mesmo Deus que pode fazer com que uma refeição nos dê energia por 40 minutos pode muito bem fazer, quando bem entender, com que forneça energia por 40 dias.

"Horebe, o monte de Deus" era certamente um lugar fora do comum para Elias ir, pois não existe lugar no mundo onde a presença de Deus tenha sido tão assinaladamente manifesta como ali, pelo menos nos tempos do Antigo Testamento. Foi ali que o SENHOR havia aparecido a Moisés na sarça ardente (Êx 3.1-4). Foi ali que a Lei tinha sido dada a Israel (Dt 4.15), em um fenômeno impressionante. Ali Moisés esteve em comunhão com Deus durante 40 dias e 40 noites. Contudo, embora os profetas e poetas de Israel estivessem acostumados com as imagens mais sublimes dos esplendores e terrores desse local, é estranho dizer que não existe registro nas Escrituras de nenhum israelita visitando esse monte santo desde a época em que foi dada a Lei até quando Elias fugiu para lá, para escapar de Jezabel. Não há como saber se era essa a sua verdadeira intenção no momento em que fugia de Jezabel. Não há como saber ao certo a razão por que ele foi para esse monte. Talvez, como sugere Matthew Henry, tenha sido por causa da sua melancolia, dizendo como Jeremias: "Prouvera a Deus eu tivesse no deserto uma

estalagem de caminhantes! Então, deixaria o meu povo e me apartaria dele" (Jr 9.2).

Por mais estranho que pareça, algumas pessoas pensam que o profeta seguiu pelo deserto em direção ao Horebe porque recebeu instruções do anjo para fazer isso. Mas com certeza essa ideia é refutada pela sequência dos acontecimentos: o Senhor não teria feito duas vezes a inquietante e reprovadora pergunta: "Que fazes aqui, Elias?", se Elias tivesse chegado ali em obediência ao mensageiro celestial. Não duvidamos que os seus passos tenham sido divinamente guiados até ali, pois havia uma evidente conveniência que aquele que era de forma peculiar o reformador se encontrasse com o SENHOR no lugar onde a Lei havia sido promulgada – compare Moisés e Elias aparecendo ao lado de Cristo no monte da transfiguração. Ainda que Elias não tenha chegado ao Horebe por *ordem* de Deus, ele foi direcionado para ali pela Providência secreta de Deus: "O coração do homem traça o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos" (Pv 16.9). E como? Por um impulso interno secreto que não anula a sua liberdade de ação. "Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do SENHOR; este, segundo o seu querer, o inclina" (Pv 21.1) – as águas de um rio fluem livremente, mas o seu curso é determinado pelo Céu!

"Ali, entrou numa caverna, onde passou a noite" (1Rs 19.9). Finalmente, o profeta estava satisfeito com a distância que ficava entre si e aquela que havia jurado vingar a morte dos seus profetas: ali, naquela montanha remota, oculto em alguma caverna escura entre os seus precipícios, ele se sentiu seguro. Não temos nenhuma informação sobre o que ele fez naquela hora. Se ele tentou dedicar-se à oração, podemos estar certos de que ele não tinha nem liberdade para isso, e muito menos prazer em fazê-lo. É mais provável que ele tenha se sentado e refletido sobre as suas inquietações. Se a sua consciência o acusava de ter agido precipitadamente ao fugir de Jezabel – que ele não deveria ter capitulado diante dos seus temores e, em vez disso, deveria ter colocado a sua confiança em Deus e continuado a instruir a nação – vemos na sequência dos acontecimentos que ele deve ter reprimido essas convicções humilhantes, em vez de confessar a Deus o seu fracasso. "O infiel de coração dos seus próprios caminhos se farta" (Pv 14.14). À luz dessa palavra, quem pode duvidar que Elias estava agora ocupado em ter dó de si mesmo e justificando-se, pensando na ingratidão dos seus concidadãos e ofendido com o cruel tratamento por parte de Jezabel?

"[…] e eis que lhe veio a palavra do SENHOR" (1Rs 19.9). Deus já havia

falado pessoalmente com ele em ocasiões anteriores. A palavra do Senhor lhe ordenara que se escondesse junto do ribeiro de Querite (17.2,3). Ela veio outra vez a ele, ordenando-lhe que se dirigisse a Sarepta (17.8,9). E ainda outra vez ela tinha lhe ordenado que se apresentasse a Acabe (18.1). Mas nos parece que aqui temos algo diferente das outras ocasiões. Já que o fugitivo se escondera na caverna, nos é dito: "[…] e *eis* que lhe veio a palavra do SENHOR". Esse termo expressivo não aparece em nenhuma passagem anterior, e o seu uso aqui é o indício do Espírito Santo de que alguma coisa extraordinária está acontecendo. Nessa ocasião, era algo mais do que uma *mensagem* divina que estava sendo comunicada ao ouvido do profeta; o que o profeta estava recebendo agora não era nada menos do que a visita de uma *pessoa divina*. Quem agora interroga o tesbita desviado não é outro senão a segunda Pessoa da Trindade, a eterna "Palavra" (Jo 1.1). Isso fica claro na continuação da frase. Isso é notável e muito solene!

"[…] e eis que lhe veio a palavra do SENHOR e lhe disse: Que fazes aqui, Elias?" (1Rs 19.9). Elias tinha se desviado do caminho do dever, e o seu Senhor sabia disso. O Deus vivo sabe onde estão os seus servos, o que estão e o que não estão fazendo. Ninguém consegue escapar do seu olhar onisciente, pois os seus olhos estão em todo lugar (Pv 15.3). A pergunta do Senhor foi uma repreensão, uma palavra inquiridora dirigida à consciência de Elias. Uma vez que não sabemos qual foi a palavra específica que o Senhor destacou, vamos enfatizar cada uma delas separadamente. "*Que* fazes aqui?": estás fazendo o bem ou o mal? Pois não é possível que alguém fique totalmente inativo, tanto mental como fisicamente! "Que *fazes* aqui?": estás empregando o teu tempo para a glória de Deus e para o bem do seu povo, ou estás desperdiçando o tempo com impacientes resmungos? "Que fazes *(tu)* aqui?": tu que és o servo do Altíssimo, que foste sobremaneira honrado, que recebeste tão claras indicações da sua ajuda e dependeste do Todo-Poderoso para tua proteção! "Que fazes *aqui?*": longe da terra de Israel, longe do trabalho de reforma?

"Ele respondeu: Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida" (1Rs 19.10). À medida que refletimos nessas palavras, discordamos dos comentaristas, cuja maioria critica severamente o profeta por tentar desculpar-se e jogar a culpa nos outros. O que nos impressiona, em primeiro lugar, é a sinceridade de Elias. Não houve desculpas nem subterfúgios; em

vez disso, ele franca e sinceramente explicou a sua conduta. É verdade que o que ele expôs não é razão suficiente para a sua fuga, mas o que ele disse era a declaração verdadeira de um coração honesto. Será proveitoso, tanto para este escritor como para o leitor, se pudermos sempre dar um relatório tão bom a nosso respeito quando desafiados pelo Deus santo. Se fôssemos tão abertos e francos com o Senhor como Elias o era, poderíamos esperar que o Senhor lidasse conosco tão graciosamente como o fazia com ele; pois veja que o profeta não foi repreendido por Deus em resposta à sua franqueza.

"Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos" era uma declaração que retratava a realidade. Elias não tinha recuado diante do serviço mais difícil e perigoso para o seu Senhor e para o seu povo. O motivo de ele ter fugido de Jezabel não foi porque o seu zelo tinha se esfriado.

"[...] porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada". Elias tinha ficado profundamente angustiado vendo quão gravemente o Senhor tinha sido desonrado pela nação que era chamada pelo seu nome. A glória de Deus situava-se bem junto do seu coração, e ele ficou profundamente inquieto ao ver as leis de Deus sendo transgredidas, a sua autoridade escarnecida, a sua adoração desprezada, a reverência do povo sendo entregue aos ídolos insensíveis, e o seu consentimento tácito ao assassinato dos servos de Deus.

"[...] e eu fiquei só". Ele havia, pondo sua própria vida em perigo, trabalhado duro para dar fim à idolatria de Israel e para restaurar a nação, mas sem êxito nenhum. Até onde conseguia ver, ele tinha trabalhado em vão e gasto suas forças à toa.

"[...] e procuram tirar-me a vida": de que adianta, então, perder mais tempo com um povo tão teimoso e impassível?

---

75 Isaías 28.10,13.
76 João 13.1.
77 Salmo 37.24.

CAPÍTULO 27

UMA VOZ TRANQUILA E SUAVE

“Disse-lhe Deus: Sai e põe-te neste monte perante o SENHOR. Eis que passava o SENHOR; e um grande e forte vento fendia os montes e despedaçava as penhas diante do SENHOR, porém o SENHOR não estava no vento; depois do vento, um terremoto, mas o SENHOR não estava no terremoto; depois do terremoto, um fogo, mas o SENHOR não estava no fogo; e, depois do fogo, um cicio [voz] tranquilo e suave” (1Rs 19.11,12). Elias foi agora chamado a testemunhar uma extraordinária e imponente demonstração do poder de Deus. Embora breve, a descrição da cena que nos é dada aqui é tão gráfica, que qualquer palavra nossa só serviria para diminuir o seu vigor. O que pretendemos, em vez disso, é averiguar o sentido e a mensagem dessa sublime manifestação de Deus: a sua mensagem a Elias, a Israel, e a nós mesmos. Oh! Que nossos olhos sejam ungidos para discernir, nosso coração seja tão influenciado para apreciar, nossos pensamentos controlados pelo Espírito Santo, e nossa escrita dirigida para a glória do Altíssimo e para a bênção do seu amado povo!

Na busca pelo significado espiritual daquilo que o profeta testemunhou aqui no monte, nós precisamos considerar, em primeiro lugar, a cena em conexão com aquilo que a precedeu, tanto na história de Israel como na experiência do próprio Elias. Depois, precisamos considerá-la em relação ao que imediatamente se segue, pois sem dúvida existe uma íntima conexão entre as espantosas cenas descritas nos versículos 11 e 12 e a solene mensagem contida nos versículos 15 a 18, servindo esta para interpretar aquelas. Finalmente, precisamos examinar esse incidente impressionante à luz da analogia da fé, as Escrituras como um todo, pois uma parte das Escrituras serve para explicar a outra. É à medida que nos familiarizamos com os “caminhos” de Deus, conforme são revelados em sua Palavra, que somos capazes de penetrar de forma mais inteligente no significado dos seus “feitos” (Sl 103.7).

Como, então, devemos considerar essa manifestação de Deus sobre o monte com respeito ao próprio Elias? Primeiro, Deus tratando com ele em *graça*. Isso fica evidente por meio do contexto. Ali vemos a comovente reação de Deus para com o fracasso do seu servo. Longe de abandoná-lo na

hora da sua fraqueza e necessidade, o Senhor ministrou a ele de forma ainda mais terna, exemplificando a preciosa promessa: “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o SENHOR se compadece dos que o temem” (Sl 103.13). Elias *temia* o Senhor; e, embora a sua fé estivesse naquele momento ofuscada, o Senhor não lhe voltou as costas. Foi-lhe concedido sono; um anjo supriu-lhe comida e bebida; foi-lhe comunicada força sobrenatural ao corpo, de forma que se viu capacitado a passar 40 dias e 40 noites sem nenhuma outra refeição. E quando ele chegou à caverna, o próprio Cristo, a eterna Palavra, postou-se diante dele em uma manifestação teofânica. Que tremendos favores foram esses! Que provas são essas de que teremos de prestar contas àquele que é “o Deus de toda a graça”![78]

Alguém pode argumentar, com razão, a respeito daquilo que acabamos de dizer, que Elias menosprezou essa graça: em vez de deixar-se comover por ela, permaneceu insolente e irado; em vez de confessar o seu fracasso, tentou justificar-se por ter abandonado seu posto de trabalho. Mesmo que seja assim, e daí? Não está o Senhor ensinando aqui a esse profeta teimoso uma lição necessária? Não apareceu ele diante de Elias de forma aterrorizante com o propósito de reprová-lo? Não é assim que entendemos este incidente. Aqueles que pensam dessa maneira devem ter pouca familiaridade experimental com a tremenda graça de Deus. Ele não é instável e variável como nós o somos. Ele não lida conosco uma hora de acordo com sua benignidade compassiva e, em outra hora, conforme nossos perversos desvios. Quando Deus *começa* a tratar com graça algum dos seus eleitos, ele *continua* tratando-o com graça, e nada que exista na criatura pode impedir o fluxo da sua bondade.

Não é possível examinar as maravilhas que ocorreram aqui no Horebe sem ver nelas uma referência intencional às terríveis solenidades do Sinai com seus “trovões e relâmpagos”, quando o Senhor desceu “sobre ele em fogo [...] e todo o monte tremia grandemente” (Êx 19.16,18). Contudo, perderemos a força da alusão, a não ser que observemos com cuidado as palavras: “o SENHOR *não* estava no vento”, “o SENHOR *não* estava no terremoto”, “o SENHOR *não* estava no fogo”. Deus não estava lidando com Elias com base na aliança da lei. Essa negativa tripla é o Espírito Santo nos dizendo que Elias não tinha “chegado ao fogo palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade” (Hb 12.18). Em vez disso, dirigiu-se ao profeta com “uma voz mansa e delicada”, o que era uma clara indicação de que ele tinha “chegado ao monte Sião” (Hb 12.22) – o Monte da graça. O fato de o SENHOR revelar-se dessa forma a Elias era uma indicação do favor

divino, outorgando-lhe o mesmo sinal distintivo que ele havia concedido a Moisés naquele mesmo lugar, quando Deus lhe mostrou a sua glória e fez com que passasse diante de Moisés toda a sua bondade.79

Em segundo lugar, o método que o Senhor escolheu para tratar com o seu servo nesta ocasião tinha como propósito *instruí-lo*. Elias estava desanimado com o fracasso da sua missão. Ele tinha sido zeloso pelo Senhor Deus dos Exércitos; mas o que resultara de todo o seu zelo? Ele tinha orado como provavelmente ninguém antes dele jamais orou, mas, embora tivessem acontecido milagres em resposta a essas orações, não aconteceu aquilo que mais era caro ao seu coração. Acabe ficou totalmente insensível a tudo que tinha testemunhado. A nação não foi recuperada para Deus. Jezabel se mantinha hostil como sempre. Parecia que Elias estava inteiramente só, e os seus maiores esforços foram infrutíferos. Apesar de todo o seu esforço, o inimigo ainda triunfara. Por essa razão, o Senhor apresenta ao seu servo uma lição objetiva. Por meio de solenes exibições do seu tremendo poder, ele recordou a Elias que ele não está preso a nenhum agente para executar os seus desígnios. Todos os elementos estão ao seu dispor quando ele deseja usá-los: um método mais brando e um agente mais suave, se assim ele quiser.

Era natural que Elias chegasse à conclusão de que o trabalho todo deveria ser feito por ele mesmo, chegando com toda a intensidade de um forte vento; e que, sob a influência de Deus, todos os obstáculos fossem varridos – a idolatria abolida e a nação trazida de volta para adorar a Yahweh. O Senhor agora graciosamente faz o profeta saber que ele tem outras flechas em sua aljava que ele haverá de desferir no tempo certo. O “vento”, o “terremoto”, o “fogo” têm cada um sua parte apropriada, e abrem caminho de forma mais distintiva e efetiva para o ministério mais suave da “voz mansa e delicada”. Elias era apenas um agente dentre vários outros. “Um é o semeador, e outro é o ceifeiro” (Jo 4.37). Elias tinha desempenhado a sua parte, e em breve seria grandemente recompensado por sua fidelidade. E ele também não tinha trabalhado em vão; apesar disso, outra pessoa entraria no seu trabalho. Quão gracioso é saber que é dessa forma que o Senhor envolve os seus servos em seus segredos!

“Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am 3.7). Foi exatamente isso o que ocorreu ali no Horebe. Por meio daquilo que poderíamos chamar de “parábola panorâmica”, Deus revelou o futuro a Elias. Nela, descobrimos a influência desse notável incidente sobre Israel. Na sequência imediata,

vemos o Senhor ordenando a Elias que ungisse Hasael sobre a Síria, Jeú sobre Israel, e Eliseu como profeta em seu lugar, assegurando-lhe: “Quem escapar à espada de Hazael, Jeú o matará; quem escapar à espada de Jeú, Eliseu o matará” (1Rs 19.17). Na obra desses homens, podemos perceber o sentido profético do solene fenômeno que Elias contemplara – eram símbolos das horríveis calamidades com que Deus castigaria a nação apóstata. Portanto, o forte “vento” era uma figura da obra de juízo que Hazael executou contra Israel, quando ele pôs fogo às suas fortalezas e matou à espada os seus jovens (2Rs 8.12); o “terremoto” era uma figura da revolução que ocorreu com Jeú, quando ele destruiu completamente a casa de Acabe (2Rs 9.8-10); e o “fogo” era a obra de juízo completada por Eliseu.

Em terceiro lugar, o incidente como um todo tinha o objetivo de *consolar* Elias. De fato, eram terríveis os juízos que haveriam de cair sobre o Israel culpado, mas mesmo na sua ira o SENHOR se lembraria da sua misericórdia. A nação escolhida não seria totalmente exterminada, e por essa razão o Senhor graciosamente assegurou ao seu servo desanimado: “Também conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou” (1Rs 19.18). Assim como o “forte vento”, o “terremoto” e o “fogo” eram prenúncios emblemáticos dos juízos que Deus em breve enviaria sobre o seu povo idólatra, assim a “voz mansa e delicada” que os seguiu antecipava a *misericórdia* que ele tinha reservado para depois de a sua “obra estranha” ter sido executada. Pois lemos que, depois de Hazael ter oprimido Israel todos os dias de Jeoacaz, “o SENHOR teve misericórdia de Israel, e se compadeceu dele, e se tornou para ele, por amor da aliança com Abraão, Isaque e Jacó; e não o quis destruir e não o lançou ainda da sua presença” (2Rs 13.23). Outra vez dizemos: quão gracioso, da parte do Senhor, fazer Elias conhecer as “coisas vindouras”, e dessa forma dar-lhe a entender qual seria o resultado dos seus labores!

Se considerarmos as notáveis ocorrências do Horebe à luz de toda a Escritura, descobriremos que eram indicação e ilustração de um dos princípios gerais do governo de Deus neste mundo. A ordem ou sequência das manifestações divinas diante de Elias foi análoga ao teor geral dos procedimentos de Deus. Quer seja com respeito a um povo ou a um indivíduo, é normal que a concessão das misericórdias de Deus sejam precedidas por impressionantes demonstrações do poder e do desagrado de Deus contra o pecado. Primeiro, as pragas sobre o Egito e a destruição de Faraó e seus exércitos no mar Vermelho, e, depois, a libertação dos hebreus.

A majestade e o poder de Yahweh demonstrados no Sinai, e, depois, a bendita proclamação: "SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado" (Êx 34.6,7).

Em quarto lugar, o método que o Senhor seguiu nesta ocasião tinha como objetivo *equipar Elias para outro trabalho*. A "voz mansa e delicada", falando quieta e gentilmente, tinha como objetivo acalmar e tranquilizar-lhe o espírito perturbado. Ela evidenciou uma vez mais a bondade e a ternura do Senhor, que pretendia abrandar a frustração de Elias e animar-lhe o coração. Quando a alma retorna à segurança do amor do seu Senhor, o servo se vê encorajado para enfrentar novos perigos e obstáculos por amor a ele e a atracar-se com qualquer tarefa que ele possa designar-lhe.

Foi assim também que ele tratou com Isaías. Primeiro, humilhou-o com uma visão da sua glória, que tornou o profeta consciente da sua total pecaminosidade e insuficiência, e, depois, assegurou-lhe a remissão dos seus pecados. Em consequência disso, Isaías avançou para uma difícil missão (Is 6.1-12). A sequência aqui mostra que os meios usados pelo Senhor foram igualmente eficazes com Elias; ele recebeu uma nova comissão e obedientemente a executou.

"Ouvindo-o Elias, envolveu o rosto no seu manto e, saindo, pôs-se à entrada da caverna" (1Reis 19.13). Isso é extraordinário. Pelo que conseguimos apreender do registro inspirado, Elias permaneceu imóvel diante das várias demonstrações de poder do SENHOR (vento, terremoto e fogo), embora fossem amedrontadores – com certeza uma clara indicação de que a sua consciência não estava carregada de culpa! Mas quando ouviu a voz tranquila e suave, comoveu-se de imediato. O Senhor se dirigiu ao seu servo não de forma raivosa e austera, mas com gentileza e ternura, para mostrar-lhe quão compassivo e gracioso era o Deus com quem Elias teria de lidar, e isso lhe tocou o coração. A palavra hebraica traduzida como "tranquilo" é a mesma empregada no Salmo 107.29: "(Deus) Fez cessar a tormenta".

O ato de Elias encobrir o rosto com o seu manto sinalizou duas coisas: (1) a sua reverência para com a majestade de Deus e (2) um senso da sua própria indignidade – da mesma forma que os serafins são descritos cobrindo o rosto na presença do Senhor (Is 6.2,3). Quando Abraão se encontrou na presença de Deus, disse: "Eu sou pó e cinza" (Gn 18.27). Quando Moisés o

contemplou na sarça ardente, “escondeu o rosto” (Êx 3.6).

São muitas e proveitosas as lições para nós nesse extraordinário incidente.

Em primeiro lugar, podemos observar que *a maneira de Deus agir é inesperada*. Se perguntássemos qual seria a maneira mais provável pela qual Deus haveria de falar com Elias – se por meio do forte vento e do terremoto ou por meio da voz tranquila e suave – acreditamos que a grande maioria optaria pelos dois primeiros. E não é dessa forma que acontece em nossa própria experiência espiritual? Nós lhe suplicamos fervorosamente que nos conceda uma segurança mais definida e firme da nossa aceitação em Cristo, e achamos que a sua resposta será uma espécie de choque elétrico na alma ou alguma visão extraordinária; mas, ao contrário, ela vem por meio da suave voz do Espírito Santo que testemunha com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Em outra ocasião, suplicamos a Deus crescimento na graça e esperamos que sua resposta venha em forma de um maior senso da sua presença; mas ele silenciosamente nos faz ver mais da depravação oculta do nosso coração. Sim, muitas vezes Deus faz o inesperado na sua maneira de lidar conosco.

Em segundo lugar, *a preeminência da Palavra.* Se quisermos reduzir a uma só palavra os variados fenômenos testemunhados por Elias no monte, podemos dizer que tudo foi uma questão de Deus *falar* com ele. Quando as Escrituras dizem que “O Senhor não estava” no vento, no terremoto e no fogo, temos de entender que não foi por meio *deles* que Deus se dirigiu ao coração do profeta; em vez disso, foi por meio do “cicio [voz] tranquilo e suave”. Com respeito a esse último agente como o emblema da Palavra, encontramos a confirmação no impressionante fato de que a palavra hebraica “suave” é a mesmíssima usada em Êxodo 16.14, “uma coisa *fina*”, e nem é preciso dizer que o maná, por meio do qual o Senhor alimentou Israel no deserto, era um tipo do alimento que ele provê para nossa alma. Embora a maravilhosa sabedoria e o imenso poder de Deus se manifestem na criação, contudo não é por meio da natureza que se consegue entender e conhecer a Deus, e sim por meio da Palavra aplicada pelo seu Espírito.

Em terceiro lugar, no fenômeno do monte, podemos perceber *uma impressionante ilustração do vívido contraste* entre a Lei e o Evangelho. O vento que rebentava as rochas, o terremoto e o fogo eram figuras da Lei que produz terror (como se pode ver pela sua presença no Sinai), mas o “cicio [voz] tranquilo e suave” era um emblema adequado do “Evangelho da paz”

que acalmou o peito atribulado. Assim como o arado e a grade são necessários para revolver a terra endurecida a fim de prepará-la para a semente, assim também o senso da majestade, da santidade e da ira de Deus são os arautos que nos preparam para apreciar de fato a sua graça e amor. Os desatentos têm de ser despertados, a alma tem de tornar-se ciente do perigo que corre, a consciência tem de ser convencida da corrupção do pecado, antes de haver qualquer conversão a Deus e fuga da ira vindoura. Embora essas experiências não salvem, elas preparam o caminho, assim como o ministério de João Batista preparou os homens para que contemplassem o Cordeiro de Deus.

Em quarto lugar, por meio desse incidente, podemos ver uma figura da *maneira como Deus normalmente lida com as pessoas*, pois ele costuma usar a Lei antes do Evangelho. A despeito do que se diz atualmente, continuo crendo que é costume do Espírito Santo ferir antes de curar, sacudir a alma por sobre o inferno antes de comunicar-lhe alguma esperança do céu, levar o coração ao desespero antes de ser trazido a Cristo. A satisfação própria precisa ser duramente abalada e os trapos da justiça própria precisam ser arrancados se é que o coração deva ser enchido de profundo senso de necessidade. Os hebreus tiveram de ser colocados debaixo do chicote dos seus senhores e levados a gemer nos fornos de tijolos, antes que desejassem ser libertos do Egito. O homem tem de saber que está completamente perdido, antes que suplique por salvação. O vento e o fogo têm de fazer seu trabalho, antes de podermos apreciar "os vivas de júbilo" (Sl 89.15). É preciso que a sentença de morte seja lavrada sobre nós, antes que nos tornemos a Cristo em busca de vida.

Em quinto lugar, com frequência esse é *o método de Deus de responder às orações.* É comum os cristãos esperarem que Deus lhes responda as petições com sinais impressionantes e maravilhas espetaculares; e, pelo fato de não serem concedidos dessa forma, concluem que ele não lhes presta atenção. Mas a presença e o poder de Deus não devem ser avaliados por meio de manifestações anormais e visitações extraordinárias. As maravilhas de Deus raramente são operadas com barulho e impetuosidade. Qual é o ouvido que consegue detectar o som do orvalho que cai? A vegetação cresce silenciosamente, contudo cresce de fato. Quer seja na graça, quer na natureza, Deus trabalha normalmente de forma suave, em silêncio, de forma imperceptível, exceto pelos efeitos que se produzem. A fidelidade e a devoção a Deus não se encontram tanto onde existe grande agitação e

sensacionalismo. A bênção do Senhor está presente no discreto e perseverante uso dos meios que ele apontou; meios esses que não chamam a atenção nem da pessoa vulgar nem da carnal.

Em sexto lugar, esta cena no Horebe contém *uma mensagem adequada para os pregadores.* Quantos ministros do Evangelho se desanimam, ainda que com muito menos motivos do que Elias. Eles têm sido incansáveis no trabalho, zelosos pelo Senhor, fiéis na pregação da Palavra, contudo sem resultado algum, não há resposta, parece que tudo é em vão. Mesmo assim, admitido que esse seja o caso, e daí? Procure se firmar sempre de novo na grande verdade de que o propósito do Senhor não falhará, e esse propósito inclui o *amanhã* tanto como o hoje! O Altíssimo não está restrito a nada nem a ninguém. Elias pensou que o trabalho todo tinha de ser feito por meio dele, mas aprendeu que ele era apenas um fator dentre vários. Faça a sua parte onde quer que Deus o coloque: passe o arado no campo e lance a semente, e embora você não veja fruto nenhum, quem sabe não virá depois de você um Eliseu que faça a colheita.

Em sétimo lugar, encontramos aqui uma solene advertência para os que ainda não estão salvos. Não se zomba de Deus impunemente. Embora Deus seja longânimo, há um limite para a sua paciência. Aqueles que não aproveitaram o seu dia de visitação e a oportunidade sob o ministério de Elias provaram quão terrível coisa é desprezar os alertas de Deus. A misericórdia foi seguida de juízo drástico e devastador. As fortalezas de Israel foram destruídas e os seus jovens assassinados ao fio da espada. Será essa a terrível sorte da presente geração? Terá sido ela destinada por Deus para a destruição? Cada vez mais parece que assim é. As multidões foram vencidas por um espírito de loucura. Os mais solenes prenúncios da tempestade que se aproxima não são levados em consideração de forma ostensiva. As palavras dos servos de Deus são ignoradas ou chegam a ouvidos surdos. Oh! Leitores que ainda não foram salvos! Corram para Cristo sem mais demora, antes que o dilúvio da ira de Deus os afogue a todos!

---

78 1Pedro 5.10.
79 Êxodo 34.5-8.

CAPÍTULO 28

ELIAS É RESTAURADO

O fracasso de Elias era de natureza diferente do fracasso de Jonas. Ele não cometeu nenhum erro moral ao deixar Jezreel; pelo contrário, a sua conduta estava de acordo com a instrução de Cristo aos seus discípulos: “Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra” (Mt 10.23). Eles não deveriam expor-se imprudentemente ao perigo, mas, se pudessem fazê-lo de maneira honrada, deveriam evitá-lo e dessa forma preservarem-se para o serviço futuro – da mesma forma que inúmeros reformadores e membros do seu rebanho buscaram refúgio no continente europeu nos dias da perversa Rainha Maria. Deus não tinha dado a Elias nenhuma ordem expressa para que permanecesse em Jezreel e continuasse a obra de reforma, e “onde não há lei, também não há transgressão” (Rm 4.15). Era mais o caso de o Senhor testar o seu servo com “circunstâncias”, deixando-o por conta de si mesmo, para nos mostrar o que estava em seu coração, permitindo-lhe o exercício da sua própria capacidade de avaliar e para seguir as suas próprias inclinações. Se houvesse algo mais envolvido nessa situação, se o profeta fosse culpado de desobediência deliberada, a maneira de o Senhor tratar com ele em Horebe teria sido bem diferente do que na realidade foi.

O que dissemos acima não tem o propósito de desculpar Elias, mas pretende enxergar a sua falha em admitir uma perspectiva justa. Algumas pessoas têm exagerado de modo injusto o seu fracasso, culpando-o de algo que não pode, com justiça, ser computado contra ele. Nós certamente cremos que ele cometeu um erro lamentável ao desertar seu posto de serviço para o qual “a mão do Senhor” o havia trazido (1Rs 18.46), pois ele não recebeu do seu Senhor nenhuma palavra para sair dali. Nem podemos justificar a sua impaciência debaixo do zimbro e o seu pedido que o Senhor lhe tirasse a vida – *isso* é algo que Deus decide, e nunca cabe a nós fazê-lo. Além disso, a pergunta que lhe foi dirigida duas vezes em Horebe: “Que fazes aqui, Elias?” evidentemente envolvia uma delicada repreensão, embora fosse mais um erro de avaliação que ele tivesse cometido do que um pecado do coração. Ele tinha sentido a liberdade de exercer o seu próprio arbítrio e de agir de acordo com os ditames dos seus próprios sentimentos. Deus permitiu isso para que pudéssemos saber que, no momento em que ele retira a sua mão sustentadora,

mesmo os homens mais fortes de caráter são fracos como a água.

Nós acabamos de ver com quanta ternura o SENHOR tratou o seu servo errante no deserto; vamos agora contemplar a graça que ele teve para com Elias no Horebe. Isso nos lembra muito a experiência do salmista: ele reconheceu que o Senhor, que era o seu Pastor, não apenas o fez repousar em pastos verdejantes, mas também lhe restaurou a alma (Sl 23.2,3). Aquele que revigorou e alimentou o seu servo debaixo do zimbro agora o restaura das suas queixas inúteis, corrige os seus desvios e o promove a uma posição de honra em seu serviço. Elias foi incapaz de restaurar-se a si mesmo, e não havia ser humano que pudesse tê-lo libertado da depressão profunda; de forma que, quando não havia ninguém mais que pudesse ter dó dele, o Senhor se compadeceu dele. E não é assim que acontece, de vez em quando, na experiência de todos os servos e do povo de Deus? Aquele que primeiro nos libertou de um terrível abismo continua a cuidar de nós, e, quando nos desviamos dele, nos restaura a alma e nos conduz de volta às veredas da justiça.

"Disse-lhe o SENHOR: Vai, volta ao teu caminho para o deserto de Damasco" (1Rs 19.15). "O profeta estava lamentando o fracasso de todos os seus esforços para glorificar a Deus, e a obstinada determinação do seu povo de permanecer em sua apostasia. Essa foi a maneira como ele gastou seu tempo na caverna em Horebe, remoendo a sua frustração, fustigando a si mesmo ao refletir sobre a conduta do povo. Um lugar solitário, com nada para fazer, é bem apropriado para um estado de espírito desses; ele o nutre, mas nunca poderá curá-lo; dessa forma, Elias poderia ter sucumbindo a uma forte melancolia ou mesmo a uma loucura delirante. A única esperança para pessoas nesse tipo de situação é saírem da sua toca solitária e se ocuparem ativamente em alguma ocupação útil e benevolente. Esta é a melhor cura para a melancolia: dedicar-se a fazer alguma coisa que requer esforço físico e que vai beneficiar aos outros. Por essa razão, Deus guiou Elias a deixar essa atual residência solitária, que apenas aumentava a tristeza e irritação do seu espírito, e assim ele lhe deu uma comissão para executar uma longa jornada" (John Simpson).

"Disse-lhe o SENHOR: Vai, *volta* ao teu caminho para o deserto de Damasco" (1Rs 19.15). Essa é a direção que Deus segue quando ele restaura a alma de um desviado do seu povo, levando-o a refazer as suas pegadas e retornar ao lugar de trabalho. Quando Abraão deixou o Egito – para onde ele tinha "descido" no tempo da fome (Gn 12.10) – lemos o seguinte: "Fez as

suas jornadas do Neguebe até Betel, até ao lugar onde primeiro estivera a sua tenda" (Gn 13.3). Quando a Igreja em Éfeso "abandonou o seu primeiro amor", a mensagem de Cristo a ela foi: "Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras" (Ap 2.5). Dessa mesma forma, Elias precisa voltar pelo mesmo caminho por onde veio, pelo deserto da Arábia, que fazia parte do trajeto que ele teria de fazer em seu caminho a Damasco. Essa ainda é a palavra de Deus às suas ovelhas desgarradas: "*Volta*, ó pérfida Israel, diz o SENHOR, e não farei cair a minha ira sobre ti, porque eu sou compassivo" (Jr 3.12).

Quando Pedro se arrependeu do seu grande pecado, o Senhor não apenas o perdoou, mas confirmou a missão confiada ao seu servo: "Pastoreia as minhas ovelhas" (Jo 21.16). Assim também aqui, o Senhor não apenas restaurou a alma do profeta, mas lhe indicou um novo trabalho em seu serviço. "[...] e, em chegando lá, unge a Hazael rei sobre a Síria" (1Rs 19.15). Foi uma grande honra que o SENHOR conferiu a Elias, do tipo que ele tinha concedido a Samuel (1Sm 16.13). Como é gracioso o nosso Deus! Como ele lida pacientemente com nossas fraquezas! Perceba como essas passagens ensinam que os reis governam não por causa do povo, mas por determinação de *Deus* (Pv 8.15). "[...] não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas"; e, por essa razão, ele nos ordena: "Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores" (Rm 13.1). Nesta era "democrática", é necessário que os ministros do Evangelho deem especial destaque a esta verdade: "Sujeitai-vos a toda instituição humana *por causa do Senhor*, quer seja ao rei, como soberano, quer às autoridades, como enviadas por ele, tanto para castigo dos malfeitores como para louvor dos que praticam o bem" (1Pe 2.13,14). Paulo disse a Tito: "Lembra-lhes que se sujeitem aos que governam, às autoridades" (Tt 3.1).

"A Jeú, filho de Ninsi, ungirás rei sobre Israel" (1Rs 19.16). Ninguém pode reinar, exceto aqueles a quem Deus constitui como reis, e eles reinam apenas durante o tempo que o Senhor quiser. Essa "unção" ou esse derramamento de óleo proclamava que Deus os tinha designado para a sua função e anunciava a qualificação de que precisavam para executar o seu trabalho. O Senhor Jesus, que foi ungido "com o Espírito Santo" (At 10.38), reuniu em si mesmo as funções de profeta, sacerdote e rei, as únicas pessoas que deviam ser ungidas nas Escrituras. Pessoas ímpias têm levantado uma dificuldade com respeito ao presente versículo, dizendo que Jeú não foi ungido por Elias, mas por um profeta jovem sob a orientação de Eliseu (2Rs

9.1-6). Essa dificuldade pode ser resolvida de duas formas. Em primeiro lugar, Jeú pode ter sido ungido *duas vezes*, como o foi Davi (1Sm 16.13; 2Sm 2.4); ou, da mesma forma que Jesus "[...] fazia e batizava mais discípulos que João (se bem que Jesus mesmo não batizava, e sim os seus discípulos)" (Jo 4.1,2), assim se diz que Jeú foi ungido por Elias porque aquilo que aconteceu em 2Reis 9 ocorreu conforme *as suas ordens*.

"[...] e também Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, ungirás profeta em teu lugar" (1Rs 19.16). Aqui foi concedido um favor adicional a Elias, que ele tivesse a honra singular de consagrar o seu sucessor. O que havia sufocado o espírito do tesbita era o fracasso dos seus esforços: parecia que nenhum efeito tinha sido produzido na nação idólatra; parecia que só ele estava preocupado com a glória do Senhor Deus, e agora a sua própria vida estava em perigo. Como o seu coração deve ter sido confortado quando Deus lhe assegurou que outro homem tinha sido indicado para continuar a missão que ele tinha executado com tanto zelo! Até aquele momento, não havia ninguém que o ajudasse, mas na hora do seu desânimo Deus lhe concede companhia apropriada e um sucessor. Sempre tem sido uma grande consolação aos ministros piedosos e para os seus rebanhos pensar que Deus jamais deixará faltar instrumentos para fazer avançar a sua obra, que, quando *eles* são removidos, *outros* serão levantados para continuar. Uma das mais tristes e mais solenes características deste nosso tempo degenerado é que as fileiras dos justos recebem tantas baixas e raramente são levantados outros para preencher os seus lugares. É isso que torna o panorama duplamente sombrio.

"Quem escapar à espada de Hazael, Jeú o matará; quem escapar à espada de Jeú, Eliseu o matará" (1Rs 19.17). Elias tinha agido com fidelidade, mas Israel tinha de ser tratado também por meio de outros agentes. Os três homens que ele tinha de ungir, cada um por seu turno, trariam juízo sobre a terra. Deus estava infinitamente mais zeloso por sua própria honra do que o seu servo poderia estar, e ele de forma alguma abandonaria a sua causa nem permitiria que os seus inimigos triunfassem como temia o profeta. Mas preste atenção na *variedade* dos instrumentos que Deus se agradou em usar: Hazael, rei da Síria; Jeú, o rude capitão de Israel; e Eliseu, um jovem fazendeiro. Como eram grandes as diferenças entre si! E, contudo, cada um era necessário para alguma obra especial em conexão com aquele povo idólatra naquela época. Ah! "Não podem os olhos dizer à mão: Não precisamos de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não preciso de vós" (1Co

12.21). Sim, da mesma forma que os menores e mais frágeis membros do corpo executam as funções mais úteis e essenciais, assim muitas vezes é por meio dos homens mais iletrados e menos qualificados que Deus efetua as principais proezas no seu reino.

Devemos também perceber como Deus exerce a sua soberania nos instrumentos que emprega. Nem Hazael nem Jeú eram homens piedosos. O primeiro chegou ao trono assassinando de forma vil o seu predecessor (2Rs 8.15), ao passo que deste último nós lemos: "Mas Jeú não teve cuidado de andar de todo o seu coração na lei do SENHOR, Deus de Israel, nem se apartou dos pecados que Jeroboão fez pecar a Israel" (2Rs 10.31). Muitas vezes é o caminho de Deus fazer uso dos homens ímpios para tratar aqueles que provaram favores especiais das suas mãos, mas os menosprezaram. Na verdade é notável como o supremo Deus executa o seu propósito por meio de homens cujo único pensamento é satisfazer os seus próprios desejos malignos. É verdade que o pecado deles nem é *atenuado* nem *desculpado* pelo fato de estarem executando os decretos do Céu; sem dúvida, eles são considerados responsáveis pelo mal que fazem, mas só fazem aquilo que a mão e o conselho de Deus determinaram que fosse feito, servindo como seus agentes para infligir juízo sobre o seu povo apóstata.

"Quem escapar à espada de Hazael, Jeú o matará; quem escapar à espada de Jeú, Eliseu o matará" (1Rs 19.17). Isso é extremamente solene. Embora Deus suporte "com muita longanimidade" os vasos de ira preparados para a destruição, existe um limite para a sua paciência. "O homem que muitas vezes repreendido endurece a cerviz será quebrantado de repente sem que haja cura" (Pv 29.1). Deus suportou por longo tempo aquele terrível insulto à sua majestade, mas os adoradores de Baal em breve descobririam que a sua ira era tão grande quanto o seu poder. Eles tinham sido fielmente advertidos: por três anos e meio haveria uma terrível seca e fome em sua terra. Um milagre notável tinha sido operado no Carmelo, mas apenas uma impressão passageira tinha se formado no povo. E agora Deus anuncia que a "espada" haveria de fazer a sua obra profundamente aterrorizante, até que a terra se visse completamente purgada desse grande mal. E isso foi registrado para que todas as gerações futuras o considerem! O Senhor não mudou; mesmo enquanto escrevemos, os seus juízos se manifestam sobre a maior parte do mundo. Oh! Que as nações prestem atenção à sua voz antes que seja tarde demais!

"Também conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se

dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou" (1Rs 19.18). Discordamos categoricamente da interpretação que a grande maioria dos comentaristas dá a este versículo. Eles veem nele uma reprovação de Deus ao sombrio pessimismo do profeta, supondo que essa era a resposta de Deus à sua desanimada frase "e eu fiquei só", quando na realidade havia uma multidão em Israel que se recusou a participar da idolatria do povo. Há várias razões que não podemos aceitar esse ponto de vista. Poderia haver de fato milhares em Israel que permaneceram leais ao SENHOR, e, contudo o profeta ignorasse totalmente que eles existiam? Não é de surpreender que um conhecido escritor tenha dito: "Muitas vezes tenho me admirado ao pensar como esses 7.000 discípulos secretos conseguiram ficar tão escondidos ao ponto de não serem conhecidos pelo seu grande líder: o aroma das rosas sempre trairá a sua presença, por mais que as escondamos". Mas ele cria a sua própria dificuldade. Além disso, esse ponto de vista está em total desarmonia com o contexto; por que, depois de conceder honra ao profeta, deveria o Senhor subitamente reprová-lo?

O leitor atento perceberá que a tradução alternativa do texto "Também conservei em Israel sete mil" diz assim: "Também hei de conservar para mim sete mil".80 A língua hebraica permite as duas versões, mas preferimos a última, pois ela não apenas remove a dificuldade do desconhecimento de Elias (que a forma anterior necessariamente subentende), mas está muito mais de acordo com o contexto. O Senhor estava graciosamente consolando o seu servo desanimado. Em primeiro lugar, o Senhor informou ao profeta que outra pessoa tomaria o seu lugar e daria prosseguimento à sua missão. Depois, o Senhor declarou que ele não estava de forma alguma indiferente à terrível situação, mas trataria em breve de exercer o seu juízo sobre ela. E agora ele assegura a Elias que, apesar de Israel ser visitado por um juízo sumário, ele não destruiria a todos, mas preservaria um remanescente para si mesmo. Também Romanos 11.4 de forma alguma entra em conflito com isso, desde que mudemos a palavra "resposta" por "oráculo" (conforme requer o grego!), pois Deus não estava contestando uma objeção, mas estava fazendo Elias saber as coisas que haveriam de acontecer.

Dessa forma, pode-se ver que nosso ponto de vista é inteiramente diferente da interpretação popular não apenas do versículo 18, mas de toda passagem. Todos os escritores que consultamos consideram esses versículos como a expressão do desagrado do Senhor contra um servo insubmisso, que ele tratou com Elias em juízo, colocando-o de lado da honrosa posição que

tinha ocupado, ao indicar Eliseu em seu lugar. Mas, à parte da gentil repreensão implícita na sua pergunta: “Que fazes aqui, Elias?”, não há nada que mostre o desprazer de Deus, muito pelo contrário. Em vez disso, consideramos esses versículos como um registro da confortante resposta de Deus ao desânimo do profeta. Elias sentiu que as forças do mal haviam triunfado, mas o Senhor anuncia que a adoração a Baal seria totalmente destruída (1Rs 19.17; 2Rs 10.25-28). Elias angustiou-se porque ele “ficou só”, mas o Senhor declara: “Eu hei de conservar para mim sete mil em Israel”. A situação era tão desesperadora que tentaram tirar a vida de Elias, mas o Senhor promete que Eliseu completará a sua missão. O SENHOR, dessa maneira, ternamente silencia os seus medos e traz de volta a segurança ao seu coração.

Queremos ligar, com os versículos que acabamos de mencionar, as palavras de Cristo aos seus apóstolos: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer” (Jo 15.15) – palavras que indicam a íntima comunhão que gozavam com ele. Assim era com Elias. O Senhor dos Exércitos tinha condescendido em tornar conhecidas a ele as coisas que haveriam de acontecer, o que com certeza não teria acontecido se ele estivesse afastado de Deus. O que aconteceu era semelhante ao que lemos em Gênesis 18.17: “Disse o SENHOR: Ocultarei a Abraão o que estou para fazer [...]?”. Não, ele não o fez, pois Abraão era “amigo de Deus” (Tg 2.23). De fato, é uma bênção ver como o Senhor restaurou a alma de Elias para a mais íntima comunhão consigo, recuperando-o das suas trevas e reintegrando-o em seu serviço.

“Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu, filho de Safate, que andava lavrando com doze juntas de bois adiante dele; ele estava com a duodécima. Elias passou por ele e lançou o seu manto sobre ele” (1Rs 19.19). Temos aqui boa evidência de que o Senhor tinha restaurado a alma do seu servo. Elias não apresentou nenhuma objeção, não protelou, mas respondeu prontamente. A obediência é sempre o teste do nosso relacionamento com Deus: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15). Nesse caso, ela envolveu uma jornada difícil de mais de 250 quilômetros – a distância entre Horebe e Abel-Meolá (1Rs 19.16; 4.12) – a maior parte dela através do deserto; mas quando Deus nos encarrega de algo é para que obedeçamos. Não havia nenhum ressentimento invejoso porque outra pessoa iria ocupar o seu lugar; assim que Elias encontrou Eliseu, lançou sobre ele o seu manto – o que

era uma indicação da sua investidura com a função profética e um sinal de afeição, que ele passaria a estar sob o seu cuidado e instrução. De fato, foi assim que o jovem fazendeiro entendeu tudo, como fica evidente pela sua reação: “Então, deixou este os bois, correu após Elias e disse: Deixa-me beijar a meu pai e a minha mãe e, então, te seguirei” (1Rs 19.20). O Espírito de Deus o moveu para aceitar o chamado, de forma que ele imediatamente abriu mão de todas as suas expectativas humanas. Veja com quanta facilidade o Senhor pode despertar os homens para comprometerem-se com a sua obra em face de grandes desencorajamentos. “Se ele tivesse consultado carne e sangue, ficaria muito relutante em assumir a posição de Elias, que estava sendo ameaçado naqueles tempos perigosos, e quando não havia nada mais do que perseguição como expectativa. Contudo, Eliseu escolheu ser um servo de um profeta em vez de um senhor de uma grande fazenda, e alegremente renunciou a tudo por Deus. O chamamento da graça divina tem o poder de remover toda e qualquer objeção e conquistar toda e qualquer predisposição” (Robert Simpson). “Elias respondeu-lhe: Vai e volta; pois já sabes o que fiz contigo” (1Rs 19.20). Isto é muito bonito: não havia presunção, mas havia uma renúncia total de si mesmo. Assim como João Batista (que veio no espírito de Elias – Lc 1.17), ele foi enviado para prenunciar outra pessoa, e a sua linguagem aqui era equivalente a: “convém que ele cresça, e que eu diminua”. Bendita humildade!

“Voltou Eliseu de seguir a Elias, tomou a junta de bois, e os imolou, e, com os aparelhos dos bois, cozeu as carnes, e as deu ao povo, e comeram. Então, se dispôs, e seguiu a Elias, e o servia” (1Rs 19.21). Que belo toque final a esse quadro! Com certeza, Eliseu não olhou para Elias como para alguém que havia sido rejeitado pelo Senhor! Que conforto para o tesbita, agora, ter em sua companhia alguém com disposição tão obediente e amorosa; e que privilégio para esse jovem, estar sob os cuidados de um tutor tão eminente! E qual é a próxima referência feita a ele nas Escrituras? Esta: “Então, veio a palavra do SENHOR a Elias, o tesbita, dizendo: Dispõe-te, desce para encontrar-te com Acabe, rei de Israel” (1Rs 21.17,18). Como isso liquida completamente a ideia popular de que Deus tinha descartado Elias do seu serviço! Obviamente, ele tinha sido totalmente reintegrado e estava de volta nas mesmas condições com o seu Senhor. É por essa razão que demos a este capítulo o nome de “Elias é restaurado”.

---

80 Texto da versão *King James Bible*.

CAPÍTULO 29

A VINHA DE NABOTE

O conteúdo de 1Reis 20 tem se mostrado um verdadeiro problema para a maioria daqueles que tem escrito sobre ele. O capítulo começa com a seguinte declaração: “Ben-Hadade, rei da Síria, ajuntou todo o seu exército; havia com ele trinta e dois reis, e cavalos, e carros. Subiu, cercou a Samaria e pelejou contra ela”. Ele estava tão certo da vitória, que enviou mensageiros a Acabe, dizendo: “A tua prata e o teu ouro são meus; tuas mulheres e os melhores de teus filhos são meus” (v. 1-3). Depois de vermos alguma coisa dos crescentes e graves pecados cometidos por Acabe, poderíamos supor que o Senhor daria sucesso a essa operação de Ben-Hadade, e o usaria para humilhar e punir Acabe e a sua esposa apóstata. Mas essa suposição não se confirma. Por mais estranho que pareça, nossa surpresa aumenta quando vemos que veio um profeta até Acabe, dizendo: “Assim diz o SENHOR: Viste toda esta grande multidão? Pois, hoje, a entregarei nas tuas mãos, e saberás que eu sou o SENHOR” (v. 13). Logo depois, vemos o cumprimento dessa predição: “Saiu o rei de Israel e destroçou os cavalos e os carros; e feriu os siros com grande estrago” (v. 21), de forma que a vitória não foi de Ben-Hadade, mas de Acabe.

E o incidente mencionado acima não é o único, pois a próxima coisa que lemos é esta: “Então, o profeta se chegou ao rei de Israel e lhe disse: Vai, sê forte, considera e vê o que hás de fazer; porque daqui a um ano subirá o rei da Síria contra ti” (v. 22). Parece muito estranho que o Senhor viesse para ajudar alguém como Acabe. Outra vez a predição se cumpriu, pois Ben-Hadade veio com tropas tão numerosas, que o exército de Israel parecia “como dois pequenos rebanhos de cabras; mas os siros enchiam a terra” (v. 27). Uma vez mais, veio um profeta até Acabe, dizendo: “Assim diz o SENHOR: Porquanto os siros disseram: O SENHOR é deus dos montes e não dos vales, toda esta grande multidão entregarei nas tuas mãos, e assim sabereis que eu sou o SENHOR” (v. 28). O resultado foi que “os filhos de Israel, num só dia, feriram dos siros cem mil homens de pé” (v. 29). Mas porque ele deixou Ben-Hadade sair livre, outro profeta anunciou a Acabe: “a tua vida será em lugar da sua vida” (v. 42).

Ainda não tinha chegado a hora de destruir Acabe e a todos que o

seguiram na idolatria. Era por meio de Hazael, e não por meio de Ben-Hadade, que a vingança de Deus seria executada. Mas, se a hora da retribuição não tinha ainda chegado, por que foi permitido que Ben-Hadade ameaçasse a terra de Samaria? Ah! É a resposta a essa pergunta que lança luz sobre o problema citado acima. O "Dia do Senhor" é adiado porque Deus é longânimo para com os seus eleitos, "não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2Pe 3.9,10). Não foi senão depois de Noé e sua família estarem dentro da arca em segurança que as janelas do céu se abriram e derramaram o seu dilúvio devastador. Somente depois de Ló ter sido resgatado de Sodoma é que fogo e enxofre caíram sobre a cidade: "nada posso fazer (disse o anjo destruidor), enquanto não tiveres chegado lá" (Gn 19.22). E assim era aqui: enquanto Elias e seu ajudante não tivessem completado a sua obra, enquanto todos os "sete mil" que o SENHOR tinha reservado para si mesmo não tivessem sido chamados, não seria executada a obra do juízo.

A narrativa do texto inspirado não nos fornece nenhuma descrição das atividades de Elias após o chamado de Eliseu para o ministério, mas podemos estar certos de que eles remiram o tempo. É provável que eles, nas partes mais remotas do país, se empenharam em instruir o povo na adoração do SENHOR, contrapondo-se à idolatria prevalecente e à corrupção geral, trabalhando diligentemente, mas de forma serena para executar uma reforma consistente. Parece que eles, seguindo o exemplo de Samuel (1Sm 10.5-10; 19.20), fundaram escolas em diversos lugares, preparando jovens para a função profética, instruindo-os no conhecimento da Lei de Deus e preparando-os para tornarem-se expositores dessa Lei junto do povo, e também para dirigir a leitura e o cântico dos Salmos – um trabalho de fato importante. Baseamos esse ponto de vista no fato de se mencionarem "os discípulos dos profetas que estavam em Betel" e "em Jericó" (2Rs 2.3,5). Desse modo, Elias e Eliseu puderam seguir por um ou dois anos sem serem incomodados em seu trabalho, visto que Acabe, ocupado em defender-se a si mesmo e ao seu reino do ataque de inimigos poderosos, estava ocupado demais para perturbar os profetas. Como são maravilhosos os caminhos de Deus: os reis e seus exércitos são apenas peças do jogo, que ele move aqui e ali conforme lhe aprouver!

No cenário que temos à nossa frente, podemos ver os meios variados que o Senhor emprega para proteger os seus servos daqueles que poderiam prejudicá-los. Ele sabe como impedir as investidas dos seus inimigos, que se

oporiam aos seus esforços piedosos para agirem de forma correta. Ele pode fazer com que todas as coisas se acalmem e se tornem seguras para eles, de forma que possam avançar sem contrariedades no desempenho das obrigações que ele lhes designou. Com toda facilidade, o Senhor pode encher a mente e as mãos dos seus oponentes com negócios e exigências tão urgentes que eles tenham coisas suficientes para cuidarem de si mesmos, sem molestar os seus servos em seu trabalho. Quando Davi e os seus homens se viram pressionados no deserto de Maom e parecia que estavam perdidos, "veio um mensageiro a Saul, dizendo: Apressa-te e vem, porque os filisteus invadiram a terra. Pelo que Saul desistiu de perseguir a Davi e se foi contra os filisteus" (1Sm 23.27,28). Como somos incapazes de determinar por que Deus permite uma nação erguer-se contra outra, contra esta e não contra aquela!

Os dois profetas continuaram sua obra. Eles pregavam para o povo e instruíam os seus irmãos mais jovens por algum tempo; e, levando em consideração a promessa de 1Rs 19.18, podemos concluir que a bênção do Senhor se manifestava sobre os seus esforços, e que não poucos se converteram. Com prazer, eles teriam permanecido nessa silenciosa e alegre ocupação, mais que apropriada para ficarem longe das vistas da corte. Mas os ministros de Deus não devem esperar uma vida estável e fácil. Pode ser que por breve tempo lhes seja concedido isso, especialmente depois de entrarem em um serviço duro e perigoso, mas precisam manter-se em constante prontidão para serem chamados da sua tranquila atividade para novos conflitos e obrigações mais difíceis, que provarão a sua fé e exigirão toda a sua coragem. Era isso que agora acontecia com Elias. Uma nova provação o aguardava, uma experiência bem difícil, nada menos do que ser chamado a confrontar Acabe outra vez, e esta vez para pronunciar a sua condenação. Mas antes de considerar isso, precisamos ver o que ocasionou essa sentença.

"E deitou-se na sua cama, voltou o rosto e não comeu pão" (1Rs 21.4). O texto refere-se a Acabe. Aqui está deitado o rei de Israel em um quarto do palácio, em um ímpeto de depressão. O que ocasionou essa situação? Será que algum invasor subjugou o exército dele? Não! Os seus soldados ainda se regozijavam com a vitória obtida sobre os siros. Será que os seus falsos profetas sofreram outro massacre? Não! O culto de Baal já havia se recuperado do terrível desastre do Carmelo. Será que a sua companheira real tinha sido abatida pela mão da morte? Não! Jezabel permanecia ainda bem viva, prestes a conduzi-lo a uma perversidade ainda maior. O que, então, fez

surgir a melancolia do rei? O contexto nos diz. Junto da residência real, havia uma vinha de propriedade de um dos seus súditos. Subitamente, um "capricho" tomou conta do rei, fazendo-o desejar possuir essa vinha para tornar-se uma atraente extensão da sua propriedade, e ele estava determinado a obtê-la a todo custo. Os ricos não estão satisfeitos com o que já possuem; estão constantemente desejando mais.

Acabe dirigiu-se a Nabote, o proprietário dessa vinha, e propôs dar-lhe uma vinha melhor em troca dessa, ou então adquiri-la à base de dinheiro. Aparentemente, essa foi uma proposta inocente; na realidade, foi uma *tentação sutil*. "Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha" (Lv 25.23); "Assim, a herança dos filhos de Israel não passará de tribo em tribo; pois os filhos de Israel se hão de vincular cada um à herança da tribo de seus pais" (Nm 36.7). Dessa forma, Nabote não tinha o poder legal de desfazer-se da sua vinha. Não fosse por isso, não haveria mal nenhum em aceitar a justa oferta de Acabe, e, além disso, teria sido descortês, mesmo rude, opor-se ao seu soberano. Mas, por mais que Nabote pudesse desejar atender ao pedido do rei, ele não poderia fazê-lo sem violar a Lei de Deus, que proibia expressamente que alguém vendesse qualquer parte da herança familiar. Por aí vemos que nesse momento se apresentava a Nabote uma prova difícil: ele tinha de escolher entre agradar ao rei e desagradar ao Rei dos reis.

Há ocasiões quando o crente pode ser forçado a escolher entre obedecer a lei humana ou obedecer à Lei de Deus. Os três jovens hebreus depararam-se com essa alternativa, quando se exigiu que eles se prostrassem em adoração diante de uma imagem erguida por Nabucodonosor (Dn 3.14,15). Pedro e João foram confrontados com uma situação similar, quando o Sinédrio proibiu que eles continuassem pregando em nome de Jesus (At 4.18). Quando o governo exige que qualquer filho de Deus trabalhe sete dias nas fábricas, eles são chamados a desobedecer à Lei de Deus: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar".81 Apesar de dar a César as coisas que César requer com justiça, sob nenhuma circunstância devemos deixar de dar a Deus as coisas que ele exige de nós; e se nos for pedido roubar a Deus, nosso dever é simples e claro: a lei inferior precisa sujeitar-se à lei mais elevada – a lealdade para com Deus tem precedência sobre todas as outras considerações. O exemplo dos três jovens hebreus e o dos apóstolos não deixam dúvida nesse ponto. Como devemos ser gratos que as leis do nosso país tão raramente entram em conflito com a Lei de Deus!

“Porém Nabote disse a Acabe: Guarde-me o SENHOR de que eu dê a herança de meus pais” (1Rs 21.3). Ele recuou horrorizado com essa proposta, olhando para ela alarmado como uma tentação para cometer um pecado horrível. Nabote apoiou-se na Palavra de Deus escrita e recusou-se a agir de forma contrária a ela, mesmo quando o próprio rei pediu que o fizesse. Ele era um dos 7.000 que o Senhor tinha preservado para si mesmo, um membro do “remanescente segundo a eleição da graça”.82 É dessa forma que se identificam os remanescentes, distinguindo-se dos transigentes e tolerantes. Para os remanescentes, um “Assim diz o Senhor” é conclusivo: nem instigações monetárias nem ameaças de punição conseguem levá-los a desconsiderá-lo. “Julgai se é justo diante de Deus ouvir-vos antes a vós outros do que a Deus” (At 4.19) é a sua defesa quando intimidados pelas autoridades no comando. Fixe em sua mente, caro leitor: não é pecado nem é errado desafiar autoridades humanas, se elas requerem de você qualquer coisa que claramente vai de encontro à Lei do Senhor. Por outro lado, o cristão deve ser um modelo aos outros de um cidadão cumpridor da lei, desde que as exigências de Deus a seu respeito não sejam desrespeitadas.

Acabe sentiu-se grandemente ofendido com a recusa de Nabote, pois, na frustração do seu desejo, o seu orgulho foi ferido e tão contrariado ficou ao receber a negativa que ele perdeu o ânimo, como uma criança mimada quando se contradiz a sua vontade. O rei se magoou de tal forma com esse contratempo que ficou deprimido, foi para a cama e recusou alimentar-se. Que descrição do rico infeliz! Nem os milionários nem os que ocupam funções elevadas são dignos de inveja, pois nem a riqueza material nem as honras mundanas conseguem trazer contentamento ao coração. Salomão foi prova disso. Foi-lhe concedida a oportunidade de possuir tudo o que o homem natural desejava, e então descobriu que tudo era “vaidade e correr atrás do vento”. Não temos aqui um solene alerta para cada um de nós? Como é necessário prestarmos atenção a esta palavra de Cristo: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15). Invejar é estar descontente com a porção que Deus me deu e querer algo que pertence ao meu próximo. Os desejos desordenados sempre conduzem ao desgosto, deixando-nos incapazes de usufruir aquilo que é nosso.

“Porém, vindo Jezabel, sua mulher, ter com ele, lhe disse: Que é isso que tens assim desgostoso o teu espírito e não comes pão? Ele lhe respondeu: Porque falei a Nabote, o jezreelita, e lhe disse: Dá-me a tua vinha por

dinheiro; ou, se te apraz, dar-te-ei outra em seu lugar. Porém ele disse: Não te darei a minha vinha" (1Rs 21.5,6). Como é fácil dar uma impressão falsa mesmo da pessoa mais justa. Acabe não mencionou o cuidadoso desgosto de Nabote em não atender ao seu pedido, mas fala dele como se tivesse agido apenas com insubordinação e obstinação. Ao ouvir essa declaração, Jezabel imediatamente revelou o seu caráter horroroso: "Governas tu, com efeito, sobre Israel? Levanta-te, come, e alegre-se o teu coração; eu te darei a vinha de Nabote, o jezreelita" (v. 7). Matthew Henry o expressa da seguinte forma: "Sob o pretexto de confortar o seu marido aflito, ela alimenta o seu orgulho e ira, soprando as brasas da sua perversão". Ela concordou com o desejo ilícito dele, reforçou o seu sentimento de frustração, tentou-o a exercer poder arbitrário, e o incitou a não levar em consideração os direitos alheios e a desobedecer à Lei de Deus. "Vais deixar que um súdito frustre os teus planos? Não sejas tão melindroso: usa o teu poder real; em vez de te angustiares por uma recusa, vinga-te".

Essa vil mulher agora planeja um estratagema diabólico para tirar à força a herança de Nabote. Primeiro, ela recorre à falsificação, pois somos informados que ela "escreveu cartas em nome de Acabe, selou-as com o sinete dele e as enviou aos anciãos e aos nobres que havia na sua cidade e habitavam com Nabote" (v. 8). Segundo, ela deliberadamente se torna culpada de hipocrisia. "Apregoai um jejum" (v. 9), para dar a impressão de que uma terrível perversidade havia sido descoberta, pondo em risco de juízo divino a cidade caso o crime não fosse reparado – a história está repleta de provas de que os crimes mais vis têm sido com frequência perpetrados sob o disfarce da religião. Terceiro, ela abertamente comete falso testemunho, subornando homens para que jurem falsamente: "trazei Nabote para a frente do povo (para dar a impressão de submetê-lo a um julgamento justo por meio de um processo legal). Fazei sentar defronte dele dois homens malignos, que testemunhem contra ele, dizendo: Blasfemaste contra Deus e contra o rei" (v. 9,10) – nesse caso, mesmo "no lugar do juízo reinava a maldade" (Ec 3.16).

Aqui estava uma mulher que semeava o pecado com ambas as mãos. Ela não apenas conduziu Acabe a afundar-se mais na iniquidade, mas arrastou os anciãos e nobres da cidade para a lama do seu crime inspirado pelo diabo. Ela fez com que os filhos de Belial, as falsas testemunhas, se tornassem piores do que já eram. Ela tornou-se tanto ladra como assassina, roubando de Nabote tanto o seu bom nome quanto a sua herança. Os anciãos e nobres de Israel foram subservientes e desprezíveis ao ponto de executar as ordens dela, o que

é um sinal seguro de que o reino estava maduro para o juízo. Quando aqueles que ocupam cargos elevados são ímpios e inescrupulosos, não tardará muito para que a ira do Senhor caia sobre aqueles que são presididos por eles. Pela instigação desses nobres e anciãos, Nabote foi levado "para fora da cidade e o apedrejaram, e morreu" (v. 13) – os seus filhos também sofreram destino semelhante (2Rs 9.26), para que cessasse o legado da herança.

Prestemos atenção ao fato de que essa mulher sem princípios, tão cheia de ambição e desejo de poder irrestrito, não é somente uma personagem histórica, mas é também o *símbolo* profético de um sistema abominável e apóstata. As cartas às sete igrejas em Apocalipse 2 e 3 dão um esboço profético da história da cristandade. A de Tiatira, que descreve o romanismo, faz menção dessa "mulher, Jezabel" (Ap 2.20), e são evidentes as semelhanças entre essa rainha e o sistema monstruoso que tem seu quartel-general no Vaticano. Jezabel não era judia, mas era uma princesa pagã, e o romanismo *não* é fruto do cristianismo, mas do *paganismo*. Os estudiosos nos dizem que o nome dela tem um duplo significado (conforme os sentidos da língua sidônia e da língua hebraica): "uma virgem modesta", que é aquilo que Roma professa ser; e "um monte de estrume", o que Roma de fato é aos olhos de Deus. Ela dominava como rainha de Israel, sendo Acabe meramente uma ferramenta em suas mãos: os reis são marionetes de Roma. Ela fundou um sacerdócio idólatra, matou os servos do Senhor, e empregou métodos desonestos e diabólicos para alcançar seus objetivos. Ela teve um fim terrível.

Assim como Jezabel era um símbolo profético desse sistema satânico chamado papismo, Nabote era um bendito tipo do Senhor Jesus. Primeiro, ele possuía uma vinha; Cristo também (Mt 21.33). Segundo, a vinha de Nabote era cobiçada por alguém que não tinha nenhum respeito pela Lei de Deus; o mesmo aconteceu com Cristo (Mt 21.38). Terceiro, ambos foram tentados a desobedecer a Deus e abrir mão da sua herança (Mt 4.9). Quarto, ambos recusaram atender à voz do tentador. Quinto, ambos foram falsamente acusados por aqueles que procuravam matá-los. Sexto, ambos foram acusados de "blasfemar contra Deus e contra o rei" (Mt 26.65; Lc 23.1,2). Sétimo, ambos foram mortos, violentamente. Oitavo, ambos foram mortos "fora" da cidade (Hb 13.12-14). Nono, os assassinos de ambos foram acusados pelo seu crime (1Rs 21.19; At 2.22,23). Décimo, os assassinos de ambos foram destruídos pelo juízo de Deus (1Rs 21.19-23; Mt 21.41, 22.7).

"Tendo Jezabel ouvido que Nabote fora apedrejado e morrera, disse a Acabe: Levanta-te e toma posse da vinha que Nabote, o jezreelita, recusou

dar-te por dinheiro; pois Nabote já não vive, mas é morto. Tendo Acabe ouvido que Nabote era morto, levantou-se para descer para a vinha de Nabote, o jezreelita, para tomar posse dela" (1Rs 21.15,16). Jezabel recebeu permissão para executar o seu vil esquema e, assim, Acabe obter a cobiçada vinha. Por essa ação, ele comprovou a sua aprovação de tudo o que tinha sido feito e, dessa forma, tornou-se também culpado. Existe um tipo de gente que se recusa a cometer pessoalmente um crime, mas não tem escrúpulos para usar seus empregados e agentes assalariados para cometê-los, e, então, se aproveitam de suas más ações para se enriquecerem. Que todos esses patifes inescrupulosos, e todos os que se consideram espertos para participar de ganhos ilegítimos, saibam que aos olhos de Deus eles são participantes dos pecados daqueles que fizeram o trabalho sujo para eles, e ainda serão punidos adequadamente. Muitos outros, desde os tempos de Acabe e Jezabel, receberam permissão para satisfazer a sua cobiça mesmo ao preço da fraude, mentira, desonestidade e do cruel derramamento de sangue. Mas, no devido tempo, cada um deles descobrirá que "o júbilo dos perversos é breve, e a alegria dos ímpios, momentânea" (Jó 20.5).

Enquanto isso, o Senhor foi um silencioso espectador de tudo o que aconteceu com respeito à Nabote. Ele conhecia a crueldade do que estava acontecendo, por mais camuflado que estivesse pela ímpia aparência da religião e da lei. Como ele é infinitamente superior aos reis e ditadores, ele pode chamá-los para a prestação de contas; e como ele é infinitamente justo, ele executará o juízo sobre eles sem acepção de pessoas. Esse crime horrível mal tinha sido cometido, e Acabe já teve de se haver com Deus. "Então, veio a palavra do SENHOR a Elias, o tesbita, dizendo: Dispõe-te, desce para encontrar-te com Acabe, rei de Israel, que habita em Samaria; eis que está na vinha de Nabote, aonde desceu para tomar posse dela. Falar-lhe-ás, dizendo: Assim diz o SENHOR: Mataste e, ainda por cima, tomaste a herança? Dir-lhe-ás mais: Assim diz o SENHOR: No lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabote, cães lamberão o teu sangue, o teu mesmo" (v. 17-19). Esta era a difícil tarefa do profeta: confrontar o rei, acusá-lo da sua perversidade, e pronunciar o veredito sobre ele em nome de Deus.

---

81 Êxodo 20.8.
82 Romanos 11.5.

CAPÍTULO 30

O PECADOR É DESCOBERTO

“Tendo Acabe ouvido que Nabote era morto, levantou-se para descer para a vinha de Nabote, o jezreelita, para tomar posse dela” (1Rs 21.16). O objeto cobiçado (veja o v. 2) podia agora ser confiscado. O seu dono legítimo estava morto, brutalmente assassinado com o consentimento de Acabe. Sendo ele rei, quem o impediria de usufruir a sua conquista obtida de forma ilegítima? Imagine-o deliciando-se em sua nova aquisição, fazendo planos de como tirar dela o melhor proveito, prevendo muita satisfação nessa extensão dos jardins do palácio. Aos homens é permitido avançar nas suas perversidades a tal ponto que às vezes os observadores são levados a pensar se existe de fato algo chamado justiça; se, no final das contas, não existe o direito. Com toda certeza, se existisse um Deus que ama a retidão e tem o poder de impedir a flagrante injustiça, não precisaríamos testemunhar essas horríveis injustiças infligidas aos inocentes, e não veríamos esse triunfo dos perversos. Ah! Esse não é um problema novo; pelo contrário, é um problema que aparece sempre de novo na história deste mundo, um mundo que jaz no maligno. Esse é um dos elementos misteriosos que surge do conflito entre o bem e o mal, e é uma das provas mais severas da nossa fé em Deus e no seu governo desta terra.

O fato de Acabe tomar posse da vinha de Nabote nos faz lembrar uma cena descrita em Daniel 5. Ali nós vemos outro rei, Belsazar, rodeado pela nobreza do seu reino, entregue a uma grande festa. Ele dá ordens para que lhe sejam trazidos os vasos de ouro e de prata que seu pai havia tirado do templo de Jerusalém. Sua ordem é obedecida, e os vasos são enchidos de vinho e suas mulheres e concubinas bebem neles. Pense nos utensílios sagrados da casa do SENHOR servindo para esse uso! É muito estranho que se tolere que um verme do pó avance a esse terrível ponto de presunção e impiedade! Mas o Altíssimo nem desconhecia essa conduta nem estava indiferente a ela. Nem pode a posição social de um homem livrá-lo ou prover-lhe proteção contra a ira divina quando Deus está prestes a executá-la. Não havia ninguém em Samaria que pudesse impedir Acabe de tomar posse da vinha de Nabote, e não havia ninguém em Babilônia que pudesse impedir Belsazar de profanar os utensílios sagrados do templo de Israel; mas havia *um superior* que podia e, de fato, julgou os dois.

“Visto como se não executa logo a sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto a praticar o mal” (Ec 8.11). Pelo fato de o castigo não sobrevir de pronto aos malfeitores, eles endurecem o coração ainda mais, tornando-se progressivamente arrojados, supondo que o juízo não vai cair nunca sobre eles. Nisso eles erram, pois estão apenas acumulando para si mesmos “ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus” (Rm 2.5). Preste bem atenção na palavra “revelação”. O “justo juízo de Deus” está agora mais ou menos suspenso, mas há um tempo determinado, um “Dia” indicado, quando ele será plenamente manifesto. A vingança divina vem devagar, mas nem por isso é menos certa. E Deus não deixa de dar claro testemunho disso. Por todo o curso da história mundial, ele dá prova pública, de vez em quando, do seu “justo juízo”, mostrando pelo exemplo de algum rebelde famoso a evidência da sua repulsa por ele aos olhos dos homens. Ele o fez com Acabe, com Belsazar, e com outros depois disso; e, embora na grande maioria das vezes os céus estivessem silenciosos e aparentemente impermeáveis, essas exceções são suficientes para mostrar que “os céus *reinam*”, e devem capacitar os injustiçados a aguardar com paciência.

“Então, veio a palavra do SENHOR a Elias, o tesbita, dizendo: Dispõe-te, desce para encontrar-te com Acabe, rei de Israel, que habita em Samaria; eis que está na vinha de Nabote, aonde desceu para tomar posse dela” (1Rs 21.17,18). Um Deus vivo, justo e que odeia o pecado tinha observado a perversidade da qual Acabe se dispusera a participar, e determinou decretar a sentença contra ele, servindo-se do austero tesbita como seu porta-voz. Com referência a assuntos de menor importância, profetas mais jovens tinham sido enviados ao rei pouco tempo antes (1Rs 20.13,22,28); mas, nessa ocasião, ninguém menos do que o pai dos profetas foi considerado um agente apropriado. A situação exigia um homem de grande coragem e de espírito destemido para confrontar o rei, acusando-o do seu crime horrendo e pronunciando sobre ele a sentença de morte em nome de Deus. Quem se qualificava tão bem quanto Elias para essa tarefa difícil e perigosa? Com isso, podemos ver como o Senhor reserva as tarefas mais difíceis para os seus servos mais experientes e maduros. Para o desempenho de missões especiais e importantes são necessárias qualificações peculiares, e para o desenvolvimento dessas qualificações é necessário um rigoroso aprendizado. É lamentável que esses princípios sejam tão pouco reconhecidos pelas igrejas de hoje!

Mas não entendamos mal esse ponto. Não estamos nos referindo a dons naturais, capacitação intelectual e refinamento educacional. De nada adiantou a Davi sair contra o gigante filisteu coberto com a armadura de Saul. Ele sabia disso e, por essa razão, a colocou de lado. Não; estamos falando é das graças *espirituais* e dos dons ministeriais. Essa difícil prova exigia a fé firme e a ousadia que ela confere: fé não em si mesmo, mas em seu Senhor. Fé poderosa, pois uma fé comum não teria sido suficiente. E essa fé tinha de ter sido provada e disciplinada, fortalecida e reforçada na escola da oração e no campo de batalha da experiência. Nos desertos de Gileade, no isolamento de Querite, na dificuldade de Sarepta, o profeta tinha vivido muito no refúgio do Altíssimo, tinha aprendido a conhecer a Deus de forma *experimental*, tinha provado a sua suficiência. Não foi nenhum principiante inexperiente que o SENHOR chamou para ser seu embaixador nessa ocasião solene, mas um que era forte "no Senhor e na força do seu poder".83

Por outro lado, devemos com cuidado colocar a coroa no seu lugar apropriado e atribuir a Deus a honra de providenciar e sustentar os seus servos. Nós temos apenas aquilo que recebemos (1Co 4.7), e os mais fortes são tão fracos como água quando ele deixa de sustentá-los com a sua mão. Aquele que nos chama precisa também equipar-nos; e atribuições extraordinárias exigem capacitações extraordinárias, que somente o Senhor pode conceder. "Permanecei em Jerusalém", disse Cristo aos apóstolos, "até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49). Pecadores atrevidos precisam ser corajosamente reprovados, mas essa firmeza e coragem precisam ser buscadas em Deus. Ele disse a outro dos seus profetas: "toda a casa de Israel é de fronte obstinada e dura de coração. Eis que fiz duro o teu rosto contra o rosto deles e dura a tua fronte, contra a sua fronte. Fiz a tua fronte como o diamante, mais dura do que a pederneira; não os temas, pois, nem te assustes com o seu rosto, porque são casa rebelde" (Ez 3.7-9). Portanto, se vemos Elias obedecendo prontamente ao seu chamado, é porque ele podia dizer: "Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do SENHOR, cheio de juízo e de força, para declarar a Jacó [Acabe] a sua transgressão" (Mq 3.8).

"Dispõe-te, desce para encontrar-te com Acabe, rei de Israel, que habita em Samaria; eis que está na vinha de Nabote, aonde desceu para tomar posse dela" (1Rs 21.18). Acabe não estava no seu palácio, mas Deus sabia aonde ele tinha ido e o negócio em que estava envolvido. "Os olhos do SENHOR estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons" (Pv 15.3); não é

possível ocultar nada dele. Acabe podia orgulhar-se de que ninguém jamais podia reprová-lo por sua conduta diabólica, e que agora ele podia desfrutar do seu despojo sem qualquer impedimento. Mas os pecadores não estão nunca seguros, não importa a sua posição, grande ou pequena. A sua impiedade sobe até diante de Deus, e ele muitas vezes lhes manda alguém no encalço quando menos esperam. Que ninguém se gabe de impunidade pelo fato de ter sido bem sucedido em seus esquemas iníquos. O dia do juízo não está longe, mesmo que não os alcance nesta vida. Se essas linhas estiverem sendo lidas por alguém que está longe de casa, não mais sob a vigilância dos seus queridos, que esta pessoa saiba que ainda se encontra sob a observação do Deus Altíssimo. Que isso consideração impeça essa pessoa de pecar contra ele e contra o seu próximo. Permaneça no temor da presença de Deus, para que nenhuma sentença terrível da parte dele seja pronunciada sobre você, e se manifeste em sua consciência com tal poder que você se torne um pavor para si mesmo e para todos que o cercam.

"Falar-lhe-ás, dizendo: Assim diz o SENHOR: Mataste e, ainda por cima, tomaste a herança? Dir-lhe-ás mais: Assim diz o SENHOR: No lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabote, cães lamberão o teu sangue, o teu mesmo" (1Rs 21.19). Dessa vez, o profeta foi enviado com uma mensagem que não era nem agradável nem consoladora. O próprio profeta deve ter se assombrado; o que, então, ela não deve ter significado para o culpado Acabe! Essa mensagem vinha daquele que é Rei dos reis e Senhor dos senhores, o supremo e justo Governador do universo, cujos olhos oniscientes testemunham todos os acontecimentos e cujo braço onipotente reprime e pune todos os malfeitores. Era a palavra daquele que declara: "Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? – diz o SENHOR; porventura, não encho eu os céus e a terra? — diz o SENHOR" (Jr 23.24). Pois "Os olhos de Deus estão sobre os caminhos do homem e veem todos os seus passos. Não há trevas nem sombra assaz profunda, onde se escondam os que praticam a iniquidade" (Jó 34.21,22). Era uma palavra de repreensão pública, trazendo à luz as coisas ocultas das trevas. Era uma palavra de acusação, que corajosamente responsabilizava Acabe pelos seus crimes. Era uma palavra de condenação, fazendo conhecido o terrível destino que com certeza haveria de alcançar aquele que havia ostensivamente atropelado a Lei de Deus.

É exatamente desse tipo de mensagem que nossos tempos degenerados precisam. É *a falta delas* que produziu a terrível condição em que se encontra o mundo agora. Pregadores dissimulados enganaram os pais, e agora os seus

filhos voltaram as costas para as igrejas. “Eis a tempestade do SENHOR! O furor saiu, e um redemoinho tempestuou sobre a cabeça dos perversos” (Jr 23.19). A imagem é terrível: o redemoinho arranca árvores, arrasta casas, e deixa atrás de si morte e desolação. Quem do povo de Deus pode duvidar que um redemoinho desses está se movendo agora? “Não se desviará a ira do SENHOR, até que ele execute e cumpra os desígnios do seu coração; nos últimos dias, entendereis isso claramente” (Jr 23.20). E por quê? Qual é a causa disso? É esta: “Não mandei esses profetas; todavia, eles foram correndo; não lhes falei a eles; contudo, profetizaram” (Jr 23.21) – falsos profetas, pregadores que nunca foram chamados por Deus, que proferem as suas “mentiras” em seu nome (Jr 23.25). Homens que rejeitaram a Lei de Deus, desconsideraram a santidade dele, calaram-se a respeito da ira de Deus. Homens que enchem as igrejas de membros não regenerados e, então, os distraem com especulações a respeito de profecias.

Foram os falsos profetas que provocaram esse caos em Israel, que corromperam o trono e fizeram vir sobre a terra o severo juízo de Deus. E durante todo o século passado os falsos profetas corromperam a cristandade. Quase 50 anos atrás, Spurgeon levantou a sua voz e usou a sua pena para denunciar o *Downgrade movement* nas igrejas, e desassociou-se da União Batista. Depois da sua morte, as coisas foram rapidamente de mal a pior, e agora “um redemoinho do Senhor” está varrendo e arrasando as frágeis estruturas que o mundo religioso erigiu. Tudo está agora no crisol, e somente o ouro puro haverá de sobreviver ao teste de fogo. E o que é que os verdadeiros servos de Deus podem fazer? Eles devem levantar a voz: “Clama a plenos pulmões” (Is 58.1). Devem fazer como fez Elias: com ousadia denunciar o pecado nos lugares elevados (entre os que ocupam posições e funções de influência e importância).

Será essa uma mensagem agradável de comunicar? Não, de forma alguma. Será uma mensagem popular entre os ouvintes? Não, muito pelo contrário. Mas é uma mensagem extremamente necessária e negligenciada de forma criminosa. Será que o Senhor Jesus pregou um sermão sobre o amor de Deus quando os recintos sagrados do templo estavam servindo de covil de ladrões? Mas é isso que milhares de pregadores que se fingem de seus servos estão fazendo nas últimas duas ou três gerações. Com olhos flamejantes e azorrague na mão, o Redentor expulsou da casa do seu Pai os comerciantes que a idolatravam. Aqueles que foram verdadeiros servos de Cristo recusaram-se a usar métodos carnais para aumentar a quantidade de crentes

nominais no rol da sua igreja. Aqueles que eram verdadeiros servos de Cristo proclamaram as imutáveis exigências de um Deus santo, insistiram na aplicação de uma disciplina bíblica, e deixaram o pastorado quando seus rebanhos se rebelaram. Os poderosos religiosos ficaram satisfeitos de vê-los pelas costas, ao passo que os seus irmãos de ministério, longe de tentarem fortalecer-lhes as mãos, fizeram tudo que podiam para prejudicá-los e não se importaram de vê-los padecendo necessidades.

Mas esses servos de Cristo eram poucos, uma insignificante minoria. A grande maioria dos "pastores" era composta de mercenários, interesseiros, interessados em um emprego fácil e lucrativo a qualquer custo. Eles ajustaram as velas cuidadosamente, e deliberadamente omitiram da sua pregação qualquer coisa que fosse desagradável para os seus ouvintes descrentes. O povo de Deus em suas congregações foi reduzido à fome, embora poucos deles se atrevessem a censurar os seus pastores, seguindo o caminho mais fácil. E a própria passagem que mencionamos acima declara: "Mas, se tivessem estado no meu conselho, então, teriam feito ouvir as minhas palavras ao meu povo e o teriam feito voltar do seu mau caminho e da maldade das suas ações" (Jr 23.22). Mas eles não permaneceram e, por isso, "O furor saiu, e um redemoinho tempestuou". E é de admirar isso? Deus não se deixará escarnecer. As igrejas é que são responsáveis por isso, e não há denominação, nem grupo, nem comunidade que possa alegar inocência.

"Perguntou Acabe a Elias: Já me achaste, inimigo meu?" (1Rs 21.20). Que choque o rei não deve ter levado ao ver Elias! O profeta seria o último homem que ele desejaria ou esperaria ver, crendo que a ameaça de Jezabel o tivesse afugentado, de forma que não seria mais perturbado por ele. Talvez Acabe tenha pensado que ele tivesse fugido para algum país distante ou já estivesse morto a essa altura; mas aqui estava Elias diante dele. O rei estava evidentemente assustado e assombrado por ver o profeta. A sua consciência deve tê-lo golpeado por sua vil impiedade, e o próprio lugar do encontro deles aumentou ainda mais o seu desconforto. Por essa razão, ele não conseguia olhar para o tesbita sem terror, e um terrível pressentimento de que alguma horrenda ameaça de vingança da parte do SENHOR estivesse à mão. Em seu terror e desgosto, ele gritou: "Já me achaste?". Fui localizado? Um coração cheio de culpa não pode nunca estar em paz. Se ele não soubesse a desgraça que merecia receber das mãos de Deus, não teria cumprimentado o seu servo com a expressão "inimigo meu". Foi porque o seu coração o condenou como inimigo de Deus que ele ficou tão desconcertado ao ser

confrontado pelo seu embaixador.

"Perguntou Acabe a Elias: Já me achaste, inimigo meu?". Esse tipo de recepção é tudo que o fiel servo de Deus deve esperar das mãos dos ímpios, especialmente dos religiosos não regenerados. Eles vão considerá-lo como perturbador da paz, um aborrecedor daqueles que desejam ficar à vontade nos seus pecados. Aqueles que estão envolvidos na prática do mal irritam-se com aquele que os denuncia, seja ele um ministro de Cristo ou um policial. As Escrituras são odiadas porque denunciam o pecado em todos os seus aspectos. O romanismo odeia a Bíblia porque ela expõe as suas hipocrisias. As pessoas impenitentes consideram como amigo aquele que lhes diz coisas suaves e as ajudam a enganarem a si mesmas. "Aborreceis na porta ao que vos repreende e abominais o que fala sinceramente" (Am 5.10). Por esta razão é que o apóstolo disse: "Se [eu] agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo" (Gl 1.10) – quão poucos servos de Cristo ainda existem! A obrigação do ministro é ser fiel ao seu Senhor, e, se ele agrada a Deus, o que importa se é desprezado e odiado pelo mundo religioso inteiro? Bem-aventurados são aqueles a quem os homens insultam por causa de Cristo.

A essa altura, queremos dizer a qualquer jovem que esteja pensando seriamente em entrar no ministério, que de uma vez deixe de lado essa possibilidade, se você não está preparado a ser tratado com desdém e ser considerado "lixo do mundo, escória de todos" (1Co 4.13). O serviço público de Cristo é o último lugar para aqueles que pretendem ser populares entre os seus semelhantes. Um jovem ministro certa vez lamentou com um ministro mais experiente: "A minha igreja está sempre fazendo de mim um tapete para limpar os pés". A resposta que recebeu foi esta: "Se o Filho de Deus rebaixou-se ao ponto de tornar-se a Porta, com certeza não é nada indigno que façam de você um tapete para colocar na entrada". Se você não está preparado para que presbíteros e diáconos limpem os pés em você, evite o ministério. E para aqueles que já estão no ministério, gostaríamos de dizer que, se a sua pregação não incita revolta e provoca perseguição e resistência contra você, alguma coisa muito séria está faltando nela. Se a sua pregação é inimiga da hipocrisia, da carnalidade, do mundanismo, da profissão de fé vazia, de tudo que é contrário à piedade viva, então você forçosamente será considerado como inimigo daqueles a quem você se opõe.

"Respondeu ele: Achei-te" (1Rs 21.20). Elias não era homem de demonstrar abertamente os seus sentimentos. Foi necessário bem mais do que um "olhar carrancudo" ou uma "palavra raivosa" para aborrecê-lo. Longe de

sentir-se “ferido” e ficar mal-humorado, ele replicou como um homem. Ele usou as palavras de Acabe e disse: “Sim, eu te achei”. Eu te achei como um ladrão e assassino na vinha de outra pessoa. É um bom sinal quando a pessoa convicta de pecado censura o servo de Deus como seu “inimigo”, pois isso mostra que o pregador acertou o alvo, a sua mensagem alcançou a consciência. Deus diz: “sabei que o vosso pecado vos há de achar” (Nm 32.23), e Adão, Caim, Acã, Acabe, Geazi e Ananias comprovaram isso. Que ninguém pense que pode escapar da retribuição de Deus: se a punição não for aplicada nesta vida, com toda certeza o será na próxima, a não ser que paremos de lutar contra Deus e corramos para Cristo em busca de refúgio. “Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele” (Jd 14,15).

---

83 Efésios 6.10.

CAPÍTULO 31

UMA MENSAGEM DESAGRADÁVEL

“Perguntou Acabe a Elias: Já me achaste, inimigo meu? Respondeu ele: Achei-te, porquanto já te vendeste para fazeres o que é mau perante o SENHOR” (1Rs 21.20). Nós já consideramos a pergunta de Acabe e a primeira parte da resposta do profeta. Voltamos agora para considerar a solene acusação que ele proferiu contra o rei: “[...] porquanto já *te vendeste para fazeres o que é mau* perante o SENHOR”. Aqui podemos observar como é essencial analisarmos em particular cada palavra da Escritura Sagrada, pois, se lermos esse versículo descuidadamente, podemos deixar de distinguir com exatidão entre ele e uma expressão usada no Novo Testamento, que, embora soe de maneira parecida, é imensamente diferente no sentido. Em Romanos 7.14, encontramos o apóstolo declarando: “sou carnal, *vendido à escravidão do pecado*”. Esta declaração tem desconcertado muita gente, e alguns a têm entendido tão mal, que a confundiram com a terrível acusação do profeta contra Acabe. Talvez seja uma digressão, mas inúmeros leitores nossos provavelmente se alegrarão com uns poucos comentários expositivos a respeito da diferença de sentido dessas duas expressões.

Note que Romanos 7.14 começa afirmando: “Porque bem sabemos que a lei é espiritual”, o que, entre outras coisas, significa que ela legisla tanto para a alma como para o corpo, as suas exigências indo além do mero ato exterior até o motivo que o estimulou e o espírito em que esse ato é executado; em resumo, ela requer conformidade e pureza *interiores*. Ora, como o apóstolo se avaliou pelas elevadas e santas exigências da Lei de Deus, ele declarou: “mas eu sou carnal”. Isso não foi dito com a finalidade de se justificar, para escusar o fato de ficar tão aquém do padrão divino colocado diante de nós, mas foi dito para se autocondenar por sua falta de conformidade com esse padrão. Essa é a triste confissão de todo cristão honesto. “Eu sou carnal” expressa aquilo que o crente é em si mesmo por natureza. Embora nascido do alto, a “carne” nele não foi melhorada nem um pouco sequer. E isso não é verdade a respeito do crente apenas quando ele sofre alguma queda: ele é sempre “carnal”, pois não há como livrar-se da velha natureza, embora ele nem sempre esteja consciente desse fato humilhante. Quanto mais o cristão cresce na graça, mais ele se torna consciente da sua carnalidade – que a “carne”

contamina as suas mais santas atividades e suas melhores práticas.

"Vendido à escravidão do pecado". Isso não significa que o santo se entrega à escravidão voluntária ao pecado, mas que ele se encontra na situação ou na experiência de um *escravo*, de alguém cujo senhor exige que ele faça coisas contra as suas próprias inclinações. A tradução literal do grego é "vendido em sujeição ao pecado", ou seja, por ocasião da Queda, e nessa condição continuaremos até o fim da nossa trajetória terrena. "Vendido" para estar sob o poder do pecado, pois a velha natureza não será jamais tornada santa. O apóstolo fala da sua própria situação, daquilo que ele é diante de Deus, e não daquilo que ele parece ser diante dos homens. O seu "velho homem" era inteiramente contrário à Lei de Deus. Havia um princípio mau dentro dele contra o qual ele lutava, do qual ansiava ser liberto, mas que continuava exercendo a sua terrível autoridade. Apesar da graça que tinha recebido, ele se encontrava longe, muito longe de ser perfeito, e em todos os aspectos estava longe de chegar lá, embora ansiasse por isso. Foi ao comparar-se com a Lei, a qual exige amor perfeito, que ele percebeu como se encontrava longe desse padrão.

"Vendido à escravidão do pecado": é a depravação interior que refreia o crente. Quanto mais progresso espiritual lhe é concedido, mais ele descobre a sua deficiência. É como uma pessoa viajando ladeira acima como uma pesada carga nas costas: quanto mais ela avança, mais consciente se torna desse peso. Mas como isso se harmoniza com "o pecado não terá domínio sobre vós" (Rm 6.14)? Da seguinte forma: embora o pecado interior tiranize o crente, ele de forma alguma prevalece sobre o crente de maneira total e completa. O pecado reina sobre o pecador e tem domínio absoluto e indiscutível sobre ele, mas não é isso que acontece com o santo. Mas ele atormenta de tal forma que o impede de alcançar a perfeição, que é a coisa que o crente anseia (Cf. Fp 3.12).

Do ponto de vista da nova natureza e como Deus o vê em Cristo, o crente é espiritual; mas do ponto de vista da velha natureza e como Deus o vê em si mesmo, ele é "carnal". Como filho de Adão, ele é "vendido em sujeição ao pecado"; como filho de Deus, ele tem "prazer na lei de Deus" (Rm 7.22). Os atos de um escravo são de fato seus próprios atos, mas como não são executados com o pleno consentimento da sua vontade e com o prazer do seu coração, esses atos não servem de critério para demonstrar a sua real disposição e os seus verdadeiros desejos.

O caso de Acabe era bem diferente daquilo que brevemente expusemos

acima; longe de ter sido feito cativo contra a sua vontade, ele tinha "vendido a si mesmo para fazer o que é mau perante o Senhor". Deliberadamente e sem restrições, Acabe entregou-se a todo tipo de perversidade, desafiando abertamente o Todo-Poderoso. Como Balaão, ele "amou o prêmio da injustiça" (2Pe 2.15) e, por isso, voluntariamente, se alugou a Balaque para amaldiçoar o povo de Deus; como Judas cobiçou a prata dos principais sacerdotes, procurou-os e comprometeu-se a entregar-lhes o Salvador (Mt 26.14,15), assim este rei apóstata "vendeu-se para fazer o que é mau" sem escrúpulo e sem reserva. Seu crime horrível contra Nabote não foi um ato isolado contrário ao estilo ou costume da sua vida, como foi o caso do pecado de Davi contra Urias; mas foi simplesmente um exemplo da sua rebelião contínua contra Deus. "Havendo-se vendido para fazer o que era mau perante o Senhor, com desdém e rebeldia contra ele, Acabe estava aberto, constante e diligentemente ocupado nisso como um escravo nos negócios do seu senhor" (Thomas Scott).

"[…] te vendeste para fazeres o que é mau perante o SENHOR" (1Rs 21.20). A decadência dele começou quando *casou com Jezabel* (v. 25), mulher pagã, idólatra, e as consequências dessa terrível união foram registradas para nosso aprendizado. Elas se destacam como uma luz vermelha, um sinal de perigo, um alerta solene para o povo de Deus hoje. A Lei proibia expressamente que um israelita casasse com mulher gentia, e o Novo Testamento proíbe dessa mesma forma definida que um cristão se case com uma pessoa incrédula. "Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos; porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas?" (2Co 6.14). O cristão que deliberadamente desconsidera esse mandamento divino faz isso expondo-se ao perigo, pois a desobediência deliberada atrai sobre si o desprazer de Deus. Quando um filho de Deus se casa com um incrédulo, ele faz com que Cristo entre em acordo com o Maligno (2Co 6.15). Quando um cristão se casa com uma mulher incrédula, o que acontece é que um filho de Deus se une a uma filha de Satanás. Que mistura terrível!

Elias corretamente censura Acabe por sua desafiante união com Jezabel e por todos os males que isso acarretou. "[…] te vendeste para fazeres o que é mau perante o SENHOR" (1Rs 21.20). Esta é a principal tarefa do servo de Deus: tornar conhecida a indignação e o juízo do Céu contra o pecado. Deus é inimigo do pecado. Ele "sente indignação (contra o perverso) todos os dias" (Sl 7.11). A sua ira se revela contra toda impiedade e injustiça dos homens

(Rm 1.18). Essa ira é o antagonismo da santidade contra o mal, do fogo consumidor contra aquilo que é incapaz de suportá-lo.

É tarefa do servo de Deus declarar e tornar conhecida a situação e o caminho do pecador, que aqueles que não são *por* Cristo são *contra* ele, que aquele que não anda com Deus está lutando contra ele, que aquele que não se rende ao seu serviço está servindo ao diabo. O Senhor Jesus disse: "todo o que comete pecado é escravo do pecado" (Jo 8.34), cumprindo as ordens do seu senhor, escravo das suas paixões, um escravo voluntário, que sente prazer no que faz. Não é um serviço que lhe foi imposto contra os seus desejos, mas é um serviço a que ele voluntariamente se vendeu e no qual voluntariamente permanece. E por esta razão é uma servidão criminosa pela qual ele precisa ser julgado.

Essa, então, foi a provação que Elias enfrentou, e em essência é aquilo com que todo servo de Cristo se depara hoje. Ele foi portador de uma mensagem desagradável. Ele teve de confrontar o rei ímpio e "dizer-lhe na cara" exatamente aquilo que ele era aos olhos de um Deus que odeia o pecado. Essa é uma tarefa que exige mente firme e coração ousado. É uma tarefa que exige que a glória de Deus sobrepuje toda e qualquer consideração sentimental. É uma tarefa que requer o apoio e a cooperação de todo o povo de Deus. Que ele não faça nem diga nada que desencoraje o ministro no fiel desempenho da sua função. Que o povo de Deus fique longe de dizer: "Não profetizeis para nós o que é reto; dizei-nos coisas aprazíveis, profetizai-nos ilusões" (Is 30.10). Em vez disso, que o povo de Deus ore sinceramente para que o espírito de Elias repouse sobre os seus ministros, para que sejam capacitados a abrir a boca "com toda a intrepidez" (At 4.29), para que não deixem de anunciar nada que seja proveitoso, e para que não deixem de declarar todo o conselho de Deus (At 20.20,27). Que eles não permitam haver nenhuma falha em segurar as mãos dos ministros no dia da batalha (Êx 17.12). Ah! Amigo leitor! Faz uma grande diferença quando o ministro sabe que tem o suporte de um povo que ora. Quão responsável será o povo pela situação do púlpito de hoje!

"Eis que trarei o mal sobre ti" (1Rs 21.21). É tarefa do servo de Deus não apenas pintar com cores reais o caminho que o pecador escolheu seguir, mas tornar conhecida a inevitável consequência desse caminho. Primeiro e negativamente, aqueles que se venderam para fazer o mal aos olhos de Deus venderam-se "*Por nada*" (Is 52.3). Satanás lhes garantiu que, entregando-se ao seu serviço, eles seriam os ganhadores; que, dando livre curso às suas

paixões, eles seriam felizes e gozariam a vida. Mas ele é mentiroso, como Eva o descobriu no começo. Pode-se perguntar àqueles que se vendem para fazer o mal: “Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz?” (Is 55.2). Não há satisfação mental, não há paz de consciência, nenhuma alegria verdadeira de coração que se obtenha cedendo à carne; em vez disso, o que ocorre é a destruição da saúde e o acúmulo da miséria. Oh! Que negociação desgraçada é esta: vender-se “*por nada*”! Desperdiçar nossos recursos em um viver desordenado e então chegar à triste necessidade. Prestar plena obediência aos ditames do pecado e receber de volta apenas murros e pontapés. Que loucura, servir a um senhor desses!

Mas o servo de Deus tem um dever ainda mais difícil para executar: anunciar o lado positivo das consequências de nos vendermos para fazer o mal perante o Senhor. O pecado paga um salário terrível, caro leitor. Ele está fazendo isso no presente momento na história mundial. Os horrores da guerra[84], com todo o indizível sofrimento e angústia que acarretam, são o salário do pecado que agora é pago às nações, e essas nações que pecaram contra a maior luz e contra os maiores privilégios são as que estão recebendo os mais pesados pagamentos. E não é apropriado que seja assim? Sim, a Palavra da Verdade chama isso de “justo castigo” (Hb 2.2). E o mesmo princípio diz respeito ao indivíduo. A todo aquele que se vende para fazer o que é mau perante o Senhor a sua resposta é: “Eis que trarei o mal sobre ti”, horrendo juízo que esmagará e destruirá completamente. Isto, também, é o dever do servo de Deus: declarar solenemente a todo aquele que se rebela contra Deus, independente do seu *status*: “Ó perverso, certamente, morrerás” (Ez 33.8), e esse mesmo versículo prossegue dizendo que Deus também diz ao atalaia que deixou de cumprir a sua obrigação: “o seu sangue eu o demandarei de ti”. Oh! Que sejamos capazes de dizer juntamente com Paulo: “estou limpo do sangue de todos”! (At 20.26).

“Farei a tua casa como a casa de Jeroboão, filho de Nebate, e como a casa de Baasa, filho de Aías, por causa da provocação com que me irritaste e fizeste pecar a Israel. Também de Jezabel falou o SENHOR: Os cães devorarão Jezabel dentro dos muros de Jezreel. Quem morrer de Acabe na cidade, os cães o comerão, e quem morrer no campo, as aves do céu o comerão” (1Rs 21.22-24). Os moinhos de Deus moem lentamente, mas moem muito bem. Por muitos anos, Acabe provocou ao SENHOR, mas agora o “Dia do juízo” estava à mão, e quando chegasse, o julgamento divino cairia não apenas sobre o rei apóstata e sobre a sua vil esposa, mas também sobre toda a sua

família, de forma que a sua casa perversa seria totalmente exterminada. Não está escrito que "o nome dos perversos cai em podridão" (Pv 10.7)?

Temos aqui uma aterrorizante ilustração desse solene princípio do modo de Deus agir: "visito a iniquidade dos pais nos filhos" (Êx 20.5). Perceba aqui a justiça de Deus fazendo Acabe colher conforme tinha semeado: ele não apenas tinha consentido com a morte de Nabote (1Rs 21.8), mas os filhos de Nabote também tinha sido assassinados (2Rs 9.26), daí a retribuição divina visitaria não apenas Acabe e Jezabel, mas também os seus filhos.

"Farei a tua casa como a casa de Jeroboão, filho de Nebate, e como a casa de Baasa, filho de Aías". Ao declarar que ele faria a casa de Acabe como a dos dois outros reis perversos que o tinham precedido, Deus anunciou a total destruição dos seus descendentes, e isso por meio de um fim violento. Quanto à casa de Jeroboão – cuja dinastia durou apenas vinte e quatro anos – lemos que "matou toda a descendência de Jeroboão; não lhe deixou ninguém com vida, a todos exterminou" (1Rs 15.29); e quanto a Baasa – cuja dinastia durou aproximadamente 25 anos – somos informados que "não lhe deixou nenhum do sexo masculino, nem dos parentes, nem dos seus amigos" (1Rs 16.11). Provavelmente, uma das razões por que é especificamente mencionada a terrível maldição que tragou as famílias dos seus predecessores fosse para dar ênfase maior à monstruosidade da conduta de Acabe – que ele deixou de levar em conta esses juízos recentes de Deus. O fato de recusarmos atender aos solenes alertas que a história registra dos inconfundíveis juízos de Deus sobre outros malfeitores agrava, em muito, os nossos pecados, como a culpa de nossa geração é muito maior por causa do pouco caso do alto e claro chamado feito pela guerra de 1914-1918, para que as nações se voltem da sua perversidade e retornem ao Deus dos seus pais.

E qual foi o efeito que essa mensagem do SENHOR produziu em Acabe? De início, ao ver o profeta, ele ficou perturbado e desgostoso, mas quando ouviu a terrível sentença, ele foi profundamente tocado: "Tendo Acabe ouvido estas palavras, rasgou as suas vestes, cobriu de pano de saco o seu corpo e jejuou; dormia em panos de saco e andava cabisbaixo" (1Rs 21.27). Ele não tentou justificar-se diante de Elias. A sua consciência o golpeou por ter aprovado aqueles homicídios, por tomar posse de uma herança que não era sua, embora não tivesse matado o proprietário. Ele sabia muito bem que, quando aqueles que estão em autoridade "fecham um olho" para a perversidade quando deveriam restringi-la, sua atitude lhes é atribuída com justiça como se eles mesmos tivessem praticado o ato perverso; sabia também

que o receptor de bens roubados é tão mau quanto o próprio ladrão. Ele estava perplexo e humilhado. Deus é poderoso para fazer com que o pecador mais ousado trema e o mais arrogante se humilhe.

Mas nem tudo que brilha é ouro. Pode haver uma grande demonstração exterior de arrependimento sem que o coração tenha sido mudado. Há muitos que temem a ira de Deus, mas que não se apartam dos seus pecados. Não há indício nenhum de que Acabe tenha removido Jezabel ou restaurado a adoração do Senhor.

O registro que se faz de Acabe aqui é solene e instrutivo. Solene, porque parece um alerta contra enganar-se com as aparências. Acabe não tentou justificar os seus crimes nem atentou contra a vida de Elias. Pelo contrário. Ele se humilhou, e por seus atos exteriores reconheceu a justiça da sentença divina. Que mais poderíamos exigir? Ah! Este é o ponto mais importante. Corrigir externamente os nossos caminhos, embora seja algo bom em si mesmo, não é suficiente. “Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos ao SENHOR” (Jl 2.13) é o que um Deus santo requer. Um hipócrita pode se sair muito bem no desempenho exterior dos deveres santos. Os pecadores mais endurecidos são capazes de reformar-se por um tempo (Mc 6.20; Jo 5.35).

Quantas pessoas ímpias, em tempos de perigo e doença grave, humilharam-se diante de Deus, mas retornaram aos seus maus caminhos tão logo lhes foi restaurada a saúde! A humilhação de Acabe foi superficial e passageira, foi provocada pelo medo do juízo e não por um coração que odiava os seus pecados. Nada se diz sobre ele ter devolvido a vinha de Nabote aos seus herdeiros ou parentes próximos, e devemos sempre desconfiar seriamente do arrependimento que não leva à correção dos erros. Mais tarde, nós o vemos dizer a respeito de um servo de Deus: “eu o *aborreço* (odeio)” (1Rs 22.8), o que é prova evidente de que ele não tinha experimentado nenhuma mudança de coração.

O caso de Acabe também é instrutivo porque lança luz sobre o modo de Deus tratar e governar indivíduos nesta vida. Embora o arrependimento do rei fosse apenas superficial, considerando que era uma humilhação *pública* ou visível de si mesmo diante de Deus, este foi de alguma forma reconhecido e honrado, e lhe concedeu uma redução de sentença: “visto que se humilha perante mim, não trarei este mal nos seus dias, mas nos dias de seu filho o trarei sobre a sua casa” (1Rs 21.29) – foi-lhe poupada a angústia de testemunhar a morte dos seus filhos e o completo extermínio da sua casa.

Mas não foi cancelada a sentença divina a respeito dele mesmo. Nem o rei tinha condições de escapar do golpe de Deus, embora tivesse tentado fazê-lo (1Rs 22.30). O Senhor tinha dito: “No lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabote, cães lamberão o teu sangue, o teu mesmo” (1Rs 21.19), e lemos que “Morto o rei, levaram-no a Samaria, onde o sepultaram. Quando lavaram o carro junto ao açude de Samaria, os cães lamberam o sangue do rei, segundo a palavra que o SENHOR tinha dito” (1Rs 22.37,38). Aquele que se vende ao pecado precisa receber o salário do pecado. Para ver a maldição que alcançou a família de Acabe, leia 2Rs 9.25; 10.6,7,13,14,17.

“Também de Jezabel falou o SENHOR: Os cães devorarão Jezabel dentro dos muros de Jezreel” (1Rs 21.23). As ameaças feitas pelo profeta não eram vazias, mas eram notificações do juízo divino que se cumpriu não muito tempo depois. Jezabel sobreviveu a seu marido por alguns anos, mas seu fim foi exatamente como Elias tinha predito. De conformidade com seu caráter depravado, lemos que no dia da sua morte ela “se pintou em volta dos olhos, enfeitou a cabeça e olhou pela janela” (2Rs 9.30) para chamar a atenção. É muito sério observar que Deus presta atenção a esse tipo de coisa, não com aprovação, mas com repugnância; e é igualmente sério aprender dessa passagem que as mulheres que pintam o rosto e se preocupam em adornar artificialmente o cabelo para se destacarem pertencem à mesma classe dessa rainha perversa, dessa criatura “maldita” (2Rs 9.34).

Ela foi lançada para fora da janela por um dos seus próprios serventes, o seu sangue salpicou a parede, e o seu corpo foi brutalmente pisoteado. Pouco tempo depois, quando deram ordem para enterrá-la, constatou-se que os cães tinham-lhe devorado o corpo de tal forma que “não acharam dela senão a caveira, os pés e as palmas das mãos” (2Rs 9.35). Deus é tão fiel e verdadeiro na execução das suas ameaças quanto o é no cumprimento das suas promessas.

---

84 Referência à II Guerra Mundial.

CAPÍTULO 32

A ÚLTIMA MISSÃO DE ELIAS

Depois da morte de Acabe, os juízos de Deus começaram a cair pesadamente sobre a família dele. A respeito do seu sucessor imediato, lemos: “Acazias, filho de Acabe, começou a reinar sobre Israel em Samaria, no décimo sétimo ano de Josafá, rei de Judá; e reinou dois anos sobre Israel. Fez o que era mau perante o SENHOR; porque andou nos caminhos de seu pai, como também nos caminhos de sua mãe e nos caminhos de Jeroboão, filho de Nebate, que fez pecar a Israel. Ele serviu a Baal, e o adorou, e provocou à ira ao SENHOR, Deus de Israel, segundo tudo quanto fizera seu pai” (1Rs 22.51-53). Quão indescritivelmente sério é isso. Os três anos e meio de fome, a demonstração da impotência de Baal, a morte dos seus profetas ali no Carmelo, e o modo terrível com que Deus tratou com o seu pai eram todos do conhecimento de Acazias, mas não produziram nenhum efeito salutar nele, pois recusou-se a levá-los a sério. Sem levar em consideração essas terríveis advertências, ele avançou temerariamente no pecado, “serviu a Baal, e o adorou”. O seu coração estava inteiramente decidido a praticar o mal, e por isso foi morto em sua juventude; contudo, mesmo no caso dele, a misericórdia misturou-se com a justiça, pois foi-lhe dada oportunidade de arrependimento antes de ser removido deste mundo.

“Depois da morte de Acabe, revoltou-se Moabe contra Israel” (2Rs 1.1). Em cumprimento à profecia de Balaão (Nm 24.17), Davi havia conquistado os moabitas, de forma que se tornaram seus “servos” (2Sm 8.2), e permaneceram em sujeição ao reino de Israel até quando este foi dividido, quando passaram a servir e a pagar tributo aos reis de Israel, assim como os de Edom ficaram para os reis de Judá – o tributo que os moabitas pagavam ao rei de Israel era de “cem mil cordeiros e a lã de cem mil carneiros” (2Rs 3.4). Mas depois da morte de Acabe, revoltaram-se contra o rei de Israel. Vemos, nisso, a providência divina atormentando Acazias em seus negócios. Essa rebelião por parte de Moabe deve ser considerada à luz de Provérbios 16.7: “Sendo o caminho dos homens agradável ao SENHOR, este reconcilia com eles os seus inimigos” – mas quando nossos caminhos lhe desagradam, o mal nos ameaça de todos os lados. A prosperidade, tanto temporal como espiritual, dependem inteiramente da bênção de Deus. Quando alguém age mal para

conosco, isso nos deve levar imediatamente a examinar nossa conduta para com Deus. Com a finalidade de tornar sua mão mais visível, ele com frequência pune o ímpio de forma semelhante aos seus pecados. Ele o fez dessa forma com o filho de Acabe. Como ele tinha se apartado do Senhor, Moabe foi levado a rebelar-se contra ele.

O que acabamos de mostrar refere-se ao modo como Deus governa o mundo e ilustra um importante princípio em seus "caminhos" com as nações, ou seja, refere-se àquilo que diz respeito ao *tempo*, e não à *eternidade*; às operações da providência divina, e não à esfera da salvação. As nações em si possuem existência meramente temporal, ao passo que os indivíduos que as compõem possuem destino eterno. A prosperidade ou adversidade de uma nação é determinada por sua atitude e conduta para com Deus: diretamente, por aqueles que têm os seus oráculos vivos nas mãos; e indiretamente, por meio dos ímpios – no caso destes isso é determinado por sua conduta para com o povo de Deus. O Antigo Testamento nos fornece muitos exemplos disso, tantos que até aquele que "corre" consegue lê-los. A atitude de uma nação para com Deus não deve ser avaliada tanto pelo comportamento geral do seu povo como pelo caráter dos seus governadores ou pelo seu governo. As duas coisas estão, é claro, intimamente relacionadas, pois onde a maior parte dos súditos é piedosa, eles não tolerarão a impiedade nos cargos mais elevados do governo; e, por outro lado, quando os líderes e governantes dão mau exemplo, não se pode esperar dos liderados que ajam de forma mais justa do que aqueles. Qualquer que seja a forma específica de governo em um país, ou qualquer que seja o partido dominante, o caráter e as leis dos seus executivos é que são o fator decisivo, pois são eles que ocupam as posições de chefia responsáveis diante de Deus.

Em países declaradamente "cristãos", como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América,85 são as igrejas que regulam o "pulso" da nação. Elas atuam como o "sal" sobre a coletividade, e quando os seus caminhos agradam ao Senhor, ele lhes concede favor aos olhos daqueles que os cercam. Quando o Espírito Santo pode agir livremente, o seu poder se manifesta não apenas chamando os eleitos, mas subjugando o pecado nos não eleitos e fazendo a máquina estatal apoiar a piedade, como mais ou menos pôde ser visto 100 anos antes.86 Mas quando o erro penetra nas igrejas e se relaxa a disciplina, o Espírito Santo é entristecido e o seu poder é impedido, e os perversos efeitos disso tornam-se mais e mais aparentes no país por uma onda de desrespeito à lei de Deus. Se as igrejas persistem nesse declínio, então o Espírito Santo é

apagado e se escreve “Icabode” sobre elas, como é o caso em nossos dias. É então que a mão refreadora de Deus é removida e começa uma devassidão de desregramento. É então que o governo se torna impotente, pois os que estão no poder não têm poder nenhum exceto aquele que o povo lhe delegou, e por isso agem de acordo com os desejos depravados das massas. Esta, então, é sempre a ordem: afastar-se do Deus verdadeiro, voltar-se para deuses falsos, e então o distúrbio da paz – tanto a revolução social como a guerra internacional.

Acazias “serviu a Baal, e o adorou, e provocou à ira ao SENHOR, Deus de Israel” (1Rs 22.53). O Senhor Deus é um Deus zeloso, zeloso por sua verdade, zeloso de sua honra, e quando aqueles que se dizem seu povo se voltam a outros deuses, a sua ira se acende contra eles. Quantos falsos deuses têm sido cultuados na cristandade durante as últimas poucas décadas! Que caricatura do caráter divino tem sido apresentada pela maior parte do protestantismo – um “deus” a quem ninguém teme! Que deturpação do Evangelho tem acontecido nos setores “ortodoxos” da cristandade, de acordo com o qual “outro Jesus” (2Co 11.4) destituiu o Cristo das Sagradas Escrituras! Não é de admirar que, como reação inevitável, as multidões tenham transformado Mamom e o prazer em deuses, e que a nação tenha depositado sua confiança em suas forças armadas, em vez de colocá-la no braço do Senhor. Aqui e ali apareceu algum Elias levantando a voz em testemunho do Deus vivo, denunciando as modernas formas de culto a Baal; mas quem lhes deu ouvido? Com certeza, não as igrejas, pois elas lhes fecharam os púlpitos de forma que, como o tesbita de antigamente, eles foram forçados ao isolamento e tiveram de afastar-se; e agora parece que a sua última tarefa, antes que Deus os remova, é pronunciar sentença de morte sobre todo o sistema apóstata.

“[...] e provocou à ira ao SENHOR, Deus de Israel [...] revoltou-se Moabe contra Israel” (1Rs 22.53; 2Rs 1.1). Embora essas duas declarações estejam separadas (uma está no final de 1Reis e a outra está no início de 2Reis), a associação entre elas é tão óbvia que não há como deixar de percebê-la. É a associação de causa e efeito, onde este manifesta aquela. Por muitos anos, Moabe pagou tributos a Israel, mas agora ele se rebela contra esse jugo. E já não testemunhamos algo semelhante com respeito ao Império Britânico? Um país após o outro rompe seus laços com a Grã-Bretanha e torna-se independente!

Ah! Prezado leitor! A Bíblia não é um velho livro cheio de registros

históricos do passado remoto, mas é um *livro vivo* que proclama princípios vitais aplicáveis a todos os tempos e descreve as coisas como são hoje! A história se repete, não apenas porque a natureza humana é fundamentalmente igual em todas as épocas, mas também porque os "caminhos" de Deus, os princípios do seu governo, permanecem imutáveis. Assim como o Senhor Deus foi provocado por Acazias, assim ele tem sido provocado pelas igrejas, pelos políticos e pelo povo da Grã-Bretanha; e assim como a sua ira foi evidenciada quando moveu Moabe a buscar sua independência, assim o seu desagrado se vê agora quando ele faz com que um país após o outro se desligue da "pátria-mãe".

"E caiu Acazias pelas grades de um quarto alto, em Samaria, e adoeceu" (2Rs 1.2). Em primeiro lugar, note que esse versículo começa com a palavra "E", o que parece declarar a reação, ou, antes, a falta de reação do rei ao que foi registrado no versículo anterior. Aquilo que não vemos aqui é solene e informativo, porque revela o caráter de Acazias. Não houve uma volta ao Senhor em busca de orientação e auxílio. Ele não se humilhou diante de Deus perguntando a razão por que aconteceu esse motim por parte de Moabe.

Não há nada que aconteça por acaso, e a maldição sem causa não se cumpre (Pv 26.2). Por isso o dever do rei era jejuar e orar, e verificar o que havia desagradado ao Senhor. Não! É melhor voltarmos atrás: teria sido mera zombaria se ele tivesse feito qualquer coisa dessas. Não havia nenhuma necessidade de perguntar ao Senhor, pois o rei sabia muito bem o que estava errado – ele estava servindo e adorando a Baal; e, enquanto os seus ídolos não fossem abolidos, clamar o nome do Senhor não teria passado de fingimento, uma farsa piedosa. O leitor concorda com isso? Concorda? Se não, volte a ler cuidadosamente este parágrafo. Se o leitor concorda, não fica a aplicação à nossa própria situação nacional claramente aparente? Indizivelmente solene – sim; indescritivelmente terrível – sim. Mas, se encararmos os fatos, se olharmos as coisas como de fato são, não há como escapar a essa conclusão.

Chamamos a atenção a outro fator que está ausente do versículo 2. Acazias falhou não apenas espiritualmente, mas naturalmente também. Qual deveria ter sido a sua reação a essa revolta de Moabe? Ora, ele deveria ter lidado com ela com mão firme, matando-a na raiz. Esse era obviamente o seu dever como rei. Em vez disso, ele preferiu a linha da menor resistência e dedicou-se ao prazer. Em vez de assumir seu lugar à frente do seu exército e suprimir essa rebelião por meio da força, parece que ele ficou indolentemente

no palácio.

Temos de reconhecer que, nestas circunstâncias, Deus o entregou a um espírito de loucura! Ele se encolheu em medo covarde do campo de batalha e dos perigos do combate e, deixando Moabe fazer como bem entendia, sem tentar trazê-lo de volta à sujeição, deixou-se governar por uma vida de autoindulgência. Talvez ele tivesse se lembrado daquilo que tão recentemente havia acontecido a seu pai no campo de batalha e tivesse decidido que "a discrição é a melhor parte do heroísmo". Mas não há como escapar da mão de Deus quando ele está determinado a castigar: estamos tão sujeitos a nos deparar com um "acidente" no abrigo de nossa casa quanto se estivéssemos expostos às armas mais mortíferas do campo de batalha.

"E caiu Acazias pelas grades de um quarto alto, em Samaria, e adoeceu" (2Rs 1.2). Aqui vemos a misericórdia misturar-se com a justiça. Aqui foi dado "lugar de arrependimento" ao rei idólatra. Oh! Como Deus é longânimo! A queda de Acazias não foi imediatamente fatal, embora o pusesse de cama, doente, onde teve oportunidade de "considerar os seus caminhos". E quantas vezes o Senhor age dessa forma, tanto com nações como com indivíduos. O Império Romano não foi construído em um só dia, nem foi destruído em um dia só. Muito rebelde declarado contra o Céu tem sido repentinamente arrancado de seu perverso procedimento. Um "acidente" lhe sobreveio e, embora o tenha privado de algum membro do corpo, não lhe tirou a vida. Talvez essa tenha sido a experiência de alguém que lê estas linhas. Se este é o caso, queremos dizer-lhe com toda sinceridade: aproveite o tempo que lhe é concedido. Você poderia estar agora no inferno, mas Deus lhe deu um tempo extra (talvez breve) para pensar na eternidade e preparar-se para ela. Oh! Que a sua bondade conduza você ao arrependimento! Hoje, se ouvirem a sua voz, não endureçam o coração. Deponham as armas da sua guerra contra ele e reconciliem-se com ele, pois, como haverão de escapar das chamas eternas, se negligenciarem a sua grande salvação? (Hb 2.3)

"[...] enviou mensageiros e disse-lhes: Ide e consultai a Baal-Zebube, deus de Ecrom, se sararei desta doença" (2Rs 1.2). Primeiro, Deus se opôs aos seus negócios, e então o feriu no corpo. Já chamamos a atenção ao que esse rei perverso não fez; agora consideraremos o curso que ele de fato seguiu. Nenhum dos juízos que ele sofreu chegou a comovê-lo; e, tendo vivido sem Deus na prosperidade, assim também na adversidade ele não fez caso da sua mão que o punia.

Saul, em seu desespero, consultou uma feiticeira, unicamente para ouvir

sua própria ruína. Dessa forma também Acazias agora recorreu aos deuses dos pagãos. Ele estava evidentemente preocupado com a situação da sua saúde, de forma que enviou alguns dos seus servos para consultarem um oráculo idólatra para saber se ele se recuperaria desta aflição – prova de que a sua alma estava em pior situação do que o seu corpo. O termo "Baalim" era um epíteto comum para os deuses falsos, cada um possuía sua própria função e território peculiar. Por essa razão, vemos os diferentes títulos "Baal-Zebube", "Baal-Peor", "Baal-Zefom", "Baal-Berite". "Baal-Zebube" era o ídolo de Ecrom, cidade da Filístia, país famoso por seus agoureiros (Is 2.6).

É provável que "Baal-Zebube" tenha o significado de "o senhor da mosca ou das moscas" porque, uma vez que o país deles era infestado de moscas (coisa de que ainda hoje os viajantes se queixam), eles supunham que tal deus os protegia das doenças que elas disseminavam. Em Mateus 12.24, vemos nosso Senhor chamando Belzebu (a forma grega de Baal-Zebube) de "príncipe dos demônios", o que indica que, sob diferentes nomes e imagens, os pagãos de fato adoram como deuses os espíritos malignos – como está claramente declarado em 1Co 10.20: "as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus".

Parece que no tempo de Acazias os sacerdotes de Baal, por meio da feitiçaria de espíritos malignos, haviam-se tornados famosos pelo conhecimento que tinham de eventos futuros, assim como, alguns anos mais tarde, o oráculo de Delfos foi considerado em alta estima na Grécia. Crendo que o ídolo de Ecrom podia antever e prever as coisas vindouras, Acazias prestou-lhe reverência. A pecaminosidade desse tipo de prática nos é apresentada sem sombra de dúvida nas seguintes passagens bíblicas: Lv 20.6,27; Dt 18.10; 1Cr 10.13. Dessa forma, todos os que consultam videntes, astrólogos e necromantes são culpados de um terrível pecado, e se expõem aos poderes do mal.

"Ao mandar consultar um oráculo pagão, o rei de Israel declarou aos gentios a sua falta de confiança no SENHOR: como se a única nação favorecida com o conhecimento do Deus verdadeiro fosse a única nação em que Deus não era conhecido. Isso foi singularmente desonroso e ultrajante ao SENHOR" (Thomas Scott). Com esse gesto, Acazias na verdade rejeitou pública e deliberadamente ao Senhor, escolhendo rebeldemente os caminhos que haviam trazido a ira do Céu sobre o seu pai. Era algo que não podia passar despercebido, por isso o Senhor, que é Rei dos reis bem como o Deus de Israel, exige uma prestação de contas. Elias foi enviado para encontrar-se

com os apressados mensageiros do rei, com o anúncio da morte certa: “Mas o Anjo do SENHOR disse a Elias, o tesbita: Dispõe-te, e sobe para te encontrares com os mensageiros do rei de Samaria, e dize-lhes: Porventura, não há Deus em Israel, para irdes consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom?” (2Rs 1.3).

Nada escapa aos olhos daquele a quem temos de prestar contas. Os seus olhos estão sobre todos os caminhos dos homens, quer sejam monarcas, quer sejam servos. Ninguém é tão importante ou independente para estar acima do seu controle, e ninguém é tão pequeno ou insignificante para passar despercebido por ele. O Senhor conhece tudo o que fazemos ou dizemos ou pensamos, e naquele “Dia” seremos chamados para uma plena prestação de contas.

“Mas o Anjo do SENHOR disse a Elias, o tesbita: Dispõe-te, e sobe para te encontrares com os mensageiros do rei de Samaria, e dize-lhes: Porventura, não há Deus em Israel, para irdes consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom?” (2Rs 1.3). A língua hebraica é mais expressiva e enfática do que a portuguesa: “É porque não há Deus em Israel, nenhum Deus em Israel” que vocês buscam orientação com os emissários de Satanás? O Deus verdadeiro e vivo não apenas se revelou a Israel, mas estava em relação pactual com eles por meio de uma aliança. Isso explica por que o “anjo do Senhor” se dirige a Elias nessa ocasião, dando ênfase a esse relacionamento bendito que o rei estava repudiando – era o Anjo da Aliança (Êx 23.23). Como tal, Yahweh havia dado clara demonstração de si mesmo a Acazias durante o tempo em que viveu.

“Por isso, assim diz o SENHOR: Da cama a que subiste, não descerás, mas, sem falta, morrerás” (2Rs 1.4). Depois de reprovar o terrível pecado de Acazias, o servo de Deus agora pronuncia o juízo sobre ele. Esta, então, foi a última e solene tarefa de Elias: transmitir a sentença de morte ao rei apóstata. Para com a viúva de Sarepta, Deus tinha feito dele “aroma de vida para vida”; mas para Acabe e, agora, para o seu filho, ele tornou-se “cheiro de morte para morte”. São de fato muito variadas as tarefas atribuídas aos ministros do Evangelho, conforme são chamados para confortar o povo de Deus e alimentar os seus cordeiros, ou para alertar os ímpios e censurar os malfeitores. Assim foi com o seu grande modelo: em seus lábios encontramos tanto bênçãos como maldições; embora a maioria das congregações esteja mais familiarizada com aquelas do que com estas. Mas podemos constatar que as suas “bem-aventuranças”, em Mateus 5, são equilibradas com número igual de “ais” encontrados em Mateus 23. Devemos notar cuidadosamente

que esses “ais” foram proferidos pelo Senhor Jesus *no final* do seu ministério público, e, embora o fim do mundo possa não estar perto (ninguém na terra o sabe), parece claro que o fim da presente “ordem” das coisas a “civilização”, é iminente, e por isso os servos de Cristo têm diante de si hoje uma tarefa ingrata. Oh! Que a graça os preserve “fiéis até a morte”!

---

85 Considerar o contexto do autor.
86 Isto é, na primeira metade do século XIX.

CAPÍTULO 33

O MENSAGEIRO DO JUÍZO

“Então, Elias partiu” (2Rs 1.4). Por ordem do seu Senhor, o profeta foi encontrar-se com os servos de Acazias e comunicou aquilo que Deus lhe tinha comissionado, e os enviou de volta ao rei com essa mensagem; depois, partiu. Ele partiu não com o propósito de ocultar-se, mas para retornar à sua comunhão com Deus. Ele retirou-se para “o cimo de um monte” (v. 9): de forma simbólica, isso lembrava uma separação moral, uma elevação acima do mundo. Nós precisamos nos retirar ao “lugar secreto do Altíssimo” – e isso não se encontra perto das multidões irrefletidas e agitadas – se queremos habitar “no esconderijo do Altíssimo” (Sl 91.1); é do propiciatório que a sua voz é ouvida (Nm 7.89). Em uma ocasião anterior, vimos Elias dirigir-se ao cimo do Carmelo tão logo seu trabalho público havia terminado (1Rs 18.42). Que lição prática temos aqui para todos os servos de Cristo! Quando tiverem entregado a sua mensagem, retirarem-se da vista do público para estarem a sós com Deus, assim como o seu Salvador antes deles costumava fazer. O “cimo do monte” é também o lugar de observação e visão. Oh! Que façamos de nosso lugar secreto um observatório espiritual!

Na narrativa sagrada, não há nenhuma indicação a respeito da nacionalidade desses mensageiros de Acazias. Se eram israelitas, dificilmente deixaram de reconhecer o profeta quando ele tão subitamente os interpelou e de forma tão dramática anunciou a morte do senhor deles. Se eram estrangeiros, trazidos de Tiro por Jezabel, provavelmente desconheciam o importante tesbita, pois já se haviam passado alguns anos desde a sua última aparição pública. Quem quer que fossem, esses homens ficaram tão impressionados com essa figura imponente e seu tom autoritário, tão assombrados por conhecer a missão deles, e tão aterrorizados com seu pronunciamento, que imediatamente abortaram a sua expedição e retornaram ao rei. Aquele que conseguia saber o que Acazias pensava e dizia podia evidentemente predizer o resultado da sua doença: eles não se atreveram a prosseguir em sua jornada a Ecrom. Isso ilustra um princípio importante. Quando o servo de Deus se vê movido pelo Espírito Santo, a sua mensagem opera convicção e causa terror no coração dos seus ouvintes: assim como Herodes “temia” João Batista (Mc 6.20), e Félix “amedrontou-se” diante de

Paulo (At 24.25). Mas não é falar aos ímpios a respeito do amor de Deus que produzirá esses efeitos, nem serão estes apaziguadores de consciência aprovados pelo Céu. Mas com certeza o serão aqueles que declaram, como Elias o fez com Acazias: “sem falta, morrerás”.

“E os mensageiros voltaram para o rei, e este lhes perguntou: Que há, por que voltastes?” (2Rs 1.5). Deve ter sido uma surpresa e um choque para o rei quando os seus servos retornaram tão rapidamente, pois ele sabia que não havia passado tempo suficiente para terem viajado a Ecrom na Filístia e voltado. A pergunta dele expressa contrariedade, uma censura por serem negligentes no desempenho da comissão que lhes fora confiada. Os reis daquela época estavam acostumados a receberem cega obediência dos seus súditos, e ai daqueles que se opusessem à vontade do rei. Isso tudo serve para destacar o efeito que o aparecimento e as palavras de Elias tiveram sobre os mensageiros. No versículo seguinte, vemos que o profeta lhes disse: “Ide, voltai para o rei que vos mandou” e transmiti-lhe a minha mensagem. E ainda que, fazendo isso, expusessem ao perigo a própria vida, fizeram o que o profeta lhes mandara. Eles sobrepujaram milhares daqueles que, professando-se servos de Cristo, durante muitos anos, de forma intencional, têm retido aquilo que os seus ouvintes mais precisam ouvir e têm colocado em lugar disso, de forma criminosa, uma mensagem de “paz, paz”, quando não há paz para eles, e isso em dias quando uma fiel proclamação da verdade não lhes teria colocado em risco a vida. Com toda certeza, os mensageiros de Acazias se levantarão no juízo contra esses servos infiéis.

“Eles responderam: Um homem nos subiu ao encontro e nos disse: Ide, voltai para o rei que vos mandou e dizei-lhe: Assim diz o SENHOR: Porventura, não há Deus em Israel, para que mandes consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom? Portanto, da cama a que subiste, não descerás, mas, sem falta, morrerás” (2Rs 1.6). Pelo fato de lhe terem omitido o nome e por se referirem a Elias simplesmente como “um homem”, fica claro que esses mensageiros do rei desconheciam a identidade do profeta. Mas eles tinham ficado tão apavorados com o seu aspecto e com a solenidade do seu modo de falar, e ficaram tão convencidos de que a sua predição se cumpriria, que se sentiram autorizados a deixar a sua jornada para retornar ao senhor que os enviara. Consequentemente, fizeram uma franca prestação de contas do que havia ocorrido, e fielmente reportaram as palavras de Elias. Eles sabiam muito bem que uma mensagem dessas seria totalmente mal recebida pelo rei, mas não fizeram nenhuma tentativa de alterar-lhe o tom nem tentaram

abrandá-la. Eles não deixaram de reportar diretamente a Acazias a sentença de morte que tinha sido pronunciada contra ele. Repetimos mais uma vez: como esses homens sobrepujaram muitos dos pregadores contemporâneos, que são covardes e aduladores ocupantes dos púlpitos. Ah! Quantas vezes se encontra mais sinceridade e fidelidade entre as pessoas declaradamente mundanas do que entre aquelas que aparentam elevada espiritualidade!

"Ele lhes perguntou: Qual era a aparência do homem que vos veio ao encontro e vos falou tais palavras?" (2Rs 1.7). Não há dúvida de que o rei sabia muito bem quem tinha se atrevido a cruzar o caminho dos seus servos para enviar-lhe uma mensagem dessas; mas, para certificar-se inteiramente, ele ordena aos seus servos que descrevam o estranho misterioso: qual era a sua aparência, como estava vestido e como foi que se dirigiu a vocês? Como isso ilustra uma das principais características da pessoa não regenerada! Acazias não quer saber da *mensagem*, mas do *homem* que a pronunciou – mesmo que com certeza a sua própria consciência o alertasse de que nenhum simples homem poderia ser o autor de uma mensagem dessas. E não é essa a tendência comum dos não convertidos? Em vez de considerarem *aquilo* que é dito, prendem a atenção em *quem* o diz. Assim é a pobre natureza humana decaída. Quando um verdadeiro servo de Deus é enviado e entrega uma palavra penetrante, o povo tenta esquivar-se dela ocupando-se com a sua personalidade, seu estilo de pregação, sua filiação denominacional – qualquer coisa secundária, desde que sirva para desviar-se daquilo que é de suprema importância. Contudo, quando o carteiro lhes entrega uma importante carta comercial, eles nem se preocupam com a sua aparência.

"Eles lhe responderam: Era homem vestido de pelos, com os lombos cingidos de um cinto de couro" (2Rs 1.8). Consideramos isso uma descrição mais da sua roupa do que da sua pessoa. A respeito de João Batista, que veio "no espírito e poder de Elias" (Lc 1.17), está registrado que ele usava "vestes de pelos de camelo e um cinto de couro" (Mt 3.4). É assim que sabemos que a roupa de Elias era feita de peles (Cf. Hb 11.37), amarrada com um cinto de couro não curtido. Pelas informações de Zacarias 13.4, sabemos que os profetas usavam essa vestimenta diferenciada; os falsos profetas vestiam-se assim com a finalidade de enganar o povo: "manto de pelos, para enganarem". Naquela época, quando a instrução se dava tanto aos olhos quanto aos ouvidos, por meio de símbolos e sombras, aquela vestimenta esquisita e desagradável indicava a mortificação do profeta quanto ao mundo, e expressava a sua preocupação e tristeza pela idolatria e iniquidade do seu

povo, assim como colocar “pano de saco” por parte dos outros significava humildade e tristeza. Para outras referências sobre o significado simbólico da vestimenta do profeta e de suas ações, compare 1Rs 11.28-31; 22.11; At 21.10,11.

“Então, disse ele: É Elias, o tesbita” (2Rs 1.8). Não havia dúvida: o rei sabia agora quem lhe havia mandado a solene mensagem. E qual foi o efeito que isso produziu nele? Ficou ele temeroso e humilde? Ele lamentou os seus pecados e suplicou misericórdia a Deus? Longe disso. Ele não tinha aprendido nada do fim terrível do seu pai. A severa aflição que ele estava sofrendo não o comoveu. Nem mesmo a proximidade da morte fez alguma diferença. Ele estava irado com o profeta e determinado a destruí-lo. Se Elias tivesse lhe mandado uma palavra mentirosa e lisonjeira, isso teria sido aceitável; mas o rei não conseguia lidar com a verdade. Como se parece com ele a degenerada geração de que fazemos parte, que prefere ser morta por bombas87 em seus locais de diversão a prostrar-se com o rosto em terra diante de Deus! Acazias era jovem e arrogante, totalmente indisposto a ser reprovado ou sofrer oposição à sua vontade, não importando de onde viesse, incluindo o próprio SENHOR. A mensagem de Elias, embora tivesse sido dada em nome de Deus e por seu expresso comando, enfureceu sobremaneira o monarca, e ele imediatamente resolve matar o profeta, embora este não tivesse feito mais do que a sua obrigação.

“Então, lhe enviou o rei um capitão de cinquenta, com seus cinquenta soldados, que subiram ao profeta, pois este estava assentado no cimo do monte; disse-lhe o capitão: Homem de Deus, o rei diz: Desce” (2Rs 1.9). Acazias não teve nenhuma dificuldade em achar homens ímpios prontos a executar as ordens mais perigosas e perversas. Esse grupo de soldados saiu prontamente para capturar o servo do Senhor. Eles o encontraram assentado tranquilamente em um lugar elevado. O espírito do capitão deixou claro que o seu coração estava totalmente comprometido com a sua tarefa, pois ele de forma insolente se dirigiu a Elias como “homem de Deus”, o que ele fez como escárnio e insulto. Era como se ele tivesse dito: Tu alegas que Yahweh é teu Senhor; nós vimos a ti em nome de alguém maior do que ele; o Rei Acazias diz: Desce! Isso foi uma terrível afronta e blasfêmia! Não foi apenas um insulto contra Elias, mas ao Deus de Elias; um insulto que não tinha como não ser respondido. Quantas vezes, no passado, os ímpios zombaram das coisas sagradas, transformando em apelidos de zombaria os próprios nomes pelos quais Deus designa o seu povo, com desprezo chamando-os de

“eleitos”, “santos” etc. O fato de não mais fazerem isso é porque o ouro puro se ofuscou; a piedade já não é uma realidade nem uma repreensão para os ímpios. Quem pensaria em chamar de “homem de Deus” o ministro de hoje? Eles preferem ser conhecidos como “sociáveis”, como homem do mundo.

“Elias, porém, respondeu ao capitão de cinquenta: Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu e te consuma a ti e aos teus cinquenta” (2Rs 1.10). Não havia nenhum rancor pessoal na terrível resposta de Elias. O que havia era um zelo consumidor pela glória de Deus, que havia sido insultada de forma tão estúpida por esse capitão. O representante do rei tinha zombado de ser ele um “homem de Deus”, e agora ficaria sabendo se o Criador do céu e da terra reconhecia ou não o profeta como seu servo. A insolência e impiedade desse homem que insultou o SENHOR e ao seu embaixador requeriam juízo imediato. “Então, fogo desceu do céu e o consumiu a ele e aos seus cinquenta” (2Rs 1.10). Isso era sinal seguro de que Elias não tinha agido com espírito de vingança, pois, nesse caso, Deus não teria respondido ao seu apelo. Em ocasião anterior, o “fogo do Senhor” tinha caído sobre o sacrifício e o tinha consumido (1Rs 18.38), mas aqui o fogo cai sobre pecadores que tinham zombado esse sacrifício. Isso acontecerá outra vez quando “do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus” (2Ts 1.7,8).

Com certeza, uma intervenção tão clara de Deus deveria servir como meio de intimidação – se não para o rei dissoluto, deveria ser para os seus servos, de forma que não fizessem nova tentativa de prender Elias. Mas não: “Tornou o rei a enviar-lhe outro capitão de cinquenta, com os seus cinquenta; este lhe falou e disse: Homem de Deus, assim diz o rei: Desce depressa” (2Rs 1.11). É difícil dizer o que era mais fora do comum nessa ocasião: se a loucura do Acazias ferido quando lhe chegou a terrível notícia do que acabara de acontecer, ou a presunção desse outro oficial e seus soldados. Esse segundo capitão não levou em consideração o que havia acontecido ao primeiro e seus soldados. Será que a calamidade que lhes sobreveio foi atribuída ao acaso, a algum raio ou meteoro que os consumiu, ou estava ele temerariamente determinado a resolver a questão? Da mesma forma que seu predecessor, ele dirigiu-se ao profeta na linguagem da zombaria insultuosa, embora usasse termos mais autoritários que o anterior: “Desce depressa”. Veja outra vez como o pecado endurece o coração e amadurece os homens

para o juízo. E quem é que faz com que você seja diferente? A que ponto teriam chegado escritor e leitor, se a misericórdia não interviesse e nos fizesse parar em nossa carreira louca! Oh! Como é digna de louvor a soberana graça que me arrebatou como tição da fogueira!

"Respondeu Elias e disse-lhe: Se eu sou homem de Deus, desça fogo do céu e te consuma a ti e aos teus cinquenta" (2Rs 1.12). Já anteriormente havia sido dada prova de que o SENHOR era onisciente (v. 4), e eles deviam saber que ele é onipotente. O que é o homem nas mãos do seu Criador? Um flamejar de raio e 51 dos seus inimigos viraram restolho queimado. E se todos os exércitos de Israel, sim, a raça humana toda estivesse reunida ali, não teria sido necessária nenhuma outra força. Que estupidez, então, é aquele cujo fôlego está em seu nariz contender com o Todo-Poderoso: "Ai daquele que contende com o seu Criador!" (Is 45.9). Algumas pessoas têm acusado Elias por destruir esses homens, não percebendo o fato de que ele não tinha condições de fazer descer fogo do céu, assim como eles mesmos não conseguem. Elias simplesmente anunciou nessas ocasiões aquilo que Deus mesmo tinha determinado fazer. E também não foi para agradar ao profeta que o Senhor agiu, ou para satisfazer alguma paixão vingativa sua; mas para mostrar o seu poder e justiça. Não se pode dizer que os soldados eram inocentes, pois não estavam desempenhando nenhum dever militar; eles estavam claramente lutando contra o Céu, como fica evidente pela linguagem do terceiro capitão. Isso foi registrado como uma advertência duradoura para todas as épocas, que aqueles que zombam dos fiéis ministros de Deus e os perseguem não escaparão do seu castigo. Por outro lado, aqueles que os protegem e auxiliam de forma alguma perderão o seu galardão.

"Tornou o rei a enviar terceira vez um capitão de cinquenta, com os seus cinquenta" (2Rs 1.13). Que terrível obstinação vemos aqui. Deliberadamente endurecendo o coração, Acazias fortaleceu-se contra o Todo-Poderoso e tenta mais uma vez ferir o profeta. Embora estivesse em seu leito de morte, conhecendo o juízo divino que tinha caído sobre duas companhias de soldados seus (como sugere o v. 14), ele persiste em estender a mão contra o ungido do SENHOR, e expõe à destruição outro dos seus capitães com seu grupo de homens. São de fato verdadeiras estas palavras da Sagrada Escritura: "Ainda que pises o insensato com mão de gral entre grãos pilados de cevada, não se vai dele a sua estultícia" (Pv 27.22). E por que isso acontece? Porque "o coração dos filhos é cheio de maldade, e a loucura acha-se no seu coração durante a sua vida" (Ec 9.3 — BRA). Em virtude dessas

declarações infalíveis, e com exemplos como Faraó, Acabe e Acazias diante de nós, não devemos nos surpreender ou alarmar nem um pouco pelo que vemos e lemos daquilo que está acontecendo no mundo de hoje. Devemos entristecer-nos e dar séria atenção, mas não devemos ficar nem abalados nem confusos.

"Tornou o rei a enviar terceira vez um capitão de cinquenta, com os seus cinquenta; então, subiu o capitão de cinquenta. Indo ele, pôs-se de joelhos diante de Elias, e suplicou-lhe, e disse-lhe: Homem de Deus, seja, peço-te, preciosa aos teus olhos a minha vida e a vida destes cinquenta, teus servos; pois fogo desceu do céu e consumiu aqueles dois primeiros capitães de cinquenta, com os seus cinquenta; porém, agora, seja preciosa aos teus olhos a minha vida" (2Rs 1.13,14). Este Esse homem tinha uma disposição diferente dos dois que o tinham precedido: mesmo nas forças armadas Deus tem um remanescente segundo a eleição da graça. Não ousando atentar contra Elias, ele mostrou humilde submissão e usou de veementes súplicas, sempre com expressões de respeito. Foi um apelo comovente, uma verdadeira súplica, uma oração. Ele atribuiu à causa verdadeira a morte das unidades anteriores e parece que tinha um terrível senso da justiça de Deus. Ele reconhece que a vida deles depende da misericórdia do profeta e suplica que sejam poupados. Dessa forma, o SENHOR cuida não apenas da segurança, mas também da honra de Elias, assim como ele fez com Moisés quando Faraó ameaçou matá-lo (Êx 10.28-11.8). A súplica deste capitão não foi em vão. Nosso Deus está sempre pronto a perdoar ao humilde suplicante, por mais rebelde que tenha sido, e a maneira de ser bem-sucedido na sua presença é dobrar-se diante dele.

"Então, o Anjo do SENHOR disse a Elias: Desce com este, não temas" (2Rs 1.15). Isso mostra claramente que Elias aguardou a orientação de Deus e foi inteiramente guiado por ele nas severas ocorrências anteriores. Nem Deus nem o seu servo sentiam qualquer prazer em tirar a vida daqueles que se aproximavam deles de forma apropriada. Os outros foram mortos por causa da sua zombaria e impiedade. Mas este capitão veio com temor e tremor, não com más intensões contra o profeta, nem com desprezo para com o Senhor dele. Consequentemente, ele encontrou misericórdia e favor: não apenas foi preservada a sua vida e a dos soldados, mas o capitão foi bem-sucedido em sua missão – Elias vai com ele até o rei. Aqueles que se humilham serão exaltados, ao passo que aqueles que se exaltam serão humilhados. Aprendamos com o exemplo de Elias a lidar com delicadeza com aqueles que

podem ter sido usados contra nós, quando evidenciam arrependimento e suplicam nossa clemência. Perceba que foi "o Anjo do Senhor" que outra vez se dirigiu ao profeta. Que teste para a sua obediência e coragem! O tesbita tinha irritado grandemente a Jezabel e seus associados, e agora o rei, filho dela, estava furioso com ele. Entretanto, ele, com segurança, pode ousar aparecer na presença dos seus inimigos enraivecidos, já que o Senhor lhe ordenou fazê-lo, com a garantia: "Não temas". Eles não podiam mover um só dedo contra Elias sem a permissão de Deus. O povo de Deus está totalmente salvo em suas mãos, e a fé pode sempre apropriar-se da triunfante linguagem do Salmo 27.1-3.

Elias "Levantou-se e desceu com ele ao rei" (2Rs 1.15), pronta e corajosamente, não temendo a sua ira. Ele não fez nenhuma objeção e não mostrou medo quanto à sua segurança; embora o rei estivesse enfurecido e estivesse cercado de numerosa comitiva, Elias confiou-se ao Senhor e sentiu-se seguro sob a sua promessa e proteção. Que exemplo impressionante da fé e da obediência do profeta para com Deus! Mas Elias não vai confrontar o rei enquanto o Senhor não ordena que o faça, ensinando aos seus servos a não agirem de forma presunçosa, expondo-se imprudente e desnecessariamente ao perigo; mas, tão logo Deus o exigiu, ele foi prontamente, encorajando-nos a seguir a orientação da Providência, confiando em Deus no caminho do dever e dizendo: "O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem?" (Hb 13.6).

"E disse a este: Assim diz o SENHOR" (2Rs 1.16). Elias agora repete ao rei, sem nenhuma alteração, aquilo que tinha dito aos seus servos. Sem medo e sem atenuar a situação, o profeta transmitiu clara e fielmente a palavra de Deus a Acazias; em nome daquele em cujas mãos estão tanto a vida como a morte, ele reprovou o monarca por seu pecado e, então, pronunciou uma sentença sobre ele. Que mensagem terrível para o rei: ele iria da sua cama para o inferno. Tendo executado a sua incumbência, o tesbita partiu sem ser incomodado. Por mais enfurecidos que estivessem Jezabel e seus associados, o rei e seus criados, ficaram todos mansos como cordeiros e silenciosos como estátuas. O profeta entrou e saiu em perfeita segurança, não sendo perturbado mais do que Daniel o foi quando lançado na cova dos leões, porque confiou em Deus.88 Que isto nos leve a avançar firme, mas humildemente no desempenho do nosso dever. "Assim, pois, morreu, segundo a palavra do SENHOR, que Elias falara" (2Rs 1.17).

87 O autor escreve durante a II Guerra Mundial.
88 Daniel 6.23.

CAPÍTULO 34

A DESPEDIDA DO PROFETA ELIAS

A retirada de Elias deste mundo foi ainda mais impressionante e notável do que havia sido o seu aparecimento no palco da ação pública, embora o caráter sobrenatural da sua saída fosse apenas o desfecho adequado a uma carreira tão meteórica. A sua carreira não foi nada comum, e nenhum final corriqueiro teria sido adequado para ela. Aonde quer que fosse, os milagres o acompanhavam, e um milagre provocou a sua partida deste mundo. Ele tinha ministrado durante tempos tempestuosos; repetidamente ele tinha invocado os juízos de Deus sobre a cabeça dos malfeitores, e, por fim, um "redemoinho" o arrancou desta terra. Em resposta à sua oração, "o fogo do Senhor" tinha descido sobre o monte Carmelo; depois sobre aqueles que procuravam tirar-lhe a vida (2Rs 1.12); e, finalmente, "uma carruagem de fogo e cavalos de fogo" o separam de Eliseu. No início da sua dramática carreira, ele declarou: "o SENHOR, Deus de Israel, perante cuja face estou" (1Rs 17.1) e, ao concluí-la, ele foi misteriosamente arrebatado à sua presença imediata sem passar pelos portais da morte. Antes de olharmos com mais detalhes essa impressionante saída, vamos recapitular brevemente a vida dele, resumindo suas principais características, e tentar destacar suas principais lições.

A vida de Elias não foi a carreira de algum ser sobrenatural que *tabernaculou* entre os homens por breve tempo. Ele não era um anjo em forma humana. É verdade que não há nenhum registro a respeito da sua genealogia, seu nascimento ou juventude, mas o conceito de qualquer origem sobrenatural é inteiramente eliminado pela declaração do Espírito Santo: "Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos" (Tg 5.17). Também ele era um descendente decaído de Adão, cercado pelas mesmas inclinações depravadas, sujeito às mesmas tentações, assediado pelo mesmo diabo, deparando-se com as mesmas provações e oposições que este escritor e o leitor se deparam. Contudo, ele confiou no mesmo Salvador, andou pela mesma fé, e teve todas as suas necessidades supridas pelo mesmo Deus gracioso e fiel como é nosso privilégio também. Um estudo da sua vida é especialmente apropriado hoje, pois nossa sorte foi lançada em tempos muito parecidos com os que ele enfrentou. As lições que a sua vida ilustrou e

exemplificou foram variadas e valiosas, das quais tentamos destacar as principais neste livro. Nossa próxima tarefa é resumir os pontos principais dessas lições.

1. *Elias foi um homem que andou por fé e não por vista*. Andar pela fé *não* é algo místico ou nebuloso, mas uma experiência intensamente *prática*. A fé é mais do que descansar na simples letra da Escritura, pois ela traz o Deus vivo para uma cena de morte, e capacita aquele que a possui a permanecer firme porque "vê aquele que é invisível". Onde a fé está sendo de fato exercida, ela vê além das circunstâncias angustiantes e perturbadoras e se ocupa com aquele que regula todas as circunstâncias. Foi a fé em Deus que capacitou Elias a permanecer no ribeiro de Querite, para ali ser alimentado pelos corvos. O cético supõe que a fé é mera crença ou uma espécie de fanatismo religioso, pois ele nada conhece do firme fundamento em que ela repousa. O Senhor disse ao seu servo: "ordenei aos corvos que ali mesmo te sustentem", e o profeta "teve por fiel aquele que lhe havia feito a promessa", e por isso não ficou confuso. E isso foi registrado para nosso encorajamento. A fé olha para além da promessa, para aquele que promete, e Deus nunca falha para com aqueles que confiam somente nele e contam inteiramente com ele.

Foi a fé que levou Elias a permanecer temporariamente na casa da viúva miserável de Sarepta, quando ela e o filho estavam a ponto de morrer de fome. Do ponto de vista natural, parecia cruel impor isso a ela; para o raciocínio carnal, isso parecia ser uma medida suicida. Mas o SENHOR tinha dito: "eu ordenei ali a uma mulher viúva que te sustente", e o profeta "não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus". E a fé olha para o Deus vivo, para quem nada é impossível, e conta com ele. Caro leitor, nada honra a Deus tanto quanto a fé que é depositada nele; e nada o desonra tanto quanto a nossa incredulidade. Foi pela fé que Elias retornou a Jezreel e enfrentou o leão em sua cova, anunciando pessoalmente a Acabe a sua iminente destruição, e declarando o terrível juízo que com certeza haveria de sobrevir à sua esposa. "De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17 — RC). Elias ouviu, creu e agiu. Sim, agiu, pois uma fé sem obras não passa de uma fé morta e sem valor. A obediência nada mais é do que a fé em exercício, dirigida pela autoridade de Deus, em resposta à vontade de Deus.

2. *Elias foi um homem que andou em evidente separação do mal que o cercava.* Ah! A regra predominante na cristandade de hoje é andar de braços

dados com o mundo; seja “sociável”, se você pretende ganhar os jovens. Argumenta-se que não podemos esperar que eles subam ao nível espiritual; então a única maneira de o cristão alcançá-los e ajudá-los é descer até o nível deles. Mas esse tipo de raciocínio – “Pratiquemos males para que venham bens”89 – não tem base na Palavra de Deus; pelo contrário, ela enfaticamente o refuta e condena. As ordens categóricas são estas: “Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos” (2Co 6.14), “não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas” (Ef 5.11). “Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus” (Tg 4.4) – isso é tão verdade hoje como o foi no passado, pois nunca é correto agir mal. Deus não chamou o seu povo para “ganhar o mundo para Cristo”; em vez disso, ele exige que eles, por meio da sua vida, testemunhem contra o mundo.

Não há nada mais marcante a respeito de Elias como a sua firme separação do mal que prevalecia ao redor dele. Nós nunca o vemos confraternizar com o povo daqueles dias degenerados; pelo contrário, ele constantemente os reprovava. Ele de fato era um “estranho e peregrino” aqui. Não há dúvida de que muitos o consideravam egoísta e antissocial, e provavelmente o acusavam de ter assumido uma atitude de “sou mais santo do que tu”. Ah! Leitor cristão! Não espere que meros religiosos – crentes nominais – apreciem os seus motivos ou entendam os seus caminhos: “o mundo não nos conhece” (1Jo 3.1). Deus deixa o seu povo aqui para que testemunhe de Cristo, e a única forma de fazê-lo é andar com Cristo. Por isso nos é dito: “Saiamos, pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério” (Hb 13.13): não podemos andar com Cristo a não ser que estejamos onde o seu Espírito está – fora da multidão apóstata, separados de tudo aquilo que desonra e renega o Senhor Jesus; e isso inevitavelmente envolve “levar o seu vitupério”.

3. *Elias foi um homem de marcante* “*elevação de espírito*”. Possivelmente essa expressão é nova para alguns de nossos leitores, mas o seu sentido é mais ou menos óbvio. Aquilo a que nos referimos é simbolizado pelo fato de o profeta repetidas vezes encontrar-se “no monte”. A primeira vez que isso é mencionado (1Rs 17.1), nos diz que ele era “dos moradores de Gileade”, que era uma região montanhosa do país. A sua memorável vitória sobre os falsos profetas de Baal aconteceu no monte Carmelo. Depois de matá-los no ribeiro de Quisom, e de sua breve palavra ao rei, lemos que “Subiu Acabe a comer e a beber”, ao passo que Elias “subiu ao cimo do

Carmelo” (1Rs 18.42) – o que de imediato revelou o caráter de cada um. Quando o Senhor o restabelece do seu deslize, lemos que ele, “com a força daquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus” (1Rs 19.8). Depois de entregar sua mensagem a Acazias, lemos: “e eis que (Elias) estava sentado no cume do monte” (2Rs 1.9 — BRA). Assim, Elias era notadamente o “homem do monte”. Ora, há um significado místico ou espiritual nisso, evidente a quem tem os olhos ungidos, significado a que demos o nome de “elevação de espírito”.

Por “*elevação de espírito*” queremos dizer mentalidade santa, o coração elevado acima das miseráveis coisas deste mundo, as afeições colocadas nas coisas lá do alto. Esse é sempre um dos efeitos ou frutos de andar pela fé, pois a fé sempre tem Deus como seu objeto, e ele habita nas alturas. Quanto mais nosso coração está ocupado com aquele cujo trono está no céu, mais nosso espírito se elevará acima da terra. Quanto mais nossa mente estiver ocupada com as perfeições daquele que é totalmente amável, menos as coisas temporais e sensíveis terão poder de nos atrair. Quanto mais habitarmos no lugar secreto do Deus Altíssimo, menos seremos seduzidos pelas novidades dos homens. Essa mesma característica se destaca na vida de Cristo. Ele foi de forma suprema o “Homem do Monte”. O seu primeiro sermão foi pregado em um monte. Ele gastou ali noites inteiras. Ele foi transfigurado no “santo monte”. Foi assunto ao céu no monte das Oliveiras. “[...] os que esperam no SENHOR renovam as suas forças, sobem com asas como águias [...]” (Is 40.31) – o corpo deles está na terra, mas o coração está no céu.

4. *Elias foi um grande intercessor.* É preciso destacar que ninguém está qualificado para essa santa tarefa a não ser aquele que anda pela fé, que se encontra claramente separado do mal que o rodeia e que se caracteriza pela *elevação de espírito*, pela mentalidade santa, celestial. A prevalência da intercessão de Elias foi registrada não apenas para que a admiremos, mas para que o imitemos. Não há nada tão apropriado para encorajar e incentivar o cristão a aproximar-se do trono da graça do que perceber e lembrar como fracos mortais como ele mesmo, pecadores indignos e inúteis, suplicaram a Deus na hora da necessidade e receberam dele suprimento miraculoso. Deus se agrada quando o colocamos à prova e, por essa razão, disse: “Tudo é possível ao que crê” (Mc 9.23). Isso foi maravilhosamente exemplificado na vida de Elias, e assim deve acontecer também na nossa. Mas nós nunca teremos poder na oração enquanto dermos lugar à um perverso coração de incredulidade, ou enquanto confraternizarmos com religiosos hipócritas, ou

enquanto estivermos ocupados com as coisas temporais e sensíveis. A fé, a fidelidade e a espiritualidade são as qualificações necessárias.

Em resposta à intercessão de Elias, os céus se fecharam por três anos e meio, de modo que não choveu de forma alguma. Isso nos ensina que o supremo motivo por trás de *todas* as nossas súplicas precisa ser a *glória de Deus* e o bem do seu povo – as principais lições indicadas por Cristo na oração do Pai Nosso. Isso também ensina que há momentos quando o servo de Deus deve pedir ao seu Senhor que lide com juízo com os seus inimigos. Doenças drásticas requerem remédios drásticos. Há ocasiões quando é certo e necessário que o cristão peça a Deus que traga a sua vara castigadora sobre o seu povo apóstata e rebelde. Lemos que Paulo entregou a Satanás certos indivíduos que tinham naufragado na fé, para que aprendessem a não mais blasfemar (1Tm 1.20). Jeremias clamou ao Senhor: “Derrama a tua indignação sobre as nações que não te conhecem e sobre os povos que não invocam o teu nome” (Jr 10.25). O Senhor Jesus intercedeu não apenas por aqueles que “eram seus”, mas também contra Judas e a sua família (Sl 109).

Mas existe um lado mais brilhante da eficácia da intercessão de Elias do que a que consideramos no parágrafo anterior. Foi em resposta à sua oração que o filho da viúva foi restaurado à vida (1Rs 17.19,22). Isso foi uma grande prova de que nada é impossível para o Senhor; que, em resposta à confiante súplica, ele está disposto e pode reverter aquilo que, à nossa vista, parece uma situação totalmente sem esperança. Que possibilidades de oração confiante e insistente isso nos proporciona! As condições extremas do homem são de fato a oportunidade de Deus mostrar-se forte em nosso favor. Mas não esqueçamos que por trás da intercessão do profeta havia um motivo mais elevado do que confortar o coração da viúva: era que o seu Senhor fosse glorificado – fato demonstrado pelas afirmações do seu servo. Ah! Isso é tão importante, embora no geral seja desconsiderado! Os pais cristãos que leem este capítulo estão imensamente desejosos que seus filhos sejam salvos, e oram diariamente para que isso aconteça. Por quê? É somente para que tenham a confortante certeza de que seus amados foram libertos da ira vindoura? Ou é para que Deus possa ser honrado por meio da regeneração deles?

Foi em resposta à intercessão de Elias que o “fogo desceu do céu” e consumiu o sacrifício. Aqui, também, a sua petição se baseou no argumento de que o Senhor defendesse o seu grande e santo nome diante da vasta assembleia do seu povo hesitante e dos pagãos idólatras: “fique, hoje, sabido

que tu és Deus em Israel" (1Rs 18.36). Como destacamos no capítulo 19, esse "fogo do Senhor" não era apenas um solene tipo da ira divina ferindo a Cristo quando tratou dos pecados do seu povo, mas era também um prenúncio da descida pública do Espírito Santo no dia de Pentecostes, atestando que Deus aceitou o sacrifício do seu Filho. Dessa forma, a lição prática para nós é orar confiantemente por mais do poder e da bênção do Espírito Santo, para que sejamos favorecidos com maiores manifestações da sua presença conosco e em nós. Temos autorização de fazer esse tipo de pedido com base na palavra de nosso Senhor: "Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (Lc 11.13). Ore por fé para se apropriar dessa promessa.

Assim, também, foi em resposta à intercessão do profeta que a terrível seca chegou ao fim: "E (Elias) orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos" (Tg 5.18). O significado espiritual e a aplicação disso são óbvios. Por muitos anos, as igrejas têm estado em uma condição de aridez e definhamento. Isso ficou evidente pelos recursos variados a que apelaram na tentativa de "reavivá-la" e fortalecê-la. Mesmo onde não se usaram meios carnais com o objetivo de atrair os de fora, os "especialistas" religiosos, na forma de "evangelistas bem sucedidos" ou "renomados mestres da Bíblia", foram chamados para ajudar em reuniões especiais – sinal seguro da péssima saúde das igrejas, como o apelo a um médico. Mas os estímulos externos perdem logo a eficácia, e, a menos que se restaure a saúde pelos meios normais, deixam o paciente pior do que antes. É isso que tem acontecido com as igrejas, pois elas mesmas veem sua árida condição mortal. Contudo, a não ser que o fim do mundo ocorra, chuvas de bênçãos continuarão descendo (talvez em diferentes partes da terra do que antes), e elas virão (no tempo apropriado) em resposta à oração de algum "Elias"!

5. *Elias foi um homem de intrépida coragem.* Com isso não queremos dizer uma bravura natural, mas uma ousadia espiritual. Essa distinção é importante, mas raramente é reconhecida. São poucos os que hoje conseguem fazer distinção entre aquilo que é da carne e aquilo que é produzido pelo Espírito Santo. Sem dúvida, grande parte da confusão se deve ao costume de definir os termos bíblicos pelo *dicionário*, em vez de fazê-lo pela forma com que são empregados nas *Sagradas Escrituras*. Considere, por exemplo, a graça da paciência espiritual. Quantas vezes ela é confundida com um temperamento calmo e tranquilo; e, pelo fato de não possuírem essa disposição natural, muitos do povo de Deus imaginam que não têm paciência

alguma. A paciência que o Espírito Santo produz não é uma tranquilidade calma que nunca se irrita com demoras, nem é aquela generosidade que sofre insultos e prejuízos sem retaliar nem murmurar – isso parece mais descrever a *mansidão*. Quantos já se viram confusos com estas palavras: "corramos, com paciência, a carreira que nos está proposta" (Hb 12.1 — RC)! Eles criam a sua própria dificuldade quando supõem que a "paciência" é uma graça passiva em vez de ser uma graça ativa.

A "paciência" dos cristãos não é uma virtude passiva, mas uma graça ativa; não é um dom natural, mas um fruto sobrenatural. Ela significa perseverança; é ela que capacita os santos a perseverarem quando estão desanimados, a permanecerem no caminho a despeito de toda e qualquer oposição. De forma semelhante, a "coragem" cristã não é um dom inato, mas uma capacitação celestial; não é uma qualidade natural, mas é algo sobrenatural. "Fogem os perversos, sem que ninguém os persiga (a consciência pesada os enche de terror); mas o justo é intrépido como o leão" (Pv 28.1). Aquele que verdadeiramente teme a Deus não teme ao homem. Essa coragem espiritual ou intrepidez já se manifestou em muitas mulheres fracas, tímidas e acanhadas. Aquelas que tremeriam de medo diante da possibilidade de passar sozinhas em um cemitério em uma noite escura não recearam confessar a Cristo, mesmo quando a morte por fogo era inevitável. A intrepidez de Elias ao denunciar Acabe face a face e ao confrontar sozinho o seu exército de falsos profetas não deve ser atribuída à sua constituição natural, mas deve ser atribuída às operações do Espírito Santo.

6. *Elias foi um homem que sofreu uma triste queda.* Isso também foi registrado para nossa instrução. Não como desculpa para nos esconder, mas como um solene alerta para levarmos em consideração. De fato são poucos os registros dos defeitos de caráter de Elias, mas ele não alcançou a perfeição neste mundo. Apesar de ter sido tão honrado, o pecado não foi erradicado do seu ser. Era glorioso o "tesouro" que ele carregava, contudo, Deus julgou por bem deixar bem claro que era um "vaso de barro" que o carregava. De maneira impressionante, foi em sua fé e coragem que Elias falhou, pois desviou os olhos do Senhor por um breve tempo e então correu de medo de uma mulher. Que força isso transmite à seguinte exortação: "Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia" (1Co 10.12)! Nós somos tão dependentes de Deus para a manutenção de nossas graças espirituais como o somos para a sua concessão. Mas, embora tenha caído, Elias não foi derrubado de forma definitiva. A graça divina o buscou, libertou-o do seu

desânimo, restaurou-o aos caminhos da justiça, e de tal maneira o renovou no homem interior que ele depois foi tão fiel e corajoso como havia sido anteriormente.

7. *Elias foi retirado de forma sobrenatural deste mundo.* Como isso será o assunto do capítulo final, não vamos agora antecipar nossas observações sobre ele.

---

89 Romanos 3.8.

CAPÍTULO 35

A CARRUAGEM DE FOGO

Depois do encontro de Elias com Acazias, nada mais lemos a respeito do profeta até chegarmos à cena final da sua carreira terrena; mas, a partir das informações encontradas no registro sagrado em 2Reis 2, entendemos que nesses últimos dias ele não ficou desocupado. Mesmo sem ocupar-se com nada espetacular e dramático, ele se dedicou a fazer o que era bom e proveitoso. É possível que Elias e Eliseu não apenas tenham instruído o povo em particular, mas também tenham fundado e supervisionado seminários ou escolas de profetas em várias partes do país. Ao aprenderem a ler e ensinar a Palavra de Deus, esses jovens foram preparados para o ministério e para dar seguimento à obra de reforma em Israel, e nisso os profetas estavam bem empenhados. Embora fosse pouco evidente, essa atividade específica era muito importante, pois o efeito produzido pelas maravilhas sobrenaturais, apesar de comover no momento, logo se esvai, ao passo que a verdade recebida na alma permanece para sempre. O tempo que Cristo gastou treinando os apóstolos produziu mais fruto permanente do que os prodígios que ele operou na presença das multidões.

Elias tinha agora quase acabado a sua carreira. A hora da sua partida estava próxima; como, então, ele emprega as suas últimas horas? O que ele faz em antecipação à grande e iminente mudança? Será que ele se fecha em um claustro para não ser perturbado pelo mundo? Será que ele se retira para o quarto para poder devotar seus últimos momentos à meditação piedosa e à súplica fervorosa, se reconciliando com Deus e preparando-se para encontrar o seu Juiz? Não, ele já tinha se reconciliado com Deus muitos anos antes e tinha vivido em bendita comunhão com ele dia após dia. Quanto a preparar-se para encontrar o seu Juiz, ele não tinha sido tão louco ao ponto de protelar essa difícil tarefa para o último instante. Ele tinha, pela graça divina, gasto a vida andando com Deus, obedecendo às suas ordens, confiando na sua misericórdia e provando a sua generosidade. Um homem desses está sempre se preparando para a grande mudança. Só as virgens néscias estão sem óleo quando chega o Noivo! Só os mundanos e ímpios protelam até o último instante a preparação para a eternidade!

"[…] tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3.19). O corpo do homem foi

tomado da terra e, por causa do pecado, ao pó ele precisa voltar. Já se haviam passado mais de 3.000 anos desde que essa sentença tinha sido pronunciada contra a raça decaída, e Enoque fora a única pessoa que tinha sido dispensada dela. Não sabemos por que ele foi honrado dessa forma em vez de Noé, Abraão ou Samuel, pois o Deus Altíssimo nem sempre revela as razões da sua maneira de agir. Ele age sempre conforme lhe agrada, e o exercício da soberania se percebe em todos os seus caminhos. Na salvação das almas – dispensando os pecadores da condenação merecida, conferindo-lhes bênçãos não merecidas – ele distribui "a cada um particularmente como lhe apraz" (1Co 12.11 – BRA), e ninguém pode dizer "não" a ele. Assim é com aqueles que ele poupa do túmulo. Outra pessoa estava agora a ponto de ser transportada fisicamente para o céu, mas por que razão essa honra peculiar foi conferida a Elias, em vez de a qualquer outro dos profetas, isso não sabemos dizer, e é perda de tempo especular sobre o assunto.

"Quando estava o SENHOR para tomar Elias ao céu por um redemoinho, Elias partiu de Gilgal em companhia de Eliseu" (2Rs 2.1). Pelo fato de Elias ir de um lugar para outro pela orientação divina, torna-se evidente que o profeta havia sido avisado previamente da graciosa intenção do Senhor de conceder-lhe uma saída sobrenatural deste mundo. Gilgal, muito apropriadamente, foi o ponto de partida da sua jornada final. Ali tinha sido a primeira parada de Israel depois que eles cruzaram o Jordão e entraram na terra de Canaã (Js 4.19). Foi ali que os filhos de Israel estabeleceram seu acampamento e erigiram o tabernáculo. Foi ali que eles "celebraram a Páscoa" e "comeram do produto da terra" em vez de comer do maná, com o qual tinham sido miraculosamente alimentados por tanto tempo (Js 5.10-12). E Elias disse a Eliseu: "Fica-te aqui, porque o SENHOR me enviou a Betel" (2Rs 2.2). Já se fizeram várias conjecturas sobre a razão por que Elias não queria a companhia de Eliseu: que ele queria ficar sozinho; que, por modéstia e humildade, ele queria esconder dos olhos humanos a grande honra que lhe seria concedida; que ele queria poupar seu companheiro da tristeza da partida final; que ele pretendia testar a força da sua dedicação e fé. Preferimos esta última.

"Respondeu Eliseu: Tão certo como vive o SENHOR e vive a tua alma, não te deixarei. E, assim, desceram a Betel" (2Rs 2.2). Quando foi chamado por Elias, ele tinha declarado: "(eu) te seguirei" (1Rs 19.20). Será que ele estava falando sério? Ficaria ele com o profeta até o fim? Elias testou-lhe a fé para constatar se a declaração dele tinha sido feita sob mero impulso ou se era

uma resolução firme. Eliseu tinha falado sério, e agora se recusa a deixar o seu senhor quando este lhe dá oportunidade de fazê-lo. Ele estava determinado a usufruir da companhia e da instrução do profeta enquanto fosse possível, e provavelmente esperava receber dele a bênção de despedida. "E, assim, desceram a Betel", que significa "a casa de Deus". Esse era outro lugar que evocava santas lembranças, pois era o lugar onde Yahweh tinha aparecido a primeira vez a Jacó e lhe dado a visão da escada misteriosa. Aqui, os "discípulos dos profetas" da escola local vieram e informaram a Eliseu que o Senhor removeria seu senhor naquele mesmo dia. Ele lhes disse que já sabia disso e ordenou que se calassem (2Rs 2.3), pois estavam perturbando.

"Disse Elias a Eliseu: Fica-te aqui, porque o SENHOR me enviou a Jericó" (2Rs 2.4). Assim como o Salvador fez "menção de passar adiante" (Lc 24.28), quando punha à prova a afeição dos seus discípulos no caminho de Emaús, assim o profeta disse ao seu companheiro que ficasse ali em Betel – o lugar de lembranças tão sagradas. Mas, assim como os dois discípulos "constrangeram" Cristo a permanecer com eles, assim também não havia nada que fizesse Eliseu abandonar o seu senhor. "E, assim, foram a Jericó", que estava situada perto do lugar de onde Elias estava para partir. E os discípulos dos profetas que estavam em Jericó vieram a Eliseu e lhe disseram: "Sabes que o SENHOR, hoje, tomará o teu senhor, elevando-o por sobre a tua cabeça? Respondeu ele: Também eu o sei; calai-vos" (2Rs 2.5). O significado desse verso parece ser este: de que adianta apegar-se tão fortemente ao seu senhor? Ele será separado de você amanhã! Por que não ficas aqui conosco? Mas, à semelhança do grande apóstolo que viveu muito tempo depois, Eliseu "não consultou carne e sangue", mas agarrou-se à resolução que já havia tomado. Oh! Que a mesma graça seja concedida a mim e a você leitor quando estivermos sendo tentados a não seguir plenamente ao Senhor.

"Disse-lhe, pois, Elias: Fica-te aqui, porque o SENHOR me enviou ao Jordão" (2Rs 2.6). Eles já haviam caminhado bastante; estaria Eliseu cansado da viagem ou continuaria até o fim? Quantos há que correm bem por certo tempo e, depois, se cansam de fazer o bem! Mas Eliseu não. "Mas ele disse: Tão certo como vive o SENHOR e vive a tua alma, não te deixarei. E, assim, ambos foram juntos" (2Rs 2.6). Isso nos lembra muito a decisão de Rute, quando Naomi lhe disse que seguisse a sua cunhada, ela replicou: "Não me instes para que te deixe e me obrigue a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu" (Rt 1.16). "E, assim,

ambos foram juntos", deixando para trás a escola dos profetas. O jovem cristão não deve tolerar nem mesmo que a alegre comunhão com os santos interfira na comunhão pessoal entre ele e o Senhor. Na sequência, veremos a forma como Eliseu foi ricamente recompensado por sua fidelidade e constância.

"Foram cinquenta homens dos discípulos dos profetas e pararam a certa distância deles; ambos pararam junto ao Jordão" (2Rs 2.7), provavelmente porque esperavam testemunhar a transladação de Elias para o céu, um favor, contudo, que foi concedido apenas a Eliseu. Mesmo assim, foi-lhes permitido testemunhar um milagre extraordinário: a divisão das águas do Jordão de forma que o profeta e seu companheiro puderam atravessá-lo "a pés enxutos". A soberania de Deus se manifesta em todo lugar! As multidões testemunharam o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, mas nem mesmo todos os *doze* viram a transfiguração de Cristo no monte. Aprouve a Deus comunicar a esses jovens profetas a saída sobrenatural de Elias deste mundo, mas não lhes foi permitido ver de fato o acontecimento. Não sabemos a razão, mas o fato permanece; e devemos aprender com ele. Isso ilustra um princípio que se revela em cada página da Escritura Sagrada e é exemplificada por toda a história: que Deus faz distinção não apenas entre homem e homem, mas também entre os seus santos, entre um e outro dos seus servos, distribuindo seus favores conforme lhe apraz. E quando alguém se atreve a desafiar-lhe a soberania, a sua resposta é: "Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu?" (Mt 20.15).

"Então, Elias tomou o seu manto, enrolou-o e feriu as águas, as quais se dividiram para os dois lados; e passaram ambos em seco" (2Rs 2.8). Essa divisão do Jordão foi um prelúdio adequado ao arrebatamento do profeta. Matthew Henry diz que isso foi "o prelúdio da transladação de Elias para a Canaã celestial, assim como havia sido para a entrada de Israel na Canaã terrena" (Js 3.15-17). Elias e seu companheiro poderiam ter passado o rio com um barco, assim como outros passageiros o fizeram, mas o Senhor tinha determinado magnificar o seu servo em sua *saída* da terra, assim como tinha feito com Josué em sua *entrada* nela. Moisés dividiu o mar com o *bordão* (Êx 14.16), aqui Elias dividiu o rio com seu *manto* – cada um era a insígnia ou sinal da sua função especial. Não há dúvida de que há um significado mais profundo e uma aplicação mais ampla nesse notável acontecimento. O "Jordão" é a bem conhecida figura da morte. Elias aqui é um tipo de Cristo, assim como Eliseu deve ser considerado representante de todo aquele que se

apega a ele e o segue. Dessa forma, aprendemos que o Senhor Jesus Cristo providenciou um caminho seguro e tranquilo para passarmos pela morte.

"Havendo eles passado, Elias disse a Eliseu: Pede-me o que queres que eu te faça, antes que seja tomado de ti" (2Rs 2.9). Aqui está a prova de que Elias estivera *pondo à prova* o seu companheiro quando lhe disse que ficasse nos lugares onde tinham parado anteriormente, pois, com certeza ele não teria feito uma oferta dessas, se Eliseu tivesse transgredido um claro desejo seu. O profeta estava tão satisfeito com a afeição e a presença de Eliseu que determinou recompensá-lo com alguma bênção de despedida. E que teste para o seu caráter não foi isto: "Pede-me o que queres que eu te faça"! Certa vez um puritano chamou a atenção para o significado das palavras de Elias: "*antes* que (eu) seja tomado de ti", pois teria sido inútil Eliseu invocá-lo depois disso. "Ele não deveria ser alvo das orações de Eliseu como 'mediador da intercessão', como os papistas blasfemos ensinam com respeito aos santos e anjos". Cristo é o único no Céu que intercede pelo povo de Deus na Terra. Como precisamos ler com atenção a linguagem da Escritura Sagrada: a simples palavra "antes" desmente um dos erros fundamentais dos romanistas.

"Disse Eliseu: Peço-te que me toque por herança porção dobrada do teu espírito" (2Rs 2.9). Aqui estava a nobre resposta à pergunta de Elias. Erguendo-se acima dos desejos e sentimentos da carne, Eliseu não pediu nada que a *natureza humana* poderia ter cobiçado, mas pediu aquilo que era *espiritual*, procurando não o seu próprio engrandecimento, mas a glória de Deus. Não achamos que ele tenha pedido algo superior ao que o seu senhor possuíra, mas uma porção "dobrada" daquela que fora comunicada aos outros profetas. Ele estava para assumir o lugar de Elias na vida pública: ele estava para tornar-se o líder dos "discípulos dos profetas" (como nos indica o v. 15), e por essa razão ele desejava ser equipado para a sua missão. De forma correta, ele procurou, "com zelo, os melhores dons"; ele pediu uma porção dobrada do espírito de profecia – de sabedoria e graça, de fé e vigor – para ser "perfeitamente habilitado para toda boa obra".

"Tornou-lhe Elias: Dura coisa pediste" (2Rs 2.10). Eliseu não tinha pedido riquezas ou glória, sabedoria ou poder, mas pedira uma porção dobrada do espírito que estava sobre o seu senhor e operava por meio dele. Ao chamar isso de "dura coisa", Elias parece destacar o grande valor dessa concessão. Era como se ele tivesse dito: "A tua expectativa é bem grande". Consideramos muito pertinente o comentário de Matthew Henry: "Estão mais bem preparados para as bênçãos espirituais aqueles que estão mais

conscientes do valor delas e da sua própria indignidade de recebê-las". Eliseu sentiu sua própria fraqueza e total insignificância para o trabalho para o qual tinha sido chamado e, por isso, desejou ser qualificado para a sua importante função. "Todavia, se me vires quando for tomado de ti, assim se te fará; porém, se não me vires, não se fará" (2Rs 2.10). Isso é maravilhoso; o seu pedido seria concedido e ele o saberia por meio do sinal indicado. Ver Elias sendo trasladado seria a prova de que o seu pedido era agradável à vontade de Deus e uma garantia de que o seu desejo tinha sido satisfeito. Mas, para isso acontecer, os seus olhos tinham de continuar fixos em seu senhor! Os cronologistas calculam que o ministério de Eliseu durou pelo menos *duas* vezes mais do que o do seu predecessor e, aparentemente, ele operou o *dobro* de milagres.

O grande momento tinha chegado. Elias tinha cumprido totalmente a comissão que Deus lhe dera. Ele tinha preservado suas vestes de se mancharem com o mundo religioso apóstata. Agora o seu conflito acabara, sua carreira terminara, sua vitória estava garantida. Ele já não tinha casa nem lugar de descanso aqui, de forma que se apressava para o descanso celestial. "Indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho" (2Rs 2.11). Devemos notar cuidadosamente que Deus não enviou a sua carruagem para Elias enquanto ele estava em Samaria. Não, a terra de Israel estava poluída e "Icabode" estava escrito sobre ela. Foi do outro lado do Jordão, no lugar da separação, que esse sinal de honra foi conferido ao profeta. Assim como a alma dos santos é conduzida pelos anjos ao Paraíso (Lc 16.22), assim cremos que foram seres celestiais, os mais elevados dentre eles, que conduziram Elias para o céu. *Serafim* significa *flamejante,* e Deus faz dos seus anjos "labaredas de fogo" (Sl 104.4), ao passo que os *querubins* são chamados *carros de Deus* (Sl 68.17; Zc 1.8, 6.1). "Elias estava para retirar-se para o mundo dos anjos, e assim foram enviados anjos para conduzi-lo até lá" (Matthew Henry), para que ele pudesse ser transportado com grande pompa e triunfo até os céus como um conquistador.

Na transladação de Elias, temos um testemunho claro de que existe uma recompensa para os justos. Muitas vezes, parece que as experiências desta vida contradizem isso de forma categórica. Vemos o ímpio florescendo, ao passo que o filho de Deus mal tem com que sobreviver; mas nem sempre é assim. Elias tinha honrado a Deus de forma especial em uma época de apostasia quase universal, e agora Deus se agradava de honrá-lo

grandemente. Assim como ele tinha ensinado aos homens o conhecimento do único Deus verdadeiro, constantemente arriscando a própria vida, assim agora ele lhes ensinaria, ao ser trasladado vivo para o céu, que existe um estado futuro, que existe um mundo além dos céus, no qual os justos são admitidos, onde, daí em diante, habitam com Deus e com todos os exércitos angelicais em glória eterna. A felicidade futura compensará infinitamente os presentes sacrifícios e sofrimentos, pois aquele que se humilha será exaltado. A saída sobrenatural de Elias deste mundo também demonstrou que o corpo humano é suscetível de imortalidade! Ela não pode dar testemunho da verdade da ressurreição, pois Elias jamais morreu; mas a sua remoção corpórea para o céu dá evidência indubitável de que o corpo é capaz de ser imortalizado e de viver em condições celestiais.

Na transladação de Elias, vemos como os caminhos de Deus são melhores do que os nossos. Em um momento de desânimo, o profeta pediu para deixar este mundo antes do tempo determinado por Deus e de uma forma muito inferior à que ele tinha estabelecido: debaixo de um zimbro, ele pediu a morte, dizendo: “Basta; toma agora, ó SENHOR, a minha alma” (1Rs 19.4). Se lhe fosse concedido o que pediu, quanto não teria perdido! Como era melhor a sua situação atual do que ser levado pela morte por causa de um ímpeto de impaciência! E isso foi registrado para nossa instrução, destacando uma lição a que todos nós devemos prestar atenção. É sábio deixarmos a nós mesmos e a todas as nossas preocupações nas graciosas mãos de Deus, confiando inteiramente nele, aceitando de bom grado os meios e os métodos que ele usa para tratar conosco. Com certeza sofreremos sérias perdas, se determinarmos fazer as coisas do nosso próprio jeito. “Concedeu-lhes o que pediram, mas fez definhar-lhes a alma” (Sl 106.15). O cristão maduro pode dizer aos seus irmãos mais jovens que hoje ele agradece a Deus porque ele não lhe concedeu as petições feitas no passado. Deus lhe nega os pedidos hoje porque determinou alguma coisa melhor para você.

Na transladação de Elias, temos tanto uma promessa como um tipo da saída sobrenatural deste mundo que cada filho de Deus experimenta. Nos capítulos anteriores, destacamos diversas vezes que, embora com relação a certos aspectos o caráter e a carreira de Elias tenham sido extraordinários, de modo geral ele deve ser considerado um representante de todos os santos. Isso é verdade com respeito ao evento final. A sua saída deste mundo não foi algo comum; e o fim normal da existência terrena dos ímpios é totalmente diferente do fim da existência terrena dos justos. Para os redimidos, a morte

como salário do pecado já foi abolida. Para eles, a separação física nada mais é do que o corpo sendo posto para dormir; porém, quanto à alma, ela é conduzida pelos anjos instantaneamente até a presença de Deus (Lc 16.22), o que com certeza é uma experiência sobrenatural. Mas nem todos aqueles que pertencem ao povo de Deus haverão de “dormir” (1Co 15.51). A geração que estiver viva na terra por ocasião da volta do Salvador terá o corpo “transformado” para ser “igual ao corpo da sua glória” (Fp 3.21), e será arrebatado juntamente com os santos ressuscitados “para o encontro do Senhor nos ares” (1Ts 4.17). Dessa forma, fica assegurada uma saída sobrenatural deste mundo a toda a multidão dos redimidos.

ADQUIRA NOSSOS E-BOOKS NA AMAZON OU BROCHURAS NA LOJA CLIRE!

Alguns desses títulos também estão disponíveis em capa comum (paperback) na loja Amazon internacional. Pesquise-os pelos títulos em português.

• A Ceia do Senhor (Thomas Watson)

• A Confissão de Fé Belga

• Adoração Evangélica (Jeremiah Burroughs)

• Adoração Reformada (Terry Johnson)

• A Família na Igreja (Joel Beeke)

• A Feminilidade Bíblica (Valdecélia Martins)

• A Igreja Apostólica (Thomas Witherow)

• A Igreja de Cristo (James Bannerman)

• A Igreja no Velho Testamento (Paulo Brasil)

• A Palavra Final (O. Palmer Robertson)

• As Bases Bíblicas para o Batismo Infantil (Dwight Hervey Small)

• As Obras de João Calvino (João Calvino)

• As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas

• A Visão Federal (Alan Alexandrino)

• Calvino e Seus Inimigos (Thomas Smyth)

• Catecismo Maior de Westminster, Origem e Composição (Chad B. Van Dixhoorn)

• Crente Também Tem Depressão (David Murray)

• Cristianismo e Liberalismo (J. Gresham Machen)

• Fazendo a Fé Naufragar (Kevin Reed)

• Gênesis (Série Comentários Bíblicos, Livro 1 - João Calvino)

• Governo Bíblico de Igreja (Kevin Reed)

• João Calvino era Assim (Thea B. Van Halsema)

• Neocalvinismo — Uma avaliação crítica (Cornelis Pronk)

• No Esplendor da Santidade (Jon Payne)

• O Berçário do Espírito (Daniel Hyde)

• O Cristo dos Profetas (O. Palmer Robertson)

• O Catecismo de Heidelberg

• O Espírito Santo (John Owen)

• O Espírito Santo (Sinclair B. Ferguson)

• O Herege Glorioso (Thea Van Halsema)

• O Livro da Vida (Valter Graciano)

• O Modernismo e a Inerrância Bíblica (Brian Schwertley)

• O Que é Fé Reformada (John De Witt)

• O Uso de Figuras de Jesus, um diálogo... (Manoel Canuto)

• Os Cânones de Dort

• Perspectivas Sobre o Pentecostes: Estudos sobre o Ensino do Novo Testamento Acerca dos Dons (Richard Gaffin)

• Por que Devemos Cantar os Salmos (Joel Beeke; Terry Johnson; Daniel Hyde)

• Quando o Dia Nasceu (Pieter Jongeling)

• Que é um Culto Reformado (Daniel Hyde)

• Reforma Ontem, Hoje e Amanhã (Carl Trueman)

• Saudades de Casa (J. Stephen Yuille)

• Todo o Conselho de Deus... (Ryan McGraw)

• Um Trabalho de Amor: Prioridades pastorais de um puritano (J. Stephen Yuille)

Livros impressos e preços especiais, você encontra na Editora Clire.

Acesse Editora Clire

APP OS_PURITANOS

Instale nosso aplicativo clicando aqui. É de graça!

Projeto Os Puritanos

www.os-puritanos.com